



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**LUANA PAULA MOREIRA SANTOS**

**AS NEGOCIAÇÕES DE GÊNERO E O MUNDO DO FORRÓ PÉ DE ESTRADA:  
AS FORROZEIRAS NAS FESTAS DE FORRÓ EM FORTALEZA**

**FORTALEZA**

**2014**

**LUANA PAULA MOREIRA SANTOS**

**AS NEGOCIAÇÕES DE GÊNERO E O MUNDO DO FORRÓ PÉ DE ESTRADA:  
AS FORROZEIRAS NAS FESTAS DE FORRÓ EM FORTALEZA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Sociologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Cristian Saraiva Paiva

**FORTALEZA**

**2014**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- S236n Santos, Luana Paula Moreira.  
As negociações de gênero e o mundo do forró pé de estrada : as forrozeiras nas festas de forró em Fortaleza / Luana Paula Moreira Santos. – 2014.  
185 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2014.  
Orientação: Prof. Dr. Antonio Cristian Saraiva Paiva.
1. Gênero. 2. Negociações de Gênero. 3. Forró pé de estrada. 4. Festa. I. Título.

CDD 301

---

**LUANA PAULA MOREIRA SANTOS**

**AS NEGOCIAÇÕES DE GÊNERO E O MUNDO DO FORRÓ PÉ DE ESTRADA:  
AS FORROZEIRAS NAS FESTAS DE FORRÓ EM FORTALEZA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Sociologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Cristian Saraiva Paiva

Aprovada em: 31/07/2014.

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Antonio Cristian Saraiva Paiva (Orientador)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Jania Perla Diogenes de Aquino

Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Mirla Cisne Alvaro

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN)

---

Prof. Dr. Roberto Marques

Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Ao amor que dá sentido à vida.

## AGRADECIMENTOS

A realização de um trabalho acadêmico é sempre um momento contraditório entre trocas coletivas, parcerias e solidão. Entretanto ainda que solitário seja o momento da escrita, os diálogos com colegas e amigas/os, a parceria da orientação está sempre presente. Finalizar este momento requer de nós o repensar do caminho que nos trouxe até aqui, ainda que pareça que seguimos sozinhas/os somos bem mais que um, mais que dois, somos muitas/os que trazemos dentro de nós, e que nos possibilitaram aprendizados cotidianos. Como lembra o poeta Gonzaguinha: “A gente é tanta gente onde quer que a gente vá e nunca está sozinho por mais que pense estar”. Por isso, agradecer é tão importante.

À Luz Divina que me guia e me ensina a conjugar o verbo amar.

À minha família alicerce de minha formação, Mãe, Pai, irmã e irmãos, sobrinhas/os, cunhadas, representam sempre o porto seguro, a palavra amiga, o abraço confortante.

A Dellany Oliveira, com quem compartilhei as angústias e as alegrias do dia a dia; planos e conquistas tem valor dobrado, é sempre uma conquista nossa.

À Professora Dra. Jânia Perla pelos diálogos, trocas, confiança e ricas contribuições na qualificação e nesta dissertação.

À Professora Dra. Mirla Cisne, amiga, companheira, por quem nutro uma forte admiração e figura como fonte de inspiração política, teórica e humana, amores escolhidos, família que decidimos ter.

Ao Professor Dr. Roberto Marques pelas contribuições na qualificação e nesta dissertação.

Ao Professor Dr. Cristian Paiva, orientador deste trabalho, meu agradecimento especial pela paciência, confiança e contribuições para a conclusão desta dissertação.

A Marluce Queiroz que me estimulou para o ingresso no mestrado, sua amizade e carinho estarão sempre em meu coração.

À minha amiga de vida Cynthia Studart, minhas palavras para ela não são suficientes, no primeiro olhar, no primeiro contato, não foi mais possível esquecer. Sempre lembrada por ela, responsável pelo meu crescimento profissional, político e humano, agradecer é pouco para todo apoio e amizade presente nessa relação! Meu maior agradecimento é pela magnitude de sua presença em minha vida. Amo você!

Ao amigo querido, companheiro e solidário, André Menezes com quem dividi as aventuras de ser: parceira, amiga e professora em Iguatu.

À querida Zuleide pessoa maravilhosa que me deu grande apoio na reta final deste trabalho.

À gestão Consciência para Ter Coragem 2011/2014 com quem compartilhei três anos de efervescência política na direção do Conselho Regional de Serviço Social – CRESS/Ce, trocas e amizades.

Às/aos funcionárias/os do Cress/Ce por todo o apoio, carinho e amizade.

Às/aos amigas/os de longas datas que sempre estão no coração: Valdenízia Peixoto, Estênio Ericson, Tatiana Raulino, Cristina Nobre (Cristininha), Elaene (Lalá), Dário Bezerra, Jana Alencar, Cícero Renato, Renata Cavalcante, Luciana Sátiro, Andréa Roberto, Evelyne Medeiros, Pedro Claesen, Eveline Landim, Adellane, Daniele Claudio, Derleide Andrade, Adla e muitas/os com quem compartilhei momentos ímpares na vida e que não estão citadas/os, mas estão guardadas/os no coração.

Ao amigo querido e um grande torcedor por minhas conquistas Elízio Loiola, um grande presente da experiência no Cress/Ce.

À amiga Marcela Amaral um presente que a vida me deu em 2013.

Às/aos colegas e amigas/os da turma de mestrado pelas trocas e debates em sala de aula.

Às/aos professoras/es da pós-graduação pela dedicação e efervescente troca de conhecimento.

Ao Laboratório Marxismo, Luta de Classes e Educação do Mestrado de Educação da UFC e a toda a turma de professoras/es, alunos/as com quem tive o prazer de partilhar conhecimento.

Ao Professor Dr. Waldemarim pelas contribuições e diálogos.

A Capes, pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio.

E a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desse trabalho.

## RESUMO

Compreender as negociações de gênero no mundo do forró pé de estrada a partir das relações vivenciadas pelas forrozeiras nas festas de forró em Fortaleza é o principal objetivo desta pesquisa. As festas de forró representam uma opção de diversão para um público bastante significativo de fortalezenses e turistas. O estilo do forró pé de estrada é referência de atração artística no Estado, pois, o Ceará é o maior exportador de bandas e artistas do ritmo. A peculiaridade cearense encontra-se, essencialmente, na diferenciação rítmica, instrumental e das composições, haja vista o caráter acelerado, marcado pelo uso de instrumentos elétricos e de letras que primam pelas relações afetivas, festas, bebidas, sexo, comportamento e principalmente o corpo da mulher. Estas características do forró pé de estrada, um estilo mais urbano, adepto às inovações, despertam questionamentos em vários segmentos da sociedade, pelo forte apelo sexual, pelo uso da figura feminina e da ênfase nas relações momentâneas; tais elementos associados à forte adesão feminina e à conotação pejorativa e vulgarizada destinada, principalmente, ao feminino despertou questionamentos acerca da mulher forrozeira: quais os principais atrativos da festa de forró para as mulheres? Como estas mulheres percebem as letras de conotação pejorativa do feminino? Qual o significado para as forrozeiras da “rapariga” e da “piriguete” cantadas nas festas de forró? Como se dão as negociações de gênero no âmbito das festas de forró de Fortaleza? Dessas indagações foram trilhados os caminhos da pesquisa. A metodologia utilizada, a etnografia, aliada à técnica de entrevistas semiestruturadas com as participantes das festas, bem como pesquisa bibliográfica, documental, participação nos fóruns virtuais do forró, acompanhamento de sites e fanpages das bandas e casas de shows, possibilitou a realização desta pesquisa. As festas representam múltiplas dimensões da vida das forrozeiras, momentos de diversão, ruptura e afirmação dos valores sociais hegemônicos; híbridas representações das relações e negociações de gênero nas festas de forró, onde se reforçam a autonomia do desejo e da sexualidade e, contraditoriamente propaga-se a violência, a dominação/exploração feminina. É neste cenário que as forrozeiras transitam e vivenciam relações várias, sob o prisma da diversão, da satisfação do desejo e da constante diferenciação entre a mulher que vive o momento da festa e a “piriguete”, “rapariga” cantada e rotulada nas festas de forró em Fortaleza.

**Palavras-chave:** Gênero. Negociações de gênero. Forró pé de Estrada. Festa.



## ABSTRACT

Understanding the negotiations of gender in the world of road foot forró, from the relationships experienced by forrozeiras at the parties of forró in Fortaleza is the main objective of this research. The parties of forró represent a fun option for a fortalezenses and tourists. The forró of road foot is reference of artistic attraction in the state, therefore, Ceará is the largest exporter of bands and artists of rhythm. The cearense peculiarity lies essentially in rhythmic differentiation, instrumental and compositions; given the accelerated character, marked by the use of electric instruments and lyrics that emphasize affective relationships, parties, booze, sex, especially the and behavior body of woman. These characteristics of road foot forró, a more urban style, innovation supporter, arouse questions in various segments of society, the strong sex appeal, the use of the female figure and the emphasis on momentary relations; such elements associated with strong female membership and the pejorative and vulgarized connotation, raised questions about woman forrozeira: what are the main attractions of forró party for women? As these women perceive the letters with a pejorative connotation of the female? What is the meaning for forrozeiras the "rapariga" and "piriguete" sung at the songs forró? How occurring the negotiations of gender at the parties forró in Fortaleza? From these questionings were tracings the paths of research. The methodology was ethnography, combined with the technique of semi-structured interviews with forrozeiras participating of parties, bibliographical research as well, documental, participation in online forums forró, monitoring of sites and fanpages of bands and venues. The parties represent multiple dimensions of life of forrozeiras, fun times, break and affirmation of hegemonic social values; hybrid representations relations and negotiations of gender at the parties of forró, which reinforce the autonomy of desire and sexuality and, contradictorily propagates violence, domination / female exploitation. It is in this scenario that forrozeiras they transit and they experience various relationships from the perspective at the fun, of the satisfaction of desire and of the constant differentiation between the woman who lives the moment of the party and the "piriguete", "rapariga" song and labeled, at the parties of forro in Fortaleza.

**Keywords:** Gender. Negotiations Gender. Forró foot road. Party.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>PERCURSOS METODOLÓGICOS: com o pé na estrada.....</b>	<b>20</b>
<b>2.1</b>	<b>Seguindo as “tendências”: algumas impressões sobre o campo de pesquisa .....</b>	<b>20</b>
<b>2.2</b>	<b>O circuito do Forró Pé de Estrada .....</b>	<b>34</b>
2.2.1	Quinta me Dano no Danadim .....	34
2.2.2	Sexta é dia de Kangalhar .....	43
2.2.3	Sexta é dia de Forró no Sítio .....	52
2.2.4	Sábado na Leblon é encontro de amigos .....	69
<b>2.3</b>	<b>Quem promove as festas de forró pé de estrada em Fortaleza?.....</b>	<b>74</b>
2.3.1	A3 Entretenimento .....	74
2.3.2	A Social Music.....	80
<b>2.4</b>	<b>As estratégias de marketing das empresas que produzem o forró pé de estrada ....</b>	<b>82</b>
<b>3</b>	<b>GÊNERO E VIOLÊNCIA: um debate importante à compreensão das negociações de gênero no mundo do forró pé de estrada.....</b>	<b>88</b>
<b>3.1</b>	<b>Um passeio sócio-histórico pelos conceitos de gênero .....</b>	<b>88</b>
<b>3.2</b>	<b>Breves reflexões acerca da violência .....</b>	<b>98</b>
<b>3.3</b>	<b>Violência de gênero uma questão a procura de respostas.....</b>	<b>100</b>
<b>4</b>	<b>O FORRÓ: uma referência cultural do nordeste e a peculiaridade do estilo pé de estrada .....</b>	<b>106</b>
<b>4.1</b>	<b>Festa-questão e festa-fato: uma leitura das festas de forró pé de estrada.....</b>	<b>115</b>
<b>5</b>	<b>O OLHAR DA FORROZEIRA SOBRE AS FESTAS DE FORRÓ PÉ DE ESTRADA .....</b>	<b>119</b>
<b>5.1</b>	<b>Prepara que hoje elas vão ao forró: fatos, relatos da vida e da festa que se aproxima.....</b>	<b>120</b>

5.1.1	O Salão de Beleza e a Preparação para a Festa .....	130
5.1.2	O caminho que leva ao forró: uma festa a parte .....	133
<b>5.2</b>	<b>Os Postos de Combustíveis: pontos de encontro das/os forrozeiras/os.....</b>	<b>135</b>
<b>5.3</b>	<b>A dinâmica da festa .....</b>	<b>145</b>
<b>6</b>	<b>QUEM SÃO AS FORROZEIRAS INTERLOCUTORAS DA PESQUISA? Um diálogo sobre as negociações de gênero e o mundo do forró.....</b>	<b>154</b>
<b>7</b>	<b>A ESTRADA ACABOU, POR ISSO, MESMO, A VIAGEM APENAS COMEÇA: considerações finais .....</b>	<b>170</b>
<b>8</b>	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>178</b>
	<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....</b>	<b>183</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Pensar as relações de gênero no âmbito do forró requer uma análise sobre que forró está em questão. Fiz a escolha metodológica de trabalhar com a tipologia forró pé de estrada, pois, diferente de algumas leituras acerca do estilo musical reconheço que seu surgimento tem relação direta com o forró já produzido na década de 80 com a cantora Eliane, considerada no Ceará a “Rainha do forró”.

Eliane já utilizava nesse período instrumentos elétricos e metais<sup>1</sup> para incrementar o estilo dançante do forró, mesmo que ainda não houvesse questionamentos acerca do estilo no tocante a sua originalidade. Se na década de 90 a partir da iniciativa de Emanuel Gurgel foi possível presenciar o surgimento e massificação de bandas de forró, o estilo musical tocado por tais bandas já se encontrava presente no trabalho da Cantora iniciado em 1983.

Forró pé de estrada poderia ser chamado de forró do asfalto ou mesmo de forró eletrônico (ainda que particularmente não opte por essas terminologias), o que de fato a escolha da estrada representa, dialoga com o que Canclini (1995, p.72) denomina “heterogeneidade multitemporal” que comunga com diferentes momentos históricos, econômicos e sociais e faz do forró aqui tratado inserido no contexto do hibridismo cultural ou cultura híbrida.

A estrada é o caminho do rural ao urbano e ao mesmo tempo relacionada a ambos, não representa uma oposição, mas uma interlocução entre estes universos, o popular, a massa, o culto, o forró pé de serra e a sua expressão atual que denomino forró pé de estrada. Ainda à luz de Canclini (2006, p.285) urbanidade não se opõe ao rural, pois “o predomínio das relações secundárias sobre as primárias, da heterogeneidade sobre a homogeneidade” não é direcionado “unicamente à concentração populacional nas cidades”, por ser híbrido e não negar a sua intersecção com o forró pé de serra ou forró genuíno, ao ponto de não ser um advento apenas da modernização – como sugere o forró eletrônico, é que opto pela estrada, que dialoga e não nega esta relação.

Esta reflexão acerca da configuração do que denomino forró pé de estrada, de

---

<sup>1</sup> Instrumentos de sopro que compõem o arranjo musical das grandes bandas de sucesso da atualidade.

modo a situar em que contexto reflito sobre as negociações de gênero, é importante para elucidar a estratégia metodológica que permeia o debate de gênero no âmbito do forró. O primeiro despertar acerca das relações de gênero, do feminino e do ser mulher tendo como campo de interlocução a festa de forró se deu ainda na graduação, a partir das letras das músicas de forró; este trabalho inicial possibilitou novas questões das relações de gênero e da mulher no mundo do forró pé de estrada. Quem é essa mulher? Quais os principais estímulos para a participação feminina nas festas de forró pé de estrada? Como se dão as negociações de gênero no desenrolar das festas de forró?

Ressalto que pelo longo tempo destinado à análise de letras de forró, é comum que elas venham a dialogar comigo durante o processo da escrita, mas, não serão as letras o objeto dessa pesquisa, bem como não é central a tipologia do forró. A forrozeira é o elemento central de interlocução para pensar as negociações de gênero no mundo das festas de forró pé de estrada, ela é o foco da pesquisa.

A centralidade das forrozeiras na análise não é empecilho para compreender as várias particularidades presentes na construção deste trabalho dissertativo. Para que tal feito é importante perceber que perspectiva de totalidade pautada na teoria marxista é fundamental para o que o método dialético, que dá as ferramentas necessárias para a análise, seja concretizado. Dito isto, destaque para o diálogo com autoras/es de outras de correntes distintas do marxismo que serão pautadas no trabalho. Longe de fazer desse trabalho uma colcha de retalhos as/os autoras/es que dialogam no texto servem para apresentar as correntes diversas de pensamentos e, assim como em Marx, pauta-se no entendimento que algumas discussões ainda que contraditórias devem ser observadas, sem abrir mão da crítica que nos diferencia teoricamente.

Destarte, a centrada das forrozeiras, me leva a concebê-las em sua condição de mulheres de modo fundamental, tanto para a reflexão acerca das relações vivenciadas no seio da festa, como para o entendimento desse processo de construção social desse ser mulher, em seu aspecto objetivo e subjetivo. Ao falar da forrozeira, inevitavelmente emerge a sensação de unificação, de generalização, dessas mulheres diversas. O que me levou a buscá-las em seus discursos, mas, também nas suas singularidades e particularidades étnico-raciais e de classe social.

As articulações entre gênero-classe social-raça/etnia serão trabalhadas no terceiro capítulo em que discutirei a categoria gênero com enfoque no “nó” de Saffioti (2000) e as reflexões acerca do materialismo francófono ao tratar das relações sociais de sexo.

Enfatizo, e isto é importante por hora, que ao ressaltar a mulher forrozeira, não arrego a discussão de oposição categórica “gênero” versus “mulher”<sup>2</sup>; tampouco pretendo aludir a uma utilização da categoria mulher com ênfase em diferenças sexuais, razão de muitas críticas e do abandono da categoria no final dos anos 70<sup>3</sup>. As mulheres forrozeiras são as frequentadoras das festas de forró pé de estrada e são importantes para o objeto em estudo, pois, há um enfoque nesse ser mulher que vivencia as negociações de gênero no mundo do forró.

Destaco ainda, que ao referenciar as negociações de gênero, a partir da compreensão da mulher forrozeira nas festas de forró, compreendo o ser mulher como construção social e histórica, que deve ser percebida em sua totalidade. Esta compreensão não nega a subjetividade, nem a secundariza, apenas a coloca em articulação com a dimensão objetiva da realidade social, na qual homens e mulheres devem ser entendidos/as na sua condição de unos/as e indivisíveis, razão pela qual os discursos e o campo de pesquisa não são focados fora da relação macroestrutural em que estão envoltos os sujeitos.

A partir desse caminho optei, para melhor compreender o mundo do forró pé de estrada, pela realização de entrevistas semiestruturadas<sup>4</sup> com 15 (quinze) frequentadoras das festas de forró, as interlocutoras foram divididas em cinco forrozeiras que priorizam a participação na casa de show Forró no Sítio, cinco da casa de show Danadim, três da casa de show Kangalha e duas da casa de show Leblon. Ainda que as interlocutoras transitem por outras casas de shows não estudadas ou mesmo esporadicamente frequentem as casas de shows pesquisadas não referenciadas às mesmas.

As entrevistas foram realizadas a partir de articulações feitas durante as idas a campo, fato que permitiu um melhor aprofundamento do olhar sobre o universo visto e vivido nas festas de forró, pois, tal pesquisa demonstrou, inicialmente, que as festas se configuram

---

<sup>2</sup> PISCITELLI, Adriana. “Recriando a (categoria) mulher?” In: ALGRANTI, Leila (Org.). *A prática feminista e o conceito de gênero*. Campinas: IFCH-Unicamp, 2002. (Textos Didáticos, n. 48).

<sup>3</sup> Ver: NICHOLSON, Linda. “Interpretando gênero”. *Revista Estudos Feministas*, vol., 8 nº 2/2000, p. 9-43.

<sup>4</sup> O roteiro das entrevistas encontra-se nos anexos deste trabalho.

como ponto de encontro para quem gosta e curte forró. Os discursos acerca do “estilo” da mulher forrozeira na festa também chamaram atenção, muitas entrevistadas afirmaram não haver uma estética própria a qual a forrozeira siga, destas, a maioria afirmou que cada mulher se veste como gosta. Entretanto, a estética das mulheres que frequentam as festas é muito semelhante. Ao serem indagadas sobre a semelhança do estilo de vestir, da maquiagem, do cabelo liso, todas responderam que as mulheres forrozeiras estão atentas à moda do momento.

Reflico acerca dessa questão sobre o “padrão” de beleza estabelecido pelo universo da moda e pela mídia; para além de modos de vestir, a moda e o padrão de beleza ocidental tendem a construir modos de ser, agir e pensar. Gilberto Freyre ainda na década de 80 advertia sobre essa questão em seu trabalho *Modos de homem, modas de mulher* (1997):

Pode-se dizer da mulher que tende a ser, quanto a modas para seus vestidos, seus sapatos, seus penteados, um tanto maria-vai-com-as-outras. Portanto, a corresponder ao que a moda tem de uniformizante. Mas é da argúcia feminina a iniciativa de reagir contra essa uniformização absoluta de acordo com características pessoais que não se ajustem a imposições de uma moda disto ou daquilo. Neste particular, é preciso reconhecer-se, na brasileira morena, o direito de repudiar modas norte-européias destinadas a mulheres louras e alvas (FREYRE, 1997, p.37).

De fato Freyre destacava a tendência de substituição do padrão de beleza brasileiro do tipo Sônia Braga (“morenas” - o termo mais adequado seria negras ou cafuzas, cabelos crespos ou ondulados, seios médios a pequenos, ancas avantajadas e estatura mediana) para estilos Vera Fisher (brancas, loiras, seios fartos, magras, altas, de formas menos arredondadas – um padrão mais europeu de beleza feminina). Longe de querer estabelecer aqui um padrão ideal, a reflexão se dá na busca constante das mulheres em alcançá-lo, seja este um estilo Sônia Braga ou mesmo Vera Fisher, que de fato ambas não mais ditam padrão, atualmente seria mais adequado Gisele Bündchen, para a referência brasileira.

Gilberto Freyre (1997) discute sobre a importância da moda brasileira seguir as tendências tropicais do país, de forma a não aderir aos padrões europeus ou norte-americanos. Entretanto, a ressalva que destaco não se dá apenas do ponto de vista do norte americanismo ou europeização da estética feminina, mas, pela padronização do corpo da mulher que implica também, em adequações comportamentais.

Os danos às mulheres que possuem uma estrutura corpórea diferente se dão no aspecto físico por meio da realização de dietas das mais variadas, acompanhadas ou não por especialistas; baixa autoestima que podem acarretar danos psicológicos mais sérios, como processos depressivos, compulsivos, etc. e, no aspecto sexual a baixa da libido diante da não aceitação do próprio corpo, uma série de problemas que acarretam dor e sofrimento e corroboram para outros processos de violência.

Tais questões se relacionam com a dinâmica do forró e do estilo forrozeira, se para muitas mulheres a moda vigente estabelece o estilo da mulher frequentadora assídua das festas de forró, muitas delas também buscam uma adequação para ser e fazer parte desse mundo. Uma das entrevistadas que se intitulou “gordinha” destacou a dificuldade vivenciada para achar roupas “da moda” que caibam bem no seu corpo. E, muitas vezes a dificuldade que encontra de se aceitar e se sentir bela, por não se encaixar no padrão de magreza instituído – a magreza figura na sociedade atual como sinônimo da beleza.

O estilo forrozeira é o da moda, *stile fashion*, sabe como é. Eu sou gordinha e tenho dificuldades em encontrar roupas para o meu tamanho, mas, tem sempre um jeito, fico no 44 quando tem, aí para vestir põe a cinta, deita na cama e fecha o zíper... (risos). O ruim é se rolar “esquema<sup>5</sup>” para depois da festa, pois desamarar tudo e ir para “os finalmente<sup>6</sup>” é uma luta e o *gato* não pode ver a cena senão acaba tudo (SIMONE<sup>7</sup>).

A fala ilustra a necessidade de adequação com a moda do momento, mesmo quando a estrutura corporal não corresponde com o ideal estabelecido, além do cuidado tomado para que o parceiro não perca o desejo sexual ao perceber as estratégias utilizadas para vestir o modelo de número menor. A reflexão acerca das falas das entrevistadas será discutida no capítulo cinco e seis.

Marcel Mauss (1974) afirma que as sociedades têm hábitos que lhe são próprios, ao tempo que também destaca a influência americana no andar das mulheres francesas, inspiradas pelo cinema, de fato, o autor reflete acerca da *imitação prestigiosa*, na qual o

---

<sup>5</sup> Termo utilizado para se referir a conquista de um parceiro com fins de relação sexual.

<sup>6</sup> Concretização do ato sexual.

<sup>7</sup> As interlocutoras da pesquisa são neste trabalho apresentadas por nomes fictícios que aludem às cantoras das bandas de forró pé de estrada.



indivíduo tende a imitar atos, comportamentos reconhecidos como exitosos, ainda que seja concernente ao biológico ou mesmo ao corpo. Esse processo se dá na constituição do “*homem total*” que implica na compreensão por meio dos aspectos sociais, psicológicos e biológicos.

As referências à moda sejam elas as estabelecidas pela alta-costura ou pela mídia tendem a atuar nas três esferas a qual se refere Mauss (1974), como um elemento social a ser seguido diante da expectativa de êxito, biologicamente ao representar mudanças significativas no corpo, seja pela busca do “corpo perfeito” ou pela tentativa de permanecer jovem – a busca pela eterna juventude, tem sido cada vez mais presente no século XXI (cirurgias plásticas, lipoaspiração, exercícios físicos para manter a forma, dietas), a aparência jovem, tanto do ponto de vista do corpo em si como da vestimenta é um objetivo a ser alcançado – e, psicológico em relação às construções subjetivas do indivíduo acerca da concretização ou não do padrão socialmente imposto de beleza.

Todo esse processo constitui uma *imitação prestigiosa*, pois ao se enquadrar no padrão do belo socialmente instituído, o sujeito passa a reconhecer-se no ambiente do prestígio, com tendências a elevação da autoestima e maior satisfação consigo e seu próprio corpo. Contudo, tal realização pessoal não é comum, principalmente entre as mulheres; a insatisfação feminina sobre o próprio corpo é mundial e muito se relaciona com a busca constante pelo manequim ideal. Le Breton (2011) ao tratar da principal questão que diferencia a mulher do homem em relação ao corpo, afirma:

[...] as mulheres ainda devem encarnar a beleza, porque o feminino não tem outra vocação do que incorporar o “sexo belo”. Mas cada pôster, cada imagem, é a lembrança de uma falta para a mulher que nunca é totalmente bem sucedida ao corresponder a esse espelho que é oferecido a elas. Raros são os homens que se declaram insatisfeitos com seus corpos, pois este não é o centro de gravidade de seu autorrespeito, contrário às mulheres que são permanentemente reduzidas a ele, como indicação de seu valor. Para a mulher “ser” torna-se confuso com a demanda de “aparentar”, porque ela dificilmente escapa ao julgamento masculino, sim os apropria (2011, p. 181).

No tocante ao universo masculino, as padronizações de beleza também têm demandado mudanças de comportamento, principalmente em relação ao corpo moldado pelas academias de ginástica e musculação e aos homens metrossexuais, entretanto a negação desse

padrão não produz de fato uma exclusão, ainda é presente na sociedade a ideia do homem viril e másculo que não se importa com os padrões de estética. Além do que os homens acima do peso possuem uma gama de admiradoras e admiradores<sup>8</sup>. Em relação às mulheres gordas, não há nem entre heterossexuais e nem entre lésbicas uma preferência por mulheres acima do peso, de modo tão explícito como para os homens. Obviamente existem homens e mulheres que gostam e preferem relacionar-se com mulheres ditas gordas ou gordinhas, mas, isso não se apresenta no cotidiano de forma tão significativa como para o público masculino gay.

É importante ressaltar, pois não se trata de um debate menor, que a busca pelo corpo ideal encontra um mercado bastante rentável, o qual perpassa a medicina, a estética, a indústria alimentícia, os esportes, a moda, dentre tantos outros. O capital se apropria da necessidade criada culturalmente para transformá-la em lucro. Daí a importante articulação com a teoria marxista, tais dimensões não ocorrem apenas da perspectiva subjetiva dos sujeitos, elas possuem dimensões objetivas impostas por uma constante mercantilização do ser humano, que se materializa na perspectiva do trabalho que aliena, mas, também o coisifica nas demais relações sociais.

Ressalto ainda, que os autores utilizados aqui que tratam do corpo como centro de sua discussão, que o tem como objeto de estudo científico, não estão vinculados a corrente marxista de pensamento, o que não representa uma impossibilidade em usá-los como referência, porém exige que seja feita a diferenciação no que é central no debate marxista e da relação que estes autores não estabelecem sobre a lógica destrutiva do capital que não extingue o sujeito, mas extrapola a concepção de individualização dos seus rebatimentos.

O corpo se apresenta no mundo do forró em vários aspectos, não apenas na questão da vestimenta ou da construção de um estilo forrozeira, mas, na própria constituição física, na dança, na gestualidade, nos ritos, o corpo é parte fundamental da sensualidade envolvida no forró. Le Breton (2003) reflete acerca da tendência atual na qual o corpo se torna o *alter ego* do indivíduo: *O corpo deixa de ser máquina inerte e torna-se um alter ego de onde emanam sensação e sedução* (2003, p. 53).

É interessante pensar essa dimensão do forró, corpo, sensualidade e sedução. Os

---

<sup>8</sup> Nas relações homoafetivas existem uma categoria de homens que são denominados “ursos” e que tem um público relativamente significativo de apreciadores, inclusive em sites de relacionamento como: “Disponível” e “Manhunt” é descrito nas preferências dos usuários se gosta de “ursos”. Os ursos são homens gordos e peludos.

corpos são atrativos, atributos a serem expostos, admirados, cobiçados; para as mulheres o corpo é exibido pelas minissaias e minishorts, vestidos curtos, decotes e blusas coladas, a roupa funciona como adereço que enfeita o objeto principal, o corpo. Os homens, principalmente os que possuem corpos moldados pelas academias, usam camisas coladas ao corpo que destacam os músculos e não é raro que no decorrer da festa esses rapazes tirem a camisa para exibir seu tórax e abdômen definidos. Aqueles que não estão no padrão do corpo “malhado”, a estratégia é vestir-se da melhor forma possível, fator que inclui as marcas da roupa que veste, preocupação muito comum ao mundo do forró.

Trago o diálogo com uma das interlocutoras, no qual a mesma ao tratar do estilo forrozeira ressaltou que não dava para ir ao forró com uma roupa do “beco”<sup>9</sup>, *por mais parecido que seja dá para perceber a diferença* (GIL). A importância dada à aparência e ao julgamento do outro é muito valorizada.

A aparência corporal responde a uma ação do ator relacionada com o modo de se apresentar e de se representar. Engloba a maneira de se vestir, a maneira cotidiana de se apresentar socialmente, conforme as circunstâncias, através da maneira de se colocar e do estilo da presença. O primeiro constituinte da aparência tem relação com as modalidades simbólicas de organização sob a égide do pertencimento social e cultural do ator. Elas são provisórias, amplamente dependentes dos efeitos de moda (LE BRETON, 2011, p.77).

A aparência se apresenta para estilo forrozeira como um ponto crucial e por isso, esse estilo esteja tão relacionado com as tendências da moda, ao tempo que as empresas do ramo do vestuário e do calçado também reconhecem o forró como um espaço de mercado. As bandas de forró são patrocinadas por marcas de roupas e de calçados e, durante os shows os/as artistas fazem o *merchandising* das marcas patrocinadoras.

De fato o mundo do forró é composto por uma *rede de cooperação* não só para a realização das festas ou difusão das bandas e das músicas, mas todo o processo do forró pé de estrada está envolto em uma rede cooperativa. Becker (2010) ao tratar da rede de cooperação para o mundo da arte, afirma:

---

<sup>9</sup> A referência ao beco, corresponde a uma galeria popular de vendas de roupas e outros artefatos, seu nome popular é beco da poeira, no local é comum encontrar roupas semelhantes as fabricadas por marcas conhecidas como *Fill sete*, *Bunny's*, *Anne*, entre outras.

Todo o trabalho artístico, tal como toda a actividade humana, envolve a actividade conjugada de um determinado número, normalmente um grande número, de pessoas. É devido a cooperação entre estas pessoas que a obra de arte que observamos ou escutamos acontece e continua a existir. As marcas dessa cooperação encontram-se sempre presentes na obra (2010, p.27).

Não pretendo aqui afirmar que o mundo do forró seja compreendido como obra de arte, precisaria realizar uma ampla discussão acerca de como se constitui uma obra de arte<sup>10</sup>, considerar as avaliações canônicas dos que se referendaram no campo, em especial nos espaços acadêmicos, como críticos de arte, e considerar suas percepções acerca do forró. Ainda nesse aspecto, entraria em outro embate teórico forró pé de serra x forró pé de estrada, cultura erudita x cultura popular x cultura de massa. Um amplo debate que não pretendo fazer aqui, mas, tratarei no capítulo quatro, entretanto sem o objetivo de estabelecer uma definição, mas de expor as correntes de pensamento acerca do assunto.

O forró pé de estrada, portanto, é trabalhado na sua perspectiva de mundo inserido no espaço artístico-cultural de produção do entretenimento em Fortaleza, as festas trabalhadas como questão-fato, a serem vistas em suas perspectivas intrínsecas, sem, contudo negar as relações envoltas na sua construção e consolidação, um mundo que apresenta uma totalidade aberta, pois está em constante relação com outras dimensões da vida social.

Nesse ínterim estarão as mulheres forrozeiras frequentadoras das festas de forró, percebidas e analisadas nas suas falas por meio das entrevistas, mas, também nos diálogos realizados no campo, seja com as interlocutoras ou com outras mulheres que não foram entrevistadas, mas, que contribuirão com a vivência no campo.

O masculino, o ser homem forrozeiro é parte constituinte desse mundo, mas estes não estão no centro da reflexão, apesar de serem retratados e partícipes nas discussões acerca das negociações de gênero, eles não foram alvo da pesquisa. As percepções tidas em campo serão apresentadas, refletidas, assim como os diálogos realizados nas festas, mas estes se enquadram, especialmente, como contribuição para o entendimento das negociações de gênero no âmbito do mundo do forró pé de estrada.

As negociações de gênero no mundo do forró pé de estrada serão pensadas com

---

<sup>10</sup> Para essa discussão ver: BOURDIEU, Pierre. As regras da arte. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

base na pesquisa de campo, bibliográfica e documental, nas falas das interlocutoras e nas inflexões teóricas realizadas para pensar o objeto. A pesquisa de campo se mistura constantemente, assim como as entrevistas com os aportes teóricos, teorias e campo dialogam indissociavelmente na construção dessa dissertação.

Finalizo essa introdução com ênfase nos aspectos que serão discutidos nos capítulos seguintes. No segundo capítulo será discutida a vivência de campo com base na etnografia realizada e seus aportes metodológicos; o circuito do forró pé de estrada; a experiência de campo nas casas de show: Danadim, Kangalha, Forró no Sítio e Leblon; as empresas que compõem o mundo do forró pé de estrada; A3 Entretenimento e Social Music; as estratégias de marketing e a relação cliente e empresa nas fanpages das casas de show; o terceiro capítulo destina-se a uma discussão teórica acerca da categoria gênero e violência.

O quarto capítulo é composto por uma discussão teórica acerca do forró como expressão artístico-cultural em Fortaleza; e por uma breve análise acerca da festa-questão e festa-fato; o quinto capítulo destina-se às interlocutoras, o olhar das forrozeiras sobre as festas de forró; o sexto capítulo trata especificamente das entrevistas, das falas e discursos das interlocutoras que se relacionam com seu olhar e vivência acerca das festas de forró. Por fim as considerações finais acerca do objeto.

Destaco ainda, a relevância desse estudo para as ciências sociais, pois, reflete sobre temas efervescentes nas produções recentes tanto na sociologia, quanto na antropologia, no tocante as negociações de gênero e a dinâmica das festas. No tocante à sociedade sua relevância, também, merece destaque, haja vista o forró pé de estrada ser objeto de reflexões e debates na cidade, em especial, pela representação da mulher, presente nas letras.

## **2 PERCURSOS METODOLÓGICOS: COM O PÉ NA ESTRADA**

Neste momento tratarei das questões metodológicas que envolveram o desenvolvimento da pesquisa, com vistas a expor a forma que o trabalho se desenvolveu até aqui, a experiência no campo, as técnicas utilizadas, os limites e as dificuldades vivenciadas. Refletir acerca do fazer da/o pesquisadora/o é fundamental para compreender o processo que envolve o ato de pesquisar, a constituição da pesquisa em si, suas nuances e especificidades.

### **2.1 Seguindo as “tendências”<sup>11</sup>: algumas impressões sobre o campo de pesquisa**

O mundo do forró pé de estrada, o desenrolar das festas, o ambiente da diversão no qual o encontro com as pessoas ocorre mediado pela música, pela dança, pelo consumo de bebidas alcoólicas, configura-se como um misto de limites e possibilidades. Apesar de minhas idas a campo constituírem um momento de trabalho na condição de pesquisadora, era significativo para o seu desenvolvimento que minha postura em relação à dinâmica da festa estivesse em consonância com a energia coletiva, que em geral, condiz com a busca pela diversão. Manter um distanciamento da festa sem que isto me colocasse na condição de corpo estranho ao mundo do forró, vivenciar a festa, interagir com as interlocutoras e com o público em geral sem perder a capacidade de estranhar e questionar o desenrolar dos acontecimentos, foi o principal desafio a ser superado.

Desde o início de 2012 tenho voltado a frequentar de forma assídua<sup>12</sup> as festas de forró da cidade, o que me possibilitou um amplo material de campo, algumas idas foram consideradas por mim mais produtivas, e proporcionaram um diário de campo mais substancial, com maior número de interlocutoras/es, observações e diálogos. Ressalto que

---

<sup>11</sup> O termo tendências entre aspas, refere-se a uma linguagem nativa hoje no forró, expressam sucesso, tem o intuito de enaltecer o grupo musical, mas, também é dito pelos/as artistas ao público como forma de elogio.

<sup>12</sup> Desde 2005 iniciei pesquisas em relação ao forró pé de estrada, desse período até os dias atuais o forró sempre foi um objeto instigante ao qual estive atenta e sempre que possível escolhia um show de forró em Fortaleza para perceber como andavam as relações no campo, além de acompanhar as letras que faziam sucesso e o andamento das indústrias do entretenimento voltadas para o forró pé de estrada. Apesar de ter passado alguns anos longe da vida acadêmica, nunca me desliguei completamente do objeto de estudo.

para ser forrozeira/o assídua/o, que de quinta-feira a domingo frequenta o circuito de forró da cidade, é necessário ter um bom preparo físico, pois compreende uma rotina de festas bem cansativa, além do consumo de bebida alcoólica que tende a ampliar o cansaço pós-festa.

Esse relato inicial é representativo, pois, tanto pelo aspecto financeiro, como pelas condições físicas para suportar a rotina das festas, optei por selecionar os momentos e evitar os circuitos do forró de quinta-feira a domingo de forma consecutiva, apesar de tê-lo feito em raros momentos. Assim, dividir a ida a campo por semanas foi uma boa estratégia. A primeira semana: forró na quinta-feira no Danadim, a segunda semana: sexta-feira no Kangalha, a terceira semana: sábado no Forró no Sítio e a quarta semana: novamente sábado, na Leblon Show.

O intervalo entre uma ida a campo e outra permitia buscar as interlocutoras contatadas na festa, com algumas a resposta era positiva, outras deram o telefone errado ou passada a energia da festa não quiseram mais contribuir. Entretanto, as respostas positivas foram predominantes, em especial por ter construído com as interlocutoras durante a festa uma relação de proximidade a partir da diversão agradável no forró.

Observei que as respostas negativas ocorriam principalmente, quando eu me encontrava fora do clima da festa, estava cansada ou indisposta para dançar, beber ou mesmo fora da diversão forrozeira. As idas ao forró se tornavam desgastantes quando ocorria em função do cumprimento do cronograma pessoal estabelecido e de fato não respeitava os limites do corpo e da mente. Temporalidades distintas, movimentos diversos, mas fundamentais para expressar que os passos no campo não podem ser movidos pelos processos imediatos. O processo de pesquisar, como de escrever requer dinamicidade, entrega e um pouco de “paixão”.

Malighetti (2004) fez alusão a esse movimento temporal em seu artigo “Etnografia e trabalho de campo – autor, autoridade e autorização de discursos”:

Na realidade, essa dupla temporalidade, infável por sua própria natureza, coloca-se em relação conflituosa com a escritura<sup>3</sup> e resiste à simples fixação, ligando a etnografia aos próprios modos como é produzida, evidenciando a intrinsecamente contingente, parcial e incompleta. O tempo de escrever, tal como o de pesquisar, não é único e imediato, mas, ao contrário, constitui um processo dinâmico e difuso que assinala especificidades na aprendizagem do conhecimento antropológico, o qual,

por isso mesmo, não pode ser “congelado” através de um imediato e, desde logo, inadequado “ontem eu estava esquiando” (2004, p.110).

Nesses dias em que eu me sentia fora do contexto, tendia a não conseguir despertar para nada que não fosse óbvio, parecia que as relações ali vividas, os diálogos ouvidos, não expressavam novidades, o sentimento é que tudo já era sabido, de fato não atentava para as entrelinhas do que se apresentava.

A cena se repete, sempre as investidas, o objetivo da relação casual, dos 'ficas', a dança, as músicas repetidas paulatinamente por cada banda que entra, o que há de novo para ver aqui? A sensação que tenho é que as dançarinas repetem as coreografias, as/os vocalistas reproduzem o mesmo discurso e o público preso nesse mundo de repetições não se dá conta que as relações podem até diversificar os sujeitos, mas, se prendem ao mesmo contexto efêmero. Por que não consigo ver? Essa é a pergunta que não me sai da cabeça e me remete à Odisseia de Homero, ao retratar a ilha dos lotófagos, na qual seus habitantes viviam sob o torpor frente a realidade e o tempo. Qual seria a minha flor de lótus? (NOTA DO DIÁRIO DE CAMPO)

A nota de um dos diários de campo, refere-se a um dia em que a ida ao campo não fluiu, nem como pesquisadora, nem como alguém que lá está para se divertir, é ilustrativa, apesar de aparentemente desanimadora. A sensação de não ter conseguido alcançar o objetivo proposto na ida ao campo, me foi fundamental, para que eu percebesse a necessidade, assim como Ulisses, de retornar, no meu caso às leituras, a outras etnografias, rebuscar os escritos dos campos exitosos. Perceber como trabalhar o olhar.

Ressalto aqui também, a contribuição de cinco amigas<sup>13</sup> da época de adolescência: Solange Almeida<sup>14</sup>, Simaria<sup>15</sup>, Simone<sup>16</sup>, Taty Girl<sup>17</sup>, Katia Cilene<sup>18</sup>, esse grupo já contribuiu bastante com a pesquisa de monografia e renovou a parceria no processo do mestrado. E nesse processo foi importante para a pesquisadora saber se diferenciar das companheiras de festa, que tinham o intuito central da diversão, quanto a mim o objetivo era pesquisar. O cuidado para não confundir essa relação era constante, entretanto, temia que minha presença se não fosse bem trabalhada, de algum modo inibisse o comportamento das interlocutoras, que apesar de estarem contribuindo com a pesquisa, também existia a relação de amizade.

---

<sup>13</sup> Os nomes são fictícios e fazem alusão a cantoras de bandas de forró do momento.

<sup>14</sup> Alusão à vocalista da banda Aviões do Forró;

<sup>15</sup> Referência à vocalista da dupla As Coleguinhas;

<sup>16</sup> À vocalista da dupla As Coleguinhas

<sup>17</sup> À vocalista da banda Solteirões do Forró;

<sup>18</sup> À vocalista da banda Forró do Bom;



Após algumas idas ao forró na companhia dessas interlocutoras, percebi que minha preocupação era somente minha, de fato para elas eu estava como pesquisadora, mas, não desvencilhavam as falas de confidências durante a festa ou mesmo se inibiam na constituição de suas relações pessoais-afetivas. Permitiram-se ser observadas, analisadas e pouco se importaram com o que eu pensava, pelo menos *a priori*.

Digo isso, pois, em umas das festas, mais especificamente no Forró no Sítio, Katia Cilene, que havia 'ficado' com sete rapazes durante a noite, indagou em tom de brincadeira enquanto Solange Almeida contabilizava o *ranking* das “poderosas”: “Ei, Lua esse ranking também vai para a tua pesquisa?” Apenas, sorri e respondi: “o que vocês acham?” Todas riram e Taty Girl que havia ficado em último respondeu: “sendo assim preciso melhorar minha marca”. Apesar do tom de brincadeira presente na pergunta inicial, receio que as entrelinhas expressem a preocupação com a divulgação pública do que ocorre nas festas. Talvez por Katia Cilene ser tímida a indagação tenha partido dela e, pela razão contrária – a extroversão nata, tenho sido Taty Girl a responsável por finalizar a conversa. Em outro momento, fora do contexto de festa, reforcei a todas que seus nomes só seriam conhecidos por mim, não só nas entrevistas, mas, nos relatos do diário de campo incorporados ao trabalho final.

As experiências da pesquisa de campo com minhas interlocutoras iniciais demonstraram certa tranquilidade e autonomia na vivência das relações afetivas e sexuais por elas experimentadas. Diferente, à primeira vista, do que alardeia o senso comum acerca do comportamento da mulher forrozeira. E, por essa razão, exponho aqui algumas questões para pensar as negociações de gênero que surgem diante dessas manifestações do desejo e de sua vivência.

A primeira: seria essa relação uma expressão híbrida das experimentações do desejo do ser mulher? Para explicitar a gênese da questão, não estariam essas mulheres no entre lugar da liberdade do desejo e do sistema de dominação/exploração, conceituada nas leituras materialistas das relações de gênero-classe social-raça/etnia expressas no nó de Saffioti (2004)<sup>19</sup> ou mesmo das relações sociais de sexo<sup>20</sup>? A segunda: a vivência do desejo e

---

<sup>19</sup> O importante é analisar estas contradições na condição de fundidas e enoveladas ou enlaçadas em um nó. [...] Não que cada uma destas condições atue livre e isoladamente. No nó, elas passam a apresentar uma dinâmica especial, própria do nó. Ou seja, a dinâmica de cada uma condiciona-se à nova realidade. De acordo com as circunstâncias históricas, cada uma das contradições integrantes do nó adquire relevos distintos. E esta

da sexualidade das mulheres no forró seria uma expressão da liberdade sexual feminina, fora de qualquer processo de subordinação, apenas um desejo de não estabelecer vínculos fechados nas relações sexuais? Uma terceira questão: o sistema patriarcado-racismo-capitalismo atua sobre o comportamento dessas mulheres, por meio dos processos de ideologia a ponto de não permitir que as mesmas se percebam em uma situação de violência de gênero, tendo seus corpos e seus desejos a serviço da manutenção desse sistema de dominação/exploração?

Essas três questões teóricas que se unem e se contrapõem motivam à reflexão acerca das negociações de gênero presentes no mundo do forró. O campo, por diversos momentos, me levou a indagar o que de fato se encontrava nas entrelinhas dessas relações, em geral, efêmeras e voláteis, “líquidas” para utilizar o termo de Bauman (2004).

As respostas a essas indagações se constroem por todo o trabalho no processo de reflexão acerca das negociações de gênero, por ora é importante frisar que essas questões servem de suporte reflexivo, para dialogar com as teorias e relacioná-las com o processo da pesquisa de campo nas festas de forró pé de estrada.

Destaco agora outra questão inerente ao processo da pesquisa de campo, o investimento financeiro necessário para participar de uma festa de forró, tanto em relação aos ingressos, quanto da consumação de bebidas e alimentação durante a festa. Os preços das comidas e das bebidas nesses espaços são acima dos preços de mercado, seja o refrigerante, a cerveja, o *whisky*, o energético, a água ou mesmo os sanduíches, os crepes, os pastéis, as batatas fritas, todos sem exceção tendem a ser mais caros que o habitual. A média de gasto por festa aproxima-se a R\$ 150,00 (cem e cinquenta reais) no mínimo.

---

motilidade é importante reter, a fim de não se tomar nada como fixo, aí inclusa a organização social destas subestruturas na estrutura global, ou seja, destas contradições no seio da nova realidade – novelo patriarcado-racismo-capitalismo – historicamente constituída (SAFFIOTI, 2004, p. 125).

<sup>20</sup> Em primeiro lugar, porque a perspectiva de sistemas tende a fechar, a bloquear. Em seguida, porque ela corre o risco de produzir uma visão cujos diferentes sistemas aparecem como objetos bem delimitados, o que é improvável, por isso, são vistos como imbricados: eles parecem frequentemente justapostos, hierarquizados, no melhor dos casos interseccionados ou se encobrem parcialmente uns pelos outros. O conceito de relações [rapports] sociais por outro lado, permite pensar por meio da sociedade, os indivíduos e as classes. As relações [rapports] sociais podem efetivamente serem vistas como tensões dinâmicas, sem cessar em recomposição, que constroem oposições e polarizam o campo social com mais ou menos força segundo o ponto onde se encontra a relação [rapport] de origem dessas tensões. Nesse sentido, elas permitem também compreender melhor a posição relativa de diferentes sujeitos sociais submissos simultaneamente a várias dessas relações de força, que exercem sobre diferentes planos, permitindo uma visão multidimensional e histórica das coisas (tradução nossa) (FALQUET *apud* CISNE, 2013, p.111).

A pesquisa constituiu um alto investimento físico e financeiro, entretanto, possibilitou prazeres e descobertas do ponto de vista do amadurecimento da condição de pesquisadora, de novos conhecimentos, “insights” sobre o objeto e até uma nova construção do olhar acerca das negociações de gênero. A própria mudança durante a pesquisa de campo de optar por uma etnografia no lugar de uma observação participante se deu a partir das percepções nas festas de forró.

Por acreditar que a escolha pela etnografia poderia proporcionar uma maior compreensão acerca do que *a priori* se apresentava como estranho, familiarizar, construir proximidades, perceber as complexidades para além do habitual, é que a opção foi feita. Seria simples concluir apenas que as negociações de gênero no forró fundamentam-se sob a égide do machismo ou do patriarcado<sup>21</sup>, o que não quer dizer que tais dimensões estejam descartadas no desenrolar das negociações de gênero durante a festa.

Entretanto, a construção da proximidade com as forrozeiras na vivência da festa, as entrevistas, o campo, apresentaram elementos complexificadores, que necessitavam de uma nova forma de olhar e vivenciar o mundo do forró pé de estrada. “A etnografia, graças à imersão do pesquisador no meio pesquisado, reconstitui as visões de base mais variada do que se imagina; permite o cruzamento de diversos pontos de vista sobre o objeto, torna mais clara a complexidade das práticas e revela sua densidade” (BEAUD; WEBER, 2007, p. 10).

Essa mudança foi acompanhada de certo receio, especialmente sobre o desenvolvimento da escrita, trazer o diferencial da produção etnográfica, sem recair em aporéticas ou mesmo de não conseguir estabelecer uma boa interlocução entre o texto e o campo, tornando-o cansativo. A tentativa é constante em associar a escolha teórico-metodológica aos resultados da pesquisa, com vistas a alcançar a destruição da *pseudoconcreticidade* nas palavras de KOSIK (1976, p. 24):

A destruição da *pseudoconcreticidade* é o processo de criação da realidade concreta e a visão da realidade, da sua concreticidade. As correntes idealísticas absolutizaram ora o sujeito, tratando do problema de como encarar a realidade a fim de que ela fosse concreta ou bela, ora o objeto, e supuseram que a realidade é tanto mais real quanto mais perfeitamente se expulsa o sujeito. Ao contrário delas na destruição materialista da pseudoconcreticidade, a liberação do “sujeito” vale dizer, a *visão* concreta da realidade, ao invés da “intuição fetichista” coincide com a liberalização do “objeto” (criação do ambiente humano como fato humano dotado de condições

---

<sup>21</sup> Ver: Saffioti (2010); Pateman (1993);

de transparente racionalidade), posto que a realidade social dos homens se cria como união dialética de sujeito e objeto.

Busquei por meio da oralidade, mas, também da vivência nas festas, da escrita solitária, dos diários às notas de campo, meus olhares, de outras fontes e outras etnografias (MALIGHETTI, 2004), pensar as negociações de gênero e o mundo do forró pé de estrada, tendo a etnografia<sup>22</sup> como base metodológica, sem perder o horizonte dialético entre sujeito e objeto, representa um desafio seja pelo fato das análises materialistas dialéticas não possuírem espaço significativo, na atualidade, nos estudos antropológicos e sociológicos, seja pela necessidade de diálogos entre autoras/es de vertentes teóricas distintas.

Contudo, estes desafios não significam que o trabalho se pauta numa análise teórica sincrética, o olhar lançado sobre o campo da pesquisa reconhece que a forrozeira não deve ser percebida na festa fora do seu contexto social, político, cultural, econômico, nem o forró deve ser analisado fora dos ditames macroestruturais que permeiam a sociedade. A busca constante de destruição da pseudoconcreticidade, do real aparente, se pauta na construção da síntese das negociações de gênero, da problematização e reflexão acerca da festa, da forrozeira e das relações vividas. Entretanto, reconheço que autoras/es de perspectivas diferentes trazem alguns elementos que devem ser refletidos, feitas as devidas ressalvas os elementos relevantes são absorvidos e analisados com foco no referencial teórico-metodológico escolhido.

Como alternativa busquei algumas referências da etnografia crítica que reconhece a necessidade de pôr em questão situações do cotidiano a partir dos discursos das/os participantes. A análise desses discursos se dá relacionada à realidade estrutural, social, econômica, política e cultural em que estão inseridas/os as/os participantes, “[...] é importante recordar que a finalidade da etnografia crítica não é reformular o mundo à imagem que dele fazem os responsáveis da investigação, mas sim colocar em questão a realidade quotidiana

---

<sup>22</sup> A etnografia se origina prevalentemente na oralidade, e é transposta à escritura. A interação entre antropólogo e nativo é mediada pela passagem do código oral da língua nativa ao código escrito da língua científica. Tal processo transforma enunciados específicos, ligados à contingência da interlocução, em textos, proposições autônomas e separadas (apontamentos de campo, textos intermediários, textos finais), e transmuda a experiência em relato, os exemplos sem casos significantes. Nem por isso, no entanto, o trabalho etnográfico é simples passagem do oral ao escrito. A etnografia é também um movimento de contínua reelaboração do escrito, de transcrição de documento a documento, produzindo um texto compósito que reúne várias formas de fontes escritas, dos diários às notas de campo, das transcrições das palavras dos interlocutores às outras etnografias e aos outros tipos de textos (MALIGHETTI, 2004, p. 111).

através do discurso das e dos participantes” (GÉRIN-LAJOIE, 1998, p. 515).

Assim, as negociações de gênero e a mulher forrozeira inserida no mundo do forró pé de estrada, são refletidas a partir dos discursos e da dinâmica da festa em articulação com a estrutura social que se relaciona com os elementos constitutivos do objeto da pesquisa. Sob o entendimento que as práticas e os discursos não se constroem apenas pela subjetividade, mas também pelas relações sociais, políticas, culturais e econômicas vividas. Sujeito e objeto estão em uma relação intrínseca e não devem ser trabalhados de forma isolada ou fragmentada.

Razão pela qual o forró pé de estrada não é tratado apenas no contexto da festa, mas percebido em todas as suas nuances que são deveras significativas. Geradas pela dimensão da indústria cultural, as particularidades que envolvem o desenvolvimento do mundo do forró, apresentam o ritmo como altamente rentável e movimenta uma grande rede de investidoras/es, patrocínios do mercado da moda, calçado, bebidas, automobilístico, beleza entre outros. Razão pela qual a moda esteja tão presente na dinâmica das festas. Artistas e empresas buscam por meio dessas articulações ampliar o público consumidor do forró, garantindo megaestruturas para a realização das festas, bem como, apresenta aos parceiros seus eventos como amplo espaço de publicidade e propaganda.

Essa relação é tão significativa que diante dos patrocínios alcançados pelas produtoras e bandas/artistas, meros, ganham notoriedade e assumem o patamar de referência

The image contains three promotional panels:

- Top Left:** A woman in a blue top and floral skirt stands next to a parrot. The text reads "HANDARA O JEANS DO BRASIL".
- Bottom Left:** A man and a woman are shown in jeans. The text reads "HANDARA O JEANS DO BRASIL".
- Right:** A woman and a man are shown in jeans. The text reads "Fillsete Jeans Luxo", "Solange Almeida e Xand Avião inauguram a nova loja do North Shopping", "Próxima terça-feira (7) a partir das 18 horas terceiro piso", "www.fillsete.com.br", and "(85) 3055.0052".

Campanha publicitária Handara 2012.

Campanha publicitária Fill Sete 2013.

O forró pé de estrada obviamente não é a única razão para a popularização da marca, contudo, representou na cidade de Fortaleza um excelente espaço de expansão de mercado. Já as/os artistas do forró pé de serra não possuem articulações em relação à moda e os mercados da beleza. Trata-se de uma configuração peculiar das indústrias do entretenimento que investem nas diversas estratégias de lucro, festas, shows, DVD, CD (este em menor escala – apenas algumas bandas de sucesso lançam CD's à venda, as bandas iniciantes ou de médio porte optam por CD's promocionais para divulgação do trabalho) parcerias, patrocínios e etc. A articulação com a indústria da moda ocorre com grande parte dos produtos culturais que ocupam a cultura de massa ou que estão com esta relacionados, o funk, o sertanejo, as novelas, algumas peças de cinema, dentre outros.

Essa expressão do forró pé de estrada demonstra que a dinâmica do forró não se isenta da relação com a ordem sociometabólica do capital, para utilizar uma definição de Mészáros (2002). A lógica do mercado é fundamental, razão pela qual a busca pela massificação do forró e de sua inserção em todas as camadas sociais é importante. Tudo que compõe a produção do forró é tratado como mercadoria e visa à obtenção do lucro.

A atual configuração do forró pé de estrada tem sido mantida a partir das articulações com parceiros diversos, as indústrias que promovem as bandas/artistas tornam o ritmo rentável de forma a atrair alguns cantores como: João Bandeira e Dorgival Dantas, dupla como: Ítalo e Renno, artistas tipicamente do forró pé de serra, para seu *casting* e fazem com que estes passem a ter ótima aceitação nas festas de forró, o que não ocorre na relação inversa.

O público adepto ao forró pé de serra tende a apresentar uma forte rejeição às bandas e às/aos artistas do forró pé de estrada. As indústrias do forró abrem o leque de possibilidades e diversificam as festas, para as/os artistas do forró pé de serra que optam por ser inseridas/os nesse mercado é interessante, pois, populariza o trabalho e amplia a agenda de

shows, bem como a difusão das peças produzidas, porém suas composições passam também a atenderem as demandas da empresa a qual se vincularam – um pouco da perda da autonomia na construção de suas músicas. Não são apenas artistas do forró que são inseridos na lógica, mas o chamado sertanejo universitário também tem sido produzido no Ceará, como exemplo cito o artista Matheus Fernandes.

Contudo, nem sempre foi assim, em meados de 2005<sup>23</sup>, quando realizava a pesquisa de campo para elaboração do TCC no curso de serviço social, me deparei com discursos de frequentadoras/es das festas de forró que elencavam o forró pé de serra como um forró para idosos, “velhos”, justamente pela marcação do compasso dado pelo triângulo e a ausência de instrumentos elétricos como: baixo, guitarra, teclado ou mesmo as percussões, os metais e a bateria. Para essas/es o Forró pé de estrada traz um ritmo mais dançante, condizente com as expectativas da juventude. Razão pela qual o público jovem é hegemônico apesar de não ser exclusivo nas festas, a grande maioria é formada por jovens e com uma forte participação de adolescentes.

O público adepto ao forró pé de serra, tende a ter maior resistência às bandas de forró pé de estrada atuais, principalmente, àquelas que aderem a letras erotizadas. Há aproximadamente três anos tem se fortalecido uma nova proposta de festas no forró pé de estrada, denominada Forró das Antigas. O evento conta com a presença de bandas que fizeram muito sucesso na década de 90 e possuem composições diferenciadas do ponto de vista da erotização e do tratamento pejorativo destinado às mulheres e às relações pessoais-afetivas. Essas festas tendem a atrair um público diferente, em geral na faixa dos 30 a 40 anos, um público que vivenciou a juventude no período em que essas bandas fizeram sucesso e que em sua maioria não gostam do novo estilo do forró pé de estrada.

Os eventos também contam com a presença daquelas/es que já frequentam os shows de forró atuais, o que acaba por proporcionar um grande público. Do ponto de vista empresarial essas festas também são interessantes para as bandas que já não se encontram em evidência constante na mídia e no mercado. Apesar de ainda atraírem um grande público não

---

<sup>23</sup> De fato minha vivência investigativa em relação ao forró, configura-se, pelo menos para uma pesquisadora iniciante, uma temporalidade até representativa, são oito anos de ligação com o tema, ora com vínculo direto com a academia ora pela curiosidade que me é inerente. Essa relação proporciona a esse trabalho retornos e comparações a outros momentos vividos e pesquisados.

são essas as bandas “tendências” do momento.

De fato as bandas “antigas” surgidas na década de 90 e que naquele tempo histórico tiveram seu auge no aspecto do sucesso, possuem, em sua maioria, um público cativo e permanecem no circuito do forró. Contudo, por ser o Ceará o berço do forró pé de estrada e figurar como um dos maiores produtores de bandas desse estilo, as bandas “tendências” que são as atrações principais nas festas tendem a fazer sucesso primeiramente no estado. O que ocorre hoje com bandas como Forró do Bom, Forró do Movimento, Pé de Ouro, grupos que estão em ascensão no Ceará e começam a partir da relação do que é construído aqui no estado a expandir seus shows para outras localidades. Relação que também aconteceu com a banda Aviões do Forró, Calcinha Preta ou a própria Mastruz com Leite. O Ceará tende a ditar as regras da forma de fazer forró pé de estrada.

O forró das “antigas” é um atrativo para o público que já “curtiu” forró pé de estrada, mas, que não se identifica com o estilo atual. A casa de show Faroeste<sup>24</sup> que pertencia ao *casting* da empresa Social Music realizava festas do estilo<sup>25</sup> “Forró das Antigas”, tais eventos costumam lotar casas de show e são realizadas em períodos estratégicos, em geral nas férias, como as edições de 2010 e 2011 realizadas pela casa de show Forró no Sítio e 2013 pela casa de eventos Faroeste:



Forró das Antigas 2013.

Fonte: Fanpage Faroeste.



Faroeste.

os anos de 2012 e 2013 ter atraído um grande show.

realizou algumas festas com o tema: Forró das Antigas. Com o tempo, diminuiu o seu ritmo de festas, apesar de até hoje permanecer, em 2013 houve uma diminuição de shows instalados nos grandes eventos no Ceará. Essa situação é promovida pelas empresas que promovem os shows de forró em



Forró das Antigas 2012.  
Fonte: Fanpage Faroeste.

O forró das antigas não é o forró pé de serra, de fato a banda Mastruz com Leite é referendada por muitas/os autoras/es que discutem forró pé de estrada, por eles denominado “eletrônico”, como a precursora desse estilo de forró, a banda surgiu partir da ideia do empresário Emanuel Gurgel, Trotta (2009):

Podemos afirmar, portanto, que os empreendimentos desenvolvidos pelos empresários do forró eletrônico são uma resposta criativa a um modelo que já não responde às demandas de público. O mercado alternativo do forró foi inaugurado no início dos anos 1990 pela banda Mastruz com Leite, organizada pelo empresário Emanuel Gurgel, que pretendia revolucionar os padrões do gênero, tornando-o “estilizado e progressista” (2009, p. 104).

Particularmente, reflito que no tocante a utilização de novos instrumentos elétricos: guitarra, baixo, teclado, bem como a bateria, as percussões e os metais, que deram à peculiaridade a forma de tocar forró pé de estrada, já eram utilizados pela cantora Eliane – a rainha do forró. Entretanto, a ideia do Empresário Emanuel Gurgel foi precursora, pois utilizou o forró dançante de Eliane, unido a uma grande produção por meio das bandas de forró. As bandas criadas por Emanuel traziam três vocalistas e um contingente superior de músicos, o que lhe permitia realizar shows de forró de longa duração. Além da troca no vocal que possibilitava mudanças no estilo de cantar, em especial na voz.

Essa ideia permanece reproduzida nas bandas de forró atuais, razão pela qual é possível demonstrar que se tratou de uma iniciativa de sucesso. A grande mudança que se percebe é realmente no teor das letras e no estilo da dança. Até meados de 2009 o forró dançado em Fortaleza não trazia passos de dança solta ou não faziam alusão a coreografias do axé e do *funk*, fato que hoje já ocorre com bastante frequência, por mais que a forma hegemônica ainda seja a dois, a incorporação dos passos da gafeira desde o início dos anos 2000 reduziu a dança colada, passos como: cruzado, quadrado, peão, salto, romário, cruzado passado, facão, giros de mão, entre outros, estilizou a dança de forró em Fortaleza.

Algumas festas de forró pé de estrada tendem a misturar artistas de referência musical no pé de serra com as bandas de forró pé de estrada, como já citei antes o público que frequenta o circuito do forró pé de estrada em Fortaleza, já não apresenta grande resistência a

músicos do estilo, podendo estes transitar com certa tranquilidade pelo mundo do forró pé de estrada.

Na pesquisa de campo realizada em 08 de junho de 2013, festa realizada no estacionamento da casa de show Forró no Sítio pude presenciar a aceitação do público forrozeiro em relação aos artistas que possuem uma maior identidade com o forró pé de serra, participaram da festa: Dorgival Dantas, Solteirões do Forró, Vicente Nery, Limão com Mel, Luís Marcelo e Gabriel, Ítalo e Renno, Pé de Ouro e Muidão.

Esse evento teve sua primeira edição em 2012 e foi repetido em 2013, intitulado a festa do Maior Forró do Mundo. Na ocasião, as falas entre as/os participantes elogiavam bastante a dupla Ítalo e Renno e Dorgival Dantas que há algum tempo possui bom trânsito entre os dois estilos de forró. Este último, principalmente pelo sucesso da música, Coração (2006) sucesso do seu primeiro CD oficial.



Cartaz promocional da festa Maior Forró do Mundo, realizada em 08 de junho de 2013.

Fonte: Fanpage Forró no Sítio

Dorgival Dantas, em particular, merece um parêntese, pois, é tecladista, cantor, sanfoneiro e compositor, possui sucessos que retratam o amor romantizado e costuma referenciar suas músicas durante os shows com a expressão: “E tome xote”. Entretanto,

também é de sua autoria sucessos como “Barriguinha<sup>26</sup>” – tema de Malhação, gravado pela banda Aviões do Forró; “Você não vale nada, mas eu gosto de você<sup>27</sup>” – tema de Caminho das Índias, gravado pela banda Calcinha Preta; ambas as canções citadas foram sucesso e possuem um estilo característico do forró pé de estrada. O que expressa bem a que este artista permuta em suas obras entre o forró mais cadenciado, característico do xote, do pé de serra e entre o forró pé de estrada.

No rol dos artistas que participaram da festa “Maior Forró do Mundo” encontra-se também a banda Limão com Mel, de grande sucesso nos anos 90 e início dos anos 2000, ainda hoje é considerada uma banda do alto escalão, mas, sua popularidade no Ceará não é mais como em décadas anteriores. A banda Limão com Mel merece ser destacada, pois, assim como o cantor e compositor Vicente Nery, não aderiu à onda de erotização sofrida pelo forró a partir dos anos 2000. Ambos permaneceram com o forró romântico ainda que sejam caracterizados como forró pé de estrada.

Colocar o pé na estrada do forró, perceber as mudanças ocorridas nesse mundo, reforçou algumas percepções e construiu outras, apesar da relação com o público forrozeiro ter sido fundamentalmente nas festas e nos momentos de entrevistas, o forró como ponto de encontro tende a estreitar laços mesmo que esporádicos ou restritos aos momentos de diversão. As idas frequentes aos forrós passam a dar àquelas/es que antes foram estranhas/os, um sentimento de familiaridade, algumas/alguns forrozeiras/os mais extrovertidas/os passam a te cumprimentar sem que nunca tenha havido uma troca de palavras, o rosto passa a ser familiar, com a constante ida às festas passa-se a ser reconhecida/o, o mundo do forró pé de estrada tende a proporcionar essa familiaridade entre frequentadoras/es.

---

<sup>26</sup> Olha a barriguinha / Olha a barriguinha / Vamos malhar pra não ficar barrigudinha / Olha a barriguinha / Olha a barriguinha / Vamos malhar pra não ficar barrigudinha / Agora vai, vai! / Joga a mão pra cima e grita vai, vai! / Todo mundo tá querendo mais! Vai! / Quero ouvir bem alto essa galera / Bate palma e dá grito! / Que emoção! Que emoção! / Contempla essa multidão / Galera esperta! / É gente boa, meu irmão! / Ninguém fica parado / Todo mundo tá ligado / Vamos nessa! / Esse é o som da malhação! / Para, para, para, para / Para, para, para, parará (DORGIVAL DANTAS, 2007).

<sup>27</sup> Você não vale nada, / Mas eu gosto de você! / Você não vale nada, / Mas eu gosto de você! / Tudo que eu queria / era saber Porquê? / Tudo que eu queria / era saber Porquê? / Você brincou comigo, / bagunçou a minha vida / E esse meu sofrimento / não tem explicação. / Já fiz de quase tudo tentando te esquecer / Vendo a hora morrer / não posso me acabar na mão / Seu sangue é de barata, / a Boca é de vampiro / Um dia eu lhe tiro de vez meu coração / Ai já não lhe quero / Amor não dê ouvidos / Por favor me perdoa / Tô morrendo de paixão / Eu quero ver você sofrer / Só pra deixar de ser ruim / Eu vou fazer você chorar, se humilhar / Ficar correndo atrás de mim / Você não vale nada, / Mas eu gosto de você! / Você não vale nada, / Mas eu gosto de você! / Tudo que eu queria / era saber Porquê? / Tudo que eu queria / era saber Porquê? (DORGIVAL DANTAS, 2009).

Familiaridade esta que contribui com a ideia de grupo, de ser forrozeira/o, de encontros possíveis, de paqueras para além de uma noite. Ser familiar possibilita a consolidação do estilo, dos ritos presentes na festa, da preparação, da chegada, da permanência e da partida.

## **2.2 O circuito do Forró Pé de Estrada**

Pensar o circuito do forró pé de estrada requer a compreensão do calendário de festas da cidade direcionado para o estilo, por opção metodológica fiz a escolha por quatro casas de show, já descritas anteriormente. Contudo, convém destacar que o roteiro de festas de quinta-feira a domingo condiz com as festas das casas de show selecionadas para a pesquisa, se considerar as festas de forró pé de estrada da cidade, seria possível encontrar semanas em que as atividades ocorram de segunda a segunda, ou seja, festa a semana inteira. Razão pela qual Fortaleza é reconhecida como uma cidade festeira. Além das casas de show, existem churrascarias que realizam festas de vários estilos, inclusive forró e que ampliam a opção de diversão, ainda proporcionam outros atrativos que incluem parques infantis, mini-zoológico, entre outras opções<sup>28</sup>.

### **2.2.1 Quinta me dano no Danadim**

“A quinta-feira no Danadim é sagrada” afirma uma de minhas interlocutoras assíduas nas festas da casa de show. Relato que em algumas festas que fui não encontrei um público extenso, em parte por ser um dia de semana e o forró se estender até a alta madrugada ou pelas atrações artísticas não conseguirem atrair um grande público. Contudo, o público que lá se encontra pode ser considerado forrozeiro, a dança, a bebida, a paquera, os “ficas” ocorrem como em todas as festas de forró, ainda que de forma mais tímida ou reduzida.

A casa de show tem uma boa estrutura, mas, não comporta um público muito grande, sua área de 1,300 m<sup>2</sup> atende a média de 2,800 pessoas, com seu estilo rústico chique o

---

<sup>28</sup> Ver Siqueira (2008).

The screenshot shows a Facebook profile for 'Danadim' located in Fortaleza, Brazil. The profile includes a map showing the location at Av. Godofredo Maciel, 1179. Contact information includes a phone number (085 3364-8091), email (danadim@danadim.com.br), and website (http://www.danadim.com.br). The page also features a 'Sobre' section with a description of the venue and a 'Histórico por ano' section listing various events and posts from 2012.

o estratégia adotada pela maioria a estrutura de camarote para cerca *Important Person – VIP*, pode ser

Fonte: Fanpage da Casa de shows Danadim

A casa fica situada na Avenida Godofredo Maciel, bairro Maraponga – que apesar de ter um perfil classe média emergente situa-se na região periférica de Fortaleza, quase em frente ao Pinheiro Supermercados. Durante o dia a avenida apresenta o movimento típico das avenidas das grandes cidades, elevado fluxo de veículos, lojas, farmácias, loterias, locadoras de filmes, concessionárias de carros, ônibus, transeuntes, restaurantes, churrascarias, supermercados, postos de gasolina, sorveterias, nada parece diferente de outras localidades, a sensação é que quem por ali transita não observa a existência de uma possibilidade de diversão que durante o dia adormece, permanece invisível, trabalho ou coisas a resolver é o que motiva as/os transeuntes da Godofredo Maciel.

Contudo, é nas quintas-feiras a noite que o cenário modifica-se. Ainda no período da tarde é possível perceber que algo diferente acontece naqueles dias. Os veículos que circulam pela faixa da direita sentido Detran – Parangaba, precisam desviar dos ônibus das bandas que já estão no local para a passagem do som, seus adesivos e chamadas já anunciam que a noite é de festa.

Já no fim da tarde, os/as barraqueiros/as chegam ao local para demarcar seu espaço na via pública, é preciso estar bem localizado para garantir a venda da noite. Os estabelecimentos comerciais do entorno da casa de shows também são beneficiados, seu público consumidor aumenta, afinal é noite de festa. Em especial, três estabelecimentos da circunvizinhança são beneficiados: A Curva da Maminha, Pizzaria e Restaurante *Friends* e o Bar da Mangueira – estabelecimento mais popular que fica do outro lado da avenida em frente ao Danadim. É nas calçadas próximas ao Bar da Mangueira que se instalam os carros de lanche e as barracas de bebidas, uma concorrência pacífica, sem grandes problemas.

A noite chega e as/os trabalhadoras/es da redondeza aproveitam as opções de diversão e fazem seu *happy hour* de fim do dia. Algumas funcionárias do supermercado nas quintas-feiras já nem saem do emprego com suas fardas tradicionais, é dia de festa e o clima geral muda, eis que se apresenta o universo de possibilidades que a festa proporciona.

O forró no Danadim tem início às 22h, mas, por volta das 19h os “flanelinhas”<sup>29</sup> já se encontram na via, para também demarcar seu espaço de trabalho – “faturar algum”, pois os estabelecimentos circunvizinhos já estão com suas atividades a todo vapor. Contudo, a partir das 21h o preço do estacionamento na via pública é tabelado, R\$ 10,00 reais é o valor cobrado antecipado para garantir a segurança do veículo estacionado. “Olha senhora comigo é R\$ 10,00 reais, lá no Danadim é R\$ 15,00 reais e aqui eu garanto”, me diz um “flanelinha” quando acredito ter achado uma vaga privilegiada fora do estacionamento da Casa de Shows. Diante dessa afirmação senti vontade de sorrir, fiquei pensando como cobraria daquele trabalhador informal, – “ilegal” do ponto de vista do espaço público não poder ser taxado, salvo mediante ação municipal, nos casos de zona azul – o ressarcimento do meu bem, em caso de furto ou alguma avaria.

Entretanto, a informação do “flanelinha” era falsa, o estacionamento no Danadim e em um terreno cercado vizinho a casa de shows, destinado nas noites de festa a estacionamento, o preço era único no valor de R\$ 10,00 reais. São estratégias adotadas pelos

---

<sup>29</sup> Como são chamadas as pessoas que ficam nas ruas movimentadas da cidade sob a incumbência de resguardar os veículos estacionados na via pública, a grande maioria é homem, no Danadim nunca presenciei uma flanelinha mulher. Essa divisão sexual do trabalho talvez tenha relação com a característica de oferecer/exercer segurança que a ocupação subentende, as mulheres por não terem, em geral, o atributo da força como expressão do seu gênero, ao contrário são tidas dentro de uma ordem de papéis sexuais e sociais questionáveis teoricamente, como desprovida desse atributo, não exercem essa função.

trabalhadores informais para convencer as/os participantes a estacionarem seus carros na via pública, formas de sobrevivência, pois o pagamento feito ao trabalhador é antecipado e não há devolução em caso de desistência.

Na ida à casa de show Danadim, ao entrar na avenida, ainda no carro já era notório a mudança na movimentação das pessoas nas ruas, além de haver outras opções de festa, mais próximo a Parangaba<sup>30</sup> um espaço que já foi churrascaria e que hoje realiza festas de vários estilos. O clima geral é de diversão, de festa. O caminho que levava ao Danadim era perceptível a presença de pessoas que caminhavam na avenida em direção à festa, algumas mulheres e homens. É peculiar essa situação, mesmo que nas entrevistas a grande maioria das entrevistadas tenha dito que não há um estilo forrozeira foi fácil identificar nos grupos que caminhavam na avenida aquelas/es que se dirigiam para o forró. Um caso a se pensar!

Situações variadas me chamavam atenção, nas idas ao Danadim, uma delas bem mais forte, a mistura entre as classes sociais<sup>31</sup>. Os carros importados ou de luxo, as roupas de grife, os perfumes importados, as marcas utilizadas para afirmar posses se confundiam com as roupas sem marcas de luxo, transportes coletivos, caminhadas pela avenida, perfumes comuns. Somente pela observação é difícil afirmar classe social, algumas/alguns trabalhadoras/es optam por destinar suas economias à compra de roupas de grife, em acessórios de marcas, sem de fato pertencer a uma classe social abastada, do ponto de vista dos recursos e da posição de vida. Mas, os diálogos travados e as entrevistas realizadas com as frequentadoras/es do Danadim, mostraram que a mistura de classes era real.

Ressalto ainda, que foi mais fácil conseguir uma aproximação com as mulheres das camadas populares, estas se apresentaram mais abertas ao diálogo e dispostas a contribuir; com estas não obtive nenhuma resposta negativa. Em relação às mulheres das camadas abastadas a impressão inicial era sempre de desconfiança e as primeiras tentativas foram frustrantes. A situação tornou-se mais fácil quando levei ao forró a declaração de matrícula do mestrado, a fim de comprovar a veracidade da pesquisa e de meu vínculo com a Universidade

---

<sup>30</sup> A Parangaba é bairro antigo de Fortaleza, de características populares,

<sup>31</sup> Essa leitura de classe social parte da definição marxista de classe: “Os indivíduos isolados só formam uma classe na medida em que têm de travar uma luta comum contra outra classe; fora disso, contrapõem-se de novo hostilmente uns com os outros na concorrência. Por outro lado, a classe autonomiza-se, face aos indivíduos, pelo que estes encontram já predestinadas as suas condições de vida, é-lhes dada [*angewisen*] pela classe a sua posição de vida e, com esta, o seu desenvolvimento pessoal; estão subsumidos a ela” (MARX, ENGELS, 2009, p. 43).

Federal do Ceará.

A abordagem era sempre após alguma troca de contato, é comum no forró lhe pedirem para tirar fotos, essa sempre foi uma deixa para que eu me aproximasse. Outro momento de aproximação se dava no balcão de compra de bebidas, uma troca de palavras sobre a festa costumava abrir espaço para o diálogo. A forma de descrever o objeto da pesquisa conta muito nessas horas, sempre com o cuidado de não parecer que a pesquisa tinha alguma posição contrária ao forró ou mesmo uma visão das mulheres forrozeiras como alienadas, vulgares, enfim.

Esse receio se dá pela seguinte relação, ao tempo que o forró pé de estrada possui uma expressividade no tocante a alternativa musical dançante de diversão em Fortaleza, este também é alvo de muitas críticas, inclusive nos meios de comunicação escrito e falado, o que faz com que as/os forrozeiras/os tenham certa resistência a qualquer fala que venha pôr em questão as críticas proferidas na sociedade.

O receio também se manifesta, em relação às mulheres de “posses”. O sentimento presente nas classes dominantes acerca da violência é de pavor, marcar um encontro fora do forró, seja em lugar público ou privado, soa para elas como um risco de golpe, talvez a desconfiança tenha base no aumento dos casos de violência urbana nas áreas nobres de Fortaleza, fato que resultou no movimento Fortaleza Apavorada<sup>32</sup>. Essa violência durante muitos anos se restringia as áreas periféricas da cidade, sendo os casos registrados em áreas nobres bem menores e quando ocorriam possuíam um requinte de organização que dificultava as ações diárias. Atualmente furtos, roubos, latrocínios tem ocorrido frequentemente nas áreas nobres, o que gerou o clima de pavor dessa classe. Entretanto essa discussão da violência urbana não é objeto de estudo dessa pesquisa, sendo essas observações de base pessoal acerca das percepções de contato no campo. Ainda ressalto que uma análise do movimento Fortaleza Apavorada careceria de outras reflexões, principalmente no tocante às motivações políticas que também não cabem aqui desenvolver.

Toda essa conjuntura me levou a criar estratégias para estabelecer contato com ambas às classes presentes na casa de shows. Conhecer a percepção das interlocutoras sob o

---

<sup>32</sup> Movimento criado pelas classes médias e altas a partir do aumento da violência urbana em áreas nobres de Fortaleza.



olhar de pertencimento as suas classes permitiu ver que a disputa entre classes sociais se dá também nas relações microestruturais, por mais que gestadas pela macroestrutura na divisão classista e desigual de uma sociedade capitalista, o ambiente das relações cotidianas apresenta os conflitos na ordem do sujeito acerca da posição de classe.

Assim, essa compreensão de classe social também nos mostra que nas relações cotidianas os indivíduos tendem a concorrer entre si, mas, tendem a disputar entre classes quando se trata “pela classe sua posição de vida” (MARX, ENGELS, 2009, p. 43). Ainda que no Danadim a mistura entre as classes seja maior, pude perceber essa relação nas outras casas de shows pesquisadas, ora em maior ou menor escala, mas, presentes. Discutirei essa questão ao tratar das entrevistas realizadas.

Outro elemento significativo em relação às idas ao Danadim, principalmente nos dias de menor público, é que a festa se concentra na pista de dança, inclusive os “esquemas” tendem a ser mais discretos, seja pelas opções que se tornam menor ou mesmo pelos espaços vazios que diminuem o contato físico e expõem mais os possíveis foras. O público masculino fica mais tímido, “chegar junto”<sup>33</sup> depende de um momento de paquera, troca de olhares e uma aproximação gradativa. O que difere muito nos dias de “casa cheia”, quando esbarrões se tornam porta de entrada para uma investida, o famoso “queixar”<sup>34</sup> do cearense.



afetivas de conotação sexual.

termo alude a parte  
estabelecer relações

Festa na casa de show Danadim em 06.04.2013, festa com pequeno público.  
Fonte: arquivo pessoal.

Apesar do maior contingente de público tornar a festa mais atrativa, as entrevistadas não consideram que um público menor seja sinônimo de festa ruim. Tudo depende de uma junção de fatores, as bandas, as companhias, os “esquemas”, a ausência de conflitos, o sucesso da festa é muito subjetivo e diretamente ligado ao que se viveu.

Uma das festas que fui não tinha grandes bandas e o clima da festa em minha opinião e em comparação com outras, me pareceu bem fraco. No entanto, uma interlocutora que encontrei somente na hora da saída estava deveras feliz e dizia para mim que tinha sido a melhor festa da vida dela. Estranhei a afirmação e disse que tinha achada a festa fraca. Ela de pronto respondeu: “foi maravilhosa, dancei muito e fiquei com um gatinho que paquerava há meses e nunca tinha me dado bola, acho que hoje eu estava doce” a frase dita com euforia e um semblante de felicidade me fez crer que festa boa é um conceito muito subjetivo daquela/e que a vivência.

“Quinta-feira Me Dano no Danadim” fez parte da minha realidade durante a pesquisa. Nem sempre chegava cedo, algumas vezes queria ter olhar de quem chega no auge da festa, saía de casa por volta de meia-noite e já encontrava a festa encaminhada, a maioria das/os presentes já tinha bebido o suficiente para perder a inibição inicial, algumas mulheres já haviam descido do salto literalmente e dançavam livres pelo salão. É um clima diferente, quando não se percebe a festa animar-se gradativamente, como pesquisadora via que essa situação me deixava mais atenta aos comportamentos, o estranhamento era comum. Não sabia, por exemplo, se a mulher que estava em cima da mesa havia chegado ao forró naquele clima ou se a conjuntura da festa a tinha levado a fazer a dança num lugar de destaque.

A chegada à festa é um fato interessante, marcou-me um dia a entrada triunfal de duas travestis, por sinal bastante bonitas, altas, corpos esculturais, cabelos lisos aparentemente pintados, uma ruiva a outra branca de cabelos negros. A entrada na festa foi marcante, pois, lembravam muito os movimentos do balé clássico, muito plástico e chamou atenção de todas

as pessoas próximas. Reconheci, pois, tenho amigos próximos que são bailarinos profissionais, além de já ter visto apresentações, nos momentos íntimos de diversão sempre surgiam às demonstrações de movimentos do balé, inclusive fotos tiradas repetidamente para que eles observassem a desenvoltura da posição.

Não tive a oportunidade de conversar com as travestis, pois, ambas estavam bem animadas no processo da dança e percebi que qualquer intervenção seria inconveniente para a ocasião, bastou o registro da cena e a atenção que as mesmas despertaram durante a festa. Um fato curioso, e que me preocupou a ponto de observá-las por um longo período, é que acreditava ser o forró pé de estrada e, até mesmo o forró pé de serra, suas festas, como espaços não muito abertos às expressões da sexualidade, pelo apelo ao “pegador”, “raparigueiro”, que gosta de “rapariga” e todas essas máximas utilizadas nas letras de forró e nos discursos masculinos.

Entretanto, para minha surpresa, ambas foram bem recebidas, tiradas para dançar e não foram, até o momento em que permaneci a observá-las, vítimas de “chacota” ou qualquer atitude vexatória. Não afirmo com isso que o forró esteja livre da homofobia, lesbofobia, transfobia, não generalizaria a esse ponto, mas, naquela festa, sob aquela situação isso não ocorreu. Entretanto, uma questão me ocorreu, a atitude emponderada das travestis inibe de alguma forma ações homofóbicas? O lugar público poderia ser um dos motivos delas terem sido respeitadas? As perguntas ficaram no ar.

O debate sobre a sexualidade no tocante às relações homoeróticas, homoafetivas não é objeto nesse estudo, mas, ressalto que relatos de colegas homossexuais que frequentam as festas de forró, destacam que nesse universo tem sido favorecedor de vivências homossexuais e, em especial, no caso masculino os banheiros tem figurado como espaços de “pegações”.

Os espaços da casa de show, principalmente quando o público não é grande, não permite que casais fiquem mais reservados ou não estejam visíveis às/aos demais participantes, a própria estrutura não permite que as relações vivenciadas avancem, ainda no interior da festa, para além de beijos e abraços. O estacionamento da casa de show, também é bastante exposto além de pequeno e repleto de seguranças o que também inibe os namoros e práticas sexuais no interior dos veículos ou no próprio estacionamento.

O local que ainda serve de refúgio aos casais que se formam é o estacionamento vizinho, neste pude observar que bem antes do término da festa há casais que namoram, sejam encostados nos veículos estacionados ou no interior dos carros. O sexo faz parte do ambiente do forró, relações que se constroem na noite de festa ou mesmo casais de namorados que aproveitam a festa para a prática. Todas as interlocutoras da pesquisa frequentadoras da casa de show relataram que pelo menos uma vez já ocorreu de um “fica” de festa resultar em sexo ainda no local da festa, o uso do preservativo foi colocado como imprescindível por todas, tendo como maior receio a gravidez indesejada. O medo de doenças sexualmente transmissíveis não foi relatado, todas ainda acreditam na existência de grupos de risco, aos quais consideram não fazerem parte.

Este debate é significativo no tocante aos riscos que se expõe durante as relações sexuais, pois apesar de não ter sido relatado por nenhuma interlocutora o uso de anticoncepcionais, diante de tal crença em grupos de risco o uso de preservativos pode ser descartado, o que imprime a essas mulheres uma grande exposição às DST's e ao HIV.

O sexo é um momento de prazer e deve ser vivenciado de forma livre, sem necessariamente a constituição de relações fixas, entretanto, a prevenção às doenças e à gravidez indesejada deveria ser uma preocupação das/os participantes. O uso abusivo do álcool nessas condições também pode representar um fator de risco, haja vista o calor do momento e o teor alcoólico possibilitar um relaxamento aos cuidados que devem ser tomados durante o sexo. Esta configuração das negociações de gênero é preocupante, principalmente pela difusão ainda em meados do século XXI de informações incorretas acerca das DST's e do HIV.

Ainda sobre a casa de show, resalto que poucos conflitos foram presenciados durante as idas a campo. O forró na maioria das vezes é um evento tranquilo e com poucos relatos de brigas, talvez o estilo musical de alguma forma contribua para isso. Apenas dois casos foram presenciados, um que envolvia duas mulheres e outro entre grupos de homens.

As brigas na maioria dos casos envolvem ciúmes, no caso feminino é comum que não se tornem conflitos com grande número de envolvidas/os, no geral apenas as mulheres protagonistas da discussão se envolvem, a participação de outras pessoas é para separar e não para participar. Já nas brigas masculinas é comum que outros homens se envolvam, amigos de

ambas as partes o que gera um conflito ainda maior. Nesses casos os seguranças interveem rapidamente e colocam os causadores e envolvidos para fora da festa. Em vários anos em que frequente as festas de forró pouquíssimas brigas foram presenciadas e nenhuma com consequências graves.

Contudo, merece destaque que atos violentos contra mulheres são comuns e, pior, são encarados como ônus da festa para as mulheres e bônus para os homens que os praticam. Falo das mãos que tocam os corpos femininos sem permissão, dos beijos forçados, dos agarrões e puxões de cabelo que incomodam a maioria das forrozeiras e para os homens são tidos como práticas habituais. Essa questão será aprofundada no decorrer do trabalho.

### 2.2.2 Sexta é dia de Kangalha

A casa de shows Kangalha fica situada na Avenida Washington Soares, bairro Cambé, área nobre da cidade, ainda que possua em suas imediações comunidades carentes de saneamento, habitações dignas, marcadas pelo tráfico e a violência; o bairro é marcado pelas casas e condomínios de luxo, bem como, a maioria dos espaços de diversão situados na avenida é acessível para pessoas de maior poder aquisitivo. Inaugurada em 2006, Kangalha foi responsável por animar as sextas-feiras de Fortaleza até junho de 2012, período em que a Casa fechou para reforma e não mais reabriu. A estrutura inicial aderiu a um estilo rústico-chique, a decoração remetia ao sertão nordestino, revestimento feito de barro, madeira,



A casa de show Kangalha foi projetada para resgatar algumas características dos sertões nordestinos de uma forma moderna e agradável.

Toda a decoração interna e externa da casa é rústica, onde o que predomina é a palha, a madeira e o barro.

O intuito maior desse estilo decorativo é poder regionalizar a história do povo nordestino na capital cearense.

O destaque começa logo do lado de fora da casa, onde os muros são revestidos por "piquetes de madeira" e "rebocos de barro", como as casas de taipa do sertão.

No interior da casa podemos dá destaque aos bares que são feitos em forma de palhoças, os cestos de lixo que são feitos de cipós e aos banheiros que possuem chão de cimento batido, paredes de barro e portas de madeiras, dando a característica da simplicidade sertaneja.

Além do show de criatividade decorativa, uma das grandes preocupações que o Kangalha possui é com a qualidade musical em todas as festas e com os serviços oferecidos no local.

A casa tem uma capacidade para cinco mil pessoas e possui um estacionamento próprio.

A localização privilegiada faz com que o Kangalha ocupe o metro quadrado mais bonito da capital, por isso os Fortalezenses já adotaram a casa de show Kangalha como o point das sextas-feiras, fazendo assim fluir mercedosamente patrocínios relacionados à sua marca, formadores de opinião e um público economicamente ativo e de faixa etária entre 18 e 50 anos.

Site Oficial  
[www.forrnokangalha.com.br](http://www.forrnokangalha.com.br)



troncos de carnaúba e cactos. Comportava oficialmente cinco mil pessoas. Apesar de em algumas festas ter tido a sensação de uma quantidade bem superior de pessoas.

Informações sobre o conceito de criação da Casa de Show Kangalha  
Fonte: <http://www.a3entretenimento.com.br/casting/2010/04/kangalha.html>

O público que frequentava as festas do Kangalha, como o próprio site adverte, é economicamente ativo e voltado para a faixa etária entre 18 e 50 anos, contudo adolescentes também, costumavam frequentar o local. No geral, as festas realizadas no local tinham público garantido, mesmo sem grandes atrações as sextas no Kangalha lotavam. Um diferencial da casa de shows apresentada anteriormente. A lotação pode ser atribuída ao dia da semana em que se realizavam as festas, a sexta-feira à noite em Fortaleza já figura como final de semana e pode contribuir para o grande público nas festas realizadas.

Mesmo com as festas realizadas no Kangalha obtendo um grande público frequente e o estilo da casa shows ser, no geral, bastante elogiado, a A3 Entretenimento proprietária do estabelecimento, optou por reformá-la, mudar o estilo, ampliar a estrutura e reinaugurar o espaço como Kangalha Conceito. A *Fanpage* Kangalha divulgou a maquete do espaço, a planta baixa do local e gerou muitas expectativas acerca da reinauguração. Contudo, desde novembro de 2012 a *Fanpage* concentrou suas postagens em outras casas de shows, principalmente, Fahir:



Fanpage Kangalha, divulgação Fahir  
 Fonte: Fanpage Kangalha

Fahir Music Pub, casa de show, bar e restaurante fica localizado na Rua Marcos Macedo, bairro Aldeota. O estilo musical e festivo da casa show é bem diferente do forró pé de estrada, voltado para músicas eletrônicas, DJ's e shows de rock. As razões para a não reabertura da casa de shows Kangalha ainda não foram divulgadas, mesmo diante das insistentes mensagens na *Fanpage* Kangalha que questionam a ausência de informações acerca da reabertura da casa de show em Fortaleza. A marca Kangalha tem sido utilizada pela A3 Entretenimento e parceiros para inaugurações de casas de shows em Russas/Ce e no estado do Rio Grande do Norte. A marca também tem realizado festas em Limoeiro do Norte/Ce, além de estar vinculada aos paredões de som.

Apesar das atividades da casa de shows em Fortaleza terem sido paradas em 2012, permaneci com a escolha por dois motivos, o primeiro: a casa fechou com a proposta de reabertura ainda em 2012, enquanto as reformas aconteciam foram realizadas as festas Kangalhar no Sítio e Farrinha no Sítio, ambas voltadas para atender o público kangalheiro, esses eventos foram realizados na casa de show Forró no Sítio. Apesar de ser outra a localização das festas o estilo Kangalha tentava ser mantido. O segundo motivo se deu pela

realização de idas a campo já realizadas e por considerar significativo para a pesquisa o processo de recesso das atividades.

A primeira ida para pesquisa de campo ao Kangalha se deu em 2006, período em que realizava a pesquisa para o TCC, inauguração da casa de show. O Kangalha surpreendeu pela decoração, rústico-chique, uma área ampla com estacionamento próprio e de fácil acesso. Lembro-me dos tempos da adolescência que os clubes com as melhores festas ficavam fora de Fortaleza, precisamente na região metropolitana – Três Amores, Parque do Vaqueiro, Clube do Vaqueiro ou mesmo na cidade, contudo afastados das áreas nobres e do centro urbano como Recreio Clube de Campo, no bairro Lagoa Redonda. Havia outros clubes e casas de shows, mas os citados acima figuravam como os mais badalados da minha época.

A partir de janeiro de 2012, mesmo antes do início das aulas do mestrado, retornei a campo, para me familiarizar com as novas dinâmicas do forró, a linguagem, assim como, o estilo das roupas seguem as tendências da moda e da mídia. A atmosfera de festa não era diferente, desde o meu preparativo, salão, chapinha, maquiagem, roupa especialmente para o forró, salto alto e tudo que uma festa de forró merece.

O caminho até o Kangalha é curto, conhecer os atalhos da cidade facilita o percurso, a entrada na Avenida Washington Soares já dava o clima de festa, o maior fluxo de carros, os sons da festa pelos automóveis que circulavam rumo à diversão. A preparação para a festa também ocorre do lado de fora da casa de show, os carros de lanche, barracas de coquetéis e os veículos que no estacionamento colocam os paredões para tocar já ditam o ritmo do forró que se anuncia *coolers* de bebidas, *whiskies* sobre os carros e as latas de energéticos compõem a pré-festa. As paqueras também se iniciam ali, rodas de mulheres e homens podem ser vistas e se destacam, além das rodas mistas.

Os homens com seus sons potentes disputam o espaço e tentam atrair a atenção para si, dançam soltos, jogam charme. As mulheres transitam entre os carros, os encontros e as paqueras já começam acontecer. Cada ida mostra uma novidade, contudo os ritos parecem se repetir: chegar, observar, beber, cumprimentar amigos/as e conhecidos/as, encontrar, dançar, paquerar, ficar é quase uma regra seguida a cada festa.

Já comentei que mesmo fora da academia buscava ir ao forró, mesmo que esporadicamente, nunca me afastei completamente do campo. O primeiro retorno buscava



observar quais eram os diálogos, os principais termos utilizados pelas/os forrozeiras/os; as músicas e as novelas ditam muito das palavras usadas. Contudo, a “rapariga” não havia perdido seu posto de mais usual para se referir às mulheres, além de “mercadoria sem nota<sup>35</sup>”, “dismatelado/a<sup>36</sup>”, comum para os dois gêneros.

As festas no Kangalha, especialmente por causa do grande público presente, costumavam ser mais cansativas, pois, precisava andar muito entre as pessoas para perceber como se davam as relações. Escolher um local para ficar durante toda a festa limitava a observação. O grupo de jovens que me acompanhou, ou seria que eu acompanhei em muitas idas a campo, facilitava esse *tour* constante no forró. Dificilmente a estada em uma festa se limita a um único local, as possibilidades são construídas a partir do momento em que se desbrava o maior espaço possível da festa.

A partir dessa experiência percebi como os “esbarrões” ou mesmo a passagem entre as pessoas possibilitavam as “cantadas” e os “ficas”. Nesse ponto o forró no Kangalha ‘faz bem para a autoestima’, segundo as interlocutoras, não dá para ir ao forró e sair sem ganhar nenhuma “cantada” ou tentativa de “fica”. Sempre têm alguns homens que ao te ver passar tentam alguma coisa. Os inconvenientes também ocorrem, mãos “bobas” e a famosa e incômoda “dedada”<sup>37</sup>. Todas as interlocutoras relatam que tais posturas masculinas são extremamente irritantes e com todas que conversei a resposta foi à mesma, uma das atitudes mais chatas do forró. Quem sabe a intenção do homem que pratica tal ato seja não agradar a mulher e sim satisfazer um desejo pessoal, mesmo contra a vontade da mulher. Uma forma de violência contra a mulher tratada de forma naturalizada no âmbito das festas, apesar de causar irritação e reclamações do público feminino, homens aproveitam-se da lotação das festas para praticar tal ato.

Esta dimensão relaciona-se com a autonomia da mulher sobre o seu corpo e o direito que lhe é inato de não tê-lo tocado sem sua permissão. Apesar do entendimento que tais práticas são irritantes, as forrozeiras não concebem tal ato como violento e sim

---

<sup>35</sup> A expressão “mercadoria sem nota” é usada para definir pessoas “sabidas” mas que não conseguem enganar ninguém. O típico “mala”, entretanto, não representa um xingamento é muito utilizado com teor de brincadeira. O termo “mercadoria” também é usado sozinho. Os programas de rádio específicos de forró como, “Rasga Baleia”, “Mução” criavam muitas das gírias do forró, acompanhados das composições e dos artistas de sucesso.

<sup>36</sup> “Hoje eu tô dismatelado”, hoje vou me divertir sem limite, cair na “bagaceira”, farra desmedida.

<sup>37</sup> “Dedada” ato de direcionar com força o dedo médio na região glútea de alguém.

inconveniente, esta prática representa uma das violências mais comum praticadas contra as mulheres. No geral tais homens praticam esses atos em espaços e momentos em que é muito difícil identificar o agressor, normalmente há muitos homens junto a ele e fica difícil saber quem é o autor.

Durante uma festa no Kangalha, em que fui “sorteada” por um “engraçadinho” que dificilmente se descobre quem é, indaguei às meninas o que irritava mais a elas, a “dedada” ou o “puxão” de cabelo seguido de um beijo forçado. Todas foram unânimes: “a dedada é muito pior”. Destaco que no Kangalha tais atitudes eram bem mais frequentes que no Danadim, talvez pelas festas lotadas que dificultam a identificação do autor.

Fora essas investidas ‘desagradáveis’, para mim violentas, o restante das tentativas são cheirar o cabelo, chamar para dançar e, se aceito o convite, durante a dança tentar o beijo, mas, o mais comum são os olhares “pidões”<sup>38</sup>. Passar entre os homens no forró na maioria das vezes resulta em toque na mão e um olhar “pidão” de quem quer algo mais. Em razão da relação séria há onze anos não tive nenhuma experiência de relação afetiva/sexual durante o campo. Contudo, já conhecia o funcionamento, pois, durante os períodos de solteira vivenciei várias relações casuais em festas. De certo modo mudaram alguns aspectos, de como as coisas aconteciam na minha época, mas a gênese é a mesma, “cantada”, “dança” seguida ou não de um beijo, “fica”.

Apesar das similitudes, o que eu buscava era o “novo” ou o “reconfigurado”, mesmo as semelhanças não sendo descartadas, queria saber o que o forró pé de estrada trazia de diferente hoje, assim como as peculiaridades do Kangalha, do Danadim, do Forró no Sítio e da Boate Leblon. Pode até parecer aos olhos desatentos que todo o forró é igual.

As festas no Kangalha por esses aspectos me trouxeram dimensões diferenciadas das experiências no Danadim, não tive que recusar tantas investidas, aliás, foram poucos os momentos que surgiram alguma situação do tipo no Danadim. Já nas festas no Kangalha, a cada dia de campo, situações distintas me deixavam cada vez mais atenta ao campo. Para andar em grupo nas festas de forró é preciso andar em fila e para escapar das inconvenientes “dedadas” sempre andava no meio da fila, mas as “cantadas” era quase impossível de evitar, minhas reações eram sempre de negação ou mesmo de ignorá-las. Nem sempre adiantava,

---

<sup>38</sup> “Pidão” aquele que pede muito. “Olhar pidão” olhar que pede algo com muito desejo.

parece que o “fora”, a rejeição para alguns homens soa como um desafio a ser vencido.

Todas as interlocutoras relataram casos que já vivenciaram de homens que não se contentavam com o não. Insistiam na tentativa, mesmo que frustrada. E geral, a maioria não age assim, tentam uma vez, no máximo duas e caso não logrem êxito partem para outra. A mulher também tem sua forma de investir ou de buscar o “fica”, apesar das posturas mais incisivas tenderem a inibir parte dos homens que frequentam as festas de forró. A festa é um grande misto de práticas libertárias e conservadoras no tocante à mulher, se é libertária<sup>39</sup> a vivência sexual, é conservadora a iniciativa ser hegemonicamente masculina.

Ainda em relação às investidas, destaco que alguns forrozeiros são mais inconvenientes, tentam o beijo a qualquer custo, muitas mãos, o toque é excessivo; aceitar uma dança com um rapaz assim é sinônimo de chateação. “Katia Cilene” vivenciou tal problema em outra festa no Kangalha. Aceitou uma dança com um rapaz este se tornou um problema, pois a incomodou durante a festa quase toda, intimidando até as paqueras da moça, por pouco não criou uma confusão. As tentativas de mediar à situação para que percebesse o quão inconveniente ele estava sendo, não funcionou, disse que só sairia depois de ganhar um beijo.

Foi preciso que ela o ignorasse por muito tempo até que ele desistisse, porém insatisfeito com a rejeição chamou as seis de “sapatão”. O machismo do rapaz não permitia que uma mulher não quisesse estabelecer uma relação com ele; rejeitá-lo era sinônimo de não gostar de homens ou de ter uma orientação sexual diferente, razão pela qual ele se sentia no direito de “xingar”<sup>40</sup>. O forró é um espaço em que me deparei com várias situações e na minha concepção algumas são reflexos da violência contra a mulher, razão pela qual compreendo que a violência não se apresenta somente no teor das letras, mas em algumas posturas.

As meninas ainda não tinham sido entrevistadas, contudo a partir daquela situação e por ser esse o grupo que eu acompanhava mais de perto, resolvi que ao final da pesquisa de campo marcaria um novo diálogo, para conversar sobre essas situações. No entanto, minha

---

<sup>39</sup> Neste aspecto é preciso considerar a prática sexual como ruptura da ideia de castidade feminina até o casamento, se no desenrolar dessa prática se apresentam conservadorismo e reforços do machismo é outra dimensão a ser trabalhada.

<sup>40</sup> Para “Katia Cilene”, “Simone”, “Solange Almeida” e para ele foi um xingamento.

proposta não era de entrevista individual, mas em grupo, para perceber como elas observam as situações mais complexas que selecionei no campo. A conversa com o grupo foi realizada em julho de 2013 e repetida em dezembro de 2013, falarei um pouco dessa experiência nos próximos capítulos.

O KangaLha apesar de pouco tempo de funcionamento durante o período da pesquisa foi uma experiência interessante. Por estar situado em Fortaleza e pela realização da festa ser às sextas-feiras, o grande público demonstrou que o desenrolar das relações no forró dependem, também, da quantidade de pessoas presentes, como já ressaltai anteriormente.

Após o início da reforma as festas direcionadas para o público kangalheiro, forrozeiras/os assíduas/os da casa de shows KangaLha, passaram a ocorrer no Forró no Sítio, denominadas “kangalhar no sítio” ou “farrinha no sítio”. Os eventos que fui também eram lotados, porém pela atmosfera diferenciada do Forró no Sítio, localização, estrutura, decoração, não conseguia considerar que as festas realmente reproduzissem as sextas no KangaLha.

O próprio público kangalheiro que participava, curti a festa, mas não deixava de expressar a saudade do forró na casa de show original, tanto durante a festa, quanto nos diálogos via internet, nas *fanpages* via mensagens e comentários nas postagens. Os seis meses de campo no KangaLha também proporcionaram histórias para contar, e uma conjuntura bem diferente do Danadim, alguns relatos aqui iniciais ilustram as peculiaridades do forró no KangaLha. Merece destaque ainda a característica econômica do público, a mistura de classe também se apresenta, contudo, a maior participação é entre a classe média baixa e as classes altas. Além da observação do público da festa – essa percepção tem origem no longo período de atuação profissional como assistente social na política de assistência social em Fortaleza, pois atuei em 26 bairros periféricos da cidade, na maior parte do tempo com jovens e mulheres – a casa de show é pouco conhecida entre as camadas populares, mesmo os jovens e as mulheres que gostam de forró não citam suas festas como alternativa de diversão, o que não representa que não haja integrantes das camadas populares nessas festas, porém sua

incidência



é bem menor.

Divulgação da festa Kangalhar no Furró no Sítio  
 Fonte: Fanpage Kangalha

Divulgação da festa no Kangalhar no Sítio  
 Fonte: Fanpage Kangalha



Divulgação da festa Farrinha no Sítio  
 Fonte: Fanpage Kangalha

Kangalha se tornou além de uma casa de show uma marca, a fama adquirida com o sucesso da casa de shows em Fortaleza, levou a empresa a se tornar uma marca ligada a A3 Entretenimento, a relação não é clara, mas, nos eventos realizados, ambas atuam como realizadoras, além de outros parceiros. O circuito do furró na cidade tende a apresentar essas mudanças, como o ocorrido com o Galpão G4, destinado a festas de caráter popular, que atualmente seu espaço é utilizado pela Igreja Evangélica Logos. Diante de informações coletadas junto à empresa A3, o espaço foi alugado para a Igreja, por uma decisão da empresa em não realizar festas com essas características populares.

O contato com as empresas não é fácil, há no geral muita resistência por parte dessas empresas a ceder entrevistas ou informações. Quando conseguimos acessar alguns dados é por meio das informações públicas, já no contato com pessoas ligadas às empresas as respostas são vagas e superficiais. O mundo do furró pé de estrada possui um funcionamento próprio e pouco acessível. O mesmo ocorre com as casas de shows, busquei contato com os

responsáveis pelo Kangalha via A3 Entretenimento e por meio de conhecidos na empresa, mas, não foi possível. Os profissionais do baixo escalão acabam se tornando uma via de informações, apesar destas, soarem como boato.

Em uma das festas do Kangalha no Forró no Sítio busquei o diálogo com a equipe de segurança, esses profissionais tendem a se revezar nas festas de forró, muitos prestam serviços em várias casas de shows. Uma das informações que tive é que o Kangalha não mais abriria, a A3 tinha dado um “passo maior que a perna”, poderia ter pensado uma reforma menor e garantido o funcionamento da casa. Entretanto a informação oficial é que a partir da nova configuração da empresa A3 Entretenimento, a antiga casa de shows Kangalha dará lugar a Musique, que realizará shows de estilos variados e não estará restrita ao forró pé de estrada e já se trata de uma iniciativa da A3 e da 7 Tons Eventos.

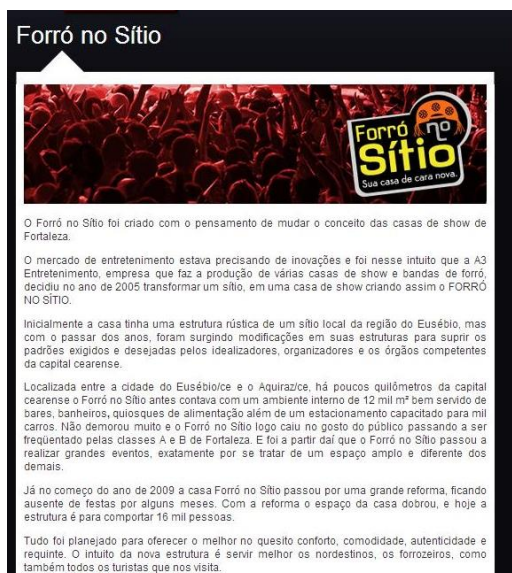
O circuito de festas com a marca em Fortaleza Kangalha já não tem a mesma continuidade, a última realizada foi em abril de 2013. Mesmo o Forró no Sítio não tem tido um calendário de festas ativo. Apenas o Camarote Forró no Sítio tem sido utilizado pela A3 em grandes eventos, a estrutura do Camarote é móvel e foi levada para a Vaquejada de Itapebussu, Fortal e outros eventos. Conhecer o circuito de festas no Forró no Sítio é o próximo tópico que apresento. Sábado Forró é no Sítio.

### **2.2.3 Sábado é dia de Forró no Sítio**

As festas no Forró no Sítio são sempre grandes eventos. A megaestrutura da casa de shows proporciona festas que movimentam uma grande rede de cooperação, independente da A3, proprietária da casa de shows, possuir serviços que facilitam a realização dos eventos de forró: rádios, bandas próprias, parceria com marcas de cerveja que arrendam o bar local e realizam atividades que representa uma atração à parte. É preciso para garantir um público significativo um alto investimento na divulgação e propaganda. As *fanpages* possibilitam a comunicação, mas, não é suficiente, programas de TV, principalmente os específicos de forró, jornais escritos, *outdoors*, panfletagens, blitz das festas são realizadas para fazer a promoção dos eventos.

A casa situa-se em Aquiraz/Ce na rua do Mosquito s/n a poucos minutos da Capital, apesar do Forró no Sítio ser localizado em um município da Região Metropolitana de Fortaleza, seu público é hegemonicamente de forrozeiras/os da Capital. Razão pela qual o percurso até a Rua do Mosquito em dias de festa é bastante intenso. A localização da casa de shows não permite que se tenha uma impressão da interação da festa com o contexto da cidade, da rua, com as/os moradoras/es locais, pois, o espaço é isolado. No entanto o caminho até a festa, os carros com seus sons ligados, o trânsito lento na Avenida Washington Soares e na CE 040 demonstram que é dia de festa.

Criada em 2005 com a intenção de “mudar o conceito das casas de shows em Fortaleza<sup>41</sup>”, logo o Forró no Sítio se tornou a opção de festas das classes A e B da Capital.



**Forró no Sítio**

O Forró no Sítio foi criado com o pensamento de mudar o conceito das casas de show de Fortaleza.

O mercado de entretenimento estava precisando de inovações e foi nesse intuito que a A3 Entretenimento, empresa que faz a produção de várias casas de show e bandas de forró, decidiu no ano de 2005 transformar um sítio, em uma casa de show criando assim o FORRÓ NO SÍTIO.

Inicialmente a casa tinha uma estrutura rústica de um sítio local da região do Eusébio, mas com o passar dos anos, foram surgindo modificações em suas estruturas para suprir os padrões exigidos e desejadas pelos idealizadores, organizadores e os órgãos competentes da capital cearense.

Localizada entre a cidade do Eusébio/ce e o Aquiraz/ce, há poucos quilômetros da capital cearense o Forró no Sítio antes contava com um ambiente interno de 12 mil m<sup>2</sup> bem servido de bares, banheiros, quiosques de alimentação além de um estacionamento capacitado para mil carros. Não demorou muito e o Forró no Sítio logo caiu no gosto do público passando a ser frequentado pelas classes A e B de Fortaleza. E foi a partir daí que o Forró no Sítio passou a realizar grandes eventos, exatamente por se tratar de um espaço amplo e diferente dos demais.

Já no começo do ano de 2009 a casa Forró no Sítio passou por uma grande reforma, ficando ausente de festas por alguns meses. Com a reforma o espaço da casa dobrou, e hoje a estrutura é para comportar 16 mil pessoas.

Tudo foi planejado para oferecer o melhor no quesito conforto, comodidade, autenticidade e requinte. O intuito da nova estrutura é servir melhor os nordestinos, os forrozeiros, como também todos os turistas que nos visita.

Descrição oficial da casa de show Forró no Sítio

Fonte: site oficial A3 Entretenimento

Fazer a pesquisa no Forró no Sítio me remeteu às minhas experiências de festa na adolescência, como já comentei, os clubes eram pelo menos a grande maioria, situados na Região Metropolitana de Fortaleza, a sensação de fazer uma viagem até o local da festa, sempre me animava. Quando fui ao forró no sítio pela primeira vez senti como se aquele momento estivesse se repetindo, a sensação de “*dejà vu*” tomou conta de mim. É uma ótima sensação pensar ter retornado à adolescência. Uma das razões que, acredito, motivou meu

<sup>41</sup> Site oficial A3 Entretenimento, <http://www.a3entretenimento.com.br/casting/2010/04/forro-no-sitio.html>, acessado em 13 de maio de 2012.

“*déjà vu*” foi justamente o fato de fazer o percurso à festa junto às minhas companheiras de juventude. Olhei para o lado e as vi mais velhas e percebi de imediato que eu também estava, o retorno à adolescência se foi.

Os motivos que levaram a reviver a festa também eram diferentes, das seis apenas eu não tinha o interesse em me divertir. Engraçado essas mudanças que a vida proporciona, mais interessante ainda é a minha pesquisa permitir que reviva aqueles momentos, mesmo reconfigurados, toda a conjuntura naquele instante me fez feliz. A felicidade que me tomou, também, proporcionou ânimo para realizar meu objetivo. Naquele dia, em especial, o campo foi bem mais animador.

Ainda no carro, ao compartilhar a sensação que tive com as demais, “Solange Almeida” confidenciou que havia sentido o mesmo. O ambiente do carro foi tomado por um saudosismo e para que tudo parecesse ainda mais forte, “Simone” colocou “Noda de Caju” para tocar, banda de muito sucesso na época em que frequentava o forró. Tentei me desvencilhar desse sentimento não ia reviver uma noite de farra com as amigas de outrora, estava ali como pesquisadora.

A música tocava no som do carro e acompanhada da cantoria dos antigos sucessos da banda, resolvi fazer às vezes de pesquisadora, indaguei às interlocutoras se o forró era melhor, na década de 90 que agora, não me referi à música, mas especialmente, à festa. A pergunta foi acompanhada da lamentação do grupo por ter interrompido a cantoria, porém, a resposta foi unânime que não. Questionei o porquê da festa ser melhor hoje. As respostas seguiram o mesmo raciocínio, naquela época não tinham autonomia sobre suas vidas, dependiam dos pais, tanto para ter dinheiro, quanto para ter autorização de ir à festa. Muitas vezes familiares mais velhos tinham que ir para que pudessem sair. A independência econômica, social, cultural hoje é a principal razão para considerar a saída hoje, melhor que ontem.

– “Fugíamos até do juizado de menor, lembra?” falou Taty Girl.

Referindo-se ao fato de todas serem, à época, menores de idade e consumirem bebidas alcoólicas. Essa realidade de venda de bebidas para menores sempre ocorreu, apesar das fiscalizações. O fato central para a festa ser melhor hoje é a independência das interlocutoras, decidem quando, como e onde se divertirem, bem como, podem vivenciar a festa sem ter que



explicar a ninguém suas condutas.

O clima fora da casa de show é similar à casa de shows Kangalha e Danadim, apenas com o diferencial da ausência do ambiente urbano das avenidas de Fortaleza. Repetem-se, os trabalhos informais, os carros de som, as bebidas, a paquera, a dança. Reafirmo que esse movimento figura como um rito introdutório para as festas de forró.

Por essa razão as bandas mais populares, consideradas as maiores atrações da festa costumam tocar a partir da metade da festa. Bandas menores abrem o show e aguardam a entrada daquelas/es que se preparam fora da casa de show para entrar. O início da festa é sempre marcado por um público menor. Apesar da proibição de paredões nas cidades, a chamada lei do silêncio, existe certo ‘incentivo’ a essa prática. Na realidade o mercado do forró possui várias articulações com práticas supostamente ilegais, CD’s piratas, muitos “pirateadores<sup>42</sup>” são citados pelas bandas, são eles, também, os divulgadores do sucesso, gravam os shows vendem os CD’s e alguns DVD’s, os paredões também se encaixam nesse cenário.

Pela ampla estrutura física é difícil conseguir dar conta em uma noite de todo o espaço da festa, é preciso escolher onde ficar, por onde andar. Na última festa de forró realizada no Forró no Sítio em junho de 2013, pude observar um megaevento com um público de 25 mil pessoas participantes. Foram dois dias consecutivos de festa, somado os públicos dos dois dias cerca de 50 mil pessoas lotaram a casa de show. O evento denominado: Maior Forró do Mundo reuniu vários artistas e bandas de forró, assim como, artistas de outros gêneros musicais.

Os ingressos vendidos para o evento podiam ser comprados individualmente ou na modalidade casada, divulgados nos meios de comunicação como “baião de dois”. Diante da ausência de festas na casa de shows optei por ir aos dois eventos, ambos os dias superlotados, haja vista ser a festa semanal o objetivo da pesquisa – me refiro a festas sem grandes atrações musicais, que em geral atraem públicos diversos, além das/os habituais

---

<sup>42</sup> Pirateadores são aqueles que gravam e enviam para a venda nas ruas os CD’s dos shows e das bandas. Uma prática bastante denunciada pelas grandes indústrias fonográficas, mas que de fato está longe de ser combatida. CD’s e DVD’s piratas são vendidos livremente nas ruas do centro de Fortaleza. Neste comércio encontram-se DVD’s de filmes, de shows, karaokês, CD’s de músicas e muitas gravações de shows de forró, Cd’s e DVD’s oficiais (pirateados) de bandas famosas como Aviões do Forró, Forró do Muído, Garota Safada e etc. Um mercado rentável, ilegal e que ajuda na difusão das músicas e das festas.

forrozeiras/os. A presença do artista Gustavo Lima com seu sertanejo universitário contribuiu para o grande público, além da grande atração de forró no momento, a banda Aviões do Forró. O forró pé de estrada em Fortaleza tem misturado bastante os dois estilos musicais e Aviões do Forró<sup>43</sup> era sinônimo de forró lotado.



Divulgação Maior Forró do Mundo.  
Fonte: Fanpage Forró no Sítio

Em virtude do grande público no local, não dava para transitar muito pela festa, fiquei a observar o movimento e tentar perceber a dinâmica da festa. Por ser um grande evento o público também muda, na entrada observei que alguns grupos haviam fretado transportes para ir à festa. Essa prática foi muito comum durante a década de 90, a partir dos anos 2000 e da popularização dos veículos automotivos o aluguel de *vans*, *ônibus* e *topic's* para os eventos reduziram muito, a proximidade das casas de shows contribuiu significativamente para esse processo. Poucas são as casas de shows atualmente que se localizam fora de Fortaleza, o acesso a transportes públicos, os terminais de ônibus, tudo isso contribui para que o uso de transportes alugados seja cada dia menor.

A diversificação do público é um fenômeno interessante, pude presenciar, por

<sup>43</sup> A banda Aviões do Forró após a derrocada da A3 Entretenimento que deixou de ser a principal produtora de forró na cidade, principalmente pelo monopólio que fazia em relação às bandas e casas de shows, caiu muito em relação à mídia e ao público, mesmo que ainda figure como uma das grandes bandas. Hoje esse posto é da empresa Social Music que tem crescido bastante e já representa a maior produtora de forró no Estado e em relação à banda do momento a ênfase é para a Garota Safada e seu vocalista Wesley Safadão. Um cenário de articulações políticas também tem importância para essa mudança.

exemplo, algumas falas que expressavam não gostar da mistura de público. Ainda do lado de fora, próximo a uma barraca de bebidas pude ouvir a conversa de um grupo de jovens que afirmava que a festa estava muito misturada, uma delas comentou:

– Olha aquelas meninas! A cara do beco!

Referiam-se a três jovens que não usavam roupas de marcas e que “aparentavam” pertencer às camadas populares. A classe social ainda que não entendida por suas classes fundamentais: burguesia e o proletariado, é central para pensar as negociações de gênero nas festas de forró, pois mesmo que a segregação de classe seja posta pelo poder de consumo aparentado pelas/os interlocutoras/es é a partir da concepção fundamental de classe que podemos perceber a origem das diferenciações e dos preconceitos que dela decorrem.

É bem verdade, que as mulheres negras vestidas de forma popular são facilmente apontadas como “pobres”. Percebi que duas jovens próximas ao grupo que questionava a mistura de classes, também não usavam roupas de marcas, mas eram brancas e loiras, talvez por essa razão não se destacassem – aos olhos das jovens que comentavam sobre as participantes, como “pobres”. O debate da questão de raça/etnia é muito pertinente para pensar as relações de gênero no forró. São elementos que envolvem gênero-classe social-raça/etnia dos quais não se deve fugir, para uma análise de totalidade.

Senti que havia um incômodo de quem sempre frequentava o local e estava acostumado com um público elitizado. Resolvi tentar me aproximar dos grupos mais populares que se juntavam em outra barraca. A divisão de classe, apesar de sutil ocorria explicitamente, as pessoas que se identificavam do ponto de vista da classe estavam em sua maioria concentradas em uma barraca de coquetel. A roupa também se diferenciava, além da marca, as jovens das classes populares usavam roupas bastante decotadas, mais do que o habitual, pelo menos para o que tinha visto até aquele dia no Forró no Sítio.

A dança também possui peculiaridades, assim como o sertanejo, o *funk* também é comum nas festas de forró, principalmente nos paredões que se acumulam no estacionamento. Um deles, em especial, tocava músicas de *funk*, as jovens das camadas mais abastadas dançavam sensualmente, mas, de certa forma, tímidas ao realizarem as coreografias. As jovens que aparentemente pertenciam às camadas populares não poupavam os movimentos, o "quadrado de oito" foi reproduzido na íntegra, não esperava que elas fizessem ali aquele

passo. Para quem não conhece o "quadrado de oito" é preciso que a pessoa que o executa esteja quase de ponta à cabeça e com o quadril faça um movimento que lembra o número oito.

Todas as pessoas ao redor pararam para ver o "quadrado de oito" executado por um grupo de quatro jovens, não sei se houve um diálogo anterior com o dono do paredão que tocava, mas, a lona que cobria o som havia sido colocada no chão para que as jovens dançassem. A reação masculina foi eufórica, as moças eram jovens, no máximo haviam completado 18 anos, tinham corpos definidos e fizeram o sucesso no estacionamento. As mulheres que dançavam o "quadrado de oito" em pé, pararam no momento em que as moças começaram a performance, o que para elas parecia estranho para as jovens soava como muito familiar.

De fato, o apelo sexual do *funk* é bem mais explícito que o do forró, e o *funk* possui uma adesão muito maior na periferia se comparado às áreas nobres de Fortaleza. As jovens que reclamavam da mistura de classes, assistiram a performance ao meu lado, e os comentários deixavam claro o estranhamento, além das falas taxativas, “tudo *piriguete*”.

Vi que o campo seria frutífero, uma típica disputa pela atenção masculina entre as jovens das camadas populares e as jovens das camadas abastadas, regada por um discurso conservador que por vezes se direcionava às forrozeiras. Se na Boate Leblon Show é comum que as coreografias do funk sejam feitas livremente fora e dentro da casa de shows, o mesmo não ocorre no Forró no Sítio, pois, existe certo “limite” do como agir e como dançar, para que não se pareça “piriguete” ou algo do tipo. A própria postura das mulheres forrozeiras que frequentavam as festas da casa de shows não demonstrava familiaridade com a dança do funk, passos tímidos e pautados no rebolado eram o mais usual quando o estilo era tocado.

Entrei no Forró no Sítio, nesse dia não fui com as companheiras habituais, fui sozinha na expectativa de encontrá-las no local. Não consegui achá-las do lado de fora, entrei e percebi que o encontro seria ainda mais difícil. A primeira banda estava para começar, ainda tocava o som mecânico, intercalado pelos anúncios promocionais. Dei voltas no local, encontrei pessoas conhecidas de outros espaços e épocas, inclusive antigos vizinhos, colegas de escola e universidade. As colegas de universidade estranharam minha presença, em parte pela militância política que marcou a vivência universitária, inclusive nas críticas a cultura de massa e as relações de gênero no forró.

Destaco o momento em que uma colega me puxou pelo braço e gritou espantada: “Luana! Você aqui?” O espanto da colega foi até engraçado, parecia que tinha visto uma assombração no forró, como meu contato com ela foi antes de definir meu objeto de pesquisa, ela não acompanhou minha dedicação ao estudo do forró pé de estrada, razão pela qual a mesma estava tão surpresa. Expliquei o que ali fazia, conversamos um pouco sobre os rumos tomados e resolvi ficar com o grupo que ela estava. Uma experiência ímpar, tenho que admitir. A colega iniciou o curso de serviço social comigo, mas não se identificou com o curso e mudou para contábeis.

Contadora, já trabalhava em uma empresa de renome no estado e encontrava-se na companhia de amigos de trabalho, todos contadores. Fui apresentada a todos e, ela tratou de explicar o que eu pesquisava, neste instante um deles se voltou para mim e disse: – “Mulher, cabeça de gelo, o importante é ser feliz! Bora dançar”, achei inusitada a afirmação, minha pesquisa soou para ele como um problema e me chamou para dançar como se isso resolvesse o suposto “problema”. Apesar de inusitada a afirmação, achei que dançar fosse a postura mais gentil e aceitei.

Não sei se pela forma que minha colega repassou a informação da minha presença no forró ele começou a dançar comigo, como quem dança forró pé de serra, porém não danço bem forró pé de serra, fui familiarizada à dança pelo estilo pé de estrada. Não conseguíamos “acertar” o passo, pedi para dançar o forró pé de estrada e enfim, nos entendemos na dança. Após quatro músicas parei, realmente não tenho fôlego para dançar uma festa inteira e quatro músicas foi meu limite.

Ao retornarmos para o grupo a fala dele me inquietou: “ela é forrozeira”. De fato não sou forrozeira, sei dançar forró e isso não me torna forrozeira, mas, o conceito de forrozeira é muito variável. Foi como se ali estivesse a solução da pesquisa ou simplesmente uma afirmação para ‘acalmar os ânimos’, em outras palavras: “ela gosta de forró, a pesquisa é só o pretexto”. Tais preocupações já foram relatadas, as/os forrozeiras/os tendem a defender as festas, a música e tudo que envolve o forró, principalmente, pelas críticas que o estilo gera; tais críticas são as mesmas razões que despertaram o interesse para a pesquisa.

O restante da festa foi de observação, minha cota de dança havia sido esgotada. Após duas apresentações a banda Aviões do Forró entrou no palco e o ambiente ficou

completamente eufórico, explicar em palavras àquela atmosfera é um desafio. A alegria tomou conta do local, não havia uma música que não fosse cantada em coro, as pessoas dançavam e cantavam simultaneamente. A euforia em frente ao palco não lembrava uma festa de forró, ao contrário, parecia tratar-se de uma festa em que não se dança em par, as pessoas se aglomeravam em frente ao palco, cantavam, gritavam; muitos fã clubes estavam presentes com faixas, camisas e cartazes.

Uma letra, em especial me chamou atenção, pois o coro feminino tomou conta do Forró no Sítio, não escutava uma voz masculina. A letra da música contribuía para isso, “[...] um discurso feminino de *empoderamento*, no qual as mulheres controlam sua sexualidade e seu prazer, independentemente da submissão e da sujeição exclusiva ao poder patriarcal” apontado por Trotta (2009, p. 142) em outra situação, ao tratar das dimensões da sexualidade e prazer nas letras de forró, se tornou evidente.

A canção destacada falava: “eu tenho meu carro e a minha faculdade quem paga sou eu, então não pense que porque tem dinheiro meu amor vai ser seu”. As mulheres pareciam representadas pela letra, apesar das letras de forró de teor pejorativo incomodar a minoria das forrozeiras, uma composição que traz a dimensão contrária, tem uma resposta positiva da massa feminina no forró. A vocalista da banda, ao sentir a identificação, fez um discurso<sup>44</sup> de ‘empoderamento’ do desejo da mulher e de negação da mulher interesseira. Contudo a própria letra expressa à existência de mulheres que estão à venda: “provar que tem mulheres que você não compra”. Se existem mulheres que ‘você’ não compra, existem mulheres para além das profissionais do sexo que estão à venda.

A reação masculina frente a essa música é de desconcerto, parece que de certo modo, esse discurso os intimida. Nas análises acerca das negociações de gênero aprofundarei esse debate. Um dos amigos de minha colega até comentou: “tudo se sentindo<sup>45</sup>”. Percebi que para o público masculino as expressões de negação do machismo e da ordem patriarcal de gênero trazem um forte incômodo. É como se as músicas que trazem outra concepção do feminino entrassem em disputa com aquilo que os forrozeiros acreditam ser o padrão, o

---

<sup>44</sup> O discurso traz conotações de autonomia e se contrapõe a lógica apregoada no forró que mulher é interesseira e procura homens por dinheiro, apesar de não se configurar como feminista, essas falas representam um avanço do forró pé de estrada, porém, são permeadas por conservadorismos e padrões de relações.

<sup>45</sup> “Se sentindo” tem o sentido de se achar importante, se reconhecer.

homem de posses e que por tal razão “pega” quem quiser na festa.

Para eles essas manifestações são “da boca para fora<sup>46</sup>” como afirmou outro amigo de minha colega, “no fundo elas querem o cara rico”. O imaginário masculino incorpora esse tipo de afirmação como expressão da realidade. Difícil afirmar se esse é o anseio das mulheres, nos discursos sempre buscam a autoafirmação econômica ou mesmo do desejo, o casamento com homem rico ou a relação com o homem “pagador” parece uma apelação externa, masculina, midiática e das próprias letras.

Não se pode deixar de enfatizar que a exigência do sucesso financeiro aos homens significa, principalmente, para aqueles que não o alcançam, uma forma de opressão da estrutura patriarcal da sociedade. Entretanto, a própria socialização masculina sob os ditames dessa ordem ideológica cria a naturalização de que ao homem cabe pagar as despesas e desempenhar as funções de provedor das necessidades da família ou da mulher, independente da classe social que ocupe.

Destaco que apesar de atualmente, com a saída da mulher para o mercado de trabalho, da existência de programas governamentais de transferência de renda às famílias em situação de vulnerabilidade e pobreza, bem como programas de habitação, dentre outros atribuírem a titularidade à mulher, o homem ainda se auto-afirma nas relações, para além do casamento, a partir da capacidade de pagar a maioria das despesas ou no máximo pode haver a aceitação em dividi-las. Tanto a sociedade, como o universo masculino recriminam situações em que as despesas são pagas por mulheres.

As motivações das relações no forró, principalmente em festas lotadas, estão mais ligadas à aparência do que ao poder aquisitivo real, entretanto, a aparência se relaciona a outras questões, cor da pele, marca da roupa, a pulseira, o relógio, a adequação com o padrão de beleza estabelecido. Mesmo que indiretamente essas dimensões não representem o pertencimento à classe A, B ou C, aparentam ou querem aparentar poder aquisitivo.

O evento “Maior Forró do Mundo” em seus dois dias de realização trouxe muitas percepções. A festa retratada traz a mistura de classes sociais por se tratar de um grande evento, outros momentos na casa de shows o público não era tão diversificado. A grande

---

<sup>46</sup> A expressão “da boca para fora” é o mesmo que afirmar que alguém diz algo, mas não tem coragem para executar, fala por falar.

diferenciação entre os eventos corriqueiros do Forró no Sítio e as grandes festas se dá, essencialmente, pelos artistas participantes; artistas nacionais e bandas do alto escalão do forró pé de estrada que tendem a atrair um público diverso. E, nesse contexto as negociações de gênero também mudam, o público masculino e feminino interage de forma diferenciada, principalmente aqueles e aquelas que são frequentadoras/es assíduas/os da casa de shows. O público que só frequenta o local em dias de grandes eventos não é expressamente segregado, mas é possível perceber a diferença entre um público e outro, a própria atitude de pertencimento ao local é diferente.

As turmas que fretam veículos para os shows são sempre de maior número, costumam ficar próximas, com pontos fixos dentro e fora da festa, as/os participantes circulam pela casa de show, mas sempre retornam ao mesmo local. Nas apresentações das grandes atrações a frente do palco é o local mais disputado e aquelas/es mais dispostos a enfrentar o empurra-empurra do espaço fazem o esforço para ver de perto o artista preferido. O show do artista Gustavo Lima demonstrou isso, 90% do público que disputava espaço à frente do palco era feminino, fã clubes do cantor também se faziam presentes, com faixas, cartazes, camisas padronizadas e fitas amarradas a cabeça para expressar o amor pelo ídolo.

Nessas apresentações o público masculino da festa é deixado de lado e todas as atenções se voltam para o show. Alguns homens acompanham mulheres na empreitada de ficar próximas ao ídolo, contudo, se trata de uma minoria. Algumas bandas de forró também conseguem esse feito, como Aviões do Forró e Solteirões do Forró, contudo a hegemonia feminina é bem menor. Um elemento significativo é que o espaço da frente do palco também proporciona uma maior exposição as situações “inconvenientes” descritas acima, como as “mãos bobas” e as “dedadas”, pois, identificar o autor é mais difícil já que o movimento do público não ajuda.

Ainda em relação à distinção de classe; nos diálogos observados em um grupo de forrozeiros, pude perceber que mesmo nos casos em que a relação afetiva ocorre, seja um “fica” rápido ou demorado, as rotulações são comuns. Termos como “Fave<sup>47</sup>” ou a “cara da favela” distingue as mulheres e os homens durante a festa. Um dos jovens do grupo com

---

<sup>47</sup> Redução do termo favela, utilizado para designar pessoas pobres, em analogia as comunidades carentes da cidade.



quem passei parte da festa, da colega de faculdade contadora e seus amigos, ficou com uma jovem, aparentemente classe média baixa ou pobre, moradora do bairro Siqueira, foi bastante “zoad” por seus amigos por ter ficado com uma “jovem da fave” ou “fave teen” como seus colegas a apelidaram. O jovem usou de afirmações de sua masculinidade, para se desvencilhar das brincadeiras dos amigos, “sou viado não! E a menina era gatinha, quero nem saber se era ‘fave’”.

Apesar de constrangido com a “brincadeira” o rapaz tentou se afirmar com a justificativa desta também ser mulher. E, como forma de atingir seus companheiros insinuou que os mesmos gostavam de homens, pois estavam rejeitando as mulheres. A chacota ainda aumentou quando o mesmo afirmou que a jovem morava no bairro Siqueira, apesar de incomodada com o diálogo, não intervi, apenas observei. A colega de faculdade constrangida pela situação, tentou sem muito êxito inibi-los, pois apesar de não vê-la a tempos não consegui disfarçar o incômodo diante do ocorrido:

– Gente! Não esqueçam que tem uma assistente social<sup>48</sup> aqui.

Referia-se a minha presença no grupo. A fala provocou risos discretos, porém, amenizou o teor da conversa, contudo, não cessou completamente, durante todo o período que permaneci próxima a eles pude perceber que o assunto e o jovem eram a “brincadeira” da noite. O casal passou até certo tempo junto, mas, acredito que os risos dos colegas, os olhares e as conversas entre os rapazes inibiu a jovem que saiu sem cumprimentar o grupo. Ressalto que as falas não foram feitas na presença da mesma, mas o comportamento do grupo demonstrava que ela era o alvo da conversa. O rapaz com o intuito de pôr fim ao constrangimento informou que a jovem retornaria e que não queria que eles continuassem com aquilo, pois, ele acreditava que ela havia percebido.

Obviamente nem todos os homens presentes preocupavam-se com a origem das mulheres com quem se relacionavam durante a festa, mas, esses comentários desempenham um papel segregador, que demarca a relação de classe. Como já enfatizei, não são apenas homens que têm esse tipo de postura, muitas mulheres insistem em diferenciar sujeitos pela classe social, pode parecer óbvio a afirmação, mas considero necessária, não se trata apenas

---

<sup>48</sup> A colega mesmo tendo abandonado o curso de serviço social, chegou a cursar até o quarto ou quinto semestre acompanhou de perto os debates travados em sala e conhecia a linha teórica e os posicionamentos do serviço social, razão pela qual suspeito que tenha ficado tão constrangida diante do fato.

de uma característica individual do sujeito que pratica tal ato, mas, sim fruto da estrutura social que impõe, ainda que velada, uma constante disputa entre as classes.

Essas dimensões vividas durante a pesquisa de campo reiteraram o que já havia definido como importante analisar a partir da escolha das casas de shows, a relevância da articulação gênero-raça/etnia-classe social. Se durante a opção metodológica buscava ver as diferenciações entre as casas de show com ênfase no recorte de classe existente no público frequentador, as festas que uniam uma diversidade maior de público permitiram que observasse como se dava a interação entre os públicos distintos no tocante às negociações de gênero. A classe no fim das contas atua de forma significativa para as negociações de gênero, isto se articula com a escolaridade, com o local onde mora, com as vestimentas..., todos os elementos possíveis que determinem a classe são questionados.

Percebi que também para as mulheres, em relação aos homens, a divisão de classe era um elemento significativo no momento da paquera. Após me despedir do grupo em que se encontrava a colega de faculdade, na expectativa de encontrar minhas interlocutoras, Katia Cilene, Solange Almeida, Simaria, Simone e Taty Girl, pude encontrar outras forrozeiras que contribuíam com a pesquisa, frequentadoras da casa de show Danadim. Não encontrei nenhuma interlocutora da Leblon, as duas são das classes D e E, o padrão da casa de show, a distância e o valor dos ingressos são fortes complicadores à participação das mesmas.

Samyra Show<sup>49</sup> era uma das interlocutoras que tinha a casa de show Danadim como seu espaço preferido de diversão, razão pela qual me surpreendi ao encontra-la no Forró no Sítio. Ela me avistou quando me dirigia à frente do palco, resolvi ficar um pouco com o grupo que ela estava, duas amigas que também frequentavam a quinta-feira no Danadim. Após nos cumprimentarmos indaguei sobre a festa, se estava gostando da casa de shows, sua resposta foi direta:

– “Pelos shows sim, mas tá muito lotado e vou dizer uma coisa tem muito mais cafuços<sup>50</sup> que

---

<sup>49</sup> Alusão à cantora da banda Forró 100%.

<sup>50</sup> Cafuçu tem um sinônimo de brega e é muito utilizado nos diálogos presentes no forró e em outros espaços também. O termo tem relação direta com a mestiçagem de raças – negro/índio cafuzu, popularizou-se no Ceará como algo brega, mas também tem a conotação de classe em alguns aspectos. No dialeto gay cafuçu refere-se aos homens pobres, rudes, fortes e supostamente bem dotados. Marques (2011) em seu trabalho sobre o Cariri do Forró Eletrônico contextualizou o termo nas relações interpessoais, como brincadeira de exclusão de incluídos (p.87).

no Danadim, minha amiga já pegou uns quatro, adora um cafuçu, não escapa um” (SAMYRA SHOW).

Acredito que a casa de show por ser muito voltada para as camadas mais abastadas da cidade causava nas participantes, que foram pela primeira vez em virtude da festa do Maior Forró do Mundo, certo estranhamento pela diversidade de público encontrada. – “Aqui tem Leblon, Danadim, Sítio, tudo que é público forrozeiro e não forrozeiro misturado” (SAMYRA). Entretanto, o cafuçu para algumas mulheres não é necessariamente alguém com quem não se deva ter relações, o termo cafuçu ainda possui uma conotação “positiva” se relacionado ao termo “fave”.

A relação contrária também pode afastar as possibilidades de ‘ficas’, muitos grupos de mulheres e homens rejeitam o perfil oposto, patricinhas e mauricinhos ou playboys, esta rejeição ocorre não pela aparência em si, mas pelo comportamento, conversa, postura durante a festa. Contudo, “chacotas” como as ocorridas com a jovem rotulada como ‘fave’ não são proferidas, no máximo a rejeição ocorre de forma educada, pela não atenção ou desistência do fica. No geral, à mulher o peso da classe social nas festas de forró acaba sendo maior, principalmente se esta for negra.

Samyra Show ainda ressaltou a presença dos “plays<sup>51</sup>” e destacou que a vantagem da lotação da festa era que se excluísse os “cafuçus” e os “plays” sobraria o meio termo, homens que nem se enquadram no perfil “cafuçu” ou “play” e que segundo a interlocutora são os tipos que a atraem. A definição me pareceu bastante subjetiva, pois o homem que se enquadra entre os dois perfis na visão da interlocutora poderia ser enquadrado por outra mulher como cafuçu ou playboy, porém absorvi a informação.

A superlotação da festa, também aumenta o número de relações a ser vivenciadas pelas interlocutoras, ao indagar Samyra sobre o saldo da noite, a mesma informou que estava bastante positivo, já havia beijado “cinco rapazes lindos”. Nesses casos em que a festa permite a variação, apenas quando um “fica” é realmente interessante para ambos é que poderia durar a noite inteira. No geral, diversificar é a opção da maioria.

O espaço amplo da casa de show, mesmo em dias de superlotação possibilita a

---

<sup>51</sup> Redução do termo playboy, que alude ao jovem rico e fútil. Assim como a patricinha que algumas pessoas denominam “Paty”.

busca por locais que permitam aos casais um namoro reservado, tais locais são em geral nas extremidades da casa de show. É possível avistar ao longe a sombra de casais que se afastam para viver o momento com certa privacidade. Não há nenhuma intervenção nesse aspecto, os seguranças não se aproximam desses casais e é possível estabelecer relações para além de beijos e abraços. O estacionamento da casa de show também é bastante amplo e muitos casais saem antes do término da festa para ficarem à vontade. O sexo ocorre sem necessariamente ter que se deslocar para outros locais, aquelas/es que não querem ser flagradas/os optam pelo carro, é fácil distinguir os carros ocupados pelos vidros embaçados e pelos movimentos do veículo.

Saí antes do fim e tive que acionar o alarme ainda distante do veículo, pois um casal mantinha relação sexual sobre o capô do carro, reduzi o passo para que não chegasse ainda com ambos sem estarem recompostos. Ao me aproximar os jovens envergonhados se desculparam e foram em direção a outro veículo onde continuariam o que eu havia interrompido. Antes de entrar no carro observei que vários casais estavam no local, notei o balanço de alguns carros também, de fato o público elevado resultou no aumento de casais no estacionamento, pois, à primeira vista o número era bastante superior ao das festas já pesquisadas, sem a participação de grandes atrações.

A participação em festas de forró de grande porte foi evitada, a pesquisa realizada na festa “Maior Forró do Mundo” ocorreu em virtude da casa de shows não haver promovido festas de forró semanais como o habitual, portanto, não hesitei em pesquisar durante o evento, mesmo não estando no perfil estabelecido, inicialmente.

As primeiras pesquisas no Forró no Sítio demonstraram que a casa era voltada realmente para as classes A e B de Fortaleza, hegemonicamente, óbvio que a classe média também frequentava o local, contudo, se tratava de uma minoria. O preço do ingresso é superior ao das festas na Capital, a bebida também tem um preço elevado, chega a superar os valores, já superfaturados do Danadim, do Kangalha e até da Leblon – que apesar do apelo popular também tem um custo elevado, além da distância que já selecionava o público que frequentava a casa de shows.

O recorte do público amplia o apelo ao “fashion” que o forró pé de estrada imprime. Muito suscetível às tendências da moda, a casa de show era muito marcada pela

presença da grife tanto na roupa como nos acessórios, que expressam a relação do fetiche da mercadoria. As coisas adquirem uma dimensão própria e passam a exercer uma relação entre coisas, de modo fenomênico, como explica Marx (2006):

[O carácter misterioso da forma-mercadoria consiste, portanto, simplesmente em que ela apresenta aos homens as características sociais do seu próprio trabalho como se fossem características objectivas dos próprios produtos do trabalho, como se fossem propriedades sociais inerentes a essas coisas; e, portanto, reflecte também a relação social dos produtores com o trabalho global como se fosse uma relação social de coisas existentes para além deles.] É por este quiproquó que esses produtos se convertem em mercadorias, coisas a um tempo sensíveis e suprasensíveis (isto, é, coisas sociais). Também a impressão luminosa de um objecto sobre o nervo óptico não se apresenta como uma excitação subjectiva do próprio nervo, mas como a forma sensível de alguma coisa que existe fora do olho. Mas, no acto da visão, a luz é realmente projectada por um objecto exterior sobre um outro objecto, o olho; é uma relação física entre coisas físicas. Ao invés, a forma mercadoria e a relação de valor dos produtos do trabalho [na qual aquela se representa] não tem a ver absolutamente nada com a sua natureza física [nem com as relações materiais dela resultantes]. É somente uma relação social determinada entre os próprios homens que adquire aos olhos deles a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. Para encontrar algo de análogo a este fenómeno, é necessário procurá-lo na região nebulosa do mundo religioso. Aí os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, entidades autónomas que mantêm relações entre si e com os homens. O mesmo se passa no mundo mercantil com os produtos da mão do homem. É o que se pode chamar o fetichismo que se aferra aos produtos do trabalho logo que se apresentam como mercadorias, sendo, portanto, inseparável deste modo-de-produção (MARX, 2006, p. 94).

As festas realizadas no Forró no Sítio têm essa característica, os objetos, as marcas, agregam valor às pessoas, para fazer a pesquisa tive que aprender a reconhecer algumas marcas de luxo, seja nas roupas ou nas bolsas e sapatos. Contudo, quando a festa começa, o forró é o ator principal. O que não diminui a importância desses elementos para as negociações de gênero.

Essa característica de público do forró no Sítio também deve ter contribuído para realização de um show em março de 2013 fosse realizado em prol da criança Ana Célia, que precisava de um tratamento que o estado do Ceará, via política de saúde, não arcou. A notícia teve grande veiculação nas redes sociais e a banda Aviões do Forró realizou a gravação do seu CD promocional com vistas a destinar a renda para o tratamento da criança. A gravação do CD Promocional ocorreu no domingo, com início às 14h, dia e horário fora do habitual das festas no Forró no Sítio.



Divulgação lançamento do CD Promocional Aviões do Forró – Março 2013.  
Fonte: Fanpage Forró no Sítio

Essa festa em particular me chamou atenção, pois trazia a conotação da solidariedade, frente à ausência do poder público estadual em custear o tratamento da criança. As pessoas na festa estavam envolvidas com a “causa”, ajudar no tratamento da criança parecia ser algo maior naquela tarde/noite do que a própria diversão. Contudo, esse clima não permaneceu quando as bandas começaram a tocar, a festa era de forró. O clima de solidariedade era retomado quando as/os artistas no palco faziam alusão à necessidade de ajudar Ana Célia. A festa teve direito a parada da banda Aviões do forró para divulgar a camisa com a foto da criança que estava à venda para arrecadar fundos que auxiliassem nos custos da cirurgia (em torno de R\$ 500.000,00 reais todo o tratamento).



Gravação do CD Promocional da Banda Aviões do Forró, março de 2013, evento em prol da Ana Célia.

Fonte: Fanpage Aviões do Forró oficial

A atitude foi bastante elogiada entre as/os fãs da Banda na internet e durante o show, porém, as redes sociais possibilitam a divulgação de diversas opiniões e as críticas também foram proferidas, principalmente, por utilizar a situação como forma de promoção. Não me atarei à discussão do mérito, segundo informações extraoficiais, o vocalista da Banda frequenta a mesma Igreja que a família da criança, o que o motivou a realizar o evento. Destaco que a solidariedade prestada ao caso em nenhum momento figurou como crítica ao Governo do Estado do Ceará por não arcar com o tratamento. Essa relação do poder público local com o forró pé de estrada será discutida posteriormente.

O Show foi voltado para a gravação do CD e muitos artistas cantaram com a banda, além dos shows individuais. O estilo da festa foi similar a outros eventos de forró, mas, o horário contribuiu para que a festa fosse mais tranquila em relação às festas noturnas. Poderia presumir que a luz do dia, apesar da lotação, foi fator preponderante para as investidas serem mais discretas. O estilo das músicas novas da Banda Aviões do Forró, também, chamou atenção, a utilização de adaptações do *funk*<sup>52</sup> e do axé<sup>53</sup> de músicas que contribuía para a dança coreografada individual.

Entretanto, ao comparar os campos, a dança feminina das músicas do *funk* ou do axé, vista no Forró no Sítio não se compara a dança presenciada na Leblon. A sensualidade e o apelo sexual expresso pelo público feminino são comedidos, pode parecer ousado na festa, no entanto, se comparado ao “quadrado de oito” dançado pelas jovens no estacionamento do Forró no Sítio, na festa “Maior Forró do Mundo” ou mesmo ao *funk* tocado do lado de fora da Leblon Show pelos “paredões” de som, a dança das jovens frequentadoras do Forró no Sítio, perde toda a “ousadia”. Contarei um pouco da pesquisa de campo realizada na Leblon Show.

#### 2.2.4 Sábado na Leblon é encontro de amigos

Ao entrar na Avenida Osório de Paiva, onde se situa a Leblon Show, já pude sentir

---

<sup>52</sup> Lek lek e Preparada, são músicas do funk adaptadas para o forró.

<sup>53</sup> Ziguiriguidum música do axé também foi adaptada para o forró.

o clima de festa, o som dos paredões era ouvido de longe, a multidão que ocupava as duas pistas também se destacava. A Leblon iniciou no ramo do entretenimento como churrascaria que realizava shows de forró, atualmente é uma casa de shows, com predominância de shows de forró e *funk*.

Estacionei o carro na avenida, diferente do Danadim, os “flanelinhas” não estabelecem valor fixo para guardar os carros, ao descer do carro tive certo espanto, era a primeira vez que realizava um trabalho de campo na Leblon. Minha ida à casa de show se deu inicialmente por uma entrevista marcada com uma interlocutora, também frequentadora do Danadim. O clima do lado de fora me instigou a incluir a casa de show na pesquisa e o choque que tive ao ouvir uma música que tocava no paredão estacionado próximo ao canteiro central da avenida, me fez ter a certeza que o espaço contribuiria muito para a pesquisa.

O som ecoava pela avenida e as jovens que ocupavam a pista dançavam freneticamente. “senta na pica<sup>54</sup> e vai relaxando” pedia o MC, e a MC respondia “bota tudão, bota tudão”, apesar de não me chocar fácil, não consegui evitar a surpresa ao que via. Longe de qualquer pudor acerca da sexualidade ou mesmo de um pensamento conservador sob as expressões, não sabia como classificar a música ou dança que ouvia e observava.

Logo minha interlocutora apareceu, nosso encontro havia sido marcado na entrada dos músicos e artistas, que fica na avenida, a entrada na casa show é pela lateral. Ela percebeu que eu observava atentamente a dança realizada na avenida, e não hesitou em comentar: – “Aqui a coisa é livre e a mulherada não tem vergonha de dançar não!” O comentário dela me tirou o foco da dança e me fez refletir sobre a representação do discurso que se encontrava nas entrelinhas de suas palavras. Ela me convidou para irmos ao bar que fica na entrada da Leblon, o lugar é mais calmo, apesar de ser um ponto de encontro para o aquecimento da festa: – “Vamos sentar lá no bar aí você faz a entrevista e decide se entra ou vai embora, tua pesquisa é sobre a Leblon, também?” Respondi que não, até aquele dia, mas depois de estar ali, sentia que a Leblon também precisava entrar na pesquisa.

Com o roteiro nas mãos comecei a entrevista, busquei brechas para levantar algumas percepções acerca da cena presenciada do lado de fora na Leblon. Terminada a entrevista resolvi entrar na festa, queria conhecer a casa de show e ver se o que ocorria lá fora

---

<sup>54</sup> O termo “pica” é utilizado para se referir ao órgão sexual masculino.



tinha relação com o forró que acontecia dentro da Leblon.

O público era bastante diferenciado, se relacionado com as demais casas de shows pesquisadas, o caráter popular se refletia em toda a festa, as/os forrozeiras/os eram mais abertas/os ao diálogo. O local destinado às/aos fumantes possuía uma acústica que facilitava a conversa e troca. Mulheres e homens vivenciavam a festa e compartilhavam num espaço 9 m<sup>2</sup>, equipado com sistema de exaustão o momento de fumo, partilha de cigarros, empréstimo de fósforos e isqueiros possibilitavam a conversa.

As casas de shows pesquisadas anteriormente eram todas abertas, a Leblon já é um ambiente fechado e climatizado, as paredes são pintadas de preto e o local possui um banheiro específico para o público “GLBT<sup>55</sup>”, pouco usado pela população que frequenta o espaço, gays e lésbicas utilizam os banheiros masculino e feminino, presenciei uma travesti entrar no banheiro feminino sem problemas ou reclamações das mulheres que estavam no interior do recinto. De fato as relações homoafetivas eram tratadas com uma naturalidade muito grande, homens dançavam com travestis e gays, lésbicas dançando juntas, sem muitas restrições ou ressalvas. Fato que não se repete com tanta frequência nas festas no Forró no Sítio e Kangalha, já na casa de show Danadim, como já relatado, situação semelhante foi vivenciada.



Imagem da placa do banheiro da Leblon Show  
Fonte: Arquivo Pessoal

O preço das bebidas também estava acima do mercado, apesar do apelo popular da casa de show. O espaço também conta com a área de camarote voltada ao público “VIP”.

---

<sup>55</sup> Por uma decisão do movimento a sigla utilizada é LGBT, uma pauta reivindicada pelo movimento de lésbicas feministas e que após uma ampla discussão a proposta foi acatada.

Freezers de refrigerante, cerveja e gelo são distribuídos pela casa de show para facilitar o consumo de bebida. A dança é muito diversificada pessoas dançam o forró pé de estrada, outras um estilo pé de serra sem muitos giros e rodopios, parte das mulheres dançam sozinhas, a faixa etária do público também é diversa: jovens, adultos, pessoas de meia idade.

O espaço não é muito grande, não encontrei informações oficiais, e não tenho muita noção de espaço/público, mas estimo que tenha capacidade para cerca de 2.000 pessoas no local. O público no dia estava bom, não muito lotado. A banda Caviar com Rapadura iniciava seu show.

A apresentação da banda me chamou atenção, principalmente, ao levar ao palco um jovem homossexual para dançar a coreografia da “nova música do Caviar” intitulada “A dança do Kuseco”: *Remexe, remexe dance, mexe, remexe, remexe e balance, (bis) / Mexa o bumbum, mexa o bumbum, mexa o bumbum, vem dançar o kuseco (bis) / mão no joelho bumbum pra cima / a mulherada pra dentro e pra fora, pra dentro e pra fora, pra dentro e pra fora, joga (bis).*

A coreografia primava pelo rebolado, a situação foi constrangedora, pois o mesmo não dançava tão bem aos olhos do artista. Os comentários do cantor expressaram isso: – “Que bicha é essa, não sabe nem rebolar”, dizia isso aos risos. O jovem fez a dança e se esforçou ao máximo, não conseguiu agradar, o público seguia a linha do artista, que debochava da situação, a cena me deixou muito constrangida, entretanto, o rapaz foi até o final, parou algumas vezes a dança diante do deboche do cantor que ressaltava que ele não sabia dançar.

O jovem aparentemente simples vestia uma blusa de botão rosa, uma calça jeans surrada e sandália de dedo (modelo “havaianas”), desceu do palco, mas antes de descer ao passar pelo artista aproveitou para alisá-lo na região do tórax e da barriga que de pronto reclamou. Apesar de todo o constrangimento, que só pareceu incomodar a mim, a festa continuou e o jovem voltou para frente do palco e voltou a dançar. Feliz por ter subido ao palco mesmo não tendo sua performance aplaudida pelo público e nem reconhecida pelo artista, sua felicidade me parecia no entanto, acompanhada por um sorriso sem graça.

A música sucesso novo da banda Caviar com Rapadura 2013, foi cantada novamente após a descida do jovem que teve seu momento de estrela, reparei que dançavam algumas mulheres que se encontravam na frente do palco, reproduziam a coreografia a estilo

do *funk* e desciam até o chão, “empinavam o bumbum” como mandava a letra. O artista também observou a cena e aproveitou a deixa para elogiar a dança das mulheres e pedia para que a coreografia fosse realizada para ele “bumbum pra mim, vira, vira” ordenava imperativo o cantor. O corpo da forma tratada pelo cantor era o objeto do desejo e ele representava a figura que merecia a performance das mulheres. As jovens se sentiam enaltecidas pelo artista, que não deixava de elogiá-las pelo o quadril avantajado.

Neste instante o rapaz que cuidava da mesa de som chama a atenção do cantor para uma jovem negra que se encontrava no camarote próximo ao palco, com um short muito curto dançava até o chão de costas para o artista, a visão era encoberta por uma lycra, que decorava a grade de segurança do camarote, mas, para que o cantor tivesse visão plena o homem que o havia alertado, tratou de afastá-la.

A jovem que dançava no camarote vista de baixo, do local onde eu estava ou mesmo do palco um pouco acima do nível da pista de dança, quase chegava a mostrar as partes íntimas, em razão do tamanho do short que usava. O cantor não perdeu a deixa e comentou: – “Essa é arrochada! Veio nem de calcinha, assim eu morro! Gosto Muito!” Ele retomou o show e tudo permaneceu naturalmente.

O apelo sexual na Leblon é muito maior que em outras casas de shows, os próprios cantores sentem essa dimensão e aproveitam para liberar os comentários. Os assédios masculinos também são constantes, observar a festa pode parecer para os homens uma paquera, muitas vezes quando me dava conta havia um homem acenando, como se meu olhar estivesse voltado para ele. Transitar pela festa também é recheado de convites para dançar, tentativas de beijo, cheiros no cabelo e paqueras. Tais comportamentos são muito parecidos em todas as casas de shows.

A última apresentação da noite era uma apresentação de *funk*, não consegui gravar o nome da cantora, jovem cearense que apostou na carreira de *funkeira*. O sucesso de Valeska Popozuda e do Bonde das Maravilhas tem estimulado essa empreitada artística, também aqui no Ceará. O *funk* não é objeto dessa pesquisa apesar de, em vários momentos, se interligar com o forró, não me disponho a analisar as negociações de gênero nas festas de *funk* na cidade.

As negociações de gênero relatadas previamente na descrição do circuito do forró

pé de estrada trazem questões que precisam ser pensadas profundamente na interlocução com os aportes de gênero, do forró e do sentido das festas.

O circuito do forró em Fortaleza possui peculiaridades, no tocante ao espaço, ao público, à classe social, ao estilo musical. Conhecer um pouco da realidade de cada casa de shows contribui para entender as negociações de gênero vivenciadas no mundo do forró, inclusive, para perceber que esse mundo possui uma gama de fatores que interagem para garantir sua funcionalidade. E, é nesse aspecto que se faz necessário refletir acerca das empresas de forró que produzem o forró pé de estrada cearense e suas estratégias de divulgação e comercialização dos produtos e serviços. O mundo do forró pé de estrada é construído por uma gama de complexas relações de interesse, disputas e mercado. Não se trata de festas que ocorrem sem um direcionamento; a indústria do forró cria os elementos para fazer com que o circuito funcione, elementos que ultrapassam a dimensão administrativa.


### **2.3 Quem promove as festas de forró pé de estrada em Fortaleza?**

As festas de forró pé de estrada em Fortaleza são produzidas por empresas do ramo do entretenimento e parceiros comerciais. Parte das empresas possuem casas de shows próprias ou parcerias firmadas com proprietários com vistas a garantir festas semanais. Destacarei duas empresas como forma de explicitar o funcionamento do mundo do forró pé de estrada e as atividades necessárias para sua realização. Pois, “a rede de cooperação” (BECKER, 2010) que atua para o funcionamento do forró possui muitas ramificações, mesmo nos casos em que a empresa operacionaliza, por sua infraestrutura, vários dos serviços necessários para a concretização das festas e shows de forró.

#### **2.3.1 A3 Entretenimento**

A empresa foi criada em 2006 e se constituiu de um conglomerado de empresas voltada para a promoção e produção de eventos e bandas. Conta com uma infraestrutura ampla de estúdio de gravação, rádios, casas de shows e bandas próprias. A empresa foi criada pela iniciativa de três empresários: André Camurça, Carlos Aristides e Antônio Isaías Duarte, parceria que deu nome à empresa A3.

**Institucional**



Surge no ano de 2006 no estado do Ceará o grupo A3 Entretenimento, atuando como um conglomerado de empresas objetiva atuar na promoção e produção de eventos e bandas.

Nos dias atuais o grupo demonstra competência e liderança ao figurar lugar de destaque no cenário empresarial, por reunir em seu casting as bandas Avião do Forró, Forró do Múido, Forró dos Plays, Solteirões do Forró, Forró Balancear, Chicabana, Boca a Boca, A comandante e o Forró Pé de Ouro.

Além de tais bandas acima citadas, fazem parte da empresa as marcas: Forró no Sítio, Hangar, Kangalha, G4 e Danadim, casas de show reconhecidas pela qualidade dos serviços prestados aos seus frequentadores, aliando sempre conforto e segurança.

O grupo detém ainda sob seu domínio as rádios A3 FM com programação voltada para o público que se identifica com o estilo axé/pop/sertanejo/forró, e a Rádio 100, estação onde o forró e a música popular tem maior destaque.

A A3 Entretenimento está instalada em Fortaleza e conta com ampla infra-estrutura, estúdios e equipamentos modernos, com recursos tecnológicos de última geração, referência no Norte/Nordeste. O grupo é responsável pela geração de centenas de empregos diretos e indiretos.

**Assessoria de Imprensa**  
Arnaldo Filho (85) 9152.2022 / arnaldo@a3fortaleza.com.br

Informações institucionais da A3 Entretenimento.

Fonte: site oficial da empresa, [www.a3entretenimento.com.br](http://www.a3entretenimento.com.br)

Durante cinco anos a A3 Entretenimento liderou o mercado do forró em Fortaleza, detentora das casas de shows mais badaladas, com bandas de sucesso no seu *casting* ditava as regras do mercado na cidade, expandindo seu poderio econômico no interior e no Rio Grande do Norte. Por meio do sucesso de suas bandas, especialmente, Avião do Forró, conhecida nacionalmente, a empresa já realiza eventos no Norte/Nordeste do país.

Em 2011 a partir do conflito com a emissora de rádio Tropical FM 93,9 MHz, que retirou do ar o programa de forró, do produtor de forró Lobão, reconhecido como um dos grandes produtores da cidade, a sociedade da A3 Entretenimento entrou em crise. A briga judicial resultou no desembolso de cinco milhões de reais por parte da empresa.

A partir desse episódio a sociedade da A3 foi desfeita, ainda em 2011, com a saída do empresário André Camurça, que montou uma nova produtora a Social Music, entrou em

cena a maior concorrente da empresa na atualidade. O monopólio desenvolvido pela A3 Entretenimento desde sua criação até meados de 2011, reduzia a inserção de bandas e produtores que estiveram fora de seu controle. Muitas denúncias foram realizadas contra a empresa, inclusive de formação de Cartel.

Durante a pesquisa de monografia, tive a oportunidade de entrevistar o poeta Carneiro Portela, que comanda um programa de rádio na AM Verdes Mares e durante muito tempo realizou um programa de TV na TV Ceará. Defensor do que ele chama forró genuíno, é um forte crítico do forró pé de estrada e inclusive questiona a idoneidade das empresas produtoras do forró. “Como *pode* (sic) uma coisa dessas? Empresários que até ontem eram políticos (referindo-se a Aristides – ex-vereador de Fortaleza) aparecem com megaestruturas que outros demoram anos para conseguir? Tome cuidado que tem muita coisa errada nessa história” (CARNEIRO PORTELA, 2008). Concluiu o poeta com uma advertência acerca da estrutura das empresas.

Longe de ser meu objeto de pesquisa a origem dos recursos das empresas de forró, o destaque dos conflitos é apenas para ilustrar as relações que permeiam o universo das produtoras de forró na cidade, regado por uma forte competição e disputa, não apenas entre as empresas do forró pé de estrada, mas, também entre os defensores do forró pé de serra. O mundo da diversão e do entretenimento, não se aplica quando o assunto se pauta nas relações de mercado.

A saída de André Camurça, pelo menos até meados de 2012, não interferiu muito na dinâmica da A3, contudo a partir de junho do referido ano, os shows realizados pela empresa em Fortaleza, sofreram uma grande baixa, não em relação ao público, mas, essencialmente, em relação à manutenção do calendário semanal.

O fim da casa de show Galpão G4, a saída da casa de shows Danadim e a reforma do Kangalha, transformado na nova casa de shows Musique lançada em 2013, reduziu o circuito de festas da empresa, o Forró no Sítio que também permanece incluso no *casting*, encontra-se em questão, com um calendário reduzido, apesar de não desvinculado do *staff* da empresa, seu proprietário é um dos diretores da Social Music. Segundo informações o contrato da casa de show ainda é vigente razão pela qual a empresa ainda tem realizado festas no local, mesmo que esporádicas.

A alternativa da empresa frente ao descenso sofrido no último ano foi realizar uma grande fusão com outras duas produtoras de Fortaleza: SB Produções, D&E Entretenimento e a A3 Entretenimento; a Fusão criou a 7 Tons Eventos, as três produtoras ainda permanecem com suas marcas, contudo tem diminuído paulatinamente suas atividades individuais.

Não foi divulgado se os dois empresários que permanecem a frente da A3 permanecerão com a empresa após a fusão, contudo, a estratégia utilizada para os eventos realizados em 2013 é a divulgação das marcas casadas, da A3 Entretenimento e da 7 Tons Eventos, como demonstra o banner de divulgação abaixo:



Festas realizadas com a divulgação das marcas casadas: A3 e 7 Tons.  
Fonte: Fanpage Forró no Sítio.

Nenhuma empresa que participou da fusão lançou nota oficial acerca dos encaminhamentos que serão tomados a partir da criação da 7 Tons Eventos, a D&E permanece com uma agenda de shows ainda que vinculada a 7 Tons, já a SB Produções já divulga em sua *Fanpage* eventos promovidos pela nova empresa. Contudo já é possível especular que em virtude do estilo musical das outras duas produtoras D&E<sup>56</sup> e SB, que a 7 Tons não vá ser exclusivamente voltada para o forró pé de estrada.

<sup>56</sup> A D&E Entretenimento é a responsável pela produção de vários shows da MPB em Fortaleza, recentemente trouxe Djavan, entre outros artistas e em setembro haverá o show com a cantora Gal Costa. E foi a realizadora dos festivais de rock e pop rock cearense, conhecido como: Ceará Music.



Fanpage da SB Produções, com capa promocional do show que será realizado na nova casa de eventos de Fortaleza – Musique.

Fonte: Fanpage SB Produções.

A fusão possibilitará a A3 a inserção em um mercado diferenciado ao que a empresa tem participado desde sua criação, apesar de ter realizados festas que uniram outros estilos como: sertanejo universitário, axé, *swingueira*, pagode, sempre casados com o forró pé de estrada, o universo da MPB, do rock, do *reggae* nunca foram vinculados à marca da A3 Entretenimento, seu foco sempre foi o mundo do forró pé de estrada.

A fusão ainda recente não demonstrou os caminhos que serão trilhados. A permanência das três marcas e os caminhos da fusão ainda são uma incógnita para quem acompanha o mundo do forró pé de estrada. De fato nem todas/os fãs de forró estão cientes da fusão. Se permanecerão as empresas originais e a nova produtora ou se paulatinamente serão todas absorvidas e substituídas pela 7 Tons a ponto de tirar as empresas que compõem a fusão do mercado, como também não está claro para quem acompanha o universo das produtoras cearenses, se haverá compartimentações no tocante aos estilos musicais. O que subentende as informações divulgadas na *Fanpage* da 7 Tons é que a mesma surge no intuito de atuar em



todo o mercado do entretenimento, com pretensões locais e nacionais:

**facebook** Pesquise pessoas, locais e coisas

**7 Tons** Sobre

**Informações básicas**

Fundada em 15 de janeiro de 2013

Data de Lançamento 26/01/2013

Horas Seg - Sex: 08:00 - 18:00

Estacionamento Rua Estacionamento

**Sobre**

Uma empresa formada a partir da fusão de três grandes produtoras (SB Produções + D&E Entretenimentos + A3 Entretenimentos). A 7 Tons Eventos aponta para o sucesso e em 2013, ano de seu lançamento, já programa grandes eventos.

**Descrição**

Uma empresa que já nasce grande. Assim nasce a 7 Tons para exercer suas funções na produção, promoção e gerenciamento de eventos, comunicação, vendas de ingressos e também agenciamento de bandas locais e nacionais.

Sobre Criar anúncio Criar página Desenvolvedores Carreiras Privacidade Cookies Termos Ajuda

Fanpage da 7 Tons descreve a origem e o objetivo da empresa.

Fonte: Fanpage 7 Tons.

O desenrolar dessa fusão só será conhecido no futuro, a partir da conquista e afirmação da empresa no mercado do entretenimento, a disputa já se desenha, entre a produtora Social Music (2011) e as antigas rivais.

Outra disputa que se destaca é o caso da banda Garota Safada, concorrente direta da banda Aviões do Forró, ligada a produtora nacional Luan Produções e a gravadora Som Livre. Wesley Safadão como é conhecido o líder da banda, tem travado uma forte disputa de mercado com a A3 Entretenimento e dentre as estratégias utilizadas, ressaltar: a participação

ativa na campanha política para a prefeitura de Fortaleza em 2012, onde apoiou com outros artistas do forró e do humor o candidato Roberto Claudio do PSB<sup>57</sup>, adversário direto do candidato do PT<sup>58</sup> Elmano de Freitas apoiado por José Carlos Aristides (ex-vereador Zequinha Aristides) sócio da A3 Entretenimento; e a criação, em parceria com outros empresários da cidade, da F5 Promoções e Eventos e da rádio F5 FM 105,1 MHz, com programação voltada para o forró e concorrente direta das rádios da A3 Entretenimento. O nome da rádio e produtora faz referência ao comando da tecla F5 no computador que corresponde a “atualizar”.

### **2.3.2 A Social Music**

A empresa criada em 2011, a partir do fim da sociedade de André Camurça com seus antigos sócios na A3 Entretenimento, já iniciou na cena forrozeira com grandes eventos e casas de shows. Além de ter fundado outra produtora André Camurça convidou a acompanhá-lo na nova empreitada as vocalistas Simone e Simaria “as coleguinhas” que faziam sucesso na banda Forró do Muído da A3 Entretenimento.

A saída das vocalistas também foi alvo de polêmicas, inclusive de tentativas judiciais de impedir a dupla de usar a expressão “coleguinhas” marca registrada das irmãs. Os empresários da A3 alegavam que a expressão havia sido criada por eles na época em que dupla estava à frente da banda Forró do Muído, entretanto a disputa foi vencida pelas vocalistas que permanecem com a expressão vinculada ao seu trabalho.

---

<sup>57</sup> PSB – Partido Socialista Brasileiro.

<sup>58</sup> PT – Partido dos Trabalhadores.



Banner Promocional Simone & Simaria “as coleguinhas”

Fonte: [www.socialmusic.com.br](http://www.socialmusic.com.br)

Em quase dois anos de funcionamento as festas de forró realizadas pela empresa passaram a ter um grande público, além do sucesso das bandas da produtora, destaque para Forró do Bom, Forró do Movimento e para o cantor sertanejo universitário Matheus Fernandes. A empresa tem mantido um calendário semanal de festas com resposta positiva de público, em especial, nas casas de show Faroeste, *The Club* e Danadim. A empresa também possui parceria com a Rádio Liderança 89,9MHz FM, na qual veicula informações de festas,

### Social Music

Inovação, credibilidade e qualidade nas noites de Fortaleza

O Nordeste é a bola da vez e o Ceará não deixa a desejar destacando-se em vários segmentos como turismo, economia e principalmente o entretenimento. Fortaleza é caracterizada por oferecer programação durante todos os dias da semana, nos 365 dias do ano. Para isso o mercado do entretenimento, música e diversão precisa estar aquecido o ano todo, e por isso é preciso inovar.

Profissionais com mais de 20 anos no mercado de entretenimento e que já surpreenderam milhões de pessoas com shows e eventos incríveis, com os melhores artistas locais e nacionais, mostram agora que é possível fazer ainda mais. A Social Music chega ao mercado para criar um novo cenário musical.

A Social Music já está atuando desde do primeiro semestre de 2011, em Fortaleza comandando as festas nas casas de shows como Danadim, The Club, Faroeste, além das festas em parceria com as empresas locais como Carnailha, 77 Eventos, Mucuripe Club, entre outras. O foco é diversificar e explorar de forma diferenciada o forró, o axé, o pagode e o samba.

Grandes nomes do entretenimento como: Pedro Coelho Neto, Ênio Carlos, Bira Borges, Celso Luís, André Camurça e Robertão do Montese formam a Social Music. Esse time de diretores participa diretamente na sociedade de diversos outros negócios de Entretenimento na Região, como: Fortal, Ceará Music, Siriguela, Mucuripe Club, além de parcerias nas programações artísticas de outras casas de entretenimento, como Danadim, The Club e Faroeste. A Empresa também é sócia da Rede Liderança FM (Fortaleza e mais 10 afiliadas em Rede no PI, CE e BA).

### EVENTOS

promoções, bem como os trabalhos dos artistas da empresa.

Informações institucionais disponíveis no site da empresa.

Fonte: [www.socialmusic.com.br](http://www.socialmusic.com.br)

Outras empresas também compõem o mundo do forró pé de estrada, contudo as duas empresas descritas explicam sua estrutura de funcionamento. Para uma compreensão das

nuances que envolvem o processo, descrevo um pouco das estratégias de marketing utilizadas para a produção do forró pé de estrada em Fortaleza.

#### **2.4 As estratégias de marketing das empresas que produzem o forró pé de estrada**

O mundo do forró pé de estrada, como citado anteriormente, relaciona-se à compreensão de todas as atividades que são necessárias para que o forró pé de estrada possa configurar como uma expressão artístico-cultural para o Ceará e, diante da inserção do estilo nos demais estados brasileiros, para o Brasil. Sua forma de organização e produção não se ancora nas grandes produtoras transnacionais, responsáveis por divulgar, produzir, gravar, agendar shows e gerenciar artistas, como a Sony Music, Som Livre, BMG, entre outras, são empresas locais criadas especificamente para a produção do forró pé de estrada. Sob esta perspectiva é possível afirmar que a organização do forró pé de estrada se enquadra na categoria das produções independentes.

Ao propor um esquema diferente das grandes gravadoras, apoiado fortemente na audição de músicas em rádios e no caráter visual do espetáculo, fazendo dos shows, e não da venda dos discos, a principal fonte de renda das bandas, o forró eletrônico se enquadra na categoria de produção independente. No entanto, ao garantir sua audição pelos esquemas de forte apelo popular, abuso da sensualidade no palco e repetição de uma fórmula semelhante para várias bandas e artistas, o forró eletrônico põe em risco os ideais de autonomia, autoria e criatividade romantizados por críticos e academia (MARQUES, 2011, p. 24).

Entretanto, a autonomia frente às grandes produtoras admirada pela academia choca-se com a ausência de autonomia criativa e artística, (MARQUES, 2011), haja vista, a grande maioria das músicas compostas obedecerem às demandas do mercado e das produtoras, salvo alguns artistas autorais como Dorgival Dantas, Ítalo e Renno, Dedim Gouveia, Rita de Cássia, as músicas cantadas pelas bandas não são associadas aos/às compositores/as, no geral é muito difícil descobrir a autoria das canções. Outro fator também é significativo nesse processo, também comentado por Marques (2011), o apelo sexual e erótico das letras, bem como o abuso da sensualidade exibido nas apresentações nos shows

tendem a reduzir a elogiada autonomia frente às produtoras transnacionais.

As empresas que gerenciam o forró pé de estrada utilizam-se de meios diversos para difusão do trabalho de suas bandas e promoção dos shows, este último principal fonte de lucros das empresas, dentre as estratégias destaque três: a distribuição nos shows e na internet dos CDs Promocionais das bandas, a criação de rádios próprias – além de ainda garantir a divulgação dos trabalhos nas rádios convencionais – e a utilização da rede social como modo de interação com o público, principalmente nas fanpages do Facebook. Apresentarei brevemente cada uma das estratégias de divulgação.

A criação de CDs Promocionais ocorrem nos shows e são prévias do CD oficial a ser lançado pelas bandas, apesar do CD oficial não ser a principal fonte de lucro ele permanece. Em um ano as bandas de forró chegam a gravar três CDs Promocionais, são CDs ao vivo gravados nos shows e contam com lançamento de duas a cinco músicas do novo trabalho das bandas. A ideia dos CDs Promocionais foi uma iniciativa popularizada pela A3 Entretenimento, estratégia copiada por outras produtoras.

Os CDs Promocionais além de distribuídos nos shows, blitz de divulgação dos eventos, também estão disponíveis na internet. O que antes configurava como estratégia da pirataria e alimentava o mercado informal das gravadoras ilegais, hoje absorvido por essas produtoras é oficial, vinculada à marca das empresas, como no caso da Elite CDs:



Site oficial para Download Elite CDs

O site não é específico do forró pé de estrada, é possível encontrar vários estilos musicais como demonstra a imagem. As parcerias podem ser solicitadas no próprio site, apesar de haver uma ferramenta que descreveria as políticas de uso, tal ferramenta não

funciona. Não há informação se as disponibilizações são autorizadas, os arquivos para download variam entre CDs completos e músicas de trabalho dos/as artistas. O funcionamento do site, em relação a lucro, não está claro, as músicas e CDs são gratuitos, contudo há uma proposta para as publicidades divulgadas nos sites, que devem cobrar por período de exibição dos banners divulgados.

Um mercado antes informal, realizado pelos camelôs das cidades, hoje é disponibilizado gratuitamente na internet. Algumas bandas divulgam e permitem o download do CD oficial. Somente os DVDs que são gravados pelas grandes bandas, que já possuem uma carreira de sucesso, estão ligados ao mercado formal. O DVD *Aviões do Forró 10 anos* encontra-se atualmente na lista dos dez DVDs mais vendidos da Som Livre. Estas iniciativas não põem fim à “pirataria”, apenas apresenta uma absorção legal da prática, CD’s e DVD’s piratas de forró continuam sendo vendidos nas ruas do centro de Fortaleza.

As rádios próprias são outra estratégia de divulgação adotada pelas empresas do forró pé de estrada. A ideia foi lançada pela “Somzoom” ainda na década de 90, com uma distribuição via satélite para rádios de todo o nordeste, intitulada “Somzoom Sat”.

Deve-se mencionar que a *Somzoom* não é uma emissora de rádio no sentido específico do termo, pois não tem concessão para transmitir o sinal e ocupar uma faixa do espectro radiofônico, sendo exclusivamente uma geradora de *conteúdo* para suas afiliadas. Assim, o empresário conseguiu articular uma competente estrutura comercial para sua banda e sedimentou o sucesso de sua estação de rádio, que em pouco tempo passou a transmitir seu conteúdo via satélite para dezenas de afiliadas em todo o Nordeste (TROTTA & MONTEIRO, 2008, p.9).

Atualmente, algumas produtoras utilizam dessa estratégia para difundir o trabalho de suas bandas, como é o caso da rádio A3 FM 91,3 MHz e rádio 100 FM que hoje também pertence à empresa. Entretanto, a criação de rádios próprias não abandona a divulgação em rádios convencionais, rádios populares que possuem em sua programação espaços para o forró são bastante utilizadas por essas empresas para divulgação das bandas.

A divulgação das músicas atende a duas dimensões, na primeira a produtora paga uma taxa à emissora para que a música seja tocada e a segunda ocorre quando as músicas alcançam sucesso e são pedidas pelos/as ouvintes. As estratégias de distribuição dos CDs

promocionais contribuem para a familiarização do público com a música e, por conseguinte à sua maior veiculação nas rádios. As estratégias de divulgação se completam e possibilitam um maior alcance de público. Como muito do que se aprecia requer familiaridade auditiva, tornar comum ao público as músicas é buscar formas de aumentar o número de adeptos ao forró e, por conseguinte, maior participação nas festas de forró. As ações no mundo do forró são pensadas, sempre, para aumentar a lucratividade, o entretenimento é meramente um mercado.

As *Fanpages* tornaram-se mais usuais a partir de 2012, apesar de algumas já existirem a bastante tempo. A onda de crescimento do acesso à internet no Brasil<sup>59</sup> apresentou o ciberespaço, para as empresas de forró, como uma ferramenta de divulgação e potencialização de sua lucratividade, através da publicidade de eventos e das bandas. As *Fanpages* são curtidas por milhares de internautas, que acompanham e comentam as postagens, a banda Aviões do Forró possui 1,4 milhão de curtidoras/es, já a banda Garota Safada possui 779 mil curtidoras/es, a classificação curtidoras/es representa o número de usuárias/os que acompanham o dia a dia das bandas e shows, este público é muito grande.

A ferramenta possui uma vantagem em relação aos sites, pois não é preciso digitar o endereço virtual na barra de localização ou nos sites de busca, ao se logar na conta pessoal no Facebook a/o internauta já recebe em sua linha do tempo as informações postadas pelas *Fanpages*. A interação público-empresa é muito mais rápida e direta, para tanto, o diálogo com as/os curtidoras/es das páginas é pessoalizado e demonstra uma relação de intimidade entre artista e público ou mesmo empresa e público.

Os/as artistas realizam votações nas postagens para a escolha da roupa que será usada no show, divulgam fotos pessoais da família e fotos dos shows realizados ou mesmo ainda em realização. Para as/os fãs as *Fanpages* proporcionam a intimidade tão sonhada entre em público e artista.

Além das *Fanpages* das bandas, são criadas *Fanpages* de eventos específicos e casas de shows. A estratégia é boa, mas, também apresenta riscos, não há um controle rígido

---

<sup>59</sup> Segundo reportagem da Folha de São Paulo, o acesso à internet cresceu 143,8% entre a população de 10 anos ou mais no Brasil, apesar do recorte de renda apresentado, a internet tem crescido como ferramenta de informação e entretenimento, principalmente pelas redes sociais. Jornal Folha de São Paulo 16/05/2013: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2013/05/1279552-acesso-a-internet-no-brasil-cresce-mas-53-da-populacao-ainda-nao-usa-a-rede.shtml>. Acessado em 30/05/2013.

para a criação das *Fanpages* e algumas são criadas por usuárias/os e não são oficiais. Entretanto, se as imagens e postagens publicadas não apresentarem nenhum conteúdo problemático elas permanecem ativas. De fato, as bandas e os/as artistas encaram como mais uma forma de divulgação de seus trabalhos. Em relação a empresas o controle é maior, páginas que não são oficiais são rapidamente tiradas do espaço virtual. Além de possuírem profissionais destinadas/os a acompanharem de perto o que se fala acerca do forró e das empresas nas redes sociais, ferramentas a cada dia mais utilizadas para controlar a ‘liberdade’ do que se diz nas redes sociais.

O ciberespaço<sup>60</sup> das *fanpages* é forma de interação e criação de sinergia entre o público forrozeiro x empresa x artistas. Lévy (1996, p. 116):

O ciberespaço favorece as conexões, as coordenadas, as sinergias entre as inteligências individuais, e sobretudo se um contexto vivo for melhor compartilhado, se os indivíduos e os grupos puderem se situar mutuamente numa paisagem virtual de interesses e competências, e se a diversidade dos módulos cognitivos comuns ou mutuamente compatíveis aumentar.

Apesar da suposta relação de intimidade, o artista ou o moderador da página (no caso das empresas) não conhece as pessoas que acompanham suas páginas, o tratamento é impessoal e de certa forma íntimo, mas, configura-se no campo do virtual, “amigos/as” virtuais. A chance de aproximar-se realmente de um artista ocorre nas promoções e sorteios realizados nas páginas, jantar com artista, encontro com a/o fã e várias outras promoções, que visam atrair mais curtidoras/es e popularizar as *Fanpages*.

Assim como, os CDs proporcionais potencializam a veiculação das músicas nas rádios, as *Fanpages* intensificam esse papel e ainda contribuem para a divulgação dos shows. O alcance das postagens não se resume às/aos curtidoras/es, atinge um público ainda maior, pois, grande parte dos shows são compartilhados entre as/os internautas. Algumas postagens chegam a ter mais de cem compartilhamentos um alcance de visualizações que somente o relatório oficial da *Fanpage*, disponível somente para as/os administradoras/es da página, pode calcular.

---

<sup>60</sup> O ciberespaço é fundamentado por Pierre Lévy: ...ciberespaço, conexão dos computadores do planeta e dispositivo de comunicação ao mesmo tempo coletivo e interativo, não é uma infraestrutura: é uma forma de usar as infraestruturas existentes e de explorar seus recursos por meio de uma inventividade distribuída e incessante que é indissociavelmente social e técnica.” (1999, p. 198).



Além dessas estratégias, várias outras podem ser elencadas para divulgação dos shows, utilização de publicidade em mídia escrita e falada (rádio e televisão); blitz promocionais com distribuição de brindes nas principais avenidas da cidade; cartazes, pinturas, faixas, *outdoors*, *busdoor*; entre outros. Destaco que a política de combate à poluição visual de Fortaleza realizou de 2008 a 2012, por meio da Semam – Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Controle Urbano, uma grande campanha contra as divulgações irregulares, com lançamento de cartilha informativa às empresas identificadas como reincidentes neste crime ambiental. Atualmente a nova gestão municipal ainda não deu continuidade ao trabalho.

Diante das várias questões levantadas durante este percurso metodológico, a estrada segue em busca de interlocuções teóricas acerca da categoria gênero e violência.

### **3 GÊNERO E VIOLÊNCIA: UM DEBATE IMPORTANTE À COMPREENSÃO DAS NEGOCIAÇÕES DE GÊNERO NO MUNDO DO FORRÓ PÉ DE ESTRADA**

Ao pensar as negociações de gênero e o mundo do forró pé de estrada, é possível conceber de imediato que tal reflexão requer um aporte teórico acerca de gênero, conceituações, críticas, possibilidades e limites que a categoria oferece. Esta importância já está implícita ao trabalho. Entretanto, a partir da aproximação ao objeto, suas nuances e peculiaridades, tanto no que diz respeito às relações vivenciadas nas festas, quanto aos elementos que compõem o forró pé de estrada, surge à necessidade de inserir nesse debate a categoria violência, teorizá-la, para assim, dialogar com os discursos das interlocutoras, com os acontecimentos na festa e com aspectos relevantes do forró pé de estrada.

Primeiramente, proponho um passeio sócio-histórico pelos conceitos de gênero, no qual discorrerei brevemente sobre alguns aspectos importantes acerca da categoria, algumas implicações acerca da categoria violência e, principalmente, a violência contra a mulher.

#### **3.1 Um passeio sócio-histórico pelos conceitos de gênero**

Várias acepções acerca da categoria gênero foram/são pautadas na teoria social. Intelectuais com referência em correntes de pensamento diversas realizaram inflexões sobre o conceito gênero. Piscitelli (2002) em seu artigo *Re-criando a Categoria Mulher*, realiza um trabalho didático acerca da retomada da utilização da categoria mulher, além de discutir sobre algumas conceituações de gênero no decorrer das produções feministas. E, reconhecida a contribuição desse artigo, ele dá, em conjunto com obras de autoras feministas, suporte ao passeio sócio-histórico acerca da categoria gênero.

Desenvolvido “no marco dos estudos sobre a mulher e compartilhando vários de seus pressupostos” (PISCITELLI, 2002, p. 08), o conceito de gênero foi apresentado com maior repercussão, a ponto de difundi-lo até os dias atuais, por Gayle Rubin em 1975, com o

ensaio: *O Tráfico de Mulheres: Notas sobre a Economia Política do Sexo* (PISCITELLI, *passim*).

A abordagem de Rubin (1975) afirmava “um sistema sexo/gênero que consiste numa gramática, segundo a qual a sexualidade biológica é transformada pela atividade humana, gramática esta que torna disponíveis os mecanismos de satisfação das necessidades sexuais transformadas” (SAFFIOTTI, 2004, p. 108), sob este aspecto o sistema sexo/gênero concebia teoricamente a possibilidade de relações de gênero igualitárias, haja vista pôr em “xeque” a inevitabilidade da opressão, desnaturalizando-a e imprimindo-lhe um caráter social, importante para aquele período histórico. Razão pela qual o ensaio de Rubin tenha si tornado uma “referência obrigatória na literatura” (PISCITELLI, 2002, p. 08), em sua época e nos dias atuais ao tratar da origem da conceituação de gênero.

Apesar de reconhecida a importância do trabalho de Rubin (1975), sua perspectiva teórico-metodológica à luz de LÈVY-STRUSS (especialmente), torna seu trabalho alvo “das críticas feministas posteriores” (PISCITELLI, 2002, p. 09), pelos dualismos adotados sexo/gênero, natureza/cultura e a organização do pensamento em termos universais (PISCITELLI, *passim*).

Outra contribuição do ensaio de Rubin decorre de alguns deslocamentos apresentados frente ao debate feminista de sua época. Piscitelli (2002) destaca dois desses deslocamentos como particularmente significativos, o primeiro relaciona-se “com a proposta de pensar nas construções sociais da mulher em termos de sistemas culturais” (2002, p. 10). Esta perspectiva conota a busca pelo afastamento dos chamados recortes parciais, ou seja, aqueles desenvolvidos por feministas com base nas relações cotidianas das mulheres.

O segundo deslocamento, trazido por Rubin e destacado por Piscitelli, diz respeito ao conceito de sistema sexo/gênero apresentar-se como alternativa ao patriarcado, haja vista este sistema servir de suporte analítico para “compreender as realidades empíricas diversas, os contextos específicos nos quais o sistema sexo/gênero operacionaliza relações de poder”.

Em outras palavras se o conceito patriarcado subsumia sexo e gênero sob o mesmo aspecto da dominação masculina, o sistema sexo/gênero, para Rubin, apresentava-se neutro, o que retira desses mundos sexuados a ordem inevitável da opressão. Para Saffioti

(2004, p. 109), “um dos pontos mais importantes do seu trabalho [Rubin] foi deixar mais ou menos livres o emprego simultâneo dos dois conceitos”.

É importante enfatizar aqui outra questão, a suposta substituição do uso da categoria patriarcado pelo sistema sexo/gênero, não é suficiente para o abandono da mesma; esta relação binária coloca no âmbito da neutralidade aquilo que o patriarcado destaca – a opressão das mulheres, que se funda na subordinação do feminino ao masculino. Patriarcado compreendido como um sistema que engendra violências várias seja de ordem simbólica ou não, está presente nas diversas instituições que compõem esta sociedade e como tal explica, especialmente para o contexto da sociedade brasileira, os aspectos que fortalecem uma suposta supremacia masculina que pode e é acionada inclusive pelas mulheres.

A exemplo das contribuições de Gayle Rubin para o desenvolvimento do conceito de gênero, Joan Scott em seu trabalho “Gender and the Politics of History<sup>61</sup>” (1988), merece destaque. Sua produção foi importante, assim como de outras teóricas feministas que trabalharam com uma perspectiva pós-estruturalista. Ressalto da obra de Scott (1988) quatro importantes contribuições; a primeira relaciona-se com o fato da autora ter trazido o fenômeno do poder para o centro da organização social de gênero – ao ressaltar que “gênero significa o saber a respeito das diferenças sexuais. [...] Tal saber não é absoluto ou verdadeiro, mas sempre relativo. [...] Seus usos e significados nascem de uma disputa política e são os meios pelos quais as relações de poder – de dominação e de subordinação – são construídas” (SCOTT, 1988, p. 12).

A segunda contribuição a ser destacada é a importância e a necessidade, afirmada pela autora de dirigir à categoria gênero uma atenção especial, pois, trata-se de um ponto fundamental do estabelecimento e da manutenção da igualdade e da desigualdade. A terceira contribuição valorosa de Joan Scott reside na necessidade de se reformular as formas disciplinares de conceituar gênero, principalmente na história social, haja vista as abordagens até então terem privilegiado uma conceptualização de gênero nas diferenças sexuais de forma naturalizada:

---

<sup>61</sup> Deste trabalho há um artigo amplamente difundido no Brasil denominado – “Gênero: Uma Categoria Útil para Análise Histórica”.

Ao aceitar que as mulheres têm características inerentes e identidades objetivas consistentes e predizivelmente diferentes das masculinas, e que elas geram definitivamente necessidades e interesses femininos, os historiadores deixam implícito que a diferença sexual é um fenômeno natural e não social. A procura por uma análise que desse conta da discriminação era apanhada pela lógica circular na qual a "experiência" explica as diferenças de gênero e as diferenças de gênero explicam as assimetrias da "experiência" masculina e feminina (SCOTT, 1988, p. 15).

As referências históricas sobre as mulheres tendem a atribuir-lhes, com base no sexo, características natas e “identidades objetivas” diferentes das masculinas, impondo, mesmo que de forma implícita, uma análise baseada na diferença sexual de modo estritamente sexual e sem a conotação social presente em sua construção.

A importância da relação história e gênero foi ressaltada pela autora, de fato segundo a mesma, são esses dois elementos que unem os temas trabalhados no livro em questão, contudo, tanto gênero e história devem ser vistos por uma perspectiva diferente do que se havia realizado até então; as relações de poder, a retórica e o discurso, assumiam uma nova importância para gênero e, esta mudança representava a necessidade de novos olhares da história acerca das seguintes questões: “Como é que o gênero funciona nas relações sociais humanas? Como é que o gênero dá um sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico? As respostas dependem do gênero como categoria de análise” (SCOTT, 1996, p. 06).

É justamente sob este aspecto que está a quarta contribuição de Scott: gênero como uma categoria de análise histórica, que possibilita “compreender a construção (inteiramente) social da diferença sexual” (PISCITELLI, 2002, p. 14).

[...] o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um único sentido. Frequentemente, a ênfase colocada sobre o gênero não é explícita, mas constitui, no entanto, uma dimensão decisiva da organização, da igualdade e da desigualdade. As estruturas hierárquicas baseiam-se em compreensões generalizadas da relação pretensamente natural entre o masculino e o feminino (SCOTT, 1996, p. 22).

As contribuições de Scott (1996), aqui ressaltadas, são enfatizadas por Piscitelli (2002), entretanto é preciso que façamos algumas reflexões. Longe de invalidar as contribuições da autora, há em seu trabalho alguns elementos que ao tempo em que contribuem para um melhor entendimento da categoria gênero, também possibilitam sua redução. Em especial, falo da ênfase dada a gênero como categoria analítica tornando-o estritamente social.

Seguindo as contribuições da corrente de pensamento pós-estruturalista, antes de apresentar outras contribuições importantes de gênero na teoria social, apresento alguns pontos do trabalho da filósofa Judith Butler, nos últimos anos tem alcançado popularidade no Brasil.

Para Butler, a abordagem de gênero é reducionista e excludente, pois não consegue atender a multiplicidade de demandas e interesses que se propõe a representar. A fixidez das identidades expostas em gênero figura como problemática para a autora, pois as identidades de gênero ocupam uma posição de subordinação nas relações de poder, gays, lésbicas, transexuais, bissexuais, etc, e, por sua vez não alcançam representatividade nas abordagens de gênero, no qual prevalece o debate das relações de poder entre masculino e feminino. A própria desvinculação da diferenciação biológica, reflete que as identidades de gênero masculina e feminina sustentam a reprodução de comportamentos de homens e mulheres como efeitos da natureza, que de fato correspondem a regras sociais que impõe a distinção do que é masculino e o que é feminino.

Desta forma, o principal, alvo de questionamento de Butler sustenta-se na vinculação sexo/gênero que mesmo diante das incessantes tentativas de retirar a naturalização biológica dessa relação, ainda manteve a fixidez do conceito de gênero vinculado a sexo, e desta forma a teoria feminista nunca conseguiu pensar a dimensão gênero e desejo. E afirma: “[...] talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma” (BUTLER, 1992, p. 25).

O desmonte de gênero proposto por Butler<sup>62</sup>, se dá nas dimensões do gênero, sentido, essência e substância.

---

<sup>62</sup> Há referência de Butler na “desconstrução” de Derrida, acerca da estrutura binária significante/significado e a

Butler considera que gênero não deveria ser pensado como simples inscrição cultural de significado sobre um sexo que é considerado como dado. [...] É necessário reformular 'gênero' de maneira que possa conter as relações de poder que produzem o efeito de um sexo pré-discursivo. Gênero seria a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos reiterados dentro de um marco regulador altamente rígido, que se congela no tempo produzindo a aparência de uma substância, de uma espécie de ser natural. Uma genealogia política bem sucedida de ontologias de gênero desconstruiria a aparência substantiva do gênero em seus atos constitutivos e localizaria e descreveria esses atos dentro dos marcos compulsivos estabelecidos por forças diversas que 'vigiam' a aparência social do gênero (PISCITELLI, 2002, p. 15).

Essa dimensão de gênero substanciada corrobora com a produção de falsas estabilizações que fortalecem a perspectiva da heteronormatividade e, por conseguinte da sexualidade atrelada ao domínio reprodutivo. Essa dimensão da aparência substanciada vinculada a diferença sexual presente em gênero – masculino e feminino, homem e mulher – resulta no caráter performático de gênero, fortalecidos por comportamentos socialmente construídos que definem modos de agir à masculinidade e à feminilidade.

As reflexões de Butler rebatem diretamente na teoria feminista, mas, principalmente, na organização social e política do movimento feminista, pois ao questionar a centralidade na opressão-dominação das mulheres e, lançar o olhar para a construção não-identitária de gênero, rebate no cerne da organização do movimento feminista. Não me ateei aos estudos *queer* e nem aos rebatimentos dessa teoria no seio do movimento feminista, pois, não compõe o objeto desse trabalho, apenas destaco que há um campo muito denso de proposições e debates acerca de gênero, bem como a reconstrução da categoria mulher.

Ressalto, apenas que dentre as questões que surgem no debate teórico do feminismo, merece destaque os estudos como o de Jules Falquet, materialista francófona, Daniele Kergoat, Anne-Marie Devreux, Mirla Cisne, entre outras estudiosas que trazem à discussão da teoria feminista críticas ao conceito de gênero, contudo, de forma bem diferenciada à trazida por Butler e outras teóricas pós-estruturalistas, apesar de algumas similitudes.

Cisne (2013) apresenta em sua tese apontamentos das críticas proferidas por diversas/os autoras/es que propõem como alternativa ao uso do conceito de gênero a utilização de *rappports sociaux de sexe*, sua tradução para o português designa: relações sociais de sexo. Contudo, a tradução não apresenta a especificidade que a língua francesa estabelece, explica Cisne (2013, p. 102):

*Rapport* designa relações mais amplas, estruturais, enquanto *relations* diz respeito às relações mais pessoais, individuais, cotidianas. O conceito de *rappports sociaux de sexe* é diretamente fundamentado no de relações sociais de classe. Uma relação [*rapport*] social está vinculada aos conflitos e tensões entre os grupos sociais com interesses antagônicos.

A razão pela opção por relações [rapports] sociais de sexo (neste inclui-se sexualidade) se dá principalmente por três elementos (PFEFFERKON *apud* CISNE, 2013, p. 114/115): primeiro, a polarização sob os discursos conjugados aos pressupostos culturalistas e sua ênfase nos aspectos simbólicos da opressão das mulheres e às representações em detrimento dos aspectos materiais.

Segundo, a distinção sexo e gênero, pois atribuiu ao gênero, na busca pela ruptura com o naturalismo, de forma enfática a característica de construção social e, por conseguinte remeteu sexo a uma definição estritamente biologizada, com risco a suprimir deste último a “análise social e histórica dos corpos sexuados” (Idem, 2013, p. 115).

O terceiro aspecto se ancora no ocultamento da dimensão crítica e conflitual de algumas análises de gênero acerca da hierarquia entre os sexos e de outras desigualdades estruturantes, a exemplo de classe.

Tema da academia estado-unidense destacadamente, o gênero é introduzido na região principalmente através de teóricos (as) praticantes da cooperação, governamental ou multilateral. Embora muitas vezes usados de forma indiscriminada, muitas vezes, para evitar o estigmatizado termo "**feminismo**" ou para fornecer um "*plus*" para a palavra "mulher" - o gênero também introduz uma renovação teórica. Para algumas, ele permite desnaturalizar a opressão das mulheres: no decorrer de milhares de oficinas que foram organizadas no continente para conhecer a teoria do "**sistema de sexo-gênero**", cada uma aprende que gênero é uma construção **social**, ainda que se baseie numa diferença biológica (o sexo). Nessas formações aceleradas sobre gênero, a noção de hierarquia entre os sexos é muitas vezes apagada. Quanto às outras relações [*rappports*] sociais, elas simplesmente



desaparecem. Por outro lado, cada vez mais, acrescenta-se a sexualidade, especialmente gay e queer a palavra gênero – a tal ponto que as mulheres quase desaparecem deste discurso para serem substituídas pelas preocupações sobre financiamentos concernentes à discriminação contra gays e trans (FALQUET *apud* CISNE, 2013, p. 114 - Destaques de Falquet; tradução Cisne<sup>63</sup>).

Relações [rapports] sociais de sexo trazem uma alternativa à utilização do conceito de gênero mediante críticas proferidas por correntes de pensamento distintas, como pós-estruturalismo, materialismo francófono, materialismo histórico dialético. Autoras brasileiras marxistas que utilizaram em suas obras o conceito de gênero, já advertiam sobre sua generalidade, a exemplo de Saffioti (2004, p. 138):

Não se trata de abolir o uso do conceito de gênero, mas de eliminar sua utilização exclusiva. Gênero é um conceito por demais palatável, porque é excessivamente geral, a-histórico, apolítico e pretensamente neutro. Exatamente em função de sua generalidade excessiva, apresenta grande grau de extensão, mas baixo nível de compreensão.

E para compreender as bases de fundamentação de Saffioti (2004), discorro agora sobre o conceito de gênero inserido na perspectiva marxista, na qual possuo maior identificação teórica. Gênero é concebido como uma categoria analítica fundante, como ressaltou no início deste capítulo Scott (1996) com base em outra corrente de pensamento, da qual derivam as compreensões de diversas problemáticas da sociedade, seja de ordem econômica, política, social, cultural ou biológica. Entretanto, ressalta-se que gênero é uma categoria analítica fundante, mas, também deve ser vista como uma forma de ampliar o olhar, um conceito-meio que dialoga com outras categorias e com a realidade social. Conforme afirma Clara Araújo:

---

<sup>63</sup> Texto original: “Issu de l’académie états-unienne notamment, le genre est introduit dans la région principalement à travers les théoricien-ne-s et les pratiquant-e-s de la coopération, gouvernementale ou multilatérale. Quoique souvent utilisé à tort et à travers —souvent pour éviter le terme stigmatisé de « féminisme » ou pour apporter un « plus » au mot « femme »—, le genre introduit aussi un renouveau théorique. Pour certaines, il permet de dénaturaliser l’oppression des femmes : au cours des milliers d’ateliers qui ont été organisés sur le continent pour faire connaître la théorie du « système sexe-genre », chacune apprend que le genre est une construction *sociale*, même si elle est basée sur une différence biologique (le sexe). Dans ces formations accélérés sur le genre, la notion de hiérarchie entre les sexes est souvent gommée. Quant aux autres rapports sociaux, ils disparaissent purement et simplement. Par contre, de manière croissante, on accole la sexualité, surtout gay et queer, au mot genre —à tel point que les femmes disparaissent quasiment de ce discours pour être remplacées par des préoccupations et des financements concernant la discrimination contre les hommes gays et trans” (FALQUET, 2012, p. 108).

A ênfase na dimensão das relações subjetivas de poder entre homens e mulheres, desvinculada de bases materiais, seria um primeiro aspecto a destacar. Nas análises pós-estruturalistas, sobretudo, a dimensão simbólica ganha centralidade e a referência às práticas e relações materiais torna-se opaca. Gênero deixa de ser um conceito meio, isto é, uma forma de ampliar o olhar e entender a trajetória em torno da qual a dominação foi se estruturando nas práticas materiais e na subjetividade humana, para tornar-se um conceito totalizador, um modelo próprio e autônomo de análise das relações de dominação/subordinação, centrado quase exclusivamente na construção dos significados e símbolos das identidades masculina e feminina. As práticas materiais e as intercessões com outras clivagens praticamente desaparecem e/ou são bastante secundarizadas. Gênero passa a descrever tudo e a explicar muito pouco, pois, como conceito, tendeu a ser auto-referido (2000, p. 69).

A grande questão não trata, apenas, de considerar gênero como categoria analítica central, capaz de traduzir, sozinho, toda a complexidade presente nas relações homem-mulher-sociedade, mas principalmente na ausência do caminho inverso: a síntese, haja vista que as relações existentes na sociedade no seu plano macroestrutural atuam sobre as relações de gênero.

Ao considerar a mulher como categoria social e, como tal, discriminada por homens, também, na condição de categoria social, construiu-se uma análise relacional de gênero que não contemplou a totalidade da existência humana, tornando-se exclusivamente social. As relações de gênero devem ser compreendidas dentro de um contexto histórico, político, cultural, econômico, social e biológico, pois sofrem rebatimentos de várias ordens. É preciso considerar que “o ser humano deve ser visto como uma totalidade, na medida em que é *uno e indivisível*” (SAFFIOTI, 2004, p. 110).

Assim, a categoria gênero é reconhecida na perspectiva de totalidade, é necessário compreender essa categoria como histórica, analítica, e ontológica. Para tanto, gênero deve estar articulado a outras categorias (classe social – raça/etnia) para que possamos perceber toda a extensão das relações sociais, históricas, econômicas e culturais presentes na contemporaneidade.

O importante é analisar estas contradições na condição de fundidas e enoveladas ou enlaçadas em um nó. [...] Não que cada uma destas condições atue livre e isoladamente. No nó, elas passam a apresentar uma dinâmica especial, própria do nó. Ou seja, a dinâmica de cada uma condiciona-se à nova realidade. De acordo com

as circunstâncias históricas, cada uma das contradições integrantes do nó adquire relevos distintos. E esta motilidade é importante reter, a fim de não se tomar nada como fixo, aí inclusa a organização social destas subestruturas na estrutura global, ou seja, destas contradições no seio da nova realidade – novelo patriarcado-racismo-capitalismo – historicamente constituída (SAFFIOTI, 2004, p. 125).

O ser social é fruto de um complexo de interações heterogêneas, no qual as três esferas: orgânica, inorgânica e o ser social não podem estar desconexas. Portanto, não se pode compreender gênero como estritamente social e sem relação com o sexo, já que a formação do ser social é uma totalidade aberta e irreversível, como apresentado anteriormente por Saffioti (2005), ao reforçar o caráter ontológico da categoria gênero, na qual as três esferas: inorgânica, orgânica e o ser social não podem ser vistas separadamente.

Frente a estas argumentações, compreende-se gênero como uma categoria ontológica, uma construção social e histórica, expressando-se nas relações sociais, como afirma Saffioti:

O gênero é uma maneira de existir do corpo e o corpo é uma situação, ou seja, um campo de possibilidades culturais recebidas e reinterpretadas. Nesta linha de raciocínio, o corpo da mulher, por exemplo, é essencial para definir sua situação no mundo. Contudo, é insuficiente para defini-la como uma mulher. Esta definição só se processa através da atividade desta mulher na sociedade. Isto equivale a dizer, para enfatizar, que o gênero se constrói-expressa através das relações sociais (1992, p. 191).

O debate de gênero como categoria ontológica torna-se pertinente pois, aponta sua concepção exclusiva ao ser social. Em outras palavra, o ser humano ainda que tenha elementos constitutivos da natureza orgânica e de algum modo ‘pudesse’ ser comparado a outros seres vivos de natureza animal, é desta esfera diferenciado por sua capacidade teleológica que lhe permite criar necessidades próprias e como tal atende-las. Assim, sua condição de ser social é a única que permite que seja atribuída a categoria gênero para analisar as relações sociais vivenciadas, não podendo a mesma ser associada a nenhum outro ser de natureza animal<sup>64</sup>.

---

<sup>64</sup> As leis que regem as esferas ontológicas, orgânica, inorgânica e o ser social não podem ser aplicadas a nenhuma outra esfera para além da que foi extraída. As categorias que explicitam o desenvolvimento da natureza orgânica não podem ser associadas ao ser social ou à esfera inorgânica e vice-versa. As três esferas não podem ser pensadas de modo desarticulado, mas possuem a seu modo um movimento próprio, totalidades que se consubstanciam, abertas e articuladas.

Gênero é estritamente pertinente ao ser social e deve ser visto de forma indissociada de sexo, já que o ser humano é uno e indivisível. É nesta totalidade que deve ser pensado o ser humano e deste modo a categoria gênero.

O caráter ampliado de gênero sugere sua articulação com classe social, raça/etnia, geração, juventude, sexualidade, cultura..., fato que demonstra que gênero também deve ser compreendido como uma categoria relacional.

Os apontamentos destacados acima referem gênero como uma categoria de análise, política, ontológica e relacional, que para atender as necessidades de compreensão do objeto em questão precisa ser trabalhada em todas as suas possibilidades investigativas, principalmente, sua interseção com outras categorias que se apresentam no mundo do forró pé de estrada e nos diálogos com as interlocutoras da pesquisa. Gênero se articula com a cultura do mundo do forró pé de estrada, com os discursos sobre as negociações de gênero, com geração, raça/etnia, classe social, sexualidade e outra série de elementos que surgem no desenvolvimento da festa. Para aprofundar essa articulação proponho algumas reflexões sobre a categoria violência e violência contra a mulher.

### **3.2 Breves reflexões acerca da violência**

A violência segundo Barreira (2007) é compreendida, em seu sentido amplo, como um fenômeno social e cultural. Presente em várias sociedades a violência tem assumido um lugar preocupante no seio social e diante da dificuldade de combatê-la ou até mesmo reduzi-la encontra-se entre os grandes desafios a serem superados pela humanidade. Do ponto de vista antropológico, atrelando a violência ao sentido da violência guerreira, Clastres (2004, p. 273), diria que as sociedades primitivas são caracteristicamente guerreiras:

Não se pode pensar a sociedade primitiva, eu escrevia recentemente, sem pensar ao mesmo tempo a guerra. Imanente ao ser social primitivo, dado imediato e universal de seu modo de funcionamento, a violência guerreira aparece no universo dos selvagens como o principal meio de conservar na indivisão o ser dessa sociedade, de manter cada comunidade em sua autonomia de totalidade una, livre e independente das outras: obstáculo maior erguido pelas sociedades sem Estado contra a máquina de unificação que constitui o Estado, a guerra pertence à essência da sociedade primitiva.

Porém, a violência aqui tratada não é guerreira, muito menos é engendrada no seio de uma sociedade primitiva. A realidade que falo na qual a violência é uma problemática de ordem urgente, tem a marcante presença do Estado e tem o advento tecnológico como característica intrínseca a sua estrutura, de fato uma sociedade com traços complexos de organização social, econômica, cultural e política, mas que permanece com resquícios de uma cultura primitiva que banaliza e enaltece a postura violenta em várias nuances.

A apologia à virilidade masculina que associa o homem ao guerreiro, à força, à coragem, esboça de modo subliminar a importância dada à postura violenta sociedade atual. Tendo o homem, o masculino como expoente da guerreiro, sempre pronto para guerrear, o cenário atual torna-se mais complexo e desafiador que o tratado por Clastres (2004), pois não está preso a uma necessidade defender a comunidade ou articulada ao interesse coletivo de toda uma organização comunitária. A violência contemporânea tem traços mais cruéis, pois se funda na exploração, na opressão e no poder, na constante busca de subjugar um ser, historicamente construído como frágil e inferior, razão pela qual “deve” ser subordinado.

E, é esta complexidade que permeia a realidade brasileira, em geral nas grandes cidades, como no caso de Fortaleza, afirmaria que a violência cotidiana é responsável por uma conjuntura de “medo” constante. O fenômeno da violência na atualidade não escolhe classe social, raça/etnia, gênero, orientação sexual, se estende por todo o seio social (SAFFIOTI, 1997, *passim*). Por meio dessa difusão da violência, surge a necessidade de reconceituá-la conforme as peculiaridades que se manifesta.

Assistimos, por um lado, a um incremento constante dos indicadores objetivos da violência: taxas de homicídios, conflitos étnicos, religiosos, raciais etc., estruturas de criminalidade, incluindo aqui o narcotráfico, corrupção nos diversos níveis do setor público e do privado etc. Mas também assistimos, nas últimas décadas, a um alargamento do entendimento da violência, uma reconceitualização, pelas suas peculiaridades atuais e pelos novos significados que o conceito assume (WAISELFISZ, 2010, p. 10).

O conceito de violência sofre dilatações e esse movimento permite, segundo Waiselfisz (2010), a desnaturalização de violências até então consideradas práticas comuns condizentes as regras sociais estabelecidas: violência praticada no seio da família contra

crianças, adolescentes, mulheres, idosos, como também suas expressões na esfera pública contra grupos étnico-raciais, população LGBT, classe social, pessoas com deficiência, mulheres e demais manifestações de violação de direitos humanos.

A articulação internacional do conceito de violência com os direitos humanos ampliou a capacidade de intervenção e combate às multifaces da violência. Desvelando da esfera privada práticas violentas e as tornando uma dimensão política de responsabilidade pública. Tais mudanças na reconceituação também foram impulsionadas pela organização dos movimentos sociais feministas, de negros/as, e demais segmentos que lutaram para que as violências antes naturalizadas se tornassem um problema de ordem pública, social, política e jurídica.

Nesse ínterim desponta a necessidade de me ater a uma especificidade da violência com mais profundidade: a violência contra a mulher. Pois, apesar dos avanços ocorridos no Brasil do ponto de vista jurídico no enfrentamento a essa expressão da violência, ainda há uma gama de mulheres que não conseguem se livrar do ciclo de violência sofrida ou pior que nem consegue reconhecer a situação de violência em que se encontra, questões que são alvo de um vasto arsenal de estudos e investigações, mas ainda precisam ser reconhecidas em sua gênese, para que as respostas possam de fato implicar em transformações efetivas.

### **3.3 Violência contra a mulher: uma questão a procura de respostas**

A violência contra a mulher tem sido alvo de grande preocupação de feministas e estudiosas do tema, compreende as várias formas de violação cometida contra mulheres, ainda que sua forma mais difundida seja a violência física. O conceito de violência também pode ser adotado como ruptura de integridades: psicológica, física, moral, sexual, patrimonial. Entretanto, esta definição é problemática, pois o critério de avaliação da violência encontra-se no campo do individual. A dimensão institucional também é relevante no tocante a violência contra a mulher, nesse aspecto é deveras significativo o uso do conceito de patriarcado<sup>65</sup>.

---

<sup>65</sup> O patriarcado refere-se aos milênios da história mais próxima nos quais se implantou uma hierarquia entre homens e mulheres, com primazia masculina. Tratar esta realidade em termos exclusivamente do conceito de

Para uma mulher que compreende como natural uma relação pautada em xingamentos, maus-tratos e ameaças, a ruptura de sua integridade só será para ela concretizada após vários episódios de violência ou mesmo com o agravamento das práticas violentas. Sobretudo, por esse aspecto, é preferível que violência se configure partir da violação dos direitos humanos (SAFFIOTI, 2004, *passim*).

Conceituar violência não é uma tarefa fácil, assim como, combater suas manifestações ou mesmo erradicar do seio social a violação dos direitos humanos é uma tarefa ainda mais desafiadora. As produções teóricas feministas visam contribuir para aprofundar os estudos sobre o tema, pois consideram que quanto maior a capacidade de compreensão sobre a “violência de gênero”, “violência doméstica”, “violência intrafamiliar”, “violência contra as mulheres”, “violência conjugal”, maior a possibilidade de intervenção e combate de suas expressões na sociedade. Há de se reconhecer um caráter político nessa produção de conhecimento, dificilmente encontra-se trabalhos sobre as formas de violência que acometem, principalmente, as mulheres que visem apenas teorizá-la e não reconheçam a necessidade de enfrentamento do problema.

De fato as expressões da violência de gênero no Brasil e no mundo são aterrorizantes. A campanha da Organização das Nações Unidas na América Latina pelo fim da violência contra a mulher, afirma que “70% das mulheres sofrem algum tipo de violência no decorrer de sua vida”<sup>66</sup>, o dado corresponde a violência contra a mulher e não o integra a violência urbana e, continua: “As mulheres de 15 a 44 anos correm mais risco de sofrer estupro e violência doméstica do que de câncer, acidentes de carro, guerra e malária, de acordo com dados do Banco Mundial”.

O Brasil ocupa o segundo lugar na América Latina em número de feminicídios, o primeiro lugar é da Colômbia, segundo dados do Observatório Brasil Pela Igualdade de Gênero; entre 2001 e 2010 40.000 mil mulheres foram mortas no Brasil. Os dados assustadores apontam a necessidade de se pensar, não apenas alternativas para o

---

gênero distrai a atenção do poder do patriarca, em especial como homem/marido, “neutralizando” a exploração-dominância masculina. Neste sentido, e contrariamente ao que afirma a maioria das (os) teóricas (os), o conceito de gênero carrega uma dose apreciável de ideologia. E qual é esta ideologia? Exatamente a patriarcal, forjada especialmente para dar cobertura a uma estrutura de poder que situa as mulheres muito abaixo dos homens em todas as áreas da convivência humana. É a esta estrutura de poder, e não apenas à ideologia que a acoberta, que o conceito de patriarcado diz respeito (SAFFIOTI, 2005, p. 71).

<sup>66</sup> Ver: <http://www.onu.org.br/unase/sobre/situacao/>. Acessado em 25/05/2013.

enfrentamento da violência contra a mulher, como entender as bases que subsidiam esse perverso cenário de morte e violência que permeia a vida das mulheres. Quais elementos contribuem para que a violência contra a mulher se perpetue ao ponto de atingir 70% das mulheres do mundo? O que torna a violência contra mulher tão recorrente no Brasil? Pensar a violência contra mulher em suas raízes contribui para a análise do problema e possíveis alternativas de enfrentamento.

O debate acerca da violência contra a mulher no universo das produções feministas apresenta desde o início da discussão do conceito até os dias atuais, posições controversas no tocante a sua utilização. Inicialmente como já apresentei nas reflexões acerca da categoria gênero, os estudos da mulher foram paulatinamente substituídos pelos estudos de gênero, diante das construções do conceito e das críticas, algumas alternativas ao uso do conceito foram ressaltadas, entretanto, esta querela me parece longe de um consenso.

Este mesmo processo que envolve gênero tem permeado o universo da discussão da violência contra a mulher. Segundo Santos e Izumino (2005) três correntes teóricas se destacaram:

[...]a primeira, que denominamos de *dominação masculina*, define violência contra as mulheres como expressão de dominação da mulher pelo homem, resultando na anulação da autonomia da mulher, concebida tanto como “vítima” quanto como “cúmplice” da dominação masculina; a segunda corrente, que chamamos de *dominação patriarcal*, é influenciada pela perspectiva feminista e marxista, compreendendo violência como expressão do patriarcado, em que a mulher é vista como sujeito social autônomo, porém historicamente vitimada pelo controle social masculino; a terceira corrente, que nomeamos de *relacional*, relativiza as noções de dominação masculina e vitimização feminina, concebendo violência como uma forma de comunicação e um jogo do qual a mulher não é “vítima” senão “cúmplice” (SANTOS e IZUMINO, 2005, p. 148).

As autoras discorrem sobre as três correntes teóricas e destacam as principais autoras que contribuíram para o debate, bem como seus limites e possibilidades. Destaco das três correntes apenas alguns elementos relevantes para a compreensão da violência contra a mulher. Primeiramente, destaco a importância de ressaltar a condição de sujeito da mulher que sofre violência, esta apesar de ser vitimada<sup>67</sup> numa situação de violência, não se configura

---

<sup>67</sup> O sentido da palavra relaciona-se ao fato de ter sofrido a agressão e não necessariamente na condição de



como um não-sujeito; a vitimização da mulher em situação de violência esteve muito presente no início do debate acerca da temática. Uma conjunção de fatores contribui para que situações de violência permaneçam e que mulheres, crianças, adolescentes e idosas ocupem o topo da cadeia como principais alvos.

Existe uma relação de poder presente nessas relações e que longe de ser equânime esse poder tem pendido com maior expressividade para aqueles e aquelas que praticam a violência. É bem verdade que em relação à violência doméstica contra crianças, adolescentes e idosos, a mulher também surge como praticante da violência. O mesmo não se pode dizer das relações heteronormativas, pois, salvo alguma exceção à regra, as mulheres são em sua maioria esmagadora os alvos da agressão.

Abro um parêntese sob esse aspecto, para relatar um caso específico que vivenciei na infância. Lembro-me bem, tinha oito anos de idade, quando presenciei uma agressão cometida por um vizinho que invadiu minha casa e agrediu com uma tapa a sobrinha (à época namorada de meu irmão mais velho) que havia ido atender um telefonema de sua família que morava no interior. O homem era alcoolista, já acometido pelo vício, muito magro e debilitado, já a jovem tinha aproximadamente dezoito anos, mas bastante forte, altura mediana. Ao ver aquela cena, recordo-me que não conseguia entender porque a jovem tinha permitido que aquele homem a agredisse, pois, para mim era notório que ela tinha total condições de revidar ou mesmo de impedir a agressão.

Essa conclusão me foi tão óbvia, pelo simples fato de ter sido eu, ainda criança e dotada de uma força ínfima, a responsável por impedir que a briga continuasse. O agressor era tão “fraco” e estava completamente embriagado que uma criança de apenas oito anos conseguiu tirá-lo de dentro de casa e impedir que a agressão fosse alongada. O que levou aquela jovem a aceitar a agressão sem revidar? Era uma pergunta que eu não conseguia entender, em minha pouca idade. O relato que trago aqui serve de suporte para refletir que não é apenas força que empondera homens a agredir mulheres, nem muito menos a ausência dela que permite que uma mulher não revidar ou impeça a agressão.

Alguns elementos devem permear a análise do fato, primeiro, independentemente de suas condições físicas, a condição de homem, adulto, branco, tio, já o colocava numa

---

vítima indefesa, que despida de toda a condição sujeito não pode sair da situação de violência.

condição de autoridade sobre a sobrinha, mulher, negra, jovem, vinda do interior de Quixadá (sua família residia em um distrito de Quixadá – município do Ceará), que sob a tutela dos avós tinha a pretensão de estudar e trabalhar na Capital.

Uma gama de fatores pertinente à condição da jovem não permitia que ela revidasse a agressão, mesmo que do ponto de vista objetivo ela tivesse força corporal para tal, outras questões impediam sua reação: o desejo de permanecer na Capital, a autoridade de tio e a obediência de sobrinha (falo de uma situação ocorrida nos anos 80, hoje as relações de parentesco apresentam outra dimensão, assim como, a agressão a adolescentes não é mais tida como natural no âmbito jurídico e em parte do seio social), a condição de mulher, negra, do interior; importante frisar que essas condições que pesam durante a não-reação, não são conscientizadas, mas permeiam o inconsciente do sujeito, por meio das relações socialmente construídas<sup>68</sup>. A relação de poder que se desenhava não era igualitária e nem a jovem tinha poder suficiente para reagir ou mesmo ser cúmplice do ato.

Remeto-me à questão apontada por Mathieu (1985) e refletida por Saffioti (2004, p. 80): não há poder suficiente para consentir a violência a ponto da mulher configurar-se como cúmplice do ato praticado. A mesma reflexão pode ser pensada para refletir que no momento da violência a mulher não dispunha de poder suficiente para impedi-la. Tal afirmação não impõe a condição, homens detém poder, mulheres não detém poder.

Se assim o fosse a própria possibilidade de sair do ciclo de violência ou mesmo de perpetrar contra o agressor uma ação reativa, que não necessariamente precisa ser violenta, seria impossível, tais possibilidades nunca foram negadas nas reflexões de Saffioti (1994a; 1994b; 1995; 1996; 1999a; 1999b; 2000; 2004). O que a autora confere é que somente com a extinção do sistema de dominação/exploração imbricado no novo patriarcado-capitalismo-racismo é possível vislumbrar o fim da violência contra a mulher em todas as suas multifaces.

Apesar de não trabalhar na dissertação com o conceito de patriarcado, reforço que é importante perceber nas contribuições de Saffioti, à teoria feminista, que não há a negação da complexidade das relações microestruturais, o que a autora refuta é a análise das relações

---

<sup>68</sup> Recordo também que a jovem era chamada na casa dos avós e dos tios de “nêga” fulana de tal, sua condição de raça era seu prenome, sua forma de ser e existir na sociedade. Mesmo diante de alguns argumentos que possam considerar que tal tratamento possa ser carinhoso, o mesmo não ocorre com brancos, de serem denominados “branco cicrano” ou “branco beltrano”.

de gênero limitada apenas aos micropoderes. Nem de longe tal afirmativa rejeita sua existência. E, diferente de algumas leituras o “poder do macho” instituído pelo sistema patriarcal como “caldo de cultura” de gênero, não é considerado pela autora inabalável no campo das relações interpessoais, entretanto, os pequenos abalos não são suficientes para desengrenar toda a estrutura social, política, cultural, econômica que alimenta desigualdades várias.

Por essa razão entendo a necessidade trabalhar violência contra a mulher sob os seguintes aspectos: a mulher na condição de sujeito; as relações de poder no centro da engrenagem da violência, constituídas dentro de uma relação direta entre microestruturas e macroestruturas.

O debate sobre de gênero e violência é frondoso para entender e analisar o objeto da pesquisa, contudo é preciso compreender um pouco do desenvolvimento do forró, seu surgimento, suas nuances, principais ícones até a construção do forró pé de estrada. Mesmo diante da divergência sonora e do embate acerca da qualidade e da tradição entre o forró considerado genuíno e o forró pé de estrada, é preciso reconhecer que as bases desse último se situam no contexto do primeiro. Para tanto, proponho adentrar na história do forró e conhecer as peculiaridades do forró pé de estrada.

#### 4 O FORRÓ: UMA REFERÊNCIA CULTURAL DO NORDESTE E A PECULIARIDADE DO ESTILO PÉ DE ESTRADA

Pensar sobre o surgimento do forró como referência cultural do Nordeste é remeter-se a Luiz Gonzaga, sua “invenção” do baião deu asas a vários estilos satélites, xote, xaxado, toada, xamego, rojão, côco... (NIREZ *apud* VIEIRA, 2012), dentre eles o forró. Como estilo satélite o forró também foi uma “invenção” de Gonzagão, segundo Dominginhos, antes de Luiz Gonzaga criar o forró como gênero musical, este se caracterizava como o baile, afirma o músico, compositor e intérprete em entrevista ao Jornal O Globo em 21 de setembro de 2000, época em que comemorava 50 anos de carreira:

Forró era o baile. O Gonzaga também o classificava como um gênero musical derivado do baião. Ele já tinha feito o xote, o arrasta-pé, muito parecido com a discoteca americana. Lembro-me do Gonzaga dizendo que ia largar o baião, que o gênero estava muito desrespeitado e o iê-iê-iê estava tomando conta de tudo. Aí ele inventou uma nova batida no zabumba — ele tocava todos os instrumentos de percussão — esqueceu o baião e só falava em forró. Então descobri o que era forró, um ritmo mais jazzístico, melhor de improvisar. Tudo isso a gente deve ao Gonzaga.

Longe de compreender suas nuances musicais é importante perceber que a partir da iniciativa criativa de Luiz Gonzaga o forró deixa de representar uma festa, um baile para se constituir como um gênero musical. As repercussões acerca da origem da palavra forró expressam bem a conotação do termo como baile, festa, diversão. Três versões são conhecidas acerca da origem da palavra forró, a primeira bastante difundida, chega a ser contada em duas versões muito parecidas, João Epifânio Lima Campos conta uma das histórias da origem do forró em seu livro: Como nasceu o forró?

Quando a companhia Inglesa de Great Western inaugurou a primeira estrada de ferro no interior de Pernambuco [1858], quis comemorar o importante acontecimento que seria animado pelo som alegre da sanfona e pela batida alegre do zabumba. O momento era de alegria e estavam todos convidados, pelo menos era que os ‘gringos’ queriam comunicar ao caboclo desconfiado quando afixaram à entrada do grande barracão em letras garrafais *for all* (para todos). Daí moradores da região passaram a chamar seus bailes de forró (1980, p. 33).

A segunda versão muda dois aspectos significativos, o período histórico II Guerra Mundial (1939-1945) e os sujeitos, não seriam os ingleses os responsáveis pela comemoração, mas, os soldados norte-americanos que se encontravam instalados no nordeste. A terceira versão, a qual considero mais coerente foi apontada pelo historiador Câmara Cascudo (1972) e pelo antropólogo Alberto Tsuyoshi Ikeda:

Particularmente, [...] creio que a palavra se originou mesmo de forrobodó<sup>69</sup>, que é termo expressivo até hoje, usual, podendo estar no linguajar popular muito antes do seu registro na imprensa do Recife em 1882, além do que *for all* num primeiro momento resultaria em foró, não sendo natural que esta passasse para uma palavra de maior impedância que seria forró. Por outro lado, será difícil crer-se que forró desse origem a forrobodó, o que, confrontaria a prática popular de simplificação das palavras (pelo menor esforço) tão comum no Brasil (IKEDA, 1990, p. 65).

Cascudo (1972) afirma que o termo forrobodó é uma expressão de origem africana que designa “algazarra”, “festa para ralé”, “arrasta-pé”. O fato é que seja na sua concepção de festa ou de gênero musical criado por Luiz Gonzaga, o forró possui uma grande expressividade como componente da cultura popular brasileira.

Destaco, e isto é importante, que o forró a que autoras/es e músicos ressaltaram até aqui, não corresponde ao forró pé de estrada, este forró a que se referem está mais próximo ao que hoje se denomina forró pé de serra ou forró genuíno e, entre pé de serra e pé de estrada, pairam divergências teóricas e musicais. O primeiro, como afirma Trotta (2009), é alvo de “elogios da crítica”, por sua “consagração produzida pela tradição”, já o segundo a crítica é ostensiva sob a alegação da “baixa qualidade”.

No cenário atual do forró no Nordeste, é possível perceber uma cisão entre aqueles se identificam e frequentam o chamado “pé-de-serra” e outros que adotam sua vertente “eletrônica”. A primeira, por sua longevidade e por estar associada a uma consagração produzida pela “tradição”, costuma receber elogios da crítica e adesão de setores significativos da intelectualidade nordestina. Já as bandas de forró eletrônico são renegadas pela crítica por fazerem uma música classificada como de baixa qualidade (TROTТА, 2009, p. 133).

---

<sup>69</sup> Forrobodó quer dizer pagode, festa, alegria – era atribuído aos bailes e posteriormente passou a denominar estilo musical.

Uma das questões que descredibilizam o forró pé de estrada para a crítica é o apelo sexual e erótico presente nas letras, em especial pelo teor pejorativo destinado à mulher. Contudo, é importante frisar que esta dimensão sexualizada no forró não se manifesta apenas nas letras:

A voz que canta (melodia, timbre, estilo) registra sonoramente o discurso da voz que fala (sentido verbal) (idem), numa relação de complementaridade que quase sempre guarda um poderoso componente erótico. Por último, podemos destacar um elemento-chave da constituição mercadológica da música que é o seu caráter *visual*. O sentido da audição – invisível – é apresentado no mercado musical através da visualidade de artistas e instrumentos musicais, que compõem de forma significativa o ambiente comunicacional da música. Neste sentido, os artistas (e, principalmente, *as* artistas) são visualmente apresentados como objetos de desejo quase sempre erotizados, reforçando uma conexão estreita entre música, corpo e sexo (TROTТА, 2009, p. 134).

Trotta (2009) remete-se a obra do Jornalista Rodrigo Faour, “em sua volumosa” *História Sexual da MPB* que “realiza um robusto inventário de canções de todos os tempos que visitaram a sexualidade, demonstrando que praticamente não há gênero, compositor ou época em que o sexo não tenha aparecido de forma bastante visível (e audível) no panorama do mercado musical brasileiro” (FAOUR *apud* TROTТА 2009, p. 133), para enfatizar que o fenômeno da erotização presente no forró não é exclusivo do estilo.

A presença do sexo na música popular brasileira é constatada por Faour (2007) em todos os gêneros, compositores e épocas; por que então a realidade do forró pé de estrada causa tanta rejeição? Ainda segundo Trotta (2009, p. 133), “Modinhas de duplo sentido e lundus provocantes povoaram o repertório da nascente música urbana brasileira ainda no século XIX, constituindo uma *vertente maliciosa* (LEME, 2002) que sempre teve como característica negociar os limites e narrar à sexualidade e a moral de cada época”. Essa rejeição à erotização do forró pé de estrada, em especial, e de outros estilos como tecnobrega, *funk*, *swingueira*, etc., seria uma forma de impor a negociação dos limites? Esse processo é condizente com a moral contemporânea?

A discussão moral perpassa grande parte das críticas postas ao forró pé de estrada, seja pela via de negação da forma e/ou do conteúdo. Para tornar mais evidente esta afirmação, ressalto que, se por um lado o incômodo perpassa pela utilização direta do sexo, das relações

sexuais e do erotismo, por outro o que gera descontentamento é a reprodução de papéis estereotipados do masculino e do feminino, atrelado a heteronormatividade, no qual a mulher se apresenta como caça e o homem caçador. Esta última reforça uma ideia de subordinação feminina, frente aos desejos masculinos.

Contudo como já sinalizei antes, tem crescido no âmbito das produções do forró letras que colocam a mulher com certa autonomia, econômica e afetiva, sem de fato abandonar o modelo heterossexual como padrão a ser seguido.

Nunca diga dessa água nunca beberei, / De tanto levar não agora eu que me cansei, / Eu te valorizava, todo dia, / toda hora, / Você que me deixou, e agora é você quem chora. / Vai, vai, vai correndo atrás, / Eu já tô em outra, vai correndo atrás... / Vai, vai, vai correndo atrás, / Eu já tô em outra, vai correndo atrás... / Tá vendo aí, tá vendo aí, / Me desprezou agora vive atrás de mim / Tá vendo aí, tá vendo aí, / Me desprezou agora vive atrás de mim. / Nunca diga dessa água nunca beberei, / De tanto levar não agora eu que me cansei, / Eu te valorizava, todo dia, toda hora, / Você que me deixou, e agora é você quem chora. / Vai, vai, vai correndo atrás, / Eu já tô em outra, vai correndo atrás... (VAI CORRENDO ATRÁS – AVIÕES DO FORRÓ<sup>70</sup>, 2013).

Tais questões presentes nas letras, mas, também nas performances de palco apontam um pouco da peculiaridade do forró pé de estrada e, demonstram que não são apenas as letras ou a sonoridade, não são apenas as performances e nem as relações vivenciadas no seio das festas, que podem trazer elucidacões a determinadas questões. Mas, a sua leitura ampliada, buscada por meio de uma maior aproximação com o real, entender o forró na sua totalidade, sem reducionismos ou preso ao discurso de frequentadoras/es é primeiro passo para ultrapassar a aparência que muitas vezes naturaliza de forma jocosa os vários elementos que compõem as negociações de gênero e conseqüentemente a violência contra a mulher que se apresenta na festa, nas letras e nos discursos que permeiam o mundo do forró pé de estrada.

A exacerbação do erotismo não foi uma estratégia presente desde o início da criação das bandas de forró pé de estrada, se as relações heterossexuais sempre estiveram no centro da produção de músicas de forró, a exacerbação do sexo, do erotismo e do conteúdo

---

<sup>70</sup> As músicas de forró são tocadas nos shows por várias bandas e pela estratégia dos CDs promocionais que são gravados durante as apresentações, muitos CDs de bandas diferentes aparecem com as mesmas músicas, fica difícil definir quais músicas são de cada banda ou mesmo definir compositores/as.

libidinoso, foi uma construção gradativa que reduziu paulatinamente o uso dos duplos sentidos e adotou uma linguagem direta e explícita em relação ao sexo e as relações sexuais.

A banda Mastruz com Leite tida como a pioneira do forró pé de estrada utilizou por bastante tempo as particularidades das relações heterossexuais como tema de suas letras, destacam-se na trajetória da banda sucessos como: “Pneu Furado”, “Cabeça com Bobs e Barriga Crescida”, “Desculpa Esfarrapada”, entre outras, a título de informação, apresento a música Cabeça com Bobs e Barriga Crescida:

Quando a gente namorava você era uma princesa/ ai meu Deus eu me afobava diante de tanta beleza/ era um tal [sic] de roupa nova/ um tal de perfume francês/ e eu quase nem me agüentava pensando na primeira vez/ o enxoval todo de renda com nosso nome bordado/ você era a minha prenda e eu o feliz premiado/ era amor pra toda vida, amor pra mais nunca acabar/ você bela e bem vestida e eu tão anjo a te adorar / E agora que já faz tanto tempo que a gente casou/ você não se cuida, você relaxou/ até parece que brigou com espelho/ sua cabeça está sempre com bob [sic]/ sua cauçola [sic] de um lado ela sobe/ e a camisola surrada da noite de dia ela é hobbie[sic]/ vá lá que seja que a vida é dura de criar filhos de ir a formosura/ mas se você não enfeitar o maracá eu não posso tocar / Enquanto eu andava de bob, [sic] a sua barriga crescia/ enquanto eu lavava cauçola [sic] que sobe a sua cueca eu fervia/ enquanto minha camisola era o hobbie [sic] que usava de noite e de dia/ você se deitava na cama virava pro lado peidava [sic] e dormia/ e enquanto eu criava os meninos você só pensava em cachaça/ passava o fim de semana jogando baralho e dominó na praça / Se eu briguei com o espelho você também brigou/ se eu fiquei de joelhos você rastejou/ se eu era uma princesa você principiou/ se eu era perfumada como um botão de flor/ não era fingimento foi tudo por amor/ nenhum dos dois tá [sic] certo, nenhum dos dois errou/ se você é do jeito que é eu sou do jeito que sou/ se você tá do jeito que tá, eu tô [sic] do jeito que tô (CABEÇA COM BOB E BARRIGA CRESCIDA, MASTRUZ COM LEITE).

O grande marco na mudança de linguagem acerca das relações entre homens e mulheres é a música de Sirano e Sirino, “Amor de Rapariga”:

Amor de rapariga é que amor/ amor de rapariga é bom demais/ amor de rapariga não tem briga não, não tem confusão só existe paz/ ela não é santa tu também não é/ é a Julia Roberts [sic] uma linda mulher/ não é stressada [sic] como você é/ não é abestada [sic] entenda o que quiser/ amor de rapariga é bom demais/ faz parte da minha vida/ eu tô correndo atrás (AMOR DE RAPARIGA – SIRANO E SIRINO, 2001).

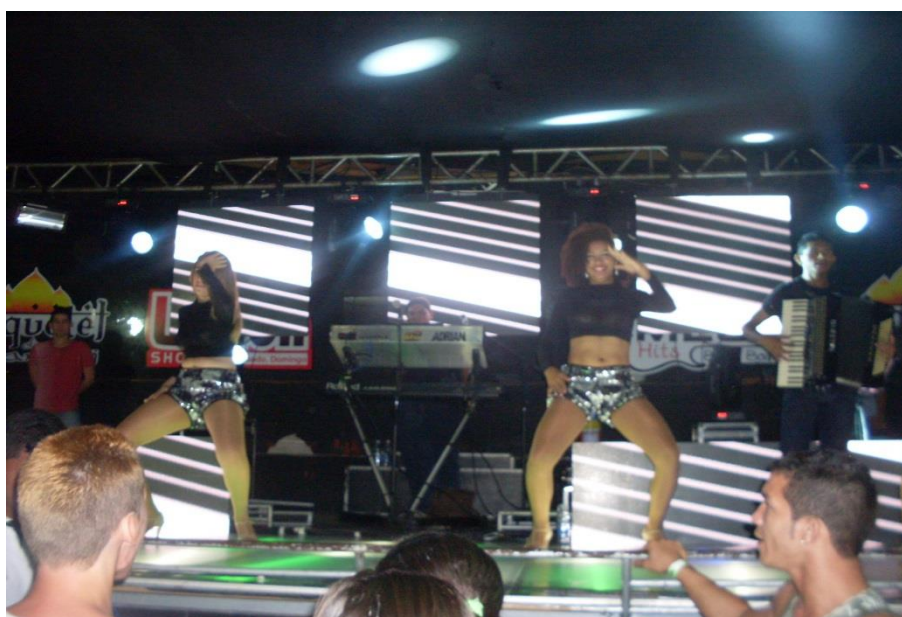
Outras músicas já tinham sido feitas com essa mudança de linguagem, mas o



maior sucesso se deu a partir desse “*hit*” de Sirano e Sirino. Jameson (2001) ressalta que essa tendência é contemporânea, presente nas estratégias de marketing e publicidade:

Surgiu toda uma indústria para planejar a imagem das mercadorias e as estratégias de venda: a propaganda tornou-se uma mediação fundamental entre a cultura e a economia, e se inclui certamente entre as inúmeras formas da produção estética (ainda que a existência da propaganda possa nos levar a questionar nossas idéias a respeito da estética). A erotização é uma parte significativa do processo: os estrategistas publicitários são verdadeiros marxistas-freudianos que entendem a necessidade de investimentos libidinais para realçar seus produtos (2001, p. 22).

Levanto apenas uma ressalva à ironia do autor acerca dos marxistas-freudianos, pois, tais estratégias do ponto de vista do mercado não condizem com o marxismo, muito menos a apelação libidinosa estaria ancorada nas produções de Freud. No tocante, à erotização do forró pé de estrada destaco o corpo de baile formado por dançarinas que coreografam as músicas cantadas no palco, de forma a enfatizar o conteúdo erótico da letra. Interessante perceber o público masculino que se concentra a frente do palco nas músicas em que o corpo de baile participa. O corpo de baile não permanece durante todo o show, as saídas do palco em músicas menos coreografadas, dão condições para as várias trocas de roupas realizadas durante a apresentação:



Banda Caviar com Rapadura – Apresentação Leblon Show  
Fonte: arquivo pessoal

A presença do público feminino na frente do palco também é significativa, mas, não se compara a presença masculina. As filmagens com aparelhos de celular são bem comuns. Os recursos dos aparelhos cada vez mais sofisticados permitem que parte dos shows realizados sejam divulgados nas redes sociais, páginas e *blogs* de forró, *sites* de vídeos como o *Youtube*, estão repletos de gravações de momentos das festas.

O assédio masculino junto as artistas e as dançarinas ocorre com muita tranquilidade na maioria das festas, extraordinariamente, na foto registrada abaixo presenciei pela primeira vez uma atitude de rejeição da artista ao comportamento do “fã” que a filmava.

Durante sua apresentação, a cantora se deu conta que a filmagem que estava sendo feita buscava filmar por baixo do seu vestido, como demonstra a imagem o vestido da cantora era justo e curto, mas não muito curto para os padrões do forró. O conflito ocorreu minutos após eu ter registrado a imagem com o celular, a cantora aproximou-se da plateia e o homem que segurava o celular (na foto que tirei só aparecem suas mãos) posicionou o aparelho para filmar por baixo de seu vestido.



Cantora da Banda Caviar com Rapadura Michelle Menezes

Fonte: Arquivo pessoal

A estratégia de reação da cantora, não foi apenas de se afastar do anglo privilegiado que o homem buscava, mas, de constrangê-lo perante o público, com a seguinte afirmação: “Que é isso meu filho, tá 'seco'<sup>71</sup>? Como é que pode tanta mulher aí e você quer ver minha calcinha? Olha aí gente! Esse só pode não pegar ninguém... se 'manque'<sup>72</sup> meu filho” após a fala a artista voltou a cantar e o homem continuou a filmagem por mais alguns segundos e se retirou da frente do palco.

Mesmo com o apelo à sensualidade, como afirmou Trotta (2009), presente no timbre, na performance e nas roupas da artista, esta relação tem um limite entre o permitido e não permitido na relação artista x público, definidos pela/o artista que se posiciona no palco ou pelos seguranças de palco, que intervém caso haja algum excesso por parte do público, particularmente nas minhas andanças em shows de forró não presenciei nenhuma ação contra o/a artista que tornasse necessária a participação dos seguranças de palco.

O foco da fala da cantora, na perspectiva de constranger o homem que a filmava, também merece ser destacado. A reação se pautou na tentativa de atingir a virilidade do homem, ressaltando o fato dele não manter relações sexuais há tempos e na sua incapacidade de conquistar uma mulher para passar a noite. Ambas as questões atingem o homem em aspectos significativos da socialização masculina e, principalmente héteros que frequentam o ambiente do forró, em que tais comportamentos são altamente difundidos e “valorizados”, o homem “pegador”, “raparigueiro”, enfim.

A sensualidade presente nos palcos também se reproduz no cenário da festa, tanto no estilo de roupa, quanto na dança. É comum encontrar nas festas mulheres dançando juntas, sejam as coreografias ao estilo do axé e do *funk* ou mesmo o forró a dois. As mulheres ocupam lugar de destaque nas festas, diferente do público masculino, podem dançar juntas sem que sua sexualidade seja questionada.

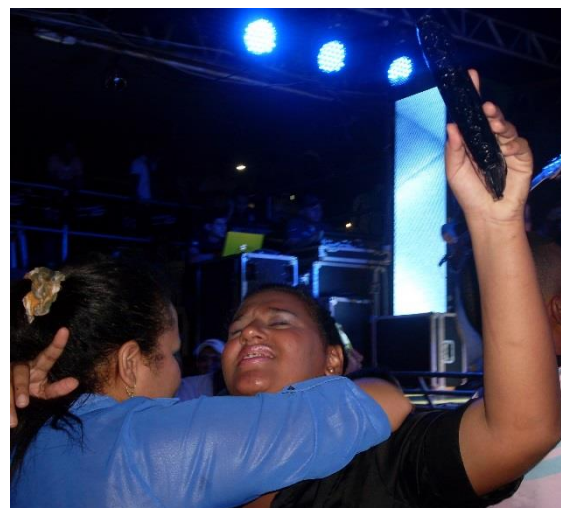
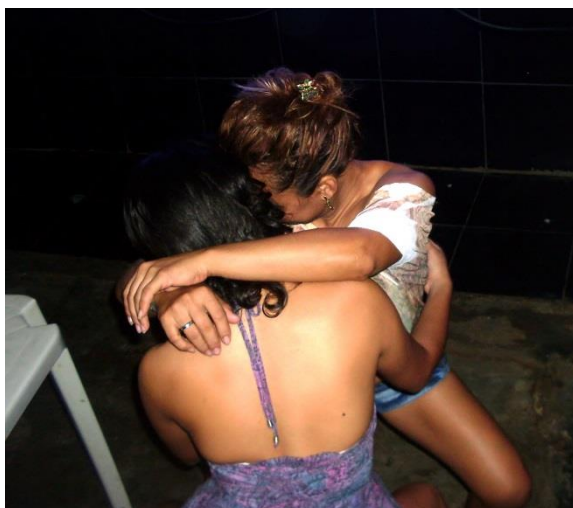
Não presenciei nenhuma expressão de rejeição às mulheres que dançavam juntas. Contudo, o mesmo não ocorre entre homens, estes não têm o hábito de dançarem a dois nas

---

<sup>71</sup> Termo utilizado para designar homens e mulheres que não tem relações sexuais a muito tempo.

<sup>72</sup> A palavra tem o mesmo sentido de “crie vergonha”.

festas de forró. Pude presenciar homens que dançavam com travestis femininas, mas nestes casos os “papéis” homem e mulher estavam muito bem definidos. O forró institui a dualidade homem-mulher por mais que se presencie relações homoafetivas.



Festa Leblon Show  
Fonte: Arquivo pessoal

As peculiaridades dos shows de forró são muitas, a música que estimula a dança, mas, também serve de suporte para potencializar a paquera, a troca de olhares, a oferta de um trecho da música, para conquistar a parceira ou parceiro. Em sua pesquisa *Cariri do Forró Eletrônico*, Marques (2011, p. 44) destaca como o olhar tem significados durante a festa: “Ao longo do meu trabalho de campo, pude perceber como durante os shows homens e mulheres comunicam-se dublando as canções de forró. Miram o interlocutor, dão um ar de intencionalidade a seu olhar e passam a dublar canções que estouram das caixas de som”.

Nas festas que participei junto as minhas interlocutoras, pude perceber que o envolvimento com a música é tanto, que todas saem das festas roucas, quase sem voz. Músicas que trazem uma conotação romântica, seja pelo amor perdido, pela autoafirmação, pelo amor desejado; essas canções tendem a envolvê-las e levá-las a cantar. Os pedidos das/os artistas também são atendidos, frases como “joga a mão pra cima, vai” ou “canta comigo” momento em que a/o artista para e espera o retorno do público, que canta alto o sucesso da

banda. Essas interações público-artista são constantes nos shows de forró.

Remeto-me para uma fala de “Solange Almeida” quando a indaguei sobre sua opinião acerca da interação artista x público: “É tranquila, o artista interage com a galera, fui para um show da Ana Carolina ela disse boa noite no início e tchau, obrigada no final. Gosto dela, agora tem que ter mais respeito com o público. Os artistas do forró têm essa preocupação”. Essa interação artista e público representa para ela reconhecimento da importância da plateia e respeito com quem prestigia o trabalho da/o artista.

A interação não é exclusiva ao forró, mas nele se manifesta como parte da performance da/o artista, a interação com o público é tão forte que dependendo do grau de resposta e sintonia é capaz de alterar o andamento da apresentação. Abre-se, portanto, a partir desse movimento o espaço para o improviso, pois, quanto maior a capacidade de participação e envolvimento do público com o show, maiores são as possibilidades de sua utilização.

A possibilidade de improviso e de novas formas de interação durante o show, trazem peculiaridades ao show da banda, pois, as performances apresentadas e até mesmo algumas falas com o público durante a apresentação já foram ensaiadas e preparadas antes, como mostra Schechner (2012, p. 49): “As performances artísticas moldam e marcam suas apresentações, sublinhando o fato de que o comportamento artístico é ‘não pela primeira vez’, mas feito por pessoas treinadas que levam tempo para se preparar e ensaiar”.

Em 2005, pude ouvir um ensaio da banda Aviões do Forró, quando estes aconteciam no bairro da Serrinha, na Avenida Dedé Brasil próximo a UECE. Não tive autorização para assistir, mas, a estrutura do local era precária e da antessala do estúdio era audível todo o desenvolvimento do ensaio. E, pude perceber que até os diálogos entre Xandy e Sol, vocalistas da banda desde sua formação, compuseram o processo do ensaio. Músicas cantadas pelos dois, as brincadeiras realizadas no palco, tudo era previamente acordado. Apesar do show não reproduzir *ipsis litteres* o que foi dito no ensaio, o contexto da encenação é preservado. As nuances do forró pé de estrada, sua relação com a erotização é um campo fortuito para muitas pesquisas acadêmicas.

#### **4.1 Festa-questão e festa-fato: uma leitura das festas de forró pé de estrada**

As festas tem se apresentado como um campo fortuito de pesquisa antropológica, para a realidade de Fortaleza tida como uma capital festeira, pois chegou a ocupar o título de segunda-feira mais animada do mundo embalada pelas festas da casa de show Pirata, a festa se constitui como uma característica inerente ao funcionamento da cidade, parte, em razão de ser uma cidade de forte apelo turístico, durante o dia as praias são o destino, durante a noite as festas ocupam a preferência de turistas e das/os fortalezenses. É nesse contexto que o forró ganha relevância como atração artístico-cultural da cidade e suas festas se tornam atrativos. Se o baião de Luiz Gonzaga foi “cartão-postal” (VIEIRA, 2012) do nordeste, o forró pé de estrada seria o cartão-postal de Fortaleza.

Pensar a festa como categoria de análise propõe sua compreensão em dois aspectos: “festa em perspectiva (festa-fato)” e “festa como perspectiva (festa-questão)”, (PEREZ, 2012). Aqui neste debate assumo a festa como um composto de elementos e significações, no qual a diversão, o ritual e o espetáculo, habitam seu universo.

Não é difícil reconhecer a presença da festa no cotidiano social, contudo sua conceituação representa um desafio, pois seu “potencial pode ser, e frequentemente o é, constantemente desgastado pelo esgaçamento de seu alcance heurístico” (PEREZ, 2012, p. 22). Tomando a observação de Guarinello (2001), a autora destaca:

[...] festa é um termo vago, derivado do senso comum, que pode ser aplicado a uma ampla gama de situações sociais concretas. Sabemos todos, aparentemente, o que é uma festa, usamos a palavra no nosso dia a dia e sentimo-nos capazes de definir se um determinado evento é, ou não uma festa. Contudo, essa concepção quase intuitiva de festa choca-se, frequentemente, com a diversidade de interpretações de um mesmo ato coletivo: o que é festa para uns, pode não ser para outros (GUARINELLO *apud* PEREZ, 2012, p. 22).

Com base nas colocações de Guarinello (2001), a festa pode assumir vários significados para sujeitos diversos, uma celebração religiosa pode assumir o sentido de festa para um devoto da religião em questão, diferentemente de um forró que para ele poderá ter uma conotação mundana de pecado, entre outras adjetivações. A relação inversa também pode ocorrer, uma celebração religiosa não expressar o sentido de festa para uma pessoa

frequentadora das festas de forró. Seus sentidos são “fluidos, negociáveis, contestáveis” (GUARINELLO *apud* PEREZ, 2012, p. 23).

Perceber a “festa como perspectiva”, festa-questão como denomina Perez (2012), é um movimento que caminha na contramão da antropologia clássica, na qual a mesma foi tomada como “objeto/fato”. A festa-fato abre espaço para classificações, relacionadas com algo que lhe é exterior, um “epifenômeno”. Festa-questão propõe que os estudos acerca do tema ultrapassem algumas reduções a que o conceito foi submetido.

Tendo Durkheim e Mauss, sido importantes por suas “reflexões seminais sobre festa”, Perez (2012), aponta os limites dessas reflexões, essencialmente por tê-las congelado no tempo e no espaço, reduzido-as a “uma data no calendário”, “uma efemeridade temporal extraordinária, sem maiores implicações para a vida social”, além de estabelecer a festa como “uma manifestação coletiva característica de um determinado tipo de sociedade e/ou grupo, geralmente de fraca diferenciação social, onde impera a religião como eixo organizador da existência humana em coletividade” (2012, p. 25).

Para Perez, à luz de Duvignaud (1984), Durkheim ao tratar da efervescência da festa a reduz como uma “exteriorização dramatizada da substância social, dispersa e difusa na vida cotidiana, uma vez que, mesmo correspondendo a um momento especial no qual a vida coletiva é mais intensa, permanece *inteiramente integrada à sociedade*” (PEREZ, 2012, p. 25). Sob esta perspectiva o dinamismo da festa é compreendido como algo que lhe é exterior, quando na verdade essa dimensão lhe é própria.

Essa condição de epifenômeno ao qual a festa é situada e conceituada a reduz. Festa não deve ser pensada apenas para referir algo que lhe exterior, ao contrário dessa perspectiva festa deve ser percebida “menos como um *problema de substância*<sup>73</sup> e mais como uma questão de *contraste*<sup>74</sup>” (PEREZ, 2012, p. 34); ser “um mecanismo”, um “operador de ligações”, no qual se abrem as portas do imaginário.

Para Perez (2012) festa não se reduz à vida coletiva esta imbricada ao “desejo”, ao inaceitável fora de seu mundo, do “imprevisível”, do “indeterminado”. Sob esse olhar, utilizo

---

<sup>73</sup> DA MATA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

<sup>74</sup> Idem.

as contribuições de Perez (2012) para pensar as festas de forró pé de estrada. Entretanto, o que me diferencia e em alguns momentos me distancia da festa-questão, é a busca por compreender as percepções e as análises das interlocutoras da pesquisa acerca das festas de forró. Por essa razão, não abandono por completo à possibilidade de compreender que determinadas expressões da festa a coloquem em perspectiva (festa-fato), buscar articular as duas possibilidades é de certo modo reconhecer o caráter híbrido das negociações de gênero nas festas de forró pé de estrada.

As festas de forró pé de estrada (compreendendo aqui não só a música, a dança, as letras, os artistas ou público – mas toda essa gama de elementos em constante relação) não se encontram numa relação direta de determinação ideológica da macroestrutura, contudo, não há por parte dos sujeitos que a fazem uma suspensão completa de seu cotidiano e das relações de socialização que carregam. O que porventura me leva a compreender que sendo a festa uma construção coletiva na qual, sujeitos movidos por vários interesses interferem no dinamismo da festa, ela assume em alguns momentos o caráter de festa-fato, no qual o mundo exterior que não a determina, por diversas vezes ressona dentro de seus espaços.

O imaginário de quem vivencia o cotidiano das festas de forró sofre como ressalta a autora uma liberação frente às regras e normas que figuram na sociedade, entretanto, são as regras que lhe são 'caras', e, portanto cada sujeito decide quais delas devem permanecer mesmo durante a festa, que impõem limites a certas situações desenroladas no decorrer da festa. Relações negociáveis, mesmo sob uma conjuntura do indeterminado e do imprevisível.

Realizar esse exercício teórico-metodológico de articular festa-fato e festa-questão sem recair num sincretismo teórico ou em uma análise contraditória é o desafio que assumo e, por tratar-se de um desafio, incorro no risco de superá-lo por vezes e/ou de me limitar em suas fronteiras.

Destarte, parto para a estrada do forró com as entrevistadas da pesquisa, na qual festa, forró, gênero e violência dialogam com a teoria e o campo, na busca pelas elucidações acerca dos discursos e das vivências nas festas de forró pé de estrada em Fortaleza. O convite é para que de malas prontas leitoras/es possam ingressar nessa viagem com as forrozeiras pesquisadas.



## 5 O OLHAR DA FORROZEIRA SOBRE AS FESTAS DE FORRÓ PÉ DE ESTRADA

Expressar o olhar da forrozeira neste capítulo é desafiador, pois me remete ao exercício de atenuar meu olhar para trazer à tona o olhar de outrem, aqui singularizado na figura da “forrozeira”. À luz da afirmação de Geertz (2008), diria que por mais atenuado ou abstraído que seja o olhar, o relato que apresentarei neste capítulo, permanece de segunda e terceira mão, um reflexo construído por quem não “habita” o campo, mas que se propõe a vivê-lo, analisa-lo e compreende-lo em seus vários aspectos. Não se trata de dados rígidos e facilmente verificáveis, nem de dados não-fatuais ou falaciosos, mas de sensibilidades que se inter cruzaram no caminhar deste fazer etnográfico.

Resumindo, os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão. (Por definição, somente um "nativo" faz a interpretação em primeira mão: é a sua cultura.) Trata-se, portanto, de ficções; ficções no sentido de que são "algo construído", "algo modelado" — o sentido original *fictio* — não que sejam falsas, não-fatuais ou apenas experimentos de pensamento (GEERTZ, 2008, p. 11).

Trazer o olhar da forrozeira para o trabalho, articulado às condições objetivas e subjetivas que envolvem o ser mulher dentro e fora do espaço da festa de forró é o que proponho. Pensar a mulher envolta no contexto sócio-econômico, cultural, político e articular esta dimensão às particularidades e mediações que compõem o espaço da festa é uma busca por fugir de construções monolíticas e ao mesmo tempo homogêneas deste ser mulher. E, neste aspecto a etnografia crítica serve de ferramenta para trabalhar o olhar.

Uma esfera pequena das forrozeiras, não me permite apontar generalizações, mas, abre espaço para refletir acerca das negociações de gênero vividas e reproduzidas no mundo do forró pé de estrada, sob a compreensão que ser mulher na estrutura da sociedade do capital não possibilita pensar singularizar a forrozeira das dimensões macroestruturais, pois as três esferas da construção do ser social não podem ser ignoradas e esta mulher deve ser vista “como uma totalidade, na medida em que é *uno e indivisível*” (SAFFIOTI, 2004, p. 110).

O que estas mulheres veem no forró, nas relações vividas, na diversão e, como este estilo está presente em suas vidas antes, durante e depois da festa? Como as forrozeiras se veem a si e as demais mulheres que frequentam as festas de forró? Foi visível nestes dois anos

de trabalho de campo que o espaço ocupado pelo forró na vida das interlocutoras ultrapassa a festa; acompanhar as notícias, conhecer as músicas, os/as artistas e as novidades acerca do mundo do forró pé de estrada também compõem o interesse das forrozeiras. Compreender o que esta dimensão de dedicação representa, a partir das falas das mulheres frequentadoras das festas de forró, que contribuíram para esta dissertação, é outro aspecto que permeia este capítulo. Olhares repletos de sons, danças e sentidos. Assim como, investigar as diversas clivagens do perceber-se mulher na festa de forró e ao mesmo tempo como as forrozeiras percebem as demais participantes, o que as diferencia e aproxima? São os desafios deste capítulo, entender o olhar que não se apresenta apenas no espaço do subjetivo, mas, compreende toda a construção social do tornar-se mulher.

### **5.1 Prepara que hoje elas vão ao forró: fatos, relatos da vida e da festa que se aproxima**

Nem bem recuperadas da festa ocorrida na sexta, às dez horas da manhã do sábado o telefone celular de Solange Almeida toca ao som do forró: *“A galera da curtição / Já chegou / Levanta a mão pra cima / E grita ô<sup>75</sup>”*; do outro lado da linha tem uma amiga entusiasmada com a festa que acontecerá a noite. A ligação serve para reforçar a expectativa da diversão, para comentar sobre a roupa e para combinar a ida ao salão de beleza. É assim que se iniciam os preparativos à festa de forró aos sábados de Solange Almeida e Simaria; ligações das amigas, reforço de convite e confirmação para a participação é o movimento de articulação da forrozeira para o forró de sábado.

Solange Almeida descreve que nem mesmo o cansaço da noite anterior faz com que a expectativa da festa do dia, diminua, tenha menos brilho: *às vezes ainda estou dormindo e já tem uma das meninas empolgadas ligando para ver como será a festa à noite; é sempre assim. A [Taty Girl] não atende telefone de jeito nenhum, ela deixa desligado e só depois do meio-dia é que alguém pode contar com ela, eu até me animo, ajuda a acordar.*

O sábado, em particular, tem um tom diferenciado; parte das interlocutoras não trabalha neste dia, com exceção de quem trabalha no comércio, apenas duas das entrevistadas.

---

<sup>75</sup> A galera da curtição da banda Forró do Bom.

Portanto, o sábado possibilita um maior tempo para a preparação, para o descanso, as forrozeiras saem de casa arrumadas para o forró, as articulações para a festa também são maiores, o grupo de “sempre” se soma a outras turmas que somente nas festas de sábado podem se encontrar.

Diferente das sextas e quintas que ao fim do dia de trabalho – para algumas passar em casa e ir para a festa acaba sendo inviável – um *happy hour* com as/os colegas ou mesmo com a turma do forró para depois seguir à festa é a melhor opção. Ainda que existam diferenças no âmbito da classe social das interlocutoras, todas as entrevistadas são mulheres trabalhadoras, sete moram com os pais e oito moram sozinhas. Todas as interlocutoras ressaltam a importância da “autonomia financeira” para enfatizar a “liberdade” de vivenciar as festas de forró.

Ressalto que mesmo nestes dias as forrozeiras não descuidam do cuidado com a beleza, levam as roupas da festa que serão trocadas na saída do trabalho, há o retoque na maquiagem, o reforço do perfume e o salto, adereço quase sempre indispensável. O mesmo ocorre com as interlocutoras que trabalham e fazem faculdade à noite; é preciso conciliar o horário da aula com a festa, pois, algumas aulas terminam entre vinte uma e trinta e vinte e duas horas.

*Katia Cilene* diz que a ida direto do trabalho evita perder o “pique”<sup>76</sup> para a saída”. Relata que já aconteceu de ir para casa e não conseguir mais sair, pois o cansaço não permitiu: *Depois de um banho, uns minutos na cama, o cansaço do dia de trabalho já falou mais alto, então quando quero muito ir à festa vou direto para não perder o pique da saída* (KATIA CILENE).

*Taty Girl* afirma que evita disciplinas na sexta à noite, apenas quando não tem outra opção é que este horário é preenchido. *Sempre vejo as disciplinas para não ter aula sexta à noite, forró trabalho e sala de aula é muito cansativo. Só se for obrigatória, pré-requisito e atrasar o curso é que preencho esse horário. Tem que ter tempo para tudo principalmente para o forró!* (TATY GIRL)

O forró requer das interlocutoras um planejamento adequado para não chocar

---

<sup>76</sup> Disposição.

horários e tornar a ida demasiadamente cansativa ou mesmo não abrir margem para a festa ser desmarcada ou tornar-se uma segunda opção. A escolha por ter o forró como opção primeira de diversão tem relação com a própria identificação da interlocutora com a festa, com o estilo musical. *Quando não dá certo o forró, vou para um barzinho ou até mesmo outro local que não é forró, até me divertir..., só que a cabeça fica lá na festa, imaginando se tá bom..., se as amigas forem e eu não, aí que o sofrimento aumenta. Amo a festa, a turma, o forró, os gatos, amo tudo!* (SIMARIA)

Ao tentar explicar o porquê de tanto amor pelo forró, nenhuma interlocutora chegou a uma conclusão direta. *Simone* levanta o desejo de ter o forró para sempre na sua vida e compara com a paixão por um time de futebol, mas, acredita que a festa deixará de ser prioridade a partir da constituição da família.

Acho que a mesma coisa de time de futebol, você conhece, vê jogar, começa a torcer e de repente apaixonou. Forró você ouve, vai a uma festa, dança, se diverte e de repente não consegue se imaginar sem a festa. Talvez um dia passe, venha filho, casamento e já não seja o forró a diversão ou a gente muda de prioridade, filhos, marido, a família... quem sabe né? Por mim seria forró a vida toda, com filho, marido, cachorro, papagaio e o que mais tiver. Mas, no fundo sei que não é assim, quando menos se espera a prioridade já mudou, vejo pelo povo que já casou e tem filho, forró só se for ouvindo em casa, bem baixinho para não acordar o menino. Por isso eu aproveito muito, porque um dia toda a festa vai passar e se não aproveitar não tem nem do que lembrar, contar (SIMONE).

O relato de Simone além do próprio forró retrata um pouco de sua compreensão de família, mulher, casamento, filhos, marido; a inversão da prioridade é dada pela circunstância, o que não representa que a mulher com filhos e marido tenha deixado de gostar das festas de forró, nem que mulheres nessa condição parem de frequentar tais festas, contudo em sua análise do casamento heteronormativo, a partir da constituição de família nuclear burguesa, reflete que a conciliação festa, filho, marido, não é comum, na prática, às mulheres. Haja vista, haver homens casados com filhos que frequentam sozinhos as festas de forró – fato bem mais comum. Esta compreensão não foge à ideologia proeminente da estrutura da sociedade do capital, que ao homem atribui poder de dominação na esfera “privada” e pública do casamento, como reforça Pateman (1993, p. 16-17): “O pacto original é tanto um contrato sexual quanto social: é social no sentido patriarcal – isto é, o contrato cria o direito político dos homens sobre as mulheres –, e também sexual no sentido do estabelecimento de um

acesso sistemático dos homens ao corpo das mulheres”.

Longe de afirmar que a visão de Simone seja de ajustamento à própria dinâmica da sociedade e de colocar essa mulher na condição de submissão; compreendo que sua fala retrata um reflexo da realidade vivida, presenciada no cotidiano, tendo em vista que pode até ser possível romper em diversos aspectos, ao tratar da dimensão individual, com a ideologia patriarcal, mas, não se pode romper totalmente, pois o patriarcado está presente nas várias dimensões da vida social e é perpetrada por homens e mulheres nas mais variadas relações cotidianas.

O que afirmo não é uma determinação fechada que impõe a toda mulher a reprodução dessa lógica, nem nego a possibilidade individual de ruptura com esta ideologia nas micro-relações, a reflexão se pauta na contradição existente entre a autoafirmação da liberdade feminina e a estrutura social que impõe uma noção de liberdade firmada nos marcos “liberais” do consumo e da propriedade. Reflito a liberdade à luz de Luckács (1978) em que o ser social constrói a partir da ação consciente, a *práxis*, seu refinamento possibilita a elevação “ao algo mais” que transforma a reprodução passiva em consciente e ativa.

Tarefa de uma ontologia materialista tornada histórica é, ao contrário, descobrir a gênese, o crescimento, as contradições no interior do desenvolvimento unitário; mostrar que o homem, como simultaneamente produtor e produto da sociedade, realiza em seu ser-homem algo mais elevado que ser simplesmente exemplar de um gênero abstrato, que o gênero – nesse nível ontológico, no nível do ser social desenvolvido – não é mais uma mera generalização à qual os vários exemplares se liguem “mudamente”; é mostrar que esses, ao contrário, elevam-se até o ponto de adquirirem uma voz cada vez mais claramente articulada, até alcançarem a síntese ontológico-social de sua singularidade, convertida em individualidade, com o gênero humano, convertido neles, por sua vez, em algo consciente de si (LUKÁCS, 1978, p. 14).

A escolha pela constituição da família nos marcos heteronormativos, deve ser pautada neste contexto da liberdade e não como “fim natural” do ser mulher; esta escolha deve representar uma ação consciente e ativa para além das convenções naturais, de modo que no âmbito dessa relação não se afirmem desejos e direitos masculinos em detrimento dos desejos e direitos femininos.

A interlocutora na leitura dos seus desejos no tempo presente deseja viver a

dinâmica das festas mesmo após a constituição de sua família, que para ela representa uma realidade para o futuro – “ordem natural da vida”. A fala imprime a ideia de que a mulher forrozeira, será a mãe e esposa num futuro próximo, como caminho natural e inevitável da vida; a maternidade e a figura da esposa são para algumas interlocutoras parte constitutiva do ser mulher, ao tempo em que a fala sugere que a partir do momento que se constitui a mulher mãe e esposa não há a escolha por mudar de prioridade, tal mudança dada pelas circunstâncias.

À luz das materialistas francófonas poderia afirmar que as relações *[rapport]* sociais de sexo<sup>77</sup> às remetem a esta condição, na qual não são apenas as relações *[relations]* pessoais no casamento, com o marido e com os/as filhas/os que imprimem às mulheres prioridades para além do seu desejo. Questões que envolvem a estrutura da sociedade em seus amplos aspectos, contribuem para essa limitação. Razão pela qual trabalhar com relações sociais de sexo é pertinente para entender as bases para afirmações que naturalizam supostos papéis sociais ditos femininos, mesmo quando explanam seu desejo de não submissão aos mesmos.

O que está em debate não é a capacidade individual de mulheres modificarem sua realidade cotidiana e construir no interior do casamento ou mesmo de suas relações pessoais dimensões distintas, pois, tal situação é passível de acontecer. Os esforços individuais podem modificar micro relações, entretanto, vencer as barreiras da dominação/exploração feminina no seu aspecto macro estrutural é o grande desafio e se apresenta, diante das condições socialmente impostas, para além das somas de mudanças e conquistas individuais.

*Gil* frequentadora da Leblon Show, afirma que seu período de ir às festas de forró é agora, enquanto ainda é jovem, *depois de uma certa idade ir para o forró vai ser difícil, principalmente pela responsabilidade que muda, tipo com filho e marido aí já é outra história. É mais fácil você ver homens que tem filhos na festa com os amigos do que a mulher.* A ausência de relacionamentos sérios e da maternidade influencia, na opinião de *Gil*, a participação da mulher no forró. O tempo da mulher, em geral, no forró está diretamente

---

<sup>77</sup> Ainda que embase parte das análises feitas nesta dissertação nas contribuições pertinentes das materialistas francófonas, não abandono ou substituo a categoria *gênero* por *relações sociais de sexo*, haja vista considerar possível seu uso articulado a classe social, raça/etnia e, sob a ênfase da relação de dominação/exploração trazida por Saffioti (2004) sem recair na dimensão neutra ou reducionista da categoria.

relacionado à juventude e à responsabilidade de ter ou não marido e filhos. O debate geracional para a mulher também é significativo, a juventude tida para *Gil* e *Simone* como uma fase de “menor responsabilidade” permite a priorização da festa, o que não seria possível na “fase adulta” representada pela atribuição de responsabilidades familiares.

*Dinha* a única interlocutora da pesquisa que tem filho, ressalta que ir ao forró e ser mãe dobra o trabalho:

Engravidei quando tinha 16 anos, de lá até os 23 anos não ia para festa, tive minha adolescência trocada para cuidar dele, não cheguei a casar, ainda bem que minha mãe não deixou, disse que a gente era muito jovem e que o casamento seria um erro ainda maior do que uma gravidez na adolescência. Acho que por ela ter casado cedo, obrigada porque *tava* grávida impediu que isso acontecesse comigo, no caso dela o casamento durou até a morte do meu pai, mas, ela nunca fala do casamento como algo feliz. Quando meu filho tinha 02 anos eu e o pai dele terminamos, ele também muito novo, não tinha noção do que era ser pai, queria curtir e reclamava, pois eu cobrava que ele ficasse comigo, o pior que até hoje ainda não aprendeu; mas, minha família me apoia, principalmente a minha mãe. Hoje como trabalho e tudo mais, minha mãe fica com meu filho para eu sair, só pede pelo amor de Deus para que não engravide de novo! Enfim, hoje aproveito a adolescência e a juventude de uma vez só, mas, na manhã seguinte tem que ser mãe e não tem tempo para dormir até tarde e ficar de bobeira descansando. Enquanto eu ainda aguentar fazer isso, pretendo continuar; sinto como se uma fase da minha vida tivesse sido trocada e precisasse recuperar, entende? Acho que se ainda tivesse com o pai do meu filho não *taria* curtindo como faço hoje, o filho apenas, sem o marido, sem o pai, dá muito trabalho, mas, não tem aquele controle de ciúme. Ainda tenho minha mãe que é a segunda mãe dele e que ajuda muito e faz de tudo para me dar apoio, porque sabe que eu me tornei uma pessoa responsável, mesmo que ainda tenha suas recaídas de achar que sou criança. Meu filho me chama de mamãe e a avó chama de mãe, acho mesmo que a presença de duas mães na vida dele faz com que ele seja tão lindo assim. O pai vem visitar uma vez no mês e olhe lá, mas, na verdade nem faço questão, só exijo a pensão que vai toda para o meu filho, o resto eu e minha mãe damos conta, educamos, cuidamos e muito bem e, ainda me livrei dele querendo se meter na minha vida (DINHA).

A realidade de *Dinha* é como de muitas adolescentes que passam por uma gravidez precoce, o peso da maternidade recai em carga muito elevada sobre a mulher; ao homem o peso é bem menor, pois, o ato de cuidar é socialmente atribuído à mulher. Apesar de ainda haver uma cobrança para que o homem provenha às condições financeiras da criança, desde a saída da mulher para o mercado de trabalho já não cabe apenas ao homem arcar sozinho com as despesas. Entretanto, obrigações de acordar para trocar fralda, acompanhar a amamentação, dar banho entre outras atribuições voltadas para o cuidado recaem principalmente sobre a mulher, o que representa para as mulheres trabalhadoras uma tripla

jornada de trabalho.

*Dinha* destaca também que apesar de não sentir falta da presença do pai de seu filho no processo de educa-lo, considera que o valor da pensão é muito pequeno, para ser a única responsabilidade do pai que não acompanha absolutamente nada do cotidiano da criança.

Sinceramente não sinto falta dele na educação do meu filho, mas uma pensão de R\$ 150,00 que ele dá e que ainda entrou na justiça para baixar é muito pouco para ele ter direito de pai. Ainda teve o tempo daquela música de forró da pensão alimentícia que ele cantava porque atrasou e ameacei de leva-lo para a polícia e que ele ia ser preso. Taí uma música de forró que eu detesto ela foi exatamente no ano da nossa separação (DINHA).

A interlocutora se refere à música *Pensão Alimentícia*<sup>78</sup> da Banda Calcinha Preta lançada em 2006, composta pelo cantor Daniel Diau, à época vocalista da Banda que foi preso pelo não pagamento da pensão alimentícia.

As músicas do forró pé de estrada, para as interlocutoras, retratam também expressões de situações vividas em seu cotidiano, no caso específico da música *Pensão Alimentícia*, reforça a negação de um direito conquistado por mulheres após muitos anos de luta. Um direito que representa obrigações no ponto de vista financeiro, mas que desconsidera as obrigações de acompanhamento do cuidado com os filhos, cuidado esse que recai sobre as mulheres.

As canções de forró que envolvem questões do cotidiano acabam por ser associadas à história de vida dessas mulheres, movimento quase natural da música de um modo geral. Para essas mulheres de algum modo a diversão representa um momento de catarse que contribui para o enfrentamento dos desafios do dia a dia. O caso de *Dinha* conta com uma peculiaridade, pois possui no seio familiar, na figura da mãe especialmente, o apoio para vivenciar o forró como seu momento de catarse, de esquecer a adolescência que foi

---

<sup>78</sup> Que foi que eu fiz pra você / Mandar os "homi" aqui vir me prender / Tudo era tão lindo um conto de fadas / Tão maravilhoso a gente se amava / Foi nessa brincadeira que aconteceu / Nasceu um lindo filho que é seu e meu / No final de semana a gente ia à praia / Saia pro forró, caía na gandaia / Um amor assim eu só vi na tv / Mas já que a gente terminou não tem mais nada a ver / Sou cachaceiro sou cabra raparigueiro / Mas eu não sou vagabundo / Eu sou do mundo / Sou de responsa eu sou mais um brasileiro / Com pensão para pagar e vou pagar / Mas não é justo que pensão alimentícia / Vire caso de polícia / Isso complica / Tá atrasada mas você não precisava me denunciar.



regada às responsabilidades de ser mãe e vive-la em outro tempo, de forma intensa. *Quando vou ao forró, estou na festa, parece que voltei à adolescência, me sinto livre para curtir, me divertir, desligo dos problemas, lógico que não esqueço meu filho, mas, na festa penso só em mim, na minha satisfação (DINHA).*

É preciso compreender o significado da festa na vida dessas mulheres, a diversão é o foco, mas frente ao cotidiano é no forró que se “liberta” que se “vive” a alegria que no dia a dia está sempre acompanhada de obrigações e responsabilidades. Todas as interlocutoras são mulheres trabalhadoras, algumas estão em condições financeiras melhores, além de trabalhar estudam, algumas pretendem retomar os estudos, outras enfrentam uma realidade mais complexa, haja vista, a classe social atuar de forma decisiva no andamento de suas vidas, desafios e dificuldades.

*Laninha* destaca que é preciso dividir bem o salário para que seja possível ir ao forró:

Faço um controle pesado do dinheiro, tenho que ajudar em casa, afinal a gente é pobre e, na realidade de pobre, filho que trabalha tem que ajudar a pagar conta, às vezes não sobra o do forró, nessas horas a gente lamenta trabalhar tanto e não conseguir se dá a única diversão que gosta, mas levanto a cabeça e vou curtir o paredão lá na frente da Leblon; de repente aparece um gatinho, rola um clima e acabo entrando, mas não vou atrás de alguém que pague para mim, as coisas acontecem. Outras vezes fico lá fora curtindo o paredão e isso já me deixa alegre, mas gosto mesmo é de curtir lá dentro, por isso controlo o dinheiro para sobrar para entrada da festa. Na maioria das vezes dá certo (LANINHA).

O forró, como já ressaltai anteriormente, requer um alto investimento financeiro, trabalhadoras assalariadas precisam criar estratégias para garantir a ida à festa todo final de semana, pois os gastos envolvem ingresso, locomoção até o local da festa, consumo de bebidas e lanches e, ainda há os gastos com os preparativos; algumas frequentam salões de beleza do bairro onde moram outras fazem os preparativos em casa, mas em ambos os casos é preciso algum investimento financeiro, seja na compra do material ou com o pagamento do serviço por uma/um profissional.

Como já tem o gasto da festa, comprei parcelado a prancha de cabelo, o secador e as escovas, num instante aprendi a fazer em mim mesma, faço tudo só, às vezes quando minha irmã tá de veia boa me ajuda. Mas, se fosse querer toda festa ir arrumar o

cabelo no salão só ia pra festa uma vez no mês, porque tudo é caro. Até a unha faço em casa, como a gente compra o material parcelado sai mais barato do que pagar uma profissional. Imagina, a menina que faz unha aqui no bairro cobra vinte reais pé e mão, unha para ficar legal mesmo, você faz quase toda semana, ia dar quanto por mês? Oitenta reais? Dá para pagar um monte de ingresso. A gente tem que ser esperta (LANINHA).

Para outras interlocutoras a ida ao salão não se dá apenas nos dias de festas, as forrozeiras entrevistadas que não tem o material para fazer escova e prancha em casa e possuem condições econômicas para ir ao salão, costumam frequentar salões três vezes na semana, os dias são segundas, quartas e sábados, para aquelas que o salão frequentado não abre na segunda-feira, os dias são terças, quintas e sábados. Diria que se para ir ao forró o cabelo precisa estar liso e escovado esse ritual também compõe o restante da semana. Solange Almeida afirma que sair sem escova e prancha no cabelo a faz sentir despida.

O fato de ter o material em casa, também possibilita que as interlocutoras da classe social baixa adotem o penteado liso, para além das festas de forró, em outras palavras, o cabelo liso é uma escolha que extrapola o cotidiano das festas:

A vantagem de ter o material em casa é que se quiser lavar o cabelo pode, não precisa sair na rua ou ir trabalhar com a arapuca armada<sup>79</sup> se fosse ter que ir ao salão sempre que quisesse lavar o cabelo, ia o salário toda para a cabeleireira e ainda ia passar a semana com o cabelo sujo (LANINHA).

As estratégias são utilizadas para adaptar o “padrão de beleza” à realidade econômica, objetiva. O fator classe social está presente em diversas escolhas das interlocutoras, desde a forma de se preparar para a festa, às roupas usadas, à casa de show frequentada. Razão pela qual foi priorizado o uso da categoria classe social neste trabalho, pela sua relevância na pesquisa e na possibilidade de compreender melhor os processos que envolvem as mulheres frequentadoras das festas de forró pesquisadas.

O conceito de raça/etnia também é fundante deste debate, o cabelo liso se opõe diretamente ao cabelo crespo, associado à raça negra. No âmbito da realidade social brasileira vigente, apesar da forte negação do racismo, do discurso da miscigenação, as características da negritude são consideradas feias, fora do padrão, principalmente em relação ao cabelo. O

---

<sup>79</sup> Refere-se ao cabelo crespo e volumoso.

discurso da miscigenação no Brasil é um dos fatores que invisibiliza negras/os e índias/os em nossa sociedade; como a mistura é o cerne do debate, as questões que envolvem tais etnias são secundarizadas ou mesmo consideradas formas de acentuar a discriminação e o preconceito. Estes discursos velam a gravidade do racismo brasileiro e que atrelados à categoria gênero e classe social, como descreve o nó de Saffioti (2004), contribuem para acirrar o sistema de dominação/exploração.

Não é meu intuito afirmar que as mulheres que aderem ao cabelo liso, são racistas. A questão centra-se na instituição de padrões de beleza que negam a negritude, e para isso não precisa afirmar que ter cabelo crespo é feio, basta enfatizar que o bonito é liso, é loiro, invisibiliza os traços da negritude ou no máximo o coloca de forma menos acentuada, “cachos disciplinados” podem compor uma segunda categoria do belo. As formas ideológicas de se colocar isso é que contribuem para reprodução e adesão a esse padrão, que movimenta uma enorme indústria de cosméticos para alisar, disciplinar cabelos e etc. Ênfase, também, para a adesão às cirurgias plásticas, que o Brasil ocupa o segundo lugar no mundo em realização deste procedimento, as cirurgias mais realizadas são: aumento de mama, lipoaspiração, blefaroplastia (redução dos sinais de tensão ou envelhecimento), Rinoplastia (correção do nariz) e Lipoabdominoplastia. Este dado demonstra como um padrão de estética é fortalecido e difundido, com destaque para a Rinoplastia, quarto procedimento mais realizado, que tem como principal intuito “afilar” o nariz.

O que representa beleza na sociedade contemporânea não é consonante com características da negritude. Do mesmo modo, as pessoas (principalmente mulheres) que se encontram acima do peso também sofrem forte pressão social por estar fora do padrão de magreza considerado belo, para além do discurso da saúde, se tem o discurso estético.

Estas reflexões são significativas pois, possibilitam compreender a origem das adesões, o que não representa uma dimensão direta com o sujeito, mas com um ideário social que corrobora para tais posturas. A questão não está em gostar do cabelo liso ou querer ser magra do ponto de vista da escolha subjetiva, mas dos impactos causados por esta pressão social na vida das mulheres que estão fora desse padrão.

Em relação as interlocutoras que frequentam o salão de beleza, destaco *Solange Almeida e Simaria*, haja vista, tê-las acompanhado em um sábado de festa ao salão de beleza.

Uma experiência interessante, pois, aponta como outras mulheres que não são frequentadoras do forró, percebem a euforia das forrozeiras acerca da festa.

### 5.1.1 O Salão de Beleza e a Preparação para a Festa

A chegada ao salão já demonstra a intimidade existente entre a cabeleireira e as interlocutoras. As ligações no celular e os compartilhamentos nas redes sociais acerca da festa não param. Se a ida à festa tem a perspectiva de encontrar pessoas novas, também é um ponto de encontro de amigas/os e paqueras. Muitos dos contatos acontecem em grupos fechados ou abertos do facebook, whats app, viber, entre outros.

O diálogo com a cabeleireira também é comum, a profissional pergunta sobre as atrações, onde será a festa e expressa sua vontade de ir, mas o seu ritmo de trabalho e as obrigações familiares são para a profissional o limite. A conversa das duas amigas é sobre o que se passa na rede social acerca da festa, quem já confirmou presença, como vai ser o ponto de encontro, o que a fanpage da banda ou da casa de show está divulgando tudo é motivo de assunto. As clientes do salão observam o diálogo, intercalado por falas rápidas sobre o que se passa na rede e risadas inexplicáveis, pois apenas quem está conectada/o pode acompanhar o assunto; algumas mulheres comentam algo sobre a festa, a ida de uma/um parente ao show ou pedem informações sobre quem irá se apresentar. A parada no acesso é rápida, para a resposta e a atenção se volta para o aparelho.

Somente uma pergunta mais direta fez com que as amigas soltassem os aparelhos; uma cliente perguntou o porquê de conversar pela internet se elas estavam tão próximas. *Solange Almeida* parou um pouco e se voltou para *Simaria*: *Responde aí amiga!* Percebi que apesar da intervenção não ter resultado na saída da rede, ambas pensaram sobre o questionamento antes de responder. *Simaria* foi enfática: – *É que o assunto e as novidades estão na net, precisamos estar atentas.* A internet via smartphones, iphones, tablets, ipads e demais apetrechos de acesso virtual, representam um forte elemento de acesso às redes sociais, facebook, waths app, viber, entre outros; o acesso à rede tem ocupado um grande espaço nas formas de contatos e relacionamentos, não só entre jovens e forrozeiras, mas em

vários seguimentos. O ciberespaço é um novo ambiente da vida, com perfis, selfies, relações, amizades, contestações e informações, inclusive acerca do cotidiano do forró.

Acompanhar duas forrozeiras ao salão me fez perceber como elas transmitem um estado de euforia acerca da festa. A sensação é que até quem não aprecia o forró sente-se motivado a ir à festa, elas conseguem expressar com seu entusiasmo a ideia de que a diversão no forró é garantida. Obviamente, esse movimento ocorre quase todos os sábados de festa no mesmo salão, as exceções ocorrem quando este já está lotado e é preciso buscar outro lugar para escovar os cabelos e fazer as unhas.

A preparação envolve a escolha da roupa, dos adereços, a maquiagem e por último o salto – acessório imprescindível para a maioria das frequentadoras das festas de forró pé-de-estrada. Ao pensar nos preparativos realizados pelas interlocutoras para ir a uma festa, seja um forró ou não, percebi algumas diferenças, marcadas essencialmente no estilo peculiar que se encontra no forró, a organização em grupo e a adequação com a “moda forrozeira”, ditadas também pelas/os artistas que animam as festas e pelas tendências da moda no momento.

O retorno do salão por volta de seis horas da noite, é marcado pela escolha da roupa, a previsão para sair é por volta de oito horas da noite, escolher o que vestir e arrumar-se para a festa tem uma duração de quase duas horas. *Solange Almeida* demora cerca de uma hora e meia, acompanhei de perto todo o processo, vestiu duas saias, um vestido, quatro blusas e optou ao final por uma calça colada e uma blusa que já havia vestido três vezes. Mesmo que já tenha escolhido a roupa antes, na hora de vestir ainda ocorre uma troca bastante variada de roupas, saias, calças, vestidos, blusas, uma infinidade de experimentações. – *É comum a gente trocar muito de roupa antes de sair né? Acho que com a maioria das pessoas é assim, até sentir que está bem, tem que experimentar* (SOLANGE ALMEIDA).

A indecisão com a roupa demonstra a necessidade de sentir-se bela para a festa. A maquiagem bem destacada também é uma característica adotada por *Solange Almeida*, pó compacto, rímel, blush, sombras, lápis de olho, batom, delineador, um arsenal de apetrechos de maquiagem para realçar a beleza. Os brincos dourados, o colar e as pulseiras também compõem o visual para a festa. O sapato de salto alto, foi o último a ser escolhido e a ser adicionado ao *look*, a opção pela plataforma na frente é uma garantia de elegância e maior conforto. Ao ficar pronta *Solange Almeida* se volta para mim e pergunta, à espera da

confirmação: – *E aí, “tô” gata?* Realmente após toda a preparação, a mudança é indiscutível e a beleza ganha destaque. Confirmo que está bela e ela se volta para o espelho para mais alguns instantes de autoadmiração.

As intencionalidades em relação a ida à festa determina bastante a busca por uma preparação do visual mais cuidadosa, enquanto observava *Solange Almeida*, ao mesmo tempo, olhava para mim e para minha “despreocupação” com o meu visual, apesar de ter ido ao salão e ter escolhido uma roupa que estivesse em consonância com o tipo da festa, não tive tanto apreço ou cuidado em buscar a “beleza”, meu intuito com a festa era simplesmente a pesquisa, apesar de buscar uma interação mesmo que distante com o grupo. Já para *Solange Almeida* o objetivo era outro, queria se sentir bonita, mas, também ser percebida como tal.

Minhas impressões se confirmaram após *Solange Almeida* se admirar frente ao espelho, pois se voltou para mim e enfatizou: – *Hoje vou arrasar!* A frase reforçou a ideia de que a interlocutora queria ser notada na festa pela produção do visual e que esta expectativa se reforça a partir do momento em que ela passa a se perceber bela, a primeira atenção conquistada é a dela. O desejo de ser vista, admirada não corresponde a uma peculiaridade da forrozeira ou mesmo do ser mulher, a vaidade está presente em homens e mulheres, mesmo que em medidas diferentes ou em aspectos da vida social distintos. A importância de ressaltar esse movimento é para entender as nuances que envolvem os momentos que antecedem a festa, o quanto a festa atua na vida dessas mulheres antes mesmo da chegada ao evento.

Perguntei se para toda festa ou “saída” com amigas/os os preparativos eram os mesmos, *Solange Almeida* responde: – *Depende, para alguns locais é possível ser básica, um lápis no olho e um batom resolvem ou até mesmo uma sandália rasteira ou sapatilha, depende do local e da intenção, mas, um show sempre merece uma caprichada.* Indaguei sobre as expectativas que ela tinha para a festa: – *Beijar muito!* Respondeu prontamente. O que me levou a pensar se as paqueras são o objetivo primeiro. Contudo, em seguida ela completou: – *Claro que também quero dançar, curtir a festa e hoje tem Safadão, então quero assistir o mais perto possível.* Referia-se a Wesley Safadão da banda Garota Safada, uma das grandes bandas de forró da cidade. As motivações de *Solange Almeida* para ir ao forró são muitas, divertir-se, paquerar, ver e ouvir seus/suas artistas preferidos/as, dançar.

Antes de sairmos para a festa algumas ligações para o restante das amigas são

feitas, Solange Almeida, confirma com as amigas, *Taty Girl, Katia Cilene, Simone e Simaria*, – *E aí pronta? Gata e preparada?* Sorria Solange Almeida ao telefone enquanto ligava para cada uma das amigas. – *Passaremos por aí em 20 minutos.* Disse Solange Almeida a cada uma das amigas. Ao fim das ligações volta-se para mim e diz entusiasmada: – *Vamos que o Safadão promete!*

### 5.1.2 O caminho que leva ao forró: uma festa a parte

As relações de amizade, a cumplicidade, são elementos que permeiam o cotidiano de alguns grupos de mulheres que frequentam as festas de forró. Poucas interlocutoras se referiram a colegas de festas, destacaram que a amizade, a formação do grupo de festa, era em sua maioria anterior ao forró, nos casos de amigas de infância ou adolescência ou oriunda de outros espaços como faculdade e trabalho. De fato, a afinidade com o forró representa mais um elemento em comum, que aproxima e aos poucos contribui para laços mais fortes para além da faculdade ou do ambiente de trabalho. *Solange Almeida* ressalta ainda:

Tenho amigas de outras tribos, religiosas, roqueiras, regueiras, que gostam de samba, de MPB, às vezes saímos para barzinho, happy hour, mas, quando penso em festa minha turma é a do forró. É com elas que me divirto e curto o que eu gosto, um bom forró, gatinhos e cervã. Agora tem uma coisa que eu percebo, minhas amigas que não gostam de forró são mais intolerantes, tipo eu não gosto de reggae, mas, já fui pra uma festa, dancei na hora me deixei envolver, só não é minha saída preferida, nem de longe. Agora eu chame qualquer uma delas para ir ao forró, além de não ir ainda tem as críticas que todo mundo já conhece, é machista, é vulgar, não tem letra, criticam, mas, nem se permitem experimentar. Eu posso falar de festas de reggae, pois, já fui e sei do que eu não gostei, agora elas falarem do forró sem nem saber como é, aí eu já acho errado.

Para *Solange Almeida* a crítica ao forró e as festas só tem validade se o/a autor/a da mesma conhecer o ambiente das festas; viver o que acontece no ambiente é pré-requisito para opinar, criticar. Considera que a crítica de quem não conhece não tem legitimidade, em suas palavras é “errado”, além do fato de considerar a rejeição ao convite à festa um ato de intolerância, de certo modo a interlocutora busca defender de forma lógica o forró, estilo que aprecia e frequenta. A fala também expressa que a partir do momento em que não há uma identidade com o forró, não impossibilita a amizade, mas diminui o contato, a proximidade é

maior com as amigas forrozeiras, o forró funciona como elemento potencializador das relações de amizade.

O caminho para a festa é regado a muitas músicas de forró que tocam a todo volume no som do carro. A cada amiga que entrava no carro, frases que expressavam suas expectativas eram proferidas.

– *Vamos que hoje eu quero beijar muito!* (Taty Girl)

– *Hoje eu estou garota safada!* Afirma Simaria, ao realizar um trocadilho com o nome da banda atração principal da noite.

– *Simbora que hoje o Felipe não me escapa!* Ressaltou Simone, que havia marcado no posto de gasolina com um colega de academia.

Felipe era um jovem que Simone havia conhecido na academia, afinidades a parte que resultaram na aproximação de ambos, o forró configurou como elemento comum, principalmente pelo fato do rapaz ter manifestado que gostava de forró e que dançava bem: – *Hoje eu tiro a prova dos nove!* (Simone). Além do interesse em “ficar” com o rapaz queria realmente saber se ele dançava bem. A dança e a paquera, se complementam, representam a combinação ideal para a diversão e relacionamento durante a festa.

Nas idas ao forró pude perceber que homens que dançam bem, tem maiores chances com as mulheres, pois, a dança funciona como um atrativo a parte. Katia Cilene foi a última a ser apanhada em casa. Os vinte minutos prometidos já haviam se transformado em quarenta e a mesma estava bastante ansiosa. Ao entrar no carro, reclamou da demora em tom de brincadeira. – *Pensei que vinham de ônibus já “tava” impaciente. O Safadão deve ser um dos últimos né?* Katia estava ansiosa para ver a apresentação da banda.

Seguimos para o posto de gasolina da Washington Soares, próximo ao Ari de Sá, o ponto de encontro que Simone combinou com Felipe, ela já havia falado de suas amigas e ele também comentou que iria com amigos. Simone marcou o encontro e ao mesmo tempo criou possibilidades para suas amigas. – *Será que são gatinhos?* Perguntou Solange Almeida, já imaginando que o encontro no posto poderia ser promissor para ela também. Todas sorriram, mas, Katia Cilene prontamente respondeu que não tinha interesse em já chegar ao forró acompanhada: – *Eu não quero esquema para a festa toda não, quero variar.*



Um grande misto de expectativas acompanham a diversão das forrozeiras, o próprio significado da diversão pode variar muito, um bom show dos/as artistas, um parceiro bom de dança, um flerte promissor, um “fica” que agrada ou mesmo a junção de todos esses fatores podem significar uma festa boa, uma boa noite de forró.

## **5.2 Os Postos de Combustíveis: pontos de encontro das/os forrozeiras/os**

Os postos de combustíveis são pontos de encontro antes das festas, até quem não vai ao forró, mas, que gosta e tem amigos/as forrozeiros/as costumam aparecer no local para aproveitar o momento de preparação da festa, regado a muita música e bebida, para alguns grupos é o chamado: “Fazer as bases”. No linguajar do forró em Fortaleza representa encontrar-se para beber, dançar, ligar o paredão ao volume máximo e apresentar um pouco do clima de diversão que se aproxima! Apesar do forró ser bastante tocado, ritmos como funk e sertanejo universitário também são executados, nesses pontos de encontro. A dança também é um elemento desse momento, sejam sozinhas/os ou em pares é comum visualizar homens e mulheres dançando durante a estada nos postos de gasolina, algumas pessoas esboçam movimentos discretos, um leve balanço do corpo, outras reproduzem as coreografias das músicas e dançam livremente como se ali representasse a antessala da festa.

É importante destacar que apesar de existirem leis que busquem coibir esses encontros, como a Lei Municipal que proíbe o uso de paredões<sup>80</sup> na cidade e a Lei Estadual que proíbe o consumo de bebidas alcoólicas nas dependências dos postos de combustíveis das 20h às 8h, além da forte fiscalização de trânsito pela conhecida Lei Seca, esses locais são bastante utilizados para os encontros, alguns postos são conhecidos por possibilitarem tais momentos, alguns se situam nas avenidas Dedé Brasil, Godofredo Maciel, Paulino Rocha, Washington Soares, Oliveira Paiva, Antônio Sales, entre outras avenidas da cidade. Nos últimos dois anos em que acompanho de forma mais assídua as festas e os pontos de encontro

---

<sup>80</sup> **LEI Nº 9756 DE 04 DE MARÇO DE 2011**

Art. 1º - Fica expressamente vedado o funcionamento dos equipamentos de som automotivos, popularmente conhecidos como paredões de som, e equipamentos sonoros assemelhados, nas vias, praças, praias e demais logradouros públicos no âmbito do Município de Fortaleza.

Parágrafo Único - A proibição de que trata este artigo se estende aos espaços privados de livre acesso ao público, tais como postos de combustíveis e estacionamentos.

do forró não presenciei nenhuma ação policial que buscasse coibir tais momentos. No máximo alguns gerentes de postos pedem para baixar o volume quando o som está muito alto.

Resguardado o parêntese, a chegada ao posto expressa um início da festa, um ensaio para o momento oficial. As paqueras estão presentes, a dança, a bebida, a música, as/os amigas/os de festa, tudo busca apresentar o clima do forró que está por vir. As interlocutoras reconhecem esse momento como especial para encontros e antecipação da diversão.

O encontro entre as turmas é envolvido pelo clima de “paquera” existente entre Simone e Felipe, de certo modo, as interlocutoras ao avistarem a turma de Felipe, se abrem para a possibilidade de algo além, uma interação afetiva. Os jovens do grupo de Felipe pareciam, todos, frequentadores de academia, em virtude dos corpos malhados, trajavam calça jeans e camisas gola polos justas ao corpo, cabelos cortados consonantes a moda do momento, além dos vários perfumes que podiam ser sentidos a distância. Os homens forrozeiros também expressam uma preocupação estética, com a vestimenta, o cabelo e a aparência de um modo geral.

A beleza é deveras relativa, cor da pele, dos cabelos e dos olhos, porte físico, traços do rosto, posso até afirmar que em relação ao padrão estético hegemônico, alguns tipos tendem a chamar mais atenção, mas, uma generalização seria perigosa. O fato é que os jovens tinham um porte muito parecido, altos, fortes, alguns “brancos outros pardos”<sup>81</sup>, de traços afilados.

Katia Cilene que havia afirmado não estar interessada em estabelecer relações para a festa toda, foi a primeira a manifestar a mudança de ideia. Solange Almeida logo retrucou: – *Eu falei primeiro tenho prioridade na escolha*. Simone sorriu e respondeu: – *Só deixem o Felipe de fora dessa briga que ele já é meu!* Esse diálogo é interessante, pois desmitifica a ideia de que a mulher forrozeira está apenas à espera da investida do homem ou mesmo do olhar deste sobre ela. Ela a seu modo desenvolve suas estratégias pessoais-afetivas de satisfação dos seus desejos, além de tomarem a iniciativa, de fazerem escolhas e não estarem passivas no processo.

*Simaria* que participava da conversa apenas com sorrisos, já havia decidido o

---

<sup>81</sup> Coloco entre aspas as definições de raça/etnia por entender que se trata de algo autodeclaratório, o intuito descritivo é uma tentativa de situar o/a leitor/a acerca dos jovens que em tese estariam na festa conosco.

jovem que lhe interessara. Descemos do carro e as devidas apresentações foram feitas. Como de costume, nas várias festas que fui na companhia do grupo, apresentaram-me como pesquisadora, uma forma das interlocutoras demarcarem o limite entre mim e uma forrozeira. Este dado também é relevante, contrariando a suposta ideia propagada pelas forrozeiras, que não existe rito, que o forró é aberto, comporta qualquer modo, moda e estilo, é muito significativa a constante demarcação da minha presença no grupo como pesquisadora e “não forrozeira” uma distinção entre pertencer ou não ao grupo do forró.

As interlocutoras a seu modo constituem diferenciações entre mim e uma forrozeira ou mesmo uma pessoa que gosta e curte forró. Em momentos que havia no grupo a presença de outras pessoas que não se enquadravam ou intitulavam forrozeiras essa diferenciação é feita de forma mais sutil, como alguém que veio conhecer o forró. O fato de ser a pesquisadora demarca o limite, que as próprias interlocutoras fazem questão de ressaltar.

A pesquisa sempre toma um pouco da atenção inicial, querem saber o que eu procuro “descobrir” ao estudar o forró. Após explicar brevemente o trabalho, uma fala me chamou a atenção, um dos jovens, Rogério disse ter interesse em ler o trabalho concluído, ao dizer isso, se virou para um amigo e enfatizou:

– *Quem sabe a pesquisa dá umas dicas de como chegar junto das forrozeiras!* Depois disso sorriu.

Não entendi como algo depreciativo, apenas considerei que o trabalho retratará uma parcela, um recorte do universo das mulheres forrozeiras e suas percepções acerca das relações de gênero no forró, não é um manual para homens, mas, ao se tornar público poderá adquirir finalidades várias. Respondi educadamente, que achava pouco provável contribuir com esse objetivo, mas, que a leitura era recomendada, já que permitiria a ele perceber o forró por outro prisma. Entretanto, resalto que a insistente necessidade masculina de se mostrar “pegador” o dito “raparigueiro” retratado no forró é estratégia de autoafirmação da masculinidade, do ser homem forrozeiro. Entretanto, esta dimensão também se ancora na lógica do “macho” fortemente propagada no nordeste em especial no Ceará.

Com exceção do trabalho de Albuquerque Junior (2003) que resalta uma constituição histórica da cultura falocêntrica presente no nordeste, ainda não há literatura sobre o assunto. Um espaço de investigação frutífera para o doutorado em relação à cultura

cearense e a difusão/reprodução do “macho” como elemento fortalecedor da violência contra mulheres.

Simone mudou o assunto e perguntou se não havia o CD da banda Garota Safada e assim já entrou no clima da festa. Felipe atendeu prontamente o pedido e chamou Simone para dançar. Eu apenas observava o movimento e os diálogos entre as demais interlocutoras e os amigos de Felipe. Taty Girl que percebeu minha posição de observadora aproximou-se para chamar minha atenção para Simaria, que dançava sozinha e enfatizou:

– *Olha a Simaria, dançando sozinha para ver se o gatinho toma a iniciativa, essa é conhecida! Sorriu Taty Girl.*

Para minha surpresa o rapaz a convidou para dançar, a atitude de *Simaria* realmente fez com que o jovem tomasse a iniciativa para a dança. Ao perceber que *Taty Girl* havia “previsto” o acontecimento, indaguei-lhe se aquela atitude era comum para chamar a atenção de uma possível “paquera”:

Não que seja algo combinado ou previsto, mas não deixa de ser uma forma de chamar atenção, apenas fazemos e se funciona, então tudo bem. Mas, nem toda mulher que dança sozinha quer chamar atenção de alguém específico, mas, rola, ou até mesmo chamar para dançar se o cara não chama. Tudo depende do desejo do momento, o que se quer (TATY GIRL).

O que Taty deixou claro é que não há uma regra, um padrão, são atitudes comuns à vivência do forró. O forró é uma dança de par, pelo menos em tese; algumas possibilidades para que a dança aconteça são: chamar alguém para dançar, já ter um par durante a festa ou mesmo a estratégia de Simaria, demonstrar o desejo da dança.

Continuou Taty com suas previsões: – *Olha Solange Almeida, puxou conversa para ficar nesse papo pertinho do ouvido, daqui a pouco rola um beijo. A Katia escolheu o mais calado e que ou não tá afim ou não sabe dançar, pois só bebe e nem se mexe. Sorriu novamente e concluiu: – Aquele ali ou ela ataca ou não rola nada! Já a Simone se arranjou cedo. Já se beijaram, tu viu?*

Respondi que havia percebido que a dança durara pouco e logo o casal se beijou. A própria forma de dançar já demonstrava certo envolvimento entre o casal, no lugar de

passos rodados, de uma dança mais solta, como é comum no forró pé de estrada, o casal dançava colado, de forma mais intimista. Taty Girl mostrava com suas descrições e previsões como se desenrolavam as negociações de gênero. O contexto da paquera, das relações, as formas e investidas; apesar de não existirem regras pré-estabelecidas, as estratégias são decifráveis entre as forrozeiras. Não diria que há uma forma, mas, seja no grupo de amigas ou no espaço da festa, algumas interlocutoras mostraram-se conhecedoras dos artifícios de conquista ou mesmo de rejeição.

Por outro lado, percebe-se que nas festas de forró diante de investidas femininas não é comum haver rejeição, o público masculino tende a aceitar as iniciativas das mulheres; nos casos em que ele não deseja o “fica” o que ocorre é apenas um beijo e não um relacionamento para a festa toda ou mesmo parte dela. Ainda que, mesmo no âmbito das festas de forró, essa postura feminina cause estranhamento para o universo masculino algumas mulheres tomam a iniciativa.

Essa afirmação é interessante pois, apesar de haver uma significativa mudança no comportamento das juventudes, especialmente das mulheres jovens, ainda é, para o universo masculino, estranho o ato da mulher tomar a iniciativa em relação ao “fica”. Muitos homens parecem surpresos, quando é a mulher que diretamente diz que está afim. Evidentemente não se pode negar que este estranhamento é fruto de toda uma estrutura social, ideológica e cultural que hierarquiza, limita, subalterniza e põe a mulher na condição de passiva frente aos desejos e satisfações sexuais.

Katia Cilene que conversava com o jovem mais calado do grupo de Felipe, como alertara Taty Girl, resolveu tomar a iniciativa. Percebemos quando ela o chamou para chegar mais perto e disse-lhe algo ao ouvido, após o fato o beijo aconteceu. Taty Girl prontamente ressaltou: – *Eu não disse que ela tinha que atacar!*

Entretanto, a iniciativa final do beijo ainda foi do homem, Katia Cilene expressou o desejo, supõe-se pelo desenrolar do fato, mas, coube ao rapaz beijá-la. São as contradições das negociações de paquera e relacionamento. Ao homem é comum ser o ativo – em relação a atitude de se dirigir ao beijo. Ainda que hajam exceções das mulheres que roubam beijos ou que são ativas nesse processo, ainda cabe ao homem ser o agente da ação, ainda que o desejo da mulher tenha sido expresso ou que o beijo tenha sido pedido.

Além das impressões à distância que nos levaram à conclusão que Katia Cilene havia tomado a iniciativa, não tínhamos de fato certeza se o interesse do rapaz já havia sido manifestado. Aparentemente *Katia*, diante da não atitude do jovem tinha decidido investir na possibilidade de um beijo.

Os casais estavam formados sobra eu e *Taty Girl* e do grupo de Felipe, Rogério que interagiu com outro grupo de homens e mulheres que estavam próximos. Perguntei para *Taty Girl* se ela não tentaria investir em Rogério, ela afirmou que não, iria esperar para a festa. – *Quem sabe não encontro coisa melhor por lá!*

Permanecemos no local por quase uma hora e meia, nesse intervalo de tempo, os casais formados interagiram pouco conosco, apenas sorrisos e olhares nos momentos em que não haviam beijos. Rogério era o único que ainda vinha até nós para trocar algumas palavras soltas, pegar bebida e fazer comentários sobre os casais formados. Em uma de suas falas percebi uma tentativa de aproximação a *Taty Girl*: – *Todo mundo arranjado só eu que estou solteiro!* Ao dizer isso olhou para *Taty Girl* e sorriu. A mesma voltou-se para mim com um sorriso desconcertado e não disse nada. O silêncio nesses momentos diz muito, o jovem percebeu que a investida não havia surtido o efeito desejado ou melhor não tinha aberto espaço para algo mais e se retirou.

Após a saída de Rogério perguntei por que ela não havia correspondido à cantada, *Taty Girl*, enfatizou que o jovem era bonito, mas, um pouco metido: – *Muito metido, não rolou! Pode até ser que role depois ou não, mas, agora não tá batendo.* Não satisfeita, indaguei sobre o que havia contribuído para que ela pensasse isso; – *Não sei explicar, o jeito dele muito dono do pedaço, “gostosão” demais! Se sente! O jeito que ele anda, como se não houvesse ninguém melhor no mundo.*

*Taty* se incomodou com a postura de Rogério, muito forte, o jovem andava de braços abertos e com o tórax projetado para frente, empertigado. Mas, muitos jovens que fazem academia e possuem corpos malhados têm essa postura. Apesar disso não percebi nenhuma fala que remetesse a essa conclusão. Resolvi tentar entender melhor a conclusão de *Taty Girl* acerca de Rogério. Questionei se ele tinha dito algo que reforçasse isso; respondeu que não gostou da fala dele sobre a minha pesquisa. *Taty* havia tomado as dores por algo que nem eu considerei depreciativo. – *Não achei legal o que ele falou sobre o trabalho assim que*

*chegamos, tem que respeitar, o que você está fazendo é sério. Aí vem dizer que quer ler para ver se consegue pegar mais mulher na festa... muito sem noção, quem sabe ele precise mesmo de um manual!*

Ressaltei que não havia ficado chateada, os limites do entendimento de cada pessoa sobre a pesquisa fazem isso, conclusões precipitadas, além da própria necessidade de autoafirmação como homem “pegador”. O fato de se tratar de uma pesquisa sobre mulheres e forró, o próprio contexto da festa pode levar a entender como algo pouco importante.

As pessoas de modo geral não entendem que as relações gênero, o próprio desenrolar da violência, perpassam por todas as dimensões da vida social, seja na diversão, no trabalho, na vida doméstica, em toda a sociedade suas nuances devem ser estudadas, não somos mulheres diferentes na festa, em casa, no trabalho. Leva tempo mudar essa mentalidade. A cultura machista ocupa um lugar ímpar na sociedade, o trabalho em si, pode contribuir com reflexões, possibilitar às/aos leitoras/es a percepção de como o machismo se apresenta de várias formas e que as mulheres também reproduzem essa lógica. Superá-lo requer uma luta cotidiana.

Mas, *Taty Girl*, realmente havia se indignado com a fala do rapaz. Não tentei convencê-la do contrário, apenas refleti que se de algum modo minha pesquisa já tinha influenciado a percepção das relações de gênero da interlocutora. Pois, diante do ocorrido, além de rejeitar o rapaz, ainda tinha destinado seu tempo a observar comigo o desenrolar das relações que aconteciam no posto de gasolina. Fiquei na dúvida se apenas *Taty Girl* tinha tido essa impressão.

Uma breve reflexão sobre a forma que intervimos no campo, no cotidiano das relações que presenciamos durante a realização da pesquisa. Acreditar que nossa presença não modifica um pouco do desenrolar das negociações de gênero seria um pouco ingênuo. O fato de estar no local da festa com as interlocutoras de certo modo interfere no desenvolvimento das ações e acontecimentos, obviamente os níveis de interferência variam de interlocutora para interlocutora, para algumas a presença é quase despercebida, principalmente ao entrar no clima da festa, para outras a pesquisadora está presente e esse fato modifica a forma de perceber e reagir diante dos fatos.

Antes de concluirmos o diálogo Rogério, retornou ao grupo baixou o som do carro

e dirigiu-se a todas/os: – *Vamos pessoal, está na hora, ainda tem o trânsito! Os três carros vão juntos. Simbora!* A ação de Rogério interrompeu a dança e os beijos dos casais, combinamos a ida em “comboio” e seguimos para o carro.

Solange, Simone, Simaria e Katia estavam eufóricas, pareciam felizes com as relações que haviam construído. – *Amiga, tu arrasou! Se garantiu!* Enfatizou Solange Almeida para Simone, com um sorriso nos lábios. Todas sorriram e bateram as mãos em forma de comemoração. Katia Cilene indagou Taty Girl sobre Rogério, – *E aí amiga? Por que não pegou o Rogério? Ele é um gatinho.* Taty foi direta – *Muito metido!* Simone que parecia ter entendido o descontentamento de Taty, concordou com a amiga. – *Achei ele metido a engraçadinho, aquela piada assim que a gente chegou foi sem noção, quando ouvi a besteira mudei logo de assunto! Querendo um manual para pegar mais mulher, desse jeito não pega é ninguém.* Destacou Simone. Com exceção de Katia Cilene o restante do grupo concordou que a fala do garoto não havia sido legal; já para Katia foi apenas uma forma de descontração, no máximo o jovem foi infeliz na colocação. Não significava um motivo para ser dispensado.

Taty prontamente respondeu que Rogério não era o único homem bonito do forró e que preferia apostar em outra possibilidade. O assunto foi encerrado com a decisão de Taty em não ficar com o rapaz. Logo Simone mudou o tema da conversa e destacou que Felipe era *tudo de bom*, beijava bem, dançava bem e seria sua investida na festa. Solange retrucou de imediato: – *Vixe... já vai se apaixonar!*

O limite entre o fica desprezioso e um relacionamento é tênue, principalmente quando há um contato para além do forró, no caso de Simone e Felipe que já paqueravam na academia, segundo as amigas era um sinal de relação promissora. Contudo, Simone ressaltou que apesar de ter gostado de ficar com o rapaz, não dava para falar de paixão ou namoro, mas, a possibilidade estava aberta.

Os relacionamentos sérios tendem a diminuir as idas às festas de forró, mesmo entre casais que gostam e frequentam as festas, outros programas passam a compor o cotidiano do casal. Simaria resalta essa preocupação: *Oh amiga sabe que eu torço por ti né!? Mas, se tu se amarrar com o Felipe, vai ser difícil tu sair com a gente todo o final de semana. Demora pelo menos um pouquinho antes de virar aquele casal fofinho de cinema e jantar fora.* A fala de Simaria para a amiga representava um apelo frente ao possível afastamento que



os relacionamentos sérios trazem para os casais em relação às/aos amigas/os.

De fato, para o grupo de amigas permanecer solteira com relações esporádicas fortalecem os laços entre o grupo, pelo menos para aquele momento da vida, em que as festas, os “ficas” e a diversão ocupam lugar prioritário. Algumas forrozeiras entendem que para o ritmo de festas que vivenciam o relacionamento sério não é a melhor opção. Taty Girl concordou com Simaria e tentou explicar o apelo:

Tu sabe né, a gente quando começa a namorar acaba saindo um pouco do circuito das amigas e isso é um problema porque a gente fica só com o namorado e de repente acaba, olha pro lado e espantou todo mundo com essa história de deixar as amigas pra depois. Então assim, quer namorar o Felipe? Beleza, dou o maior apoio, mas, deixa um tempinho para sair com a gente também, não inventa de ficar saindo só com a turma dele não, que vai rolar ciúme! Da nossa parte é claro (risos).

Simone sorriu e afirmou que nunca abandonaria a turma. A amizade é um elemento interessante para a festa, a frequência da festa e da saída fortalece a amizade, aproxima, traz para a relação assuntos em comum. Não creio que o namoro possa pôr fim às relações, entretanto, a redução das saídas em grupo podem esfriar a amizade.

Para as quinze interlocutoras desta pesquisa os relacionamentos sérios diminuem a incidência das idas às festas, mesmo no caso do parceiro ser forrozeiro, o ciúme e os programas juntos tendem a reduzir as idas aos forrós. Ao tratar desse assunto com *Gil*, em outro momento, a mesma ressaltou que:

O homem forrozeiro sabe que ir ao forró é ficar com pessoas, dançar, curtir, tanto que para ele ir junto com a namorada e ter um monte de outras mulheres que ele poderia ficar não tem graça, como também sabe que se soltar a namorada para aprontar não vai faltar pretendente para ela. E, até para a mulher ver as amigas curtindo, ficando com gatinhos e você ali amarrada e quando o cara não dança aí que o tédio aumenta. Quase sempre, nesses casos a mulher fica agarrada com o cara, ele bebendo pra caramba e quando ela pensa em dançar até com um amigo em comum ou mesmo com uma amiga ele fica de cara amarrada. Tem que ser um casal muito tranquilo para curtir junto o forró. E se duvidar rola é briga por causa de ciúme. Eu prefiro nem ir se for para ficar feito poste no forró. Ah! Ainda tem outra, mesmo quando o cara sabe dançar, ele tira a namorada para dançar e se muita gente ficar olhando para ela aí ele já não quer mais. O melhor é só ficar mesmo, namorado e forró pra mim não combina (GIL).

O relato de *Gil* parece determinista das relações no forró, mas, é fruto de suas

percepções e vivências; para esta o “fica” sem compromisso permite uma maior vivência da festa, com maior liberdade e sem conflitos. As relações não-oficiais são mais livres e sem cobranças, fato que coloca a mulher em condições de exercer suas vontades e desejos com maior autonomia, sem a interferência de um parceiro, namorado ou companheiro. *Se o fica quer dá uma de namorado, você dispensa e parte pra outra, já com o namorado, tem o sentimento, você tem que evitar, para que não role briga e não estrague a festa de vez* (GIL).

A postura da mulher forrozeira que vai à festa acompanhada (compromisso sério) é bem diferente da forrozeira que vai à festa solteira. Se ambas preocupam-se com a diversão, as primeiras precisam adequar sua diversão a de seu parceiro, os desejos e vontades estão associados ao do companheiro; é preciso que haja acordos entre o casal, para que a festa seja de fato divertida para ambos. Já a forrozeira que está solteira possui maior possibilidade de satisfação de suas vontades, pois depende apenas de suas escolhas para se divertir. As relações pessoais-afetivas podem ser feitas e desfeitas, diante da conjuntura do momento.

Esta relação é perceptível durante as festas, pois apesar de algumas investidas masculinas mais incisivas, as forrozeiras “escolhem”, decidem que relações irão constituir como no caso citado acima entre Taty Girl e Rogério. Obviamente, como já foi apontado anteriormente, existem casos de excessos nas festas de forró, em que a mulher tem seu corpo tocado sem permissão ou mesmo um beijo roubado que esta não queria, contudo, o ato de “ficar” só ocorre com o consentimento de ambos, os relacionamentos durante a festa não ocorrem forçados ou à revelia feminina, resguardados os casos explícitos de violência, do qual apenas tomei conhecimento por relatos, mas, não presenciei nenhum acontecimento do tipo.

Parece óbvia essa afirmação, entretanto, ela é significativa para o entendimento das negociações de gênero no mundo do forró pé de estrada, afinal ela enfatiza a compreensão da forrozeira acerca do desenrolar destas negociações. Estas se sentem exercendo sua autonomia, diante de seus desejos, ao beijarem vários parceiros durante uma mesma festa, pois assim desejaram, de dançarem com quem e como quiserem, ou mesmo de não beijar ninguém ou até de dançarem sozinhas durante toda a noite e mesmo assim se divertirem.

Apesar de apenas duas interlocutoras terem afirmado que já foram a festas em que não ficaram com ninguém e curtiram porque o interesse naquela noite era apenas de ver o show e dançar, todas enfatizaram esse discurso de autonomia sobre seu desejo. Entretanto,

não se deve deixar de lado um ideário comum aos grupos de forrozeiras que não ficar com ninguém durante uma festa de forró, representa uma noite fraca ou ruim. As formas em que se constituem as relações de grupo e as negociações de gênero tendem a expor as contradições entre o discurso e o desenrolar da festa. Em festas que o público é reduzido é comum que homens e mulheres não consigam uma parceira para ficar, entretanto, na grande maioria dos casos pelo menos um beijo acontece.

### **5.3 A dinâmica da festa**

Na festa em que acompanhei o grupo de Solange Almeida e Felipe, show da banda Garota Safada, foi possível perceber como as relações esporádicas diferenciam-se de relações com compromisso, mesmo quando este é apenas pretendido e ainda não oficializado. O evento estava superlotado, em grande parte pela banda atração principal figurar entre as maiores bandas do momento.

Logo na entrada pude encontrar outras interlocutoras da pesquisa, que apesar de não costumarem frequentar aquela casa de show, haviam resolvido ir à festa em virtude das atrações musicais. As forrozeiras que estavam comigo na festa, também encontraram outras/os amigas/os, apesar da grande quantidade de pessoas, os encontros são muito comuns. Os casais que haviam se formado no posto de gasolina ainda permaneciam juntos, principalmente Simone e Felipe, que pareciam pretender estender o “fica” para toda a festa.

Em virtude do horário de chegada e do grande público não houve demora para entrar na casa de show, a lotação dificultava a locomoção e era preciso buscar um local estratégico para ficar, pois andar pela festa era relativamente difícil. O forró já tocava com a banda Forró do Movimento que havia iniciado o show e apesar da animação do público, não estava fácil dançar, pois eram inevitáveis os “esbarrões” em quem passava.

Observar a dinâmica da festa também estava difícil, haja vista não ser possível ampliar o ângulo de visão. Contentei-me em perceber o desenrolar dos eventos que estavam próximos. O outro grupo de amigas/os de Felipe também se juntou a nós, uma turma de 16 pessoas conseguiu abrir um espaço considerável diante da lotação. Taty Girl ainda

permaneceu junto a mim, parecia estar interessada naquela noite a perceber o forró bem mais que curtir. E, diante de suas percepções ressaltou que o “fica” de Simone e Felipe já parecia evoluir para um relacionamento. – *Olha a Simone e o Felipe, já estão em ritmo de casal? Agarrados assistindo ao show como se só existissem os dois.*

Indaguei se sua observação não estava sendo precipitada, afinal a lotação não permitia que a dança fosse mais solta ou mesmo uma conversa coletiva. – *Não! É diferente, olha os outros casais, se soltam conversam e comentam as paqueras. Olha a (Katia) ali é só fica mesmo, não evolui. Daqui a pouco nem vão mais ficar observa aí.* Percebi que Taty Girl queria mostrar-me os “sinais” dados entre os casais que apresentava maior ou menor interesse em estar juntos na festa.

Gestos e ações expressam interesse e desinteresse para a permanência ou término de um fica. Katia Cilene não demorou muito a se afastar do jovem que havia ficado no posto de gasolina, ele apesar de tímido ainda fez um movimento de aproximação para oferecer uma bebida, recusada por ela com um aceno de cabeça. Ali ambos já haviam compreendido que o “fica” findara. Katia aproximou-se de nós (Taty Girl e Eu) para enfatizar que o clima não estava rolando mais: – *Gatas cansei, muito parado! Não dá, se continuar com ele vou passar a festa toda de braço dado bebendo e olhando pro palco!* Questionei sobre o que ela tinha dito a ele, sua resposta foi direta: – *Nada só sai de perto e pronto, não é namoro que preciso terminar, só afastar que ele já entendeu, tentou puxar assunto oferecendo uma cerveja, recusei e pronto. Acho que vou pegar o Rogério* (risos).

Pela fala de Katia os “ficas” não precisam de explicação, principalmente em situações de festa em que as possibilidades são muitas. Tanto ao homem como à mulher insistir em uma/um pretendente que não correspondeu às investidas é perda de tempo e de diversão. Na lógica de Katia Cilene não era necessário insistir em uma relação que não a estava satisfazendo, a festa tem hora para terminar e é preciso otimizar as escolhas para não perder a diversão da festa.

Solange Almeida e Simaria permaneciam com os pretendentes do início da noite, entretanto, o movimento de aproximação e afastamento entre os casais era diferente de Simone e Felipe. Ambas afastavam-se para comprar cerveja, para interagir com o restante do grupo, dançar soltas e novamente aproximavam-se dos rapazes para trocar alguns beijos e

palavras. Os jovens também faziam o mesmo movimento. O olhar de fora, demonstrava que os quatro estavam atentos para o que acontecia ao redor, observavam quem passava e os casais que dançavam perto do grupo.

Apenas Simone e Felipe permaneciam numa relação intimista, só os dois. Taty Girl novamente chama minha atenção para os dois. – *Olha lá, a Simone e o Felipe como é diferente a relação deles e das meninas (referia-se a Solange e Simaria) eles não se largam nem para tomar uma dose. Se não estão se beijando, tão abraçados ou de mãos dadas. Estilo namoro mesmo e namoro recente.*

Taty Girl queria demonstrar o motivo da preocupação expressada no carro, acerca das relações de namoro, como interferem na dinâmica da festa no forró. – *Quando qualquer uma de nós está com namorado é muito difícil permanecer a mesma coisa. O namoro é a prioridade mesmo na festa, mesmo quando o cara é legal, não é ciumento ou pegajoso o casal quer ficar junto o tempo todo e as amigas dançam (TATY GIRL).* As falas da interlocutora era no intuito de esclarecer o porquê da preferência em saírem solteiras. Indaguei se ela não iria ficar com ninguém naquela noite. – *Até agora não bateu o interesse, gostei de ficar observando os “esquemas” dos outros! (risos) Fico me imaginando, agindo do mesmo jeito nas festas e pensando agora se alguém ou se tu ficava tentando decifrar minhas ações.* Expliquei que não se tratava de “decifrar”, mas de perceber como se estabelecem essas negociações de gênero no forró. As investidas, as recusas, como as forrozeiras interagem nas festas e quais são as principais diversões delas no forró, seria dançar? Ficar? Ver o show? O que motiva, anima, diverte?

Foi interessante ver uma interlocutora na condição de observadora das relações que em outros momentos ela mesma vivenciara. Ela refletia sobre os comportamentos das amigas e ainda se imaginava na mesma situação, de observada. Questionei se ela ao se pensar observada sentia algum incômodo. – *Não é incômodo, mas, é esquisito agora imaginar que suas ações estão sendo observadas. No forró a gente tem a sensação que tá fazendo as coisas e que ninguém tá vendo, não vai sair da festa, entende?* O espaço da festa é carregado pelo sentimento de “liberdade” no sentido da ausência dos controles morais vigentes na sociedade, seja pela quantidade de pessoas desconhecidas que estão no local, pela ingestão de álcool que envolve um estado de euforia e certa liberação ou mesmo o fato da festa constituir esse

momento de diversão, relacionamentos afetivos curtos, dança, etc.

Pedi para que ela observasse uma jovem que estava numa turma ao lado da nossa, mesmo diante da lotação, todos se esforçavam em garantir espaço para que ela continuasse dançando, tanto por dançar bem, como por sua beleza. Percebi que os jovens que faziam parte daquele grupo e que sabiam dançar estavam sempre à espera de uma chance de conseguir ou repetir a dança. E, que inclusive os meninos que estavam no nosso grupo já comentavam sobre ela.

Taty Girl questionou sobre a importância desse fato para a pesquisa, para ela o movimento do grupo e da moça não significavam nada além da dança e da beleza da jovem. Entretanto, a beleza da jovem aliada a sua desenvoltura na dança constrói um espaço de atenção e de desejos, seja para dançar ou mesmo da dança possibilitar algo mais.

Chamar atenção durante uma festa, seja pela beleza ou pela dança, agrega valor. Ser notada, abre possibilidades. Não significa que apenas as mulheres que se destacam em um desses quesitos constroem possibilidades de relacionamentos durante as festas, contudo, estas aumentam sua possibilidade de escolha, literalmente percebia-se uma fila para chamar a jovem para dançar, se os pretendentes à dança desejam apenas isso ou algo mais não era possível afirmar, apesar de durante a dança, mesmo que esta primasse por passos soltos, rodopios, peões, quadrados, passos de mão e de gafeira, as investidas ou tentativas de consolidar uma dança intimista que possibilitasse algo mais eram facilmente percebidas, como a forma sutil da jovem durante a dança de esquivar-se quando o rapaz não a interessava.

Oportunidades! A dança representa um elemento ampliador de oportunidades, tanto para o homem que dança bem como às mulheres, ambos sob essa condição têm no forró suas possibilidades de relacionamento potencializadas. Contudo, não posso deixar de ressaltar que o espaço da festa, também se configura, principalmente em relação aquelas/es que se destacam, como um espaço de competitividade. As mulheres e os homens que se destacam pela beleza e/ou pela dança são mais solicitadas/os, existe uma disputa e um valor que se agrega aquelas/es que conquistam ou que conseguem “ficar” com a/o mulher/homem mais “vistoso” da festa.

O ato do “ficar” não representa apenas um momento do desejo, é também valorativo para o poder de conquista individual, “fiquei com o ‘gato’ mais cobiçado da festa”.

Esse ato representa poder de sedução, conquista e de nada vale se não for comentado, visto pelas/os amigas/os. O jovem que conseguisse mais que uma dança com a moça que chamava atenção, despertaria a “inveja” dos demais pretendentes que a observavam e a rodeavam durante a festa, além do “mérito” de ter conseguido o que outros não conseguiram.

Isso pôde ser percebido no momento em que um dos rapazes que havia tirado a jovem para dançar, conseguiu beijá-la; os homens que compunham o nosso grupo estavam, assim como eu, atentos ao desenrolar das danças que aconteciam ao lado e no momento do beijo foi possível perceber o movimento de chamada de atenção para o fato, além dos comentários que eram ditos ao nosso lado: – *Se garantiu! Fisgou a gata...*

A conquista do beijo, seja ele elemento desencadeador de um “fica” para a festa inteira ou parte dela ou até mesmo apenas um beijo, representava muito para o homem que o alcançasse, afinal, vários haviam tentado sem êxito. Significava o “troféu” da noite, “ficar” com a suposta mulher mais cobiçada da festa ou pelo menos a mais cobiçada no raio de ação em que estávamos é afirmador do poder de conquista; para o homem, uma demonstração da força de sua masculinidade, alcançar o que outros não alcançaram.

A beleza (nos padrões hegemônicos da sociedade) assim como a dança representa muito para o contexto da festa, se do ponto de vista individual a beleza e o desejo são relativos ao gosto de cada sujeito, no cenário da festa o padrão hegemônico da mulher de corpo definido, magra, de traços afilados tendem a gerar consensos.

No caso do homem o padrão de beleza hegemônico também constitui objeto de desejo e cobiça, contudo outros aspectos também são associados a esse. Como já apontei anteriormente, o poder aquisitivo ostentado, seja este real ou não, representa outra dimensão de autoafirmação e, no ideário masculino, elemento preponderante para efetivação das negociações de gênero. Esta associação entre o interesse feminino pelo homem que possui dinheiro é corriqueira no forró, seja pelas músicas ou mesmo pelos comportamentos.

As interlocutoras da pesquisa consideram esse fato irrelevante, pois afirmam que não escolhem um pretendente a partir da suposta ideia deste ter o não dinheiro. Mas, todas reproduzem que existem mulheres no forró que só “ficam” com os homens que ostentam poder aquisitivo.

Tal ideia é propagada de forma generalista no forró e na sociedade como um todo, discursos biologizantes tendem a atribuir essa “preferência” feminina ao fato de mulheres considerarem homens bem sucedidos como companheiros promissores para a formação da família, sob uma suposta ideia de estabilidade, responsabilidade e segurança. Outro aspecto que permeia esse discurso é a dimensão de classe, pois, as mulheres que buscam homens que possuem um elevado poder aquisitivo são diretamente relacionadas à sua classe social.

São as mulheres pobres e também negras e/ou classe média e/ou classe média baixa que buscam homens estáveis financeiramente. Esta reflexão não indica que mulheres que possuem um alto poder aquisitivo não se relacionem com homens “ricos” ou “estáveis”, contudo, nesses casos a mulher não é vista como “interesseira”, “piriguete”, entre outras denominações, pois estabelece relação com seus pares.

A reflexão que trago não significa uma realidade, no tocante ao interesse real que proporciona a relação, pois, a dimensão subjetiva que orienta cada relação não pode ser generalizada ou comprovada a partir das observações. O que está em questão é a forma que as forrozeiras e a sociedade como um todo, reproduzem estas verdades, ideologicamente propagadas no meio social. Tais afirmações são ancoradas em preceitos de classe, raça/etnia e gênero, desvelando as formas ideológicas classistas, racistas e patriarcais que servem de arcabouço ídeo-cultural para a reprodução de preconceitos e violências várias.

É significativo refletir, também, que à mulher o desejo sexual ou atração sexual momentânea é elemento subalternizado nesse discurso, pois, há a subalternização do desejo e a supervalorização da ideia de que mulheres constituem relações com vistas à formação da família e do casamento. A subalternização do desejo não passou a existir na sociedade contemporânea, data de uma realidade bastante antiga na vida das mulheres (SAFFIOTI, 2004).

Contudo, na sociedade contemporânea essa dimensão merece destaque, pois se contrapõe a toda uma lógica de “liberação da sexualidade feminina”, na qual a vivência sexual apesar de apresentar amplos avanços, ainda é fortemente atacada no âmbito das macro e micro-relações, seja por uma presença neoconservadora que cresce no meio social ou mesmo pelo atual crescimento de vertentes religiosas fundamentalistas, que retomam valores religiosos como: virgindade, heterossexualidade como padrão único aceitável, masturbação



como pecado, contra o uso de preservativos e outros métodos contraceptivos, combate ao aborto, entre outras dimensões. Em tese a história da sociedade humana é fortemente marcada por uma constante quebra e retomada de valores tradicionais. Em suma, ocorre que na medida em que crescem as lutas por ampliação de direitos de segmentos historicamente marginalizados, negras/os, mulheres, população LGBT, juventudes, idosas/os, também crescem proporcionalmente as ofensivas conservadoras e fundamentalistas para restringir e violar direitos humanos.

Esse debate é interessante, pois traz a reflexão acerca da realidade do forró e dos discursos protagonizados pelas forrozeiras que hora afastam-se, hora aproximam-se das vertentes conservadoras da sociedade. De fato a disputa ideológica travada na sociedade requer uma constante reflexão acerca das relações vivenciadas no cotidiano. Pois, a defesa do desejo individual de vivência do prazer e da sexualidade é muito comum no forró, entretanto, ainda é forte a taxação do desejo e da sexualidade vivida por outras mulheres forrozeiras, que acabam por reproduzir a lógica conservadora imposta a todas as mulheres.

Pois, se no forró as interlocutoras sentem que vivenciam seus desejos “livremente” fora de um controle da sociedade que as vigia e pune, objetiva e simbolicamente, por comportamentos fora do padrão, no forró essas mesmas mulheres também atuam como vigilantes das condutas das outras mulheres que estão no forró. Ressalto, ainda, que trazer a leitura feminina das negociações de gênero, foi uma escolha metodológica, pois, não desconsidero que no âmbito masculino essas reflexões estejam presentes ou que se acirrem ainda mais na reprodução da lógica patriarcal, machista, classista e racista.

Pois, mesmo a jovem que se destaca no forró, por sua beleza e dança, como a forrozeira retratada acima, que no desenrolar da festa, dançou com vários homens e ficou com alguns, não foge do estigma de “piriguete”. Haja vista que ao final da festa, quando o grupo estava reunido do lado de fora à espera do amanhecer, lanchando próximo aos carrinhos de cachorro quente que ficam posicionados no lado de fora da festa, a jovem forrozeira foi novamente assunto do grupo, pauta debatida entre homens e mulheres.

André um dos jovens do grupo que havia ficado com Katia no início da festa, indagou: *E, a gata lá? Muito bonita, mas rodadinha, viu? Perdi as contas de com quantos ela dançou, que ficou parei no quinto carinha, que eu vi, deve ter sido muito mais.* Rogério

complementou: *Bonitinha mais ordinária! Na próxima festa não me escapa!* Katia Cilene complementou: *Piriguite bonita e que dança bem, mas fácil, fácil, qualquer troco de bombom leva.* As presentes sorriam pelos comentários, não refletiam que o mesmo argumento que se voltava contra a jovem, poderia ser usado contra elas em outras situações. Festa não é um espaço para reflexão, apenas de diversão, me diria uma forrozeira, caso levasse essa problematização para o grupo.

Apenas questionei, principalmente pela presença dos “ficantes” das interlocutoras, que mulher forrozeira estaria fora do rótulo de “piriguite” diante das afirmações e verdades trazidas pelo grupo? A exibição da moça foi o principal elemento trazido pelas interlocutoras presentes; os homens foram enfáticos em relação a quantidade de jovens que a forrozeira “ficou” durante a festa. Mesmo que a conduta da jovem seja reproduzida por homens e mulheres em outros momentos, o olhar de fora sempre é apontador, acusador, reproduzidor de valores potencialmente quebrados nas condutas, mas, reforçados nos discursos.

Ficar com muitos pretendentes é universo comum, para quem está na festa. Porém, os discursos em grupo, principalmente na presença de homens, são sempre associados a algo depreciativo. A outra forrozeira que apresenta tal comportamento é a “piriguite” do forró, se exhibe, quer chamar atenção e fica com muitos homens, entretanto, de certo modo todas as interlocutoras tendem a aderir aos mesmos comportamentos, no plano individual representa a diversão, ao se referir à mulher de um modo geral isso é vulgar, depreciativo.

É interessante essa mudança de discurso, quando na presença de homens, sejam eles pretendentes, “ficantes” ou apenas amigos. Katia Cilene que havia ficado com André e depois com Rogério ou mesmo André que havia ficado com Katia e outras jovens durante a festa, estavam isentos do rótulo, pelo menos diante do grupo.

Para o homem o rótulo de “raparigueiro” agrega valor, já para a “piriguite” ou a “rapariga” emerge o sentido da descartabilidade da mulher, aquela que deve satisfazer desejos e “descartada”, uma conotação de objeto. Rogério insinuou isso em sua fala, reforçada por Katia Cilene. Mesmo diante da suposta autonomia do desejo e da sexualidade vivida durante a festa, as forrozeiras não deixam de ser vítimas e algozes dessa vivência. O limite entre a mulher que livremente vive seus desejos e a “piriguite” é muito tênue. Ainda que se pense que as observações durante a festa não ocorrem, de certo modo, todo o comportamento é

visto, apontado, julgado ou ignorado por alguém que ali está. A jovem que dançava durante a festa e chamava atenção, não era conhecida de nenhuma das pessoas que estavam no grupo, porém se tornou assunto por vários momentos, além de ter suas ações tachadas e julgadas.

O forró não representa um momento alheio à realidade cotidiana, valores que são reforçados na sociedade, também estão presentes nesse espaço, ainda que para grande parte das interlocutoras, represente a vivência da liberdade, da ausência de controle e rótulos, valores conservadores se apresentam nos discursos e nos olhares para garantir formas de distinção. A reprodução sob outra ordem da dicotomia entre o sagrado e o profano, a esposa e a outra, mulher para casar e mulher para curtir.

O que se mostra nas entrevistas é uma constante afirmação do desejo de vivenciar relações durante a festa, de fazê-la livremente, conforme sintam a necessidade. Contudo, o olhar masculino sobre esse comportamento inibe essa autoafirmação, além da reprodução de que esse lugar é da outra – a “piriguete”, que “eu” não pertença. Nenhuma das interlocutoras defendeu a jovem, nem de fato se perceberam no lugar dela, ainda que em outras festas já haviam tido tais comportamentos, se nesta relação também se apresenta a disputa, acredito que sim. Porém, além dessa dimensão ressona o conservadorismo presente no forró e absorvido pela própria ideologia presente na sociedade pelas/os participantes.

De fato a questão é: o comportamento da forrozeira é uma expressão do seu desejo? É impulsionado pela festa e não representa algo que essas mulheres realmente defendem? Ou assim como os homens buscam uma autoafirmação diante de outras mulheres? Seria o comportamento da forrozeira hibridamente liberdade e prisão? Autonomia e opressão? São questões que permearão as considerações finais deste trabalho.

## 6 QUEM SÃO AS FORROZEIRAS INTERLOCUTORAS DA PESQUISA? UM DIÁLOGO SOBRE AS NEGOCIAÇÕES DE GÊNERO E O MUNDO DO FORRÓ

Refletir acerca das mulheres forrozeiras que frequentam as festas de forró pé de estrada em Fortaleza é buscar compreendê-las em sua complexidade e não apenas como mulheres que “curtem” o forró. Perceber e analisar as negociações de gênero nas festas de forró pé de estrada alcança sua completude ao dialogar com as mulheres forrozeiras acerca dos acontecimentos que permeiam as diversas situações vividas na festa.

Durante o trabalho de campo pude vivenciar aspectos interessantes que perpassam as negociações de gênero, estabelecer contatos, selecionar as possíveis interlocutoras e aprofundar o olhar acerca do mundo do forró pé de estrada. Dentre as questões significativas e que me despertaram curiosidade desde o início da definição do objeto, encontra-se o sentido atribuído ao ser mulher forrozeira. Quais as significações pertinentes para as mulheres que frequentam o forró pé de estrada se reconhecerem como forrozeiras?

Frente à indagação de se reconhecer ou não como forrozeira e o que definia uma forrozeira, todas as entrevistadas responderam que sim, se consideravam forrozeiras e as razões para se identificarem com essa representação é o fato de gostar de forró, para algumas amar forró, saber dançar também foi citado por parte das entrevistadas. Uma das entrevistadas ressaltou características de comportamento, beleza e moda, como definição da identidade forrozeira “Uma forrozeira é descolada<sup>82</sup>, bonita e *fashion!*”.

A ética da beleza, que também é a da moda, pode definir-se como a redução de todos os valores concretos e dos “Valores de uso” do corpo (energético, gestual e sexual), ao único “valor de permuta” funcional que, na sua abstração, resume por si só a idéia de corpo glorioso e realizado (BAUDRILLARD, 1985, p. 141).

Entretanto, como já sinalizei anteriormente, ao perguntar acerca da existência de um “estilo”, uma estética forrozeira 60% das entrevistadas consideraram que não há uma

---

<sup>82</sup> “Descolada” é uma gíria comum da juventude e traz a conotação de estar na moda, esperta, livre, “mente aberta”, dentre outras significações.

estética própria do forró pé de estrada e que o gosto individual de cada mulher definia a forma de se vestir e os acessórios a serem usados. Contudo, ao destacar a semelhança das vestimentas usadas por mulheres nas festas de forró, mesmo em casa de shows distintas as entrevistadas citaram a tendência da moda como referência para o estilo de vestir e os acessórios usados.

A entrevistada “Gil<sup>83</sup>” sinalizou que a força da moda pode ser percebida em simples fatos: “no período da novela *Salve Jorge* era comum encontrar mulheres com as pulseiras da Helô<sup>84</sup>, capa de celular igual à dela e as roupas de oncinha e zebrinha, tudo igual, a novela acabou e a gente quase não vê dessas coisas, é o que tá na moda, isso é o estilo do forró”. Em relação a essa fala é importante destacar que a moda também é ditada pela mídia, pelas novelas que fazem sucesso na TV e não necessariamente pela alta-costura da moda internacional. No geral, as tendências da moda internacional popularizam-se com a chegada dos estilos nas grandes lojas de departamento, contudo ao chegarem nesses segmentos à tendência da alta-costura já tem se reconfigurado e apresentado novas possibilidades.

Assim, diante desse aspecto, não são os grandes estilistas internacionais os orientadores das roupas usadas no forró, em geral a mídia televisiva é responsável por criar tendências de moda no Brasil. Destaco, porém, que os acessórios de marca dos grandes estilistas internacionais já são comentados e usados nas festas de forró pé de estrada (apesar da grande falsificação de produtos com essas marcas), apresento o exemplo da popularidade destes acessórios que já chegou a ser retratado em letras de forró:

Só ando de Louis Vuitton, / De Ray-ban ou de Triton. / Sou vitrine de bacana / Com minha Dolce & Gabanna / Na balada vou de Prada / Tô sempre descolada. / Praia, Morena Rosa, / E de quebra eu sou cheirosa. / Mas se quiser ganhar meu coração. Tem que ter a pegada, / Pra tirar minha razão. / Se eu dou um fora, é porque eu sou seletiva / Eu mando, e desmando, / Em quem entra em minha vida. / Eu sei que sou gostosa, / Tenho fama de atrevida. / Mas não confunda as bolas, / Eu nunca fui bandida. / Para tudo, para tudo. / Para tudo, para tudo (AVIÕES DO FORRÓ, 2012) (Grifos nossos).

<sup>83</sup> Alusão a cantora da banda Forró dos Plays.

<sup>84</sup> Personagem da novela interpretada pela atriz Giovanna Antoneli, fazia o papel de delegada, sua marca eram os acessórios extravagantes, muitas pulseiras, roupas de onça, zebra e a capa do celular em formato de manopla.

A mulher que se destaca na letra valoriza os acessórios de marca conceituada, se autoafirma por uma suposta 'posição' de classe – “sou vitrine de bacana”, mas também enfatiza a autonomia sobre seu desejo e assume o papel de dominadora, um conjunto de elementos importantes para pensar a retratação da mulher na letra, mas destaca que essas características não a colocam no universo do “profano”, do qual ela faz questão de se distanciar – “Eu nunca fui bandida<sup>85</sup>”. A análise da letra não é o objetivo desta pesquisa, mas, alguns elementos aparecem difundidos nas falas das interlocutoras.

Para 40% das entrevistadas que acreditam haver um estilo ou estética própria das forrozeiras, ressaltam, principalmente, o uso do salto alto, pois “favorece a elegância”, mas, para garantia do conforto na dança, tem que ter “plataforma<sup>86</sup>”, o cabelo liso também foi um dos pontos citados por todas, “cabelo liso é mais elegante”. As roupas têm que ser sensuais, as saias e os vestidos colados e curtos, os shorts curtos e as calças coladas, “mas não podem ser cafuçus, aí já é forrozeira *guete* (redução da palavra piriguete)” foram os mais citados respectivamente.

A entrevistada “Dinha”<sup>87</sup> afirma: “claro que tem um estilo forrozeira, se não seria transmissão de pensamento ir ao forró e encontrar todas as mulheres muito parecidas”, ao considerar a existência de uma estética forrozeira, completa: “não é nada falado, você vê como as amigas se vestem ou mesmo se não tem esse exemplo, quando você vai pela primeira vez é comum errar no ‘modelito’, mas, quando chega lá e vê como é o estilo, se gostar da festa acaba imitando, na segunda já tá tudo certo”, destaca.

Apesar da definição de “Dinha” não trazer a questão da necessidade de aceitação frente ao público forrozeiro, pode-se deduzir que a busca pela familiaridade com o estilo de roupas na festa está relacionada com a tentativa de se inserir no universo da festa, fazer parte. O que de fato contribui para uma construção da identidade forrozeira. O estilo forrozeira não se limita à vestimenta, mas, compõem, também, gestos que são comuns, a linguagem verbal (própria da juventude, mesmo quando a forrozeira não compõe a faixa etária da juventude de 18 a 29 anos), a postura como sinalizaram as entrevistadas, esse conjunto de elementos seria o

<sup>85</sup> A mulher “bandida” não tem relação com o crime, mas com o comportamento, assemelha-se com a “piriguete” sem a conotação “cafuçu”.

<sup>86</sup> Os saltos plataforma são identificados por possuírem um complemento de altura na frente do calçado o que reduz a inclinação do pé em relação ao salto.

<sup>87</sup> Referência à cantora da banda Forró do Movimento.

ser mulher forrozeira.

O conjunto de elementos que constroem a mulher forrozeira se articulam, como salientado anteriormente, com as várias empresas que financiam as festas de forró, isto se dá especialmente com a divulgação de marcas específicas, estilos de roupas que são adotadas pelas/os artistas, propagandeadas nas festas e constroem com a tendência da moda, o estilo forrozeira.

Tais questões sinalizam a presença de uma ritualística no forró:

Os ritos devem ser sempre considerados como um conjunto de condutas individuais ou coletivas, relativamente codificadas, com um suporte corporal (verbal, gestual ou de postura), com caráter mais ou menos repetitivo e forte carga simbólica para seus atores e, habitualmente, para suas testemunhas, baseadas em uma adesão mental, eventualmente não conscientizada, a valores relativos a escolhas sociais julgadas importantes e cuja eficácia esperada não depende de uma lógica puramente empírica que se esgotaria na instrumentalidade técnica do elo causa-efeito (RIVIÈRE, 1996, p. 30).

A comunicação aparece nesse processo com uma via a ser construída, independente do grupo de amigas/os que me acompanhem ao forró, não é simplesmente com esse grupo que se busca interagir, de fato o objetivo é a interação com o outro, que pode ser ou não já conhecido.

É justamente o caráter próprio do rito situar-se como linguagem referente a uma ordem, senão idêntica para os interlocutores, pelo menos aceita como sistema de permuta. O rito tem como objetivo essencial levar os seres e as coisas a comunicarem entre si, segundo regras codificadas (RIVIÈRE, 1996, p. 83).

O objetivo da comunicação potencializa a busca por essa identidade forrozeira que se constrói pela maquiagem, pelas roupas e acessórios, pelo cabelo liso, pelo salto alto, pelo perfil “descolado” e “bonito” ressaltado pelas frequentadoras das festas de forró pé de estrada. Entretanto, é preciso destacar nesse discurso “estilístico” das frequentadoras o debate acerca da raça/etnia, mulheres negras com cabelos crespos precisam adequar-se ao padrão de beleza instituído. O diferente nesse caso não se caracteriza pela diferença, mas como expressão do

feito, do não belo, que está fora dos padrões, sob a necessidade de se constituir idêntico. Em minhas andanças pelas festas de forró pé de estrada não me deparei com nenhuma mulher de cabelos crespos que não os tivesse alisado, seja para a festa ou alisamentos químicos que duram longos períodos.

O estilo da mulher forrozeira obedece a um padrão de feminilidade, poder econômico e raça/etnia. A mulher precisa expressar sua feminilidade através da maquiagem, das roupas sensuais, dos acessórios; o poder econômico se destaca por meio das roupas e acessórios de marcas caras (mesmo que falsificados); e em relação à raça/etnia o padrão de beleza branco é de fato muito referenciado, não só pelo cabelo liso, ou seja, negação do cabelo crespo, mas, também pela maquiagem, mulheres negras usam tanta maquiagem no rosto que ressalta a distinção de cor do rosto frente ao restante do corpo.

Essa questão da raça/etnia não só passa despercebida como referendada. Ao questionar uma entrevistada sobre a preponderância do cabelo liso, obtive a seguinte resposta: “Acho que vão por gostarem e porque cabelo liso é bonito, imagina uma mulher toda descabelada ou com o cabelo pixaim, mal tratado que parece que nunca viu um pente. Não é legal, não fica bonito.” O cabelo crespo é sinônimo de cabelo mal tratado, que não foi penteado, os traços da negritude são de fato rejeitados em relação ao que se percebe como beleza.

Frente a esse comentário, perguntei se uma mulher considerada “feia” para esse padrão não tinha espaço no forró, a resposta apenas reforçou a lógica de necessidade de adequação para compor o mundo feminino forrozeiro: “Nada que um banho de loja e um dia de salão não resolva, num existe gente feia existe gente mal tratada (risos)”.

Ao perguntar as entrevistadas acerca dos atrativos do forró, 14 citaram: a música, a dança e os homens “os gatinhos”. Apenas uma afirmou que tudo que havia no forró a atraía. Metade das interlocutoras listou o álcool como atrativo. O forró pé de estrada tem uma grande relação com as bebidas alcoólicas, que atuam como parceiras nas festas.

Para as mulheres que entrevistei, o forró é o espaço de diversão, mas também de relacionamentos, pois, os homens figuram como um atrativo para a participação na festa. Uma questão que deve ser destacada é que nenhuma das entrevistadas estava em um relacionamento sério, o que pode estar relacionado com a busca por encontros e romances no



forró. Entretanto, 9 mulheres afirmaram não buscarem compromisso para esse momento de suas vidas almejam aproveitar a diversão e apenas terem relações casuais.

Essa questão se contrapõe ao discurso conservador reproduzido em muitas músicas de forró, que costumam relacionar mulheres ao interesse por homens com dinheiro, teoricamente o discurso que ressalta mulheres “interesseiras” deixa implícita a procura por homens para estabelecer relações sérias, casar, constituir uma vida com segurança financeira, por estar implícito não significa que não existam casos em que o momento a ser desfrutado necessite de um homem pagador. O sonho da Cinderela e do Príncipe Encantado, de certo é subliminar nesta situação. As reflexões acerca da estabilidade financeira ressaltam o contexto de construção da família, de reforço do homem provedor, sinônimo de bom marido e bons pais, tendo o dinheiro como mediador fundante das relações.

[...] mudanças políticas, sociais e comportamentais das mulheres, ocorreram na estrutura social, porém, ainda permeia na sociedade um ideário de mulheres sensíveis que norteiam suas relações no amor idealizado e na segurança financeira. Para a sociedade essas mulheres almejam por bons maridos, bons pais, isto é, homens que sejam capazes de manter as despesas do lar a ponto de lhes dar segurança e conforto, ou seja, cumprindo o papel de provedor. Isto demonstra a permanência do dinheiro como mediador das relações (SANTOS, 2009, p. 97).

Em relação às letras de forró pé de estrada que tratam a mulher de forma pejorativa, as respostas foram variadas, para 5 das entrevistadas esse apelo sexual do forró em relação à mulher presente nas letras é o que afasta algumas pessoas das festas. Para estas entrevistadas o forró pé de estrada ganharia muito mais adeptas/os se não tivesse essa conotação, pois, “a música é boa para dançar e mesmo quem não gosta se tocar numa festa músicas que não sejam apelativas, se não gosta por esse motivo, mas gosta de se divertir, vai dançar e aproveitar muito” (SIMONE). Outras três interlocutoras afirmaram que se sentem incomodadas com essas músicas, porém, elas não são motivo suficiente para deixar de frequentarem as festas de forró, “Taty Girl” ao comentar sobre a questão destacou:

Não gosto. Prefiro outras músicas de forró. Engraçado disse que gostava de todas, mas, dessas, não gosto. Acho vulgar, nenhuma música de estilo nenhum, forró, axé, funk, que tenha esse apelo erótico eu não curto. Os caras te veem curtindo ou ouvindo a música, dançando, parece que liga um sinal verde para que eles venham com gracinhas além do habitual (TATY GIRL).

A entrevistada relatou um episódio ocorrido em uma festa de forró que contribuiu para que ela não gostasse das músicas com conteúdo pejorativo, erótico ou sexual:

Teve um cara que dançava comigo lapada na rachada (foi depois desse episódio que comecei a me incomodar) e no meio da coreografia o cara meteu uma mão cheia e com força no meu... (referiu-se ao órgão sexual feminino), fiquei indignada era só uma dança, não dei autorização para ele fazer aquilo. Um exemplo de cara que se passa é esse doidinho. Dei uma tapa nele, ele quis engrossar e os amigos dele tiraram ele de perto de mim. Até hoje quando passa por mim no forró me olha atravessado. Quer dizer que ele pode meter a mão em mim e eu não posso revidar. Foi aí que comecei a pensar se essas músicas eram legais. Se elas não estimulavam um comportamento seja do homem ou da mulher que não ajudava muito. Tem mulher que não liga, tá nem vendo. O cara pega, mete a mão, faz a maior comédia e ela acha normal. Eu não, se não tiver afim não rola (TATY GIRL).

As jovens que se sentem incomodadas com as letras, relataram episódios vividos nas festas que tiveram relação direta com a música que tocava. As experiências desagradáveis seguem a mesma linha do que foi relatado acima, a partir do ato de dançar determinadas músicas, um homem sentiu-se autorizado a tocar de forma contundente o corpo delas. “Gil” relatou que:

...tava no show do Aviões, quando um carinha perto de mim começou a dançar junto comigo a música *vem com peito, vem com peito* e de repente no meio da dança ele agarrou meus seios com as duas mãos e enfiou a cabeça entre os dois, fiquei revoltada espernei muito, mas ele já tinha feito. Ficou por isso mesmo, mas estragou minha festa (GIL).

“Laninha<sup>88</sup>” uma das últimas entrevistadas, passou por situação semelhante com a música “Infınca”:

Todo mundo tava dançando quando começou a tocar “Infınca” era o Forró na Veia que tava tocando, a música era top, sucesso total por causa do carnaval, de repente, do nada, sinto um cara agarrando meu corpo por trás, percebi que ele tava excitado, tentava me soltar e ele me agarrava com força me segurando e fazendo de conta pra quem tava do meu lado que tava dançando, mas ele “roçava” em mim e me segurava

---

<sup>88</sup> Referência à cantora da banda de forró pé de ouro.

com tanta força. Só quando minhas amigas perceberam que eu tava apavorada querendo me soltar dele foi que elas me ajudaram a me livrar daquele “tarado”. Horrível o cara me viu dançando e já foi me pegando daquele jeito, nem o conhecia. Pra mim ele estava muito bêbado, quando me virei comecei a reclamar e ele só fazia rir e mandar beijo com a cara mais sínica do mundo e os amigos dele que estavam perto ficaram rindo e achando a coisa mais linda do mundo o que ele tinha feito. Quando me afastei, ele voltou pra rodinha que ele tava e todos os amigos ficavam batendo na mão dele como se tivesse ganho um prêmio. Fiquei com ódio. A raiva foi tanta que nem sei se era bonito ou feio, mas não importa, não tinha o direito de fazer aquilo (LANINHA).

Apesar desses comportamentos não serem generalizados, eles ocorrem com certa frequência nas festas de forró, algumas mulheres levam na esportiva, se desvencilham e não chegam a considerar como atitude violenta ou traumática. Para outras, comportamentos como esses fazem com que o cuidado e a atenção durante a festa sejam redobrados, além da rejeição às músicas que trazem o mote da erotização e do apelo sexual.

Depois disso curto o forró, mas fico ligada, se acontecesse algo do tipo comigo de novo o carinha não ia sair sem levar pelo menos uma tapa, nem que eu apanhasse depois. E quando as músicas são muito sexuais eu danço discretamente, para evitar que esse tipo de cara tome a liberdade de me pegar daquele jeito. Quando me lembro dessa história, imagino que se não tivesse numa festa ele tinha me pegado a força, me estuprado, sei lá. Gosto nem pensar. Nem comentei em casa, minha mãe nunca mais deixaria eu pisar numa festa, precisava nem ser forró, mas eu sei que a culpa não é do forró, mas desse tipo de carinha tarado que não pode ver mulher (LANINHA).

Questões importantes devem ser levantadas frente a esses depoimentos, na discussão realizada acerca do corpo à luz de Le Breton (2003), o corpo como espaço de sedução deixa aberta (não quer dizer que seja permitida) a ação do seduzido. Em outras palavras, em uma sociedade em que a mercantilização do corpo da mulher é uma das formas mais comuns de marketing, onde a beleza estabelecida como padrão para o feminino impõe medidas corporais “perfeitas” de um corpo instituído para a satisfação dos desejos e fantasias masculinas, pode-se aferir que se trata de uma estrutura social que favorece a ideia de mulher-objeto ao dispor do homem, relação que engendra violências várias.

... a questão se situa na tolerância e até no incentivo da sociedade para que homens exerçam sua força-potência-dominação contra as mulheres, em detrimento de uma virilidade doce e sensível, portanto mais adequada ao desfrute do prazer. O consentimento social para que os homens convertam sua agressividade em agressão

não prejudica, por conseguinte, apenas as mulheres, mas também a eles próprios. A *organização social de gênero*, baseada na virilidade força-potência-dominação, permite prever que há um desencontro amoroso marcado entre homens e mulheres (SAFFIOTI, 2004, p. 75).

Os avanços alcançados pelas mulheres ainda não destituíram essa relação mercantilizada acerca do feminino, ao contrário disso, a “liberdade sexual” conquistada voltou-se contra mulher por meio da exposição dos corpos femininos como elementos de consumo, e essa relação passa a responsabilizá-la pelos atos violentos contra ela perpetrados. Morin (1987, p. 122) afirma: “o novo ídolo da cultura de massa: não é a deusa nua das religiões antigas, não é a Madonna de corpo dissimulado do cristianismo, mas sim, a mulher seminua, em pudor impudico, a provocadora permanente”. Jameson (2001) teórico marxista que reflete acerca da pós-modernidade e do debate da cultura, aponta em vários trabalhos a influência da erotização como estratégia de marketing contemporânea.

O grande problema dessa relação é que a mulher pode internalizar o que já se propaga nos discursos do senso comum, que seu comportamento, sua roupa é que favorece a prática da violência, essa questão é séria, pois, de certa forma absolve o agressor e pune a mulher que tenha vivenciado a situação de violência<sup>89</sup>.

As três jovens que relataram os episódios vivenciados no forró consideraram que o comportamento masculino em relação a elas representou uma violência, sentiram-se assediadas, violadas em seu direito de decidir onde, quando e como as relações devem acontecer.

As demais entrevistadas não relataram nenhuma situação vivida de violência (ou reconhecida como tal) motivada pela música ou ocorrida numa festa de forró pé de estrada. E, em relação às letras de forró ressaltaram que não acreditam que as músicas que trazem uma conotação pejorativa sobre a mulher influencie nas relações vivenciadas durante a festa. Em suma, para 12 das entrevistadas, as negociações de gênero vividas nas festas de forró pé de estrada não sofrem quaisquer rebatimentos das letras de forró erotizadas e com forte apelo

---

<sup>89</sup> Importante frisar que o surgimento do movimento internacional da “Marcha das Vadias” se deu em Toronto Canadá. Em virtude da grande onda de estupros e abuso sexual que ocorriam na Universidade de Toronto, o policial Michael Sanguinetti, afirmou que para evitar casos de estupro as mulheres parassem de se vestir como vadias. A fala de culpabilização das mulheres gerou um grande protesto na cidade e espalhou-se pelo mundo; [www.marchadasvadias.org](http://www.marchadasvadias.org), acessado em: 06 de janeiro de 2013.

sexual.

“Solange Almeida” foi uma das entrevistadas que ressaltou a ausência da influência das letras no desenrolar da festa e das negociações de gênero e destacou:

Acho que isso tem em toda música, no funk, na swingueira, no brega, em tudo... Agora o povo só fala do forró. Tudo bem que algumas extrapolam, passam do limite, só que não são todas. É que tem um povo cabeça revoltado que só o forró que presta é o Luiz Gonzaga (risos). Não gosto das músicas que são muito apelativas, mas elas não me incomodam, nem fazem com que eu deixe de gostar de forró. Acho que eu fico é com raiva quando falam mal do forró (risos). Na verdade eu não acho que uma música influencie na vida da mulher na sociedade, a música existindo ou não as coisas vão continuar acontecendo. E a mulher hoje tá conquistando seu espaço. Agora cada um na sua, tem coisa que homem faz que a mulher não faz e vice-versa (SOLANGE ALMEIDA).

A fala retrata a questão das letras de forró não trazerem rebatimentos para a vida das mulheres, mas constitui, também, um discurso de reforço de papéis sociais de gênero, o que torna esse discurso prejudicial, sob o prisma, do debate de gênero é atribuir a esses papéis características biologizantes que resultem em relações desiguais.

As evidências históricas, como já se mostrou, caminham no sentido da existência de um poder compartilhado: papéis sociais diferentes, mas não desiguais. Ainda que isto cause engulhos nas (os) teóricas (os) posicionadas (os) contra a diferença sexual, na gênese, ela teve extrema importância. Esta, aliás, constitui uma das razões pelas quais se impõe a abordagem ontológica. Ao longo do desenvolvimento do ser social, as mediações culturais foram crescendo e, portanto, deixando cada vez mais remota e menos importante a diferença sexual. Como, porém, o ser social não poderia existir sem as outras duas esferas ontológicas, não se pode ignorá-las. Mais do que isto, o ser humano consiste na unidade destas três esferas, donde não se poder separar natureza de cultura, corpo de mente, emoção de razão etc. É por isso que o gênero, embora construído socialmente, caminha junto com o sexo (SAFFIOTI, 2005, p. 70/71).

Outras autoras, consideradas feministas radicais apontam que a extinção de papéis sociais de gênero, principalmente, no tocante a reprodução da vida são as bases da dominação de homens sobre mulheres, Piscitelli (2002) ao discorrer sobre as concepções da categoria gênero, destaca o pensamento de Firestone:

As diferenças entre os papéis sociais e econômicos de homens e mulheres, o poder político e a psicologia coletiva são resultado da maneira como se reproduzem os seres humanos. De acordo com Firestone, a participação das mulheres no processo reprodutivo – uma vez que são os únicos seres humanos capazes de engravidar e amamentar e dado que os bebês humanos têm um período extraordinariamente prolongado de dependência física – as torna prisioneiras da biologia, forçando-as a depender do homem (PISCITELLI, 2002, p. 04).

Todavia, sob essa perspectiva a dominação de homens sobre mulheres se engendraria especificamente ancorada em diferenças sexuais de caráter biológico, assim as relações de gênero não teriam a presença das outras estruturas (ser social e inorgânica) que permitem a leitura da categoria gênero como ontológica. Não são apenas as características biológicas que perpetram as relações de dominação/exploração das mulheres, mas por meio da articulação das três esferas ontológicas, podem-se pensar as origens dessa relação.

Portanto, o discurso acerca dos papéis sociais pode contribuir para a reprodução de relações desiguais e não apenas diferentes entre homens e mulheres. Ao persistir na questão junto à entrevistada acerca dos papéis sociais de gênero, indaguei sobre quais as “coisas que homem faz que a mulher não faz e vice-versa”:

Sabe que até isso é difícil de dizer, porque hoje as coisas são, são iguais que é até difícil de elencar. Mas, assim, a mulher ter um bebê, dar à luz, o homem nunca vai fazer isso, amamentar! Agora o que o homem faz... acho que tem certas coisas que devem permanecer com o homem, tipo pagar a conta, abrir a porta do carro. O homem tem um espírito mais agressivo, forte, coisas que envolve força é coisa para homem o corpo da mulher não tá preparado para isso (SOLANGE ALMEIDA).

A resposta foi acompanhada de um silêncio relativamente longo, sob o qual a entrevistada refletia acerca do assunto, contudo os elementos apontados para justificar os papéis diferentes de homens e mulheres estão ancorados em valores conservadores da naturalização do que aponta Saffioti (2004) como força-potência-dominação masculina incentivada e tolerada na sociedade. Sob o ponto de vista da mulher, além da maternidade e da amamentação característica biológica do feminino, a entrevistada destacou a ausência de força como um atributo da mulher, entretanto, a força não é uma característica meramente genética, apesar de que por uma predisposição genética ela possa ser potencializada; a mulher a partir de um estímulo externo também pode desenvolver força física.

A dificuldade de responder apresenta outra questão relevante, destacada rapidamente pela entrevistada, a inserção da mulher na esfera pública e as conquistas de espaço no mundo do trabalho, na produção do conhecimento, na própria quebra de alguns paradigmas acerca do corpo e da sexualidade feminina, tendem a uma conclusão precipitada de que as relações entre homens e mulheres estão iguais. No entanto, ainda há muito a ser transformado para que as relações de gênero se constituam sob o patamar da igualdade.

Em relação ao conhecimento acerca das relações de gênero, as entrevistadas que possuem um maior grau de escolaridade afirmaram já ter participado de alguns momentos em que a temática foi discutida, seja na faculdade ou no ambiente de trabalho. Entretanto, as entrevistadas que possuíam apenas o ensino fundamental, não sabiam do que se tratava, e mesmo após uma breve explicação didática, absorveram que as relações de gênero compreendiam a relação homem-mulher, para não influenciar na resposta optei, nesses casos, por indagar acerca da visão das entrevistadas sobre a mulher na sociedade atual.

“Marcia Felipe<sup>90</sup>” frequentadora assídua das casas de shows Danadim e Leblon, ao ser indagada sobre a mulher na sociedade atual, destacou:

A mulher hoje é muito mais livre, minha mãe conta as histórias do tempo dela era muito diferente, o tempo da minha avó ainda era pior. Minha avó casou obrigada com meu avô porque o pai dela queria, ela diz que sempre obedeceu ao marido porque é assim que tem que ser tá na Bíblia e foi para isso que Deus criou a mulher. Eu acho isso horrível, não conseguia nem me imaginar nessa situação. Para minha mãe já foi “menos ruim”, porque se juntou com meu pai porque gostava dele, mas meu avô e minha avó passaram anos sem falar com ela, porque ela era amigada e não tinha casado, só depois que os netos nasceram foi que eles amoleceram. Tanto minha mãe como minha avó só tiveram um homem na vida, elas acham isso motivo de orgulho, eu fico pensando como é que elas sabem se é bom, pois nunca compararam eles com outros homens. Hoje a coisa é mais livre, se a mulher tem relação sexual antes de casar não é tão criticada, o povo ainda fala, mas, o povo fala de tudo, só que não tem mais aquele julgamento dela ficar falada como antigamente, na realidade o povo só comenta, num chega nem a ser crítica. Minha avó nunca pôde trabalhar, mesmo sendo pobre, meu avô dizia que sustentar a família é coisa de homem. Até bem pouco tempo atrás, antes de morrer, ele falava que o mundo tava perdido porque a mulher tinha saído pra fazer papel de homem, trabalhar fora. Quando comecei a trabalhar ele me mandou criar juízo e arranjar um marido. Ainda bem, que a minha mãe apesar de tudo é cabeça mais aberta, trabalha mas, é como doméstica e só conseguiu sair pra trabalhar depois que a gente cresceu, lá em casa são seis filhos, três mulheres e três homens. O mundo tá muito melhor pra mulher hoje, eu terminei o colégio e consegui emprego no comércio, mas, não vou parar não tô me preparando para voltar a estudar, tem muita chance hoje de fazer faculdade,

---

<sup>90</sup> Alusão à cantora da banda Forró do Muído.

tem umas que são até baratas e ainda o programa do Governo que paga para a gente estudar, tudo tá muito melhor, minha avó e minha só sabem escrever o nome (MARCIA FELIPE).

A base para pensar a mulher na sociedade hoje para “Marcia Felipe” é a sua vida pessoal comparada ao que viveu sua mãe e avó e, sob esse aspecto a mulher galgou muitas conquistas. O direito ao trabalho, a inserção na vida pública, apesar de uma conquista do século passado, parece à entrevistada algo muito recente, um “benefício” dado à sua geração. Porém, mulheres estão na luta pela inserção no mercado de trabalho desde a revolução industrial, no Brasil apesar de tardia esse processo também foi demarcatório.

A partir da década de 1970, intensificou-se a participação das mulheres na atividade econômica em um contexto de expansão da economia com acelerado processo de industrialização e urbanização. Prosseguiu na década de 1980, apesar da estagnação da atividade econômica e da deterioração das oportunidades de ocupação. Nos anos 1990, década caracterizada pela intensa abertura econômica, pelos baixos investimentos e pela terceirização da economia, continuou a tendência de crescente incorporação da mulher na força de trabalho. Contudo, incrementa-se, nessa última década, o desemprego feminino, indicando que o aumento de postos de trabalho para mulheres não foi suficiente para absorver a totalidade do crescimento da PEA feminina (HOFFMANN; LEONE, 2004, p. 36).

É preciso compreender que a entrevistada reflete do seu lugar, da sua realidade cotidiana e com os elementos que lhe foram disponibilizados a partir do local em que ocupa na sociedade. O que não representa a reprodução do pensamento de sua genitora ou mesmo de sua avó, responsáveis pela sua formação, mas por conjunto de possibilidades, embora limitadas, que lhe permitiu galgar um espaço não acessível para sua mãe e muito menos para a avó. A representação da mulher na TV, na mídia, a escola e mesmo as diversas realidades que se cruzaram com a sua, deram a ela condições de pensar a mulher sob outras circunstâncias, tanto em relação ao trabalho, mas também nas relações sexuais.

As repercussões das conquistas femininas atingem todas as classes sociais, muito embora, não possuam as mesmas condições de usufruir dos benefícios dessas conquistas. A baixa qualidade das escolas públicas no Ceará, somadas a inserção precoce no mercado, contribui para que mulheres das camadas populares tenham menos acesso a uma formação universitária. Mesmo diante dos programas federais que visam facilitar o acesso dessas



pessoas ao ensino superior, essa conjuntura ainda é real.

[...] é preciso que a sociedade se empenhe na eliminação de uma mentalidade habituada a promover a inferiorização de fato da mulher. Esta complexa tarefa não é trabalho de uma geração, mas de várias e, em parte, resulta da homogeneização do grau de desenvolvimento econômico e sócio-cultural [...] (SAFFIOTI *apud* CISNE, 2013, p. 162).

De modo geral, apesar da diversidade do discurso, todas as entrevistadas apontaram que a mulher na sociedade atual encontra-se em melhor condição que em períodos anteriores, os desafios a serem ultrapassados, foram citados por apenas duas. Recebeu destaque entre as barreiras a serem vencidas, o machismo que culpa a mulher pelo comportamento masculino e a necessidade de direitos iguais no ambiente de trabalho, tanto em relação ao tratamento e credibilidade dada à mulher, quanto ao valor dos salários para desempenhar as mesmas funções. As questões levantadas pelas entrevistadas que pontuaram os desafios, compõem a pauta do movimento feminista.

Destaco que nenhuma das entrevistadas fez alusão às bandeiras do movimento de forma consciente e com conhecimento da pauta. A única referência ao movimento de mulheres foi feita pela entrevistada “Solange Almeida”, ao comentar sobre uma palestra que havia sido realizada em seu local de trabalho e proferiu uma crítica à fala da representante do movimento de mulheres: “A menina do movimento social chegava a ser antipática... nem lembro o nome do movimento só para você vê como eu não gostei da fala dela.” As militantes feministas, em sua maioria, costumam ser incisivas no debate acerca da luta das mulheres, reconhecem que se esse diálogo com as mulheres que não participam do movimento social precisa ser realizado de forma didática para evitar choques e estranhamentos. Debates como: aborto e religião, tendem a dividir mulheres que têm posicionamentos contrários. Pois, se trata de um debate polêmico que envolve a vida das mulheres x a vida do feto, o tema mexe com dogmas religiosos e sociais, muito enraizados na sociedade brasileira.

No tocante, as relações de gênero vivenciadas no forró, doze entrevistadas ressaltaram que, são normais, como em qualquer festa. Acontecem os “ficas”, “às vezes rola algo mais sério, tudo normal”; estas entrevistadas não conseguiram elencar nenhuma

característica peculiar das relações de gênero no forró, mesmo as que destacaram as investidas masculinas mais ousadas, pontuaram o incômodo, mas frisaram que “essas coisas acontecem” ou mesmo atribuíram esse comportamento a homens mais jovens, denominados “pivetes”.

Apenas 3 entrevistadas destacaram que as relações de gênero no forró precisam ser pensadas, haja vista, a presença de comportamentos machistas e violentos praticados na festa, para além do que habitualmente é considerado normal. As três entrevistadas são as mesmas que relataram os casos de violência vividos no forró.

Em relação ao significado de violência de gênero, todas elencaram a violência física como expressão de violência de gênero, seis conseguiram formular um conceito de violência, quatro elencaram outros tipos de violência além da agressão física, os tipos mais lembrados foram: moral, sexual e psicológica. A violência patrimonial foi citada por apenas uma das entrevistadas. Para sete interlocutoras, para configurar violência é preciso que seja algo “grave”, “uma brincadeira de festa, não é violência, é brincadeira”.

No geral, a concepção de violência de gênero das entrevistadas, tende a não perceber que as formas de violência podem ser perpetradas em qualquer espaço, seja sob a cobertura da “brincadeira” ou do “humor” toda forma de depreciação, invasão da intimidade, abuso, assédio é, e deve ser considerada violência. Saffioti (2004) destaca que para garantir o lugar ontológico da violência em casos em que a linha entre violência e normalidade é tênue, é preferível usar o conceito de direitos humanos. Sob os quais mulheres podem ser defendidas das agressões machistas, pois se trata de um pequeno corpo de direitos universais, aceitos internacionalmente. É sob essa tênue linha existente entre violência e normalidade que repousa as práticas machistas que ocorrem no forró pé de estrada e, justamente por ser tênue é visível para algumas mulheres e para outras não.

Quem são as forrozeiras interlocutoras da pesquisa? Por ora a resposta para essa pergunta pode ser respondida da seguinte forma: são mulheres que frequentam e gostam das festas de forró pé de estrada, buscam a diversão, autoafirmam-se belas e “fashion” e respondem às negociações de gênero com base no lugar que ocupam e nos valores sociais que constituíram a partir da interação com outros seres humanos e com a sociedade. Possuem classes sociais distintas, ressaltam e defendem a liberdade feminina sobre seu corpo e desejo ao tempo que também reforçam o pensamento conservador e machista vigente.

Longe de defini-las a resposta visa estabelecer um primeiro norte sobre as mulheres pesquisadas e ressaltar o frutífero campo das negociações de gênero e o mundo do forró pé de estrada. E, reconhecer que as relações de gênero “negociadas” no mundo do forró são imbricadas por conformações e resistências por parte das mulheres forrozeiras. A realidade é dinâmica e complexa, entender que não há autonomia da escolha do parceiro, na vivência do desejo, seria limitar a capacidade reflexiva e de sujeito dessas mulheres. Porém, as considerações finais presentes na dissertação não apresentarão verdades, mas, olhares múltiplos acerca do objeto.

Por hora, sigo para as considerações finais deste trabalho, porém, nunca pronta e acabada do ponto de vista do objeto, pois, se a estrada termina, o caminho apenas começa!

## **7 A ESTRADA ACABOU, POR ISSO, MESMO, A VIAGEM APENAS COMEÇA:**

### **BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise das mulheres frequentadoras do forró em Fortaleza, com ênfase nas negociações de gênero requer a compreensão das forrozeiras para além do momento em que a festa ocorre, compreendê-las em sua totalidade, as nuances do seu cotidiano e as concepções dessas mulheres acerca da vida, do ser mulher, do forró e da festa, entrelaçam-se com as negociações vividas na festa.

O desejo expresso e vivido, a sexualidade feminina, as formas de se perceber mulher e como estas forrozeiras percebem outras mulheres na festa, estão diretamente relacionadas com os seus valores e concepções. As construções sociais dessas dimensões atreladas à vivência da festa é que tornam as mulheres forrozeiras peculiares. O limite imaginário estabelecido entre a “piriguete” e a mulher que vive seus desejos é tênue, pois, o discurso masculino do forró impõe esse lugar e as forrozeiras transitam por ele.

Se ao homem o discurso do “raparigueiro”, “cachaceiro” empondera, para a mulher “a rapariga” a coloca de forma pejorativa no mundo do profano, do vulgar, engendra uma violência simbólica, torna sua “liberdade” de desejo a serviço do outro e não para sua satisfação. A “piriguete” é a mulher para curtir a festa, mas, não “serve” para estabelecer relações duradouras, é a mulher de uma noite, do “sexo fácil” descartada facilmente.

Mesmo no ambiente do forró, ainda é forte a diferenciação entre o sagrado e o profano, a mulher que merece a ligação do dia seguinte e a outra que nem o telefone se pega. As próprias forrozeiras da pesquisa que durante todos os momentos de entrevista reforçaram a expressão do livre desejo, criam diferenciações entre a vivência individual e a forma de rotular outras mulheres por terem a mesma postura. Tais rótulos são mais evidentes quando o diálogo ocorre na presença masculina, “o lugar da ‘piriguete’ não é o meu”.

As mulheres que são identificadas como “raparigas” ou “piriguetes” são tidas como fáceis, aquelas que no imaginário do forró estão disponíveis, para quem chegar primeiro e pagar mais. Esse ideário fortalece a imagem do homem pagador “o chefe” como já apresentei no corpo do trabalho e ao mesmo tempo subalterniza a vivência do desejo feminino. Ainda que, as mulheres identificadas como “piriguetes” nem se percebam nesse

lugar.

O que representaria a “libertação” torna-se uma nova forma de opressão, pois à mulher que vivencia estas relações com o homem “pagador” passa a atender os desejos dele primeiramente, ainda que os seus não sejam neutralizados. Pois, a relação mercantil não é explícita, como no caso das profissionais do sexo, mas supostamente presumida, que implica numa hierarquia e numa relação de poder, no qual a mulher só pode se afirmar pelo sexo.

A relação parece binária, como se não houvessem outras dimensões a intercalarem o processo, porém não é isso que afirmo, de fato o que busco problematizar nestas considerações finais é que a vivência do desejo feminino no forró – é pela própria estrutura ideológica da festa e da sociedade, bem como pela reprodução desta por homens e mulheres – limitadora.

Não significa portanto, que as mulheres estejam submissas e que no aspecto individual não vivenciem seus desejos, mas, que estas vivências são rotuladas para que o controle masculino não seja completamente negado. Pois, se assim não fosse o espaço do forró seria um espaço livre da opressão e da violência de gênero. Os casos relatados anteriormente apontam a violação direta do corpo e da autonomia da mulher, porém é preciso desnaturalizar posturas e comportamentos, como os beijos forçados, os rótulos que simbolicamente violentam, a atribuição da mulher-objeto, entre outros aspectos discutidos.

A dinâmica do forró representa a versão contemporânea da opressão e da violência, na qual as mulheres não estão anuladas do direito de desejar e vivenciar tais desejos, mas, esta prática a coloca em um lugar menor, vulgarizado e pejorativo. Razão pela qual defendo o caráter híbrido da liberdade e da opressão feminina no seio do forró. Pois, não é uma crítica moral às mulheres que “ficam” com vários homens nas festas, mas à forma que isso é reproduzido no ambiente do forró, que coloca essa mulher num lugar subalternizado que merece uma análise.

A complexidade desse processo está no não reconhecimento que o reforço da figura da “piriguete”, da “rapariga”, por parte das interlocutoras volta-se contra elas, haja vista que tais termos são atribuídos às mulheres que vivenciam seus desejos durante a festa, o que as inclui diretamente. Esse discurso é reforçado nas letras, nos comportamentos masculinos e femininos e corrobora para a opressão das mulheres nas festas de forró.

A “piriguete” rotulada a partir da vivência de sua sexualidade extrapola a condição de classe, entretanto ao atrelar a tal rótulo a condição de mulheres “interesseiras” ou que buscam o homem rico, a classe retorna ao ponto central e muitas vezes associadas a condição de raça-etnia, razão pela qual o nó de Saffioti (2004) foi fundamental para o desenvolvimento do olhar. Apesar de muitas interlocutoras negarem a expressão da violação nas negociações, atitudes como o “puxão” de cabelo e o beijo forçado, as “mãos bobas”, as “dedadas” são reconhecidas como inconvenientes. A reflexão é se a festa permite esses comportamentos e por isso se nega a violência ou a naturalização destes faz com que a violência não seja reconhecida.

O reconhecimento da violência não pode ser o fator preponderante para sua existência. A postura primitiva de agarrar a mulher pelos cabelos para que esta satisfaça o desejo masculino de beijar, de ter essa mulher para si, não deve ser encarado como natural. Razão pela qual a festa foi pensada em constante articulação entre questão e fato. Obviamente, tais comportamentos seriam rechaçados fora do ambiente do forró, ainda que algumas mulheres o façam no seio da festa, mas, a naturalização pela maioria não seria uma expressão do próprio conservadorismo e reprodução de papéis tradicionais de homens e de mulheres que o forró em toda a sua estrutura reforça?

O fato isolado seria considerado por qualquer pessoa um ato violento, porém, no seio da festa este recebe uma conotação jocosa, desvinculada da complexidade que lhe é inerente. É essa a questão que a dissertação levanta. É possível fortalecer essa ideia que a festa tudo permite? A mulher que vivencia essa condição pode ser considerada partícipe, “cúmplice” do ato, por estar ali e de certo modo concordar com as regras do jogo?

As mulheres após os estímulos à sua participação na década de 90<sup>91</sup> tornou-se público ativo e pagante nas festas de forró, tanto que tais estratégias de atração das mulheres não são mais utilizadas, em alguns casos o número de mulheres até ultrapassa o número de homens nas festas, porém o forró não perdeu sua conotação masculina, apesar de alguns elementos de afirmação da mulher terem começado a surgir a partir de 2009 em algumas

---

<sup>91</sup> Campanhas publicitárias de casas de shows em Fortaleza utilizavam a gratuidade da mulher como forma de garantir um grande público para as festas. As promoções variavam entre: “Mulher de minissaia entra na faixa”, “Até meia-noite mulher entra de graça e a bebida é liberada”, “Mulher acompanha não paga”, “Mulher entra na faixa”, entre outras.

letras de forró. Um exemplo significativo é a nova música de trabalho das Coleguinhas (Simone e Simaria) que traz a temática da violência doméstica.

Era uma moça, uma moça muito especial / Que namorava um cara, que também parecia ser especial / Ele demonstrava, ser um homem diferente / Mesmo com sua gentileza, não conquistou a família da gente / E ele demonstrava amor, e jurava que nunca te enganou / Que seria sempre um anjo na vida dela / Que nunca maltrataria ela, e ela confiou / E entregou todo seu amor, e esse cara com o tempo / A sua máscara quebrou / E agora ele bate, bate nela / E ela chora, querendo voltar para os braços de sua mãe / E agora, eu tô sem saída, e se eu for embora / Ele vai acabar com minha vida / Ai ai / Quanto dor eu sinto no meu peito / Devia ter feito as coisas direito / Ai ai / Óh Deus me tire desse sofrimento / Porque viver assim eu não aguento / Só quero ser feliz / Era uma moça (AS COLEGUINHAS, Ele bate nela, 2014).

A música por tratar do tema da violência doméstica representa uma mudança significativa, pois, sempre foi comum músicas que naturalizavam a violência física, como *Bata nego* gravada pela banda Solteirões do Forró e *Você é o Cara*<sup>92</sup>, Forró do Muído à época liderado por Simone e Simaria, dentre outras. Contudo, mesmo nas canções que reforçam uma dimensão distinta da violência naturalizada e da mulher que “aceita” tal situação, ainda recai sobre a mulher o peso da situação de violência como na música destacada acima: *Devia ter feito as coisas direito*. Onde está a responsabilidade da mulher que entra no ciclo de violência?

Apesar da letra não ser o objeto da pesquisa ela permite uma analogia à questão ressaltada anteriormente, o fato da mulher vivenciar a festa de forró não a coloca na condição de responsável pelas violências sofridas. Assim como, a jovem da letra da música não podia ter tido posturas “direitas” que a livrassem da situação de violência. Ainda em articulação com a letra, desnaturalizar os comportamentos masculinos de caráter violento, “inconveniente” é fundamental para que não se dependa de “Deus” para pôr fim ao ciclo de violência, como retratado na letra.

A autonomia da mulher ainda ressaltada na fala das mulheres no tocante ao desejo

---

<sup>92</sup> Ele é do tipo cafajeste, mas é sedutor / É mulherengo, sem vergonha, mas me conquistou / Soube fazer, pegou na veia, me deixou no chão / Agora estou apaixonada, louca de paixão / Tô nem aí se sou amante ou se sou a mulher / Já não me importo com as pessoas, falem o que quiser / Entre tapa, beijo, briga, ódio e prazer / O amor da minha vida eu sei que é você / Você me pisa, me machuca, mas fazer o quê? / Se quando você chega mata a minha tara / Você me pisa, me machuca, mas fazer o quê? / Se o coração me diz que você é o CARA (FORRÓ DO MUIÍDO, Você é o Cara, 2009).

e a sexualidade é, em outro aspecto contestada diante das negações sobre o direito ao seu corpo, pois a partir do momento que isto ocorre sem o consentimento reforça-se o entendimento que a mulher é o objeto de desejo e que pode ser tocado assim homens queiram. A reflexão é que a autonomia da mulher sobre o que quer e deseja para si não impõe ao universo masculino presente nas festas o limite entre o permitido e o não permitido.

Essa condição autônoma bastante enfatizada do desejo é hegemonicamente feminina e não reverbera na estrutura do forró pé de estrada, muito menos no reconhecimento desta por parte dos homens forrozeiros. O debate levantado não tem a intenção de aferir aos homens o poder de definir se há ou não autonomia da mulher sobre seu corpo, mas de demonstrar que no seio do forró pé de estrada o reconhecimento por parte da mulher sobre seus desejos e comportamentos não conseguiu impor aos homens o respeito necessário e irrevogável que a mulher possui sobre si.

Retomo novamente a pesquisa bastante discutida acerca da concepção da sociedade sobre os casos de estupro, na qual grande parte das pessoas entrevistadas afirmaram que a roupa utilizada pela mulher é desencadeadora dos atos dos estupradores. A repercussão resultou numa campanha massiva via redes sociais com a hashtag “eu não mereço ser estuprada”. A lógica do raciocínio é o mesmo, as negociações de gênero na festa quando são permeadas pela conquista, estratégias permitidas entre ambos de paquera e posteriormente de relação sexual-afetiva, não significam complicações, porém, ao ter sua participação na festa atrelada a possibilidade de ser tocada, beijada, violada (considero a prática da “dedada” uma violação) sem que isto seja encarado como um problema, atribui-se a mulher novamente a responsabilidade pelos atos de violência.

Outra questão também pertinente, é que muitas mulheres entrevistadas na referida pesquisa concordaram que as roupas curtas eram em grande parte causadoras dos processos de estupro, essas mulheres socializadas em uma ideologia machista, também reforçam tais conceitos, assim como as forrozeiras que não concebem a dimensão da violência (ainda que numa gravidade bem menor se comparada ao estupro) também vivenciam os rebatimentos dessa ideologia machista, patriarcal.

Não significa que tal reforço seja uma rotulação de que essas mulheres estão alienadas de toda a dimensão da realidade e que seus discursos são machistas ou apenas



reforçam a violência, mas, que no aspecto da construção do ser social, desse ser mulher os ditames do machismo existente na sociedade, atrelados ao conservadorismo masculino hegemônico no forró pé de estrada, contribui para o não estranhamento e questionamento dessas relações. Um fato exemplificador dessa situação está no discurso crítico a essas posturas masculinas estarem essencialmente na fala de três interlocutoras que vivenciaram situações de violência no âmbito da festa.

O que não implica na afirmação fechada que somente as mulheres vítimas da violência no forró são capazes de reconhecer sua existência, não! De fato, a situação vivenciada serviu de momento de catarse para refletir acerca do que é ou não violência. Todos os homens que praticaram as ações violentas agiram como se tivessem o direito de fazer o que fizeram, por estarem ali, por elas estarem dançando, pelas roupas ou pelo próprio “poder do macho viril”, enxergar essa conotação, fez com que as interlocutoras questionassem o que é violência e como ela se manifesta sobre vários aspectos, ainda que sob a cobertura da brincadeira, da festa ou do humor. Suas conclusões apontam que seus corpos não estão à disposição, que tais posturas devem ser combatidas, ainda que a forma de se precaver de situações assim tenha sido uma mudança individual e não uma denúncia sobre esses fatos corriqueiros presentes nas festas.

Essa relação parece cíclica, pois ao tempo em que as condições externas responsabilizam a mulher, internamente ela, mesmo que de forma inconsciente se culpa e atribui para si as estratégias de evitar que tais coisas ocorram, como: não dançar músicas de fortes conotações eróticas, evitar determinadas situações que facilitem tais atos, como os espaços a frente do palco, redobrar a atenção e o cuidado, estar sempre junto do grupo, entre outras.

As nuances das relações de gênero na sociedade também se aplicam às negociações de gênero na festa de forró pé de estrada. Negar essa relação seria colocar a festa e os sujeitos suspensos da realidade social, política, cultural e econômica. Se, existem diferenças que apontam para o reconhecimento individual da mulher sobre seu desejo e sua sexualidade isto não estende às/aos demais participantes, seja pela rotulação que as mulheres também direcionam as outras mulheres de comportamento similar, seja pelo ambiente coletivo que muitas vezes ignora esse direito das forrozeiras.

A leveza da festa encobre o quanto é problemática esta dimensão, tanto dos atos violentos, quanto da violência simbólica perpetrada contra e pelas mulheres. A autoafirmação do desejo e da sexualidade individual da mulher é posta à prova no discurso da “piriguete” e da “rapariga”, a autonomia sobre seu desejo e corpo é questionada pelos atos masculinos de toques, beijos e violações. São os mesmos valores sociais conservadores que estabelecem as mulheres “sagradas” e “profanas” que permeiam o ambiente da festa, aludidos de forma jocosa e peculiar no forró pelas letras e pelas/os participantes que diferenciam a expressão do desejo masculino do desejo feminino; ao primeiro atribuem valor e ao segundo atribuem subalternização, opressão e violência e, estes mesmos valores atribuem ao homem o direito de agir instintivamente a partir do seu desejo de momento, enquanto às mulheres cabe se “preservar”.

Por essa razão aponto que é preciso reconhecer que há nas festas de forró pé de estrada uma dimensão peculiar das negociações de gênero, pois não se pode negar o avanço da mulher que se sente livre para vivenciar relações sexuais e afetivas esporádicas sem que isto a faça se reconhecer no lugar do profano. Principalmente, pelo espaço em que se vivencia ser permeado por valores masculinos que reforçam o conservadorismo, o direito do macho e coloca essa mulher no espaço da subalternidade, vulgaridade e lhe atribui características pejorativas.

Por outro lado, esse entendimento não é suficiente para classificar as festas de forró livres das relações de dominação-exploração sob a dimensão de gênero. O que este trabalho aponta é que essas mulheres não devem, por avaliações morais serem rotuladas pela vivência da sexualidade e, sim, fortalecidas e emponderadas para discernirem e intervirem nos rumos e direcionamentos da festa, combaterem o ato violento “permitido”, bem como as rotulações que reforçam a subalternidade, a opressão e a violência, afinal, estas mulheres representam 50% ou mais do público consumidor, artístico e promotor dos eventos, ocupam espaços na plateia, no palco e na organização das festas.

Não cabe a esse trabalho intervir, porém ressaltar desconstruções de um imaginário fútil do forró no qual mulheres aparecem de forma apenas passiva, sem que sejam consideradas todas as dimensões que envolvem a forrozeira do forró pé de estrada é um objetivo almejado e por ora alcançado, ainda que não se limite aqui. Desvelar as violências

presentes nesse ambiente festivo também foi um desafio que o trabalho buscou elucidar, de forma que possa no futuro contribuir com futuras/os pesquisadoras/es nos aprofundamentos acerca do forró, bem como instrumento de estudo e reflexão para a sociedade de modo geral.

Ainda que ousadas sejam as expectativas o retorno do trabalho acadêmico deve almejar esses horizontes, pois, todo o investimento individual não materializaria esta dissertação sem o investimento e incentivo público no fomento da pesquisa. A estrada do forró e das negociações de gênero não acabam aqui, mas, aqui dão mais alguns passos de aproximação da reflexão sobre a condição da mulher, da cultura e do forró.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. & Horkheimer, Max. "A indústria cultural – o Iluminismo como mistificação de massa", in Lima, Luiz Costa (org.). **Teoria da cultura de massa**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- ARAÚJO, Clara. **Marxismo, feminismo e o enfoque de gênero**. Revista Crítica Marxista. Campinas, n. 11, p. 65-70, 2000.
- BARREIRA, C. **Violência na contemporaneidade**. Série de Debates sobre a conjuntura. Fortaleza: Sindicato dos Bancários do Ceará, 2007.
- BAUDRILLARD, J. A sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BEAUD, S. e WEBER, F. **Guia para pesquisa de campo: Produzir e analisar dados etnográficos**. Tradução Sergio Joaquim de Almeida. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 2.ed. São Paulo: Hucitec. 1994.
- \_\_\_\_\_. **Mundos da Arte**. Edição Comemorativa do 25º Aniversário Revista e Aumentada. Livros Horizontes, 2010.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Difel, 1989.
- \_\_\_\_\_. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BUTLER, Judith. **Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo**. *Cadernos Pagu*, n. 11, p. 11-42, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Problema de los géneros, teoría feminista y discurso psicoanalítico**. In: NICHOLSON, J. Linda (Org.). *Feminismo/posmodernismo*. Buenos Aires: Feminaria Editora, \_\_\_\_\_ . **Merely Cultural**. *NLR*, I/227, Jan./Feb. 1998. p. 33-44.
- \_\_\_\_\_. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p. 151-172.
- CASCUDO, L. C. **Dicionário do folclore brasileiro**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1972.
- CISNE, Mirla. **Feminismo, Luta de Classes e Consciência Militante Feminista no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2014.

CLASTRES, Pierre. **Arqueologia da violência: pesquisas de antropologia política**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

DA MATA, R. **Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FREYRE, Gilberto. **Modos de Homem & Modas de Mulher**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GÉRIN-LAJOIE, Diane. **A Aplicação da Etnografia Crítica nas Relações de Poder**. Revista Lusófona de Educação, 14, 13-27, 2009.

HOFFMANN, R.; LEONE, E. T. Participação da mulher no mercado de trabalho e desigualdade da renda domiciliar per capita no Brasil: 1981-2002. Nova Economia, Belo Horizonte, v.14, n.2, p.35-58, 2004.

IKEDA, A. T. **Forró, a música 'nortista' no Sudeste**. Direitos Já - Órgão Oficial da Amar - Sombrás (RJ), Rio de Janeiro, p. 5 - 5, 10 jul. 1998.v

\_\_\_\_\_. **Forró: dança e música do povo**. D. O. Leitura - Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado de São Paulo, São Paulo, v. 101, 09 out. 1990.

JAMESON, Fredric. **A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização**. Tradução de Maria Elisa Cevasco e Marcos César de Paula Soares. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas, SP: Papiрус, 2003.

\_\_\_\_\_. **A sociologia do corpo**. 5ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1996.

LIMA, Maria Érica de Oliveira. **Somzoom Sat: do local ao global**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista, 2005 (Tese de Doutorado em Comunicação Social).

LIMA CAMPOS, J. P. **Como nasceu o forró?** s/n. Pernambuco, 1980.

MALIGUETTI, Robeto. **Etnografia e Trabalho de Campo: autor, autoridade e autorização de discursos**. In: Caderno Pós-Ciências Sociais, São Luís, v. 1, n. 1, jan./jul. 2004.

MARQUES, Roberto. **Cariri do Forró Eletrônico: festa, gênero e criação no nordeste contemporâneo**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

\_\_\_\_\_. **Usos do som e instauração de paisagens sonoras nas festas de forró eletrônico**. Revista Ilha. v. 13, n. 2, p. 249-268, jul./dez. (2011) 2012.

\_\_\_\_\_. **Bomba no Cabaré: alegorias de gênero no forró eletrônico.** Anais do IV Seminário Nacional Sociologia & Política: Pluralidade e Garantia dos Direitos Humanos no Século XXI, 2012. Disponível em: <[www.researchgate.net/publication/.../e0b4951676395d59e2.pdf](http://www.researchgate.net/publication/.../e0b4951676395d59e2.pdf)>. Acesso em: 12 abr. 2013.

MARX, K. e ENGELS, F. **A Ideologia Alemã.** São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MARX, K. **O Capital.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MINAYO, M. C. S. & SANCHES, O. **Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade?** Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.

\_\_\_\_\_. (Org.); DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 27 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MORIN, E. **O método.** vol.4. As idéias, seu habitat, sua vida, seus costumes, sua organização. Rio Grande do Sul: Sulina, 1997.

\_\_\_\_\_. **Cultura de massa no século XX: o espírito do tempo,** vol I, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987.

PATEMAN, Carole. **O Contrato Sexual.** São Paulo/Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S.A, 1993.

PEREZ, L. F. **Festa como perspectiva e em perspectiva.** (orgs); PEREZ, L. F.; AMARAL, L.; MESQUITA, W. **Festa para além da festa.** p. 21-42. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.  
PISCITELLI, A. **Re-criando a (categoria) mulher?** Em Agranti, L.M. (org) A prática feminista e o conceito de gênero. Textos didáticos. São Paulo: IFCH/Unicamp, 2002.

QUEIROZ, Fernanda Marques de. **Violência contra a mulher: “o pessoal é político”.** IN: **Não se rima amor e dor:** representações sociais sobre violência conjugal. Tese de doutorado em Serviço Social. UFPE, Recife, 2005.

RIVIÈRE, Claude. **Os Ritos Profanos.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996.

ROCHA, J. M. T. **Forró eletrônico, forró universitário.** In: FESTIVAL DO FOLCLORE, 40, 2004, Olímpia. Anuário. Ano 31, n. 34, p. 62-71.

RUBIN, Isaak Illich. **A Teoria Marxista do Valor.** São Paulo: Brasiliense, 1980.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. (1992) **Abuso sexual incestuoso.** Relatório de pesquisa apresentado ao CNPq. Investigação realizada na cidade de São Paulo, com 52 famílias incestuosas, por meio de entrevistas gravadas com as vítimas, suas mães e agressores, entre 1988 e 1992.

\_\_\_\_\_. (1994a) **Violência de Gênero no Brasil Contemporâneo.** In: SAFFIOTI, H.I.B.,

MUÑOZ-VARGAS, Monica (orgs.) **Mulher Brasileira é Assim**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos/NIPAS; Brasília: UNICEFp. 151-185.

\_\_\_\_\_. (1994b) **Violência de Gênero no Brasil Atual**. Estudos Feministas, Rio de Janeiro, CIEC/ECO/UFRJ, N° especial/2° semestre/94, p. 443-461.

\_\_\_\_\_. (1996a) **Violência de Gênero no Brasil: Conceitos versus Dados**, CD da SBPC 48, 1996.

\_\_\_\_\_. (1996b) **No fio da navalha: violência contra crianças e adolescentes no Brasil atual**. In: **Quem mandou nascer mulher?** Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos/UNICEF, p. 135-211.

\_\_\_\_\_. (1997) **Violência de Gênero – lugar da práxis na construção da subjetividade. Lutas Sociais**, N° 2, PUC/SP, p. 59-79.

\_\_\_\_\_. (1999a) **O estatuto teórico da violência de gênero**. In: SANTOS, José Vicente Tavares dos (org.) **Violência em tempo de globalização**. São Paulo: Editora HUCITEC, p. 142-163.

\_\_\_\_\_. (1999b) **Já se mete a colher em briga de marido e mulher**, *São Paulo em Perspectiva*, Revista da Fundação SEADE, São Paulo, Vol. 13/N° 4, p. 82-91.

\_\_\_\_\_; ALMEIDA, Suely Souza de (1995) **Violência de Gênero: Poder e Impotência**. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter Ltda.

\_\_\_\_\_. **Gênero, Patriarcado, Violência**. 1ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

\_\_\_\_\_. **Quem tem medo dos esquemas patriarcais de pensamento?** Revista Crítica Marxista. Campinas, n. 11, p. 71-75, 2000.

SANTOS, L. P. M. **A subordinação feminina na cultura popular cearense: uma análise das músicas de forró na contemporaneidade**. Trabalho de Conclusão de Curso. Serviço Social. Universidade Estadual do Ceará, 2009.

SANTOS, C. M. e IZUMINO, W. P. **Violência contra as mulheres e Violência de Gênero: Notas sobre estudos feministas no Brasil**. In: E.I.A.L, vol. 16, n. 1, 2005.

SCHECHNER, R. **Performance e Antropologia de Ricardo Schechner**. Ricardo Schechner Seleção de ensaios (org) LIGÉRO, L. Tradução Augusto Rodrigues da Silva Junior ... et al. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise**. Recife, PE: S.O.S CORPO – Gênero e Cidadania, 1981.

\_\_\_\_\_. **Prefácio a gender and politics of history.** In: Cadernos Pagu; debates (3) p. 11-27, 1994.

SIQUEIRA, Monalisa Dias de. **Os gato véi e o estilo de vida forrozeiro em Fortaleza.** In: DAMASCENO, Francisco José Gomes; MENDONÇA, Amaudson Ximenes (Orgs.) Experiências musicais. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Fortaleza/ EDUECE, 2008. p. 107-119.

TROTTA, Felipe. **Música popular, moral e sexualidade: Reflexões sobre o forró contemporâneo.** In: Encontro da Compós, 28, 2009b, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009b. p. 132-146.

\_\_\_\_\_. **O Forró eletrônico no Nordeste.** Um estudo de caso. Intexto, Porto Alegre, vol.1, nº20, p. 102-116, jan./jun, 2009a.

\_\_\_\_\_. **Som de cabra-macho: sonoridade, nordestinidade e masculinidades no forró.** In: Comunicação, Mídia e Consumo. São Paulo, Ano 9, v o l. 9, n. 26, p. 151-172 nov. 2012.

\_\_\_\_\_. **O novo mainstream.** In: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. I E-Compós, Brasília, v. 11, n. 2, maio/ago. 2008.

VIEIRA, Sulamita. **O Sertão em Movimento: a dinâmica da produção cultural.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2010: anatomia dos homicídios no Brasil.** Instituto Sangari. Disponível em [www.institutosangari.org.br/mapadaviolencia](http://www.institutosangari.org.br/mapadaviolencia). Acessado em 15 de janeiro de 2012.



## APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

### **Roteiro de Entrevista**

\* Este roteiro não é fechado, pode ser que algumas perguntas sejam incluídas ou excluídas conforme o desenrolar da entrevista, assim como perguntas que estão no fim podem ser antecipadas.

**Nome:** Somente para o conhecimento da pesquisadora;

**Pseudônimo:** Nomes de cantoras de bandas de forró;

**Idade:**

**Escolaridade:**

**Bairro onde mora:**

**Observar se possível classe social:**

**Data da entrevista:**

1. Você se considera forrozeira? O que define uma mulher forrozeira?
2. Existe um estilo para a mulher forrozeira?
3. Quais as casas de shows que você mais gosta de frequentar?
4. O que mais te atrai nas festas de forró?
5. O que mais te incomoda nas festas de forró?
6. Quais as músicas que você mais gosta? Consegue escolher três?
7. O que você acha das letras de forró que se referem à mulher de forma grosseira, vulgar?
8. Você acha que elas podem representar uma violência contra a mulher? O que você entende por violência?
9. Você já ouviu falar sobre relações de gênero?
10. Como você percebe as relações de gênero no forró? Ou como você percebe as relações entre homens e mulheres no forró?
11. Como você vê a mulher hoje?
12. Em relação a organização das festas de forró, você acompanha as divulgações, rádio, sites, televisão, sabe quais as empresas estão a frente dos eventos?
13. Como você vê a relação do artista com o público?
14. O que você acha das dançarinas que se apresentam junto com as bandas?

15. Qual a relação da bebida alcoólica com o forró? Como você vê isso?

Impressões da pesquisadora acerca dos silêncios durante as perguntas, contradições, análise parcial da entrevista.